

Thea von Harbou

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Índice

Prefácio

Introdução por Forrest J. Ackerman

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Capítulo XIII

Capítulo XIV

Capítulo XV

Capítulo XVI

Capítulo XVII

Capítulo XVIII

Capítulo XIX

Capítulo XX

Capítulo XXI

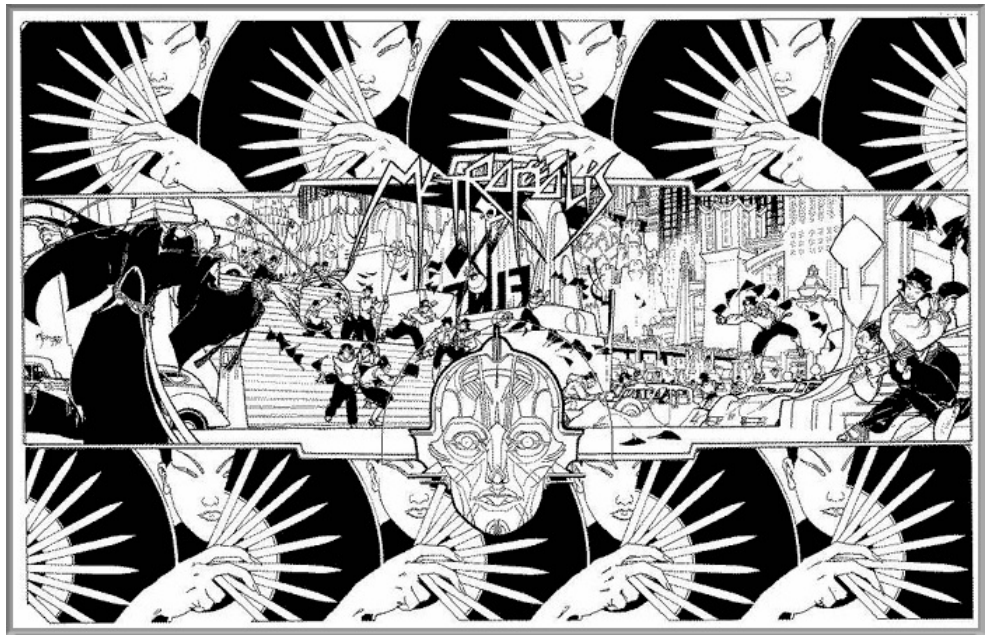
Capítulo XXII

Capítulo XXIII

Capítulo XXIV

Capítulo XXV

Autora



Este livro não é sobre hoje ou sobre o futuro,

Ele fala de lugar nenhum,

Ele serve a nenhuma causa, partido ou categoria,

Ele tem uma moral que cresce no pilar do entendimento:

"O mediador entre o cérebro e o músculo deve ser o coração."

T. V. H.

Prefácio

A ideia de traduzir Metropolis pela primeira vez para o português veio através do colega Exilado, que tem um dos maiores sites de compartilhamento de livros na internet. Muito criticado, odiado por muitos, admirado por outros, acredito que o grande mérito do Exilado é proporcionar aos leitores da era digital acesso à livros muitas vezes inacessíveis ao público, como traduções não oficiais de livros ignorados pelas editoras brasileiras.

Aceitei de imediato a sugestão de traduzir essa obra, em primeiro lugar por considerar Metropolis um dos maiores filmes da história, e em segundo por amor à literatura.

Espero assim estar contribuindo para que mais pessoas conheçam essa obra, e ajudar a romper essa barreira linguística que dificulta a leitura dessa obra para o público brasileiro.

Peço desculpas por erros de tradução. Não sou um tradutor profissional, e meu conhecimento da lingua inglesa veio com a prática. Tentei ser o mais fiel possível à versão em inglês, pois não conheço a língua alemã. Portanto algumas coisas podem estar diferentes do original em alemão. Sugestões e críticas são bem vindas, e garanto incluir em próximas edições correções sugeridas.

Mas quem foi Thea von Harbou?

Thea Gabriele Von Harbou (1888 – 1954) foi uma atriz e escritora alemã. De origem aristocrática, nasceu em uma família de pequena nobreza e de funcionários governamentais, o que fez com que crescesse em um ambiente cheio de conforto e sofisticação. Foi educada em um convento por tutores particulares que a ensinaram várias línguas e a tocar piano e violino. Ela era considerada uma criança prodígio. Seu primeiro trabalho foi uma estória curta publicada em uma revista e um livro de poesia focado na percepção da arte, o que foi considerado fora do comum para uma garota de treze anos de idade. Apesar de sua infância privilegiada, Thea sempre desejou viver uma vida independente, motivo que a levou a tornar-se uma atriz, apesar da desaprovação do pai.

Sua primeira aproximação com o cinema veio com o diretor alemão Joe May, que escolheu adaptar um dos trabalhos de Thea, intitulado *Die*

Heilige Simplizia, e a partir desse momento sua produção ficcional diminuiu de velocidade.

Após sua estreia em 1906, ela conheceu Rudolf Klein-Rogge, um famoso ator alemão, vindo a casar com ele durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1917 ela e o marido mudaram-se para Berlim, onde Thea dedicou-se em tempo integral a construir sua carreira como escritora. Seu tema preferido eram os mitos épicos e lendas com um tom abertamente nacionalista. De acordo com um historiador de Fritz Lang, Patrick McGilligan: *"Suas novelas tornaram-se patrióticas e inspiradoras de moral, incitando as mulheres a se sacrificar pelo dever enquanto promoviam a glória eterna de sua terra natal"*.

Em 1919, enquanto Klein-Rogge atuava em vários filmes, von Harbou estava tendo um caso com o diretor Fritz Lang, vindo a se separar de Klein-Rogge para casar-se com Fritz Lang em 1922, após o falecimento de sua primeira esposa.

Em pouco tempo ela tornou-se uma das roteiristas mais celebradas da Alemanha, não somente por causa de sua parceria com Fritz Lang, mas também por escrever roteiros para vários outros diretores importantes.

A personalidade adorável de Thea foi crucial para o sucesso profissional da dupla. Von Harbou era capaz de encontrar pessoas e firmar compromisso com elas nas piores situações, obtendo recursos vitais para as produções. Thea era conhecida por sempre usar o mesmo vestido durante toda a filmagem, até mesmo quando ela cozinhava refeições para a equipe até tarde da noite. Durante uma fase de forte escassez de alimentos nos anos 20, ela foi muito ativa em conseguir doação de alimentos para sua equipe, e não se importava em ficar horas descascando batatas ou limpando vegetais como outras mulheres faziam, demonstrando um forte espírito de sacrifício.

Frequentemente Thea convertia os roteiros de seus filmes em novelas completas e lançava a novela em conjunto com a estreia do filme, mas esse não foi o caso de Metropolis, um de seus trabalhos mais importantes.

Thea teve um papel fundamental na produção de Metropolis, um dos filmes mais importantes da história do cinema. Além de escrever o livro, o roteiro e desenvolver o final do filme, ela também descobriu *Gustav Fröhlich*, que interpretou o papel de Freder Fredersen.

Quando Adolf Hitler chegou ao poder, a indústria cinematográfica alemã transformou-se em ferramenta de propaganda ideológica, seguindo as ideias de Joseph Goebbels, o todo poderoso Ministro da Propaganda nazista. Thea von Harbou permaneceu leal à nova ordem política, enquanto Fritz

Lang recusou-se a fazer propaganda para o nazismo. Por volta de 1934, um ano depois do Partido Nazista começar a liderar a nação, ela tomou a iniciativa de escrever e dirigir dois filmes, *Hanneles Himmelfahrt* e *Elisabeth und der Narr*. Entretanto, von Harbou não considerou a experiência de direção satisfatória. Ela permaneceu uma prolífica roteirista durante esse período. Nesse período em que todo filme era um *'filme de estado'* Thea von Harbou colheu os créditos por cerca de vinte e seis filmes, enquanto deu assistência a incontáveis outros, inclusive vários que tiveram projeção mundial.

A casa de Thea e Lang pareceria um museu de arte exótica a uma pessoa comum da época, mesmo assim ela cuidava de sua vida profissional sem descuidar das responsabilidades domésticas. Infelizmente, logo depois do casamento Lang adquiriu o hábito de perseguir mulheres mais jovens aos olhos do público, enquanto Thea também teve um caso extraconjugal, mas foi a decisão de Thea de permanecer leal ao Partido Nazista o verdadeiro estopim para o divórcio. Logo após o divórcio, Thea casou-se secretamente com Ayi Tendulkar, pois o estado não permitiria que uma senhora de renome cassasse com um indiano de pele escura.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, Thea von Harbou foi detida em um campo de prisioneiros britânico. Apesar de muitos dizerem que ela era simpatizante do nazismo, ela dizia ter entrado para o Partido Nazista apenas para ajudar indianos que viviam na Alemanha. Ela dizia realizar apenas trabalhos voluntários, entregando ajuda médica. De fato, ela realmente foi condecorada por realizar esse trabalho salvando pessoas após dois bombardeios. Na prisão ela chegou a dirigir algumas peças teatrais. De 1945 a 1946 ela executou trabalhos forçados separando entulho na reconstrução da Alemanha.

Ela faleceu em 1954, aos sessenta e cinco anos de idade, sofrendo de problemas circulatórios que a deixaram em repouso absoluto. Mesmo assim ela continuou a escrever ou ditar de sua cama, até a morte.

Introdução por Forrest J. Ackerman, vencedor do Prêmio Hugo e um fã de Metropolis.

Bem-vindos à Metropolis, a minha cidade.

População estimada pelo meu amigo A. E. van Vogt, cinquenta milhões aproximadamente.

Eu moro aqui desde que eu tinha dez anos. É a cidade mais fabulosa e emocionante que existe na face da terra e debaixo da terra também. Londres, Los Angeles, Nova York, Paris, Berlim, Tóquio... todas misturadas e combinadas em uma! Tente imaginar!

Quando eu pronuncio o nome mágico - "Metropolis" - se reúnem a arrogância do Empire State Building, com a elegância do Taj Mahal, a fama da Torre Eiffel e o mistério da Esfinge do Egito.

"Metropolis"... A Nova Babel, uma obra prima, magnificência arquitetônica monolítica.

Os arranha-céus do século XX são insignificantes perto das megaestruturas do século XXI.

E abaixo dela, em cavernas feitas pelo homem, as máquinas monstruosas de Moloch, a incrível e inumana máquina Geyser, a máquina-coração, mantida pelos homens-relógio, os sub-humanos do subterrâneo, operários impotentes que vivem sem esperança, servos dos seres da superfície, marionetes cegas das ordens do Senhor de Metropolis.

O Mestre de Metropolis, John Fredersen, o homem forjado em aço, frio como a superfície de Plutão e tão distante quanto. Um governante tão implacável quanto os antigos Césares.

Escondido em algum lugar da superestrutura futurista de Metropolis, está um sobrevivente anacrônico do barroco e do gótico, um laboratório onde eles realizam maravilhas da alquimia.

Com o selo de Salomão, na porta, aqui poderia ter nascido - centenas de anos antes - o lendário Golem.

Uma aranha de olhos arregalados e cabelos brancos, um gênio sinistro que sacrificou uma mão para a sua ciência sobre-humana. É a morada do

fantasmagórico Rotwang, o diabólico Ralph 124C41 + do seu tempo.

Rotwang criou um simulacro de mulher, fabricada de metal. A robô feminina com a qual Rossum poderia ter sonhado.

'Metropolis', o livro, tem sido comparado com 'RUR' de Karel Capek, com o utópico romance 'Erewhon', de Samuel Butler, "sobre um tempo futuro em que máquinas desenvolvem uma alma", com 'A Máquina do Tempo', que a mente inquieta e antecipatória de H. G. Wells criou, um retrato inesquecível do desenvolvimento económico e social de seus Eloi, aristocratas e epicuristas do mundo futuro, e os Morlocks, seus escravos sem inteligência.

'When The Sleeper Wakes' (Wells), 'Land under England' (O'Neill) , 'Looking Backward' (Bellamy) e 'The summer of 3000' (Martin), lembram alguns aspectos deste livro.

Thea von Harbou, sua inteligente autora, deu provas durante a sua vida, de uma mente literária longe da realidade. Quando os foguetes interplanetários eram ainda um embrião, ela escreveu a famosa 'Mulher na Lua', tanto o livro como o roteiro do filme. 'Túmulo indiano', 'A Ilha dos Imortais', 'Siegfried' (adaptado no filme 'Doutor Mabuse') estão entre o legado literário e cinematográfico de Madame Von Harbou. Casada com o famoso diretor Fritz Lang, que concretizou seu trabalho na prodigiosa obra-prima, Metropolis, para a tela, um filme que permanece um incomparável clássico da ficção científica.

"Metropolis é diferente de qualquer outro romance escrito no mundo", disse um observador entusiasmado na época. "É diferente, único, original. Mantém o drama das tremendas forças em conflito, com o tema do amor idílico".

A linguagem deste romance é tão rica quanto Shiel, caleidoscópica como Merritt em 'O Imperador de metal', austera como 'Skeleton' de Bradbury, tão poética como Poe, macabra como a de Machen.

Ciência e fantasia, horror e beleza, mistério, ameaça, loucura, magnificência, significado... pela primeira vez na vida, todos esses elementos combinados magicamente para criar o clássico, a obra suprema: Metropolis.

Este é o livro que tem sido definido como uma obra de gênio.

Eu concordo. A experiência que envolve a leitura vai durar o resto de sua vida.

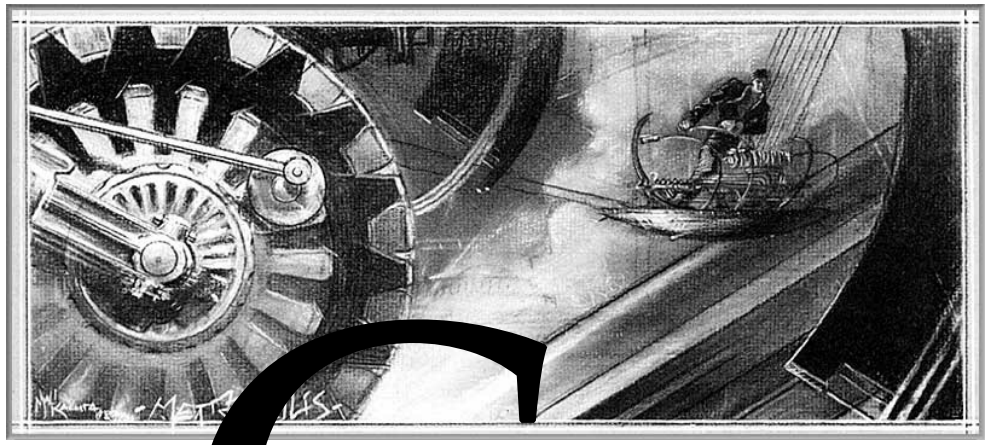
Forrest J. Ackerman

Apt 4E - Torres Rotwang.

Nível Lang - Air Way Harbou

Metropolis

24 de novembro de 2026.



Capítulo I

AGORA O ESTRONDO do grande órgão aumentou para um rugido, pressionando como um gigante subindo contra o teto abobadado, pronto a estourar por ele.

Freder inclinou sua cabeça para trás, seus olhos ardendo arregalados enquanto olhavam para cima sem ver. Suas mãos formaram música a partir do caos das notas; lutando com a vibração do som e agitando-o em seu íntimo mais profundo.

Ele nunca esteve tão próximo de chorar em sua vida e, alegremente impotente, ele entregou-se a essa umidade radiante que o deslumbrava.

Acima dele, a abóboda de um céu em lápis-lazúli; pairando ali, o mistério dos doze, os sinais do zodíaco em ouro. Acima deles, os sete coroados: os planetas. Acima de tudo uma infinidade de estrelas brilhando prateadas: o universo.

Diante dos olhos mareados do organista, de sua música, as estrelas do céu começaram uma poderosa dança solene.

A interrupção das notas dissolveu a sala em nada. O órgão que Freder tocou ficou parado no meio do mar.

Era um recife sobre o qual ondas espumavam.

Carregando cristas de espuma, elas colidiam violentamente para frente, e o sétimo era sempre o mais poderoso.

Mas alto acima do mar, que retumbava no clamor das ondas, o céu de estrelas dançava a solene, poderosa dança.

Abalado até o seu núcleo, a velha terra saiu de seu sono. Suas correntezas secaram, suas montanhas ruíram. De suas profundezas rasgadas fogo brotou; A terra queimou com tudo que criou. As ondas do mar tornaram-se ondas de fogo. O órgão incendiou, como uma tocha rugindo música. A terra, o mar e o órgão de hinos fulgurantes colidiram e tornaram-se cinzas.

Mas alto acima dos desertos e dos espaços, para os quais a criação foi queimada, o céu de estrelas dançava a solene dança poderosa.

Então, a partir das cinzas espalhadas, em asas trêmulas de beleza e solidão indescritível, ergueu-se um pássaro com penas cravejadas de joias. Ele emitiu um grito cheio de tristeza. Nenhum pássaro que já viveu poderia ter um lamento tão agonizante.

Ele planou acima das cinzas da terra completamente arruinada. Ele planou de forma confusa, sem saber onde repousar. Ele planou acima da cova do mar e acima do corpo da terra. Nunca, desde que o anjo pecador caiu do céu para o inferno, ouviu o ar tal grito de desespero.

Então, da poderosa dança solene das estrelas, uma soltou-se e aproximou-se da terra morta. Sua luz era mais gentil que a luz da lua e mais imperiosa que a luz do sol. Entre a música das esferas ela era a nota mais celestial. Ela envolveu o lamentoso pássaro em sua luz afetuosa; ela era tão forte quanto divina, gritando "Tome Tome!"

Então o pássaro cravejado de joias deixou a sepultura do mar e da terra e entregou suas asas para a poderosa voz que o carregou. Movendo-se em um berço de luz, ele elevou-se e cantou, tornando-se uma nota das esferas, desaparecendo na Eternidade...

Freder deixou seus dedos deslizarem do teclado. Ele inclinou-se para frente e enterrou o rosto nas mãos. Ele pressionou seus olhos até que viu a dança de fogo das estrelas por trás de suas pálpebras. Nada poderia ajuda-lo – nada. Em todo lugar, em todo lugar, em uma onipresença abençoada, permanecia, em sua visão, aquele um semblante.

O austero semblante da virgem, o doce semblante da mãe – a agonia e o desejo com o qual ele chamava e chamava pela única visão pela qual seu coração atormentado não tinha sequer um nome, exceto um, eterno, Você... Você... Você...!

Ele deixou suas mãos caírem e ergueu seus olhos para as alturas da exuberante sala abobadada, na qual seu órgão estava. Do mar de azul

profundo do céu, de corpos celestes dourados e perfeitos, do misterioso crepúsculo em volta dele, a garota olhava para ele com uma pureza mortalmente severa, tanto empregada como amante, intangível, graciosa, sua linda testa um diadema de bondade, sua voz piedade, cada palavra uma canção. Então se voltou e foi, desapareceu – para não ser mais encontrada. Em nenhum lugar, nenhum lugar.

"Você!" gritou o homem. A nota prisioneira bateu contra as paredes, não encontrando saída.

Agora a solidão não era mais suportável. Freder levantou e abriu as janelas. Os trabalhadores estendiam-se, com brilho trêmulo, diante dele. Ele fechou os olhos apertados, ficando parado, mal respirando. Ele sentiu a proximidade dos servos, parados silenciosamente, esperando pelo comando que permitiria que viessem à vida.

Havia um entre eles – Slim, com um rosto cortês, uma expressão que nunca se alterava – Freder conhecia ele: uma palavra dirigida a ele, e, se a garota ainda caminhasse na terra com seus passos silenciosos, então Slim poderia encontra-la. Mas não colocaria um cão de caça na trilha do sagrado, da corsa inocente, se não desejasse ser amaldiçoado, e tornar-se, pelo resto de sua longa vida, um miserável, um homem miserável.

Freder via, sem olhar para ele, como os olhos de Slim estavam capturando imagens dele. Ele sabia que a criatura silenciosa, comanda por seu pai para ser seu protetor todo-poderoso, era ao mesmo tempo seu guardião. Durante as noites febris, privado de sono, durante a febre de seu trabalho, em seu ateliê, durante seu estado febril enquanto tocava seu órgão, invocando Deus, lá estava Slim medindo o pulso do filho do grande mestre. Ele não fornecia relatórios; eles não eram requisitados a ele. Mas, se viesse à hora em que fosse requisitado, ele poderia certamente fornecer um diário com perfeição imaculada para produzir, a começar do número de passos que o atormentado pisa em sua solidão com o pé pesado, de minuto a minuto, ao cair de um rosto para ser apoiado em mãos, cansado da saudade.

Poderia ser possível que esse homem, que sabia tudo, não soubesse nada sobre ela?

Nada nele traia que estivesse ciente da sublevação no bem estar e na disposição de seu jovem mestre, desde aquele dia no "Clube dos Filhos". Mas nunca afastar-se dele era um dos maiores e mais silenciosos segredos de Slim, e embora ele não tivesse acesso ao "Clube dos Filhos" Freder não tinha meios de saber se o agente financiado por seu pai poderia quebrar as regras do clube.

Ele sentiu-se exposto, despido. Um brilho cruel, que não deixava

nada oculto, banhava-o em tudo em seu ateliê que estava situado na sala mais alta de Metropolis.

"Eu desejo ficar sozinho", ele disse suavemente.

Silenciosamente os servos desapareceram, Slim foi-se... Mas todas essas portas, que fecharam sem o menor som, poderiam também, sem o menor som, serem abertas novamente para até a mais estreita fenda.

Seus olhos ardiam, Freder tocou todas as portas de seu ateliê.

Um sorriso, um sorriso um tanto amargo, desenhou-se nos cantos de sua boca. Ele era um tesouro que deveria ser guardado como joias da coroa seriam guardadas. O filho de um grande pai, e seu único filho.

Realmente o único?

Realmente o único?

Seu pensamento parou novamente nas saídas do recinto, e a visão estava lá novamente, e a cena, e o evento...

O "Clube dos Filhos" era, talvez, um dos prédios mais lindos de Metropolis, e isso não era tão digno de nota. Para os pais, para quem toda volta de engrenagens soletrava ouro, essa casa teria sido um presente para seus filhos. Era mais um bairro que uma casa. Ela englobava teatros, salas de cinema, salas de leitura e uma biblioteca – Na qual, todo livro impresso em todos cinco continentes poderia ser encontrado – pistas de corrida, um estádio e o famoso "Jardim Eterno".

Ele continha muitas moradias para os jovens filhos de pais indulgentes e continha as moradias de servos masculinos bonitos, servas fêmeas bem treinadas para as quais a habilidade mais requisitada era o desenvolvimento de novas espécies de orquídeas.

Suas tarefas consistiam em nada mais que, o tempo todo, mostrarem-se encantadoras e caprichosamente alegres; e, com seus trajes desconcertantes, seus rostos pintados, e seus olhos maquiados, encimados por perucas brancas como a neve, perfumados como flores, eles lembravam delicadas bonecas de porcelana vestidas com brocados, criados por alguma mão artista, impossíveis de serem comprados, sendo nada mais que presentes encantadores.

Freder era um visitante raro do "Clube dos Filhos". Ele preferia seu ateliê e a capela estrelada na qual seu órgão ficava. Mas às vezes, quando ele desejava, lançava-se na alegria radiante das competições no estádio, e era o mais radiante e alegre de todos, competindo de vitória em vitória com o riso

de um jovem deus.

Nesse dia também... Nesse dia também.

Ainda sentindo o formigamento da frieza glacial de água caindo, cada músculo ainda tremendo com a intoxicação da vitória que tinha obtido, estendido, esbelto, ofegante, sorridente, embriagado, fora de si, quase insano com a alegria. O teto de vidro esbranquiçado acima do Jardim Eterno era uma opala na luz que o banhava. Pequenas mulheres amáveis o atendiam, esperando maliciosamente e invejosamente, de cujas mãos brancas, de cujos finos dedos ele estaria comendo as frutas que desejava.

Uma estava ao lado, fazendo um drinque. De sua cintura ao seu joelho ondulava um radiante brocado. Pernas magras, nuas estavam orgulhosamente juntas, ela estava, como marfim, em sapatos púrpuras com saltos. Seu corpo radiante erguia-se, delicadamente, e seus lábios – e ela não estava ciente disso – estremeciam no mesmo ritmo da doce exalação do peito do homem. Cuidadosamente o pequeno rosto maquiado com uma máscara sobre os olhos observava o trabalho das suas mãos cuidadosas.

Sua boca não estava com batom, mas ainda assim era vermelho-romã. E ela sorria tão inconscientemente para a bebida que fazia com que as outras garotas rissem alto.

Contagiado, Freder também começou a rir. A alegria da donzela intensificou-se em uma tempestade, enquanto mexia a bebida, desconhecendo a razão de suas risadas, impregnou-se de um rubor de confusão, de seus lábios vermelho-romã até seus quadris brilhantes. A risada induziu os amigos, por nenhuma razão, apenas porque eles eram jovens e descuidados, a se unirem no som alegre. Um arco-íris de crescente alegria, gargalhada sobre gargalhada subiu como um arco de alegria sobre os jovens.

Então subitamente Freder virou a cabeça. Suas mãos, que descansavam sobre os quadris da misturadora da bebida, soltaram-se dela, caindo ao seu lado como mortas. A risada cessou nenhum dos amigos moveu-se. Nenhum das pequenas mulheres, cheias de brocado, moveu uma mão ou pé. Eles ficaram parados e olharam.

A porta do Jardim Eterno tinha sido aberta e através da porta veio uma procissão de crianças. Elas estavam todas de mãos dadas. Elas tinham rostos de anões, cinzentos e antigos. Eram como pequenos esqueletos fantasmas, cobertos com trapos e camisas rasgadas. Elas tinham cabelos descoloridos e olhos desbotados. Elas caminharam sobre pés descalços magros. Sem ruídos elas seguiram seu líder.

Seu líder era uma garota. Um austero semblante da Virgem. O doce

semblante da mãe. Ela segurava uma garota magrela em cada mão. Agora ela estava parada, em relação aos jovens homens e mulheres um após o outro, com a severidade mortal da pureza. Ela era tanto serva como senhora, intocável – e, também, graciosa, sua linda testa um diadema de bondade; sua voz, piedade; cada palavra uma canção.

Ele soltou as crianças e estendeu sua mão para frente, movendo-a em direção aos amigos e dizendo para as crianças:

"Olhem, esses são seus irmãos!"

E movendo-se em direção às crianças, ela disse aos amigos:

"Olhem, esses são seus irmãos!"

Ela esperou. Ela ficou parada e seu olhar repousou em Freder.

Então os servos vieram, os porteiros vieram. Entre essas paredes de mármore e vidro, sobre o domo de opala do Jardim Eterno, reinou, por um curto período, uma confusão sem precedente de ruído, indignação e embaraço. A garota parecia estar esperando. Ninguém ousava tocá-la, apesar de estar indefesa, entre os fantasmas infantis acinzentados, com os olhos repousados perpetuamente em Freder.

Então ela desviou os olhos dos dele e, parando um pouco, pegou as mãos das crianças novamente, virou-se e liderou a procissão para fora. A dor fechou atrás dela; os servos desapareceram com muitas desculpas por não terem sido capazes de prevenir o acontecido. Tudo ficou vazio e silencioso. Se não houvesse tantos perante a quem a garota tivesse aparecido, com sua procissão cinzenta de crianças, para testemunhar o evento, eles poderiam inclinar-se a considerar isso uma alucinação.

Próximo a Freder, sobre o chão de mosaico iluminado, uma encolhida misturadora de drinques, soluçava incontrolavelmente.

Com um movimento lento, Freder inclinou-se sobre ela e subitamente retirou a máscara, a estreita máscara negra, de seus olhos.

A misturadora de bebidas gritou como se tivesse sido surpreendida em uma nudez gritante. Suas mãos voaram, agarrando, duramente no ar.

Um pequeno rosto pintado encarou horrorizado o homem. Os olhos, assim expostos, estavam sem sentido, completamente vazios. O pequeno rosto do qual o charme da máscara foi retirado, ficou muito estranho.

Freder derrubou a peça preta de vestuário. A misturadora de bebidas pulou rapidamente sobre ela, escondendo sua face. Freder olhou à sua volta.

O Jardim Eterno cintilava. Os belos seres nele, mesmo que temporariamente retirados do equilíbrio, reluziam em sua bem cuidada, sua limpa abundância. O odor de frescura, que permeava toda parte, era como a respiração de um jardim orvalhado.

Freder olhou para si mesmo. Ele usava, como todos os jovens da "Casa dos Filhos", a seda branca, que sempre vestiam – os suaves sapatos macios, com solas silenciosas.

Ele olhou para seus amigos. Ele viu esses seres que nunca se cansavam, exceto do esporte – que nunca suavam, exceto com o esporte – que nunca ficavam sem fôlego, exceto devido ao esporte. Seres que necessitavam de jogos alegres de forma que a sua comida e bebida pudessem servir a eles, de forma a serem capazes de dormir e digerir facilmente.

As mesas, nas quais eles todos comiam, estavam postas, como antes, com pratos intocados. Vinhos, dourados e púrpuras, no gelo ou temperatura ambiente estavam ali, oferecendo-se, como as amorosas pequenas mulheres. Agora a música estava tocando novamente. Ela tinha sido silenciada quando a voz da menina falou as cinco palavras suaves:

"Olhem, esses são seus irmãos!"

E uma vez mais, com seus olhos descansando em Freder:

"Olhem, esses são seus irmãos!"

Como alguém sufocando, Freder sobressaltou-se. A mulher mascarada o encarou. Ele correu para a porta. Ele correu pelos corredores e degraus abaixo. Ele chegou à entrada.

"Quem era aquela garota?"

Ombros encolheram-se perplexos. Pedidos de desculpas. O acontecido era indesculpável, os servos sabiam disso. Demissões, em quantidade, seriam distribuídas.

O mordomo estava pálido de raiva.

"Eu não quero", disse Freder, olhando para o vazio, "que ninguém mais sofra com o que aconteceu. Ninguém deve ser demitido... Eu não desejo isso..."

O mordomo fez uma reverência silenciosa. Ele estava acostumados a caprichos no "Clube dos Filhos."

"Quem era a garota... ninguém poderia me dizer?"

Não. Ninguém. Mas e se uma investigação for feita...?

Freder permaneceu em silêncio. Ele pensou em Slim. Ele sacudiu a sua cabeça. Primeiro lentamente, então violentamente. "Não – Ninguém deve colocar um cão de caça na trilha do sagrado, da corça branca.

"Ninguém deve fazer perguntas sobre ela", ele disse, apaticamente.

Ele sentiu o olhar desalmado das estranhas pessoas contratadas sobre ele. Ele sentiu-se pobre e sujo. Com um mau humor que o deixou miserável como se tivesse veneno em suas veias, ele deixou o clube. Ele caminhou para casa enquanto pensava em ir para o exílio. Ele trancou-se no seu ateliê e trabalho. À noite ele agarrou-se ao seu instrumento e forçou a monstruosa solidão de Júpiter e Saturno sobre ele.

Nada poderia ajudá-lo – nada! Em uma onipresença agonizante estava, perante sua visão, aquela, o semblante; o austero semblante da virgem, o doce semblante da mãe.

Uma voz falou:

"Olhem, esses são seus irmãos."

E a gloria dos céus não era nada, e a intoxicação do trabalho não era nada. E a conflagração que acabou com o mar não podia acabar com a suave voz da garota:

"Olhem, esses são seus irmãos!"

Meu Deus, Meu Deus...

Com uma violenta e dolorosa sacudida, Freder voltou-se e caminhou para sua máquina. Algo como libertação atravessou sua face quando ele considerou a criação brilhante, esperando apenas por ele, a qual não era uma ligação de aço, não um rebite, não uma mola que ele havia calculado e criado.

A criatura não era grande, aparentando ser mais frágil devido à grandeza do salão e da luz solar que inundava o local onde estava. Mas o suave lustre do seu do seu metal e o orgulhoso balanço que corpo superior mostrava como se fosse saltar, até mesmo quando não estava em movimento, dava a ela um ar de divindade de um lindo e perfeito animal, bastante destemido, porque sabia ser invencível.

Freder acariciou sua criação. Ele pressionou sua cabeça gentilmente contra a máquina. Com inefável afeição ele sentiu seus frios e flexíveis membros.

“Hoje à noite”, ele disse, “Eu estarei com você. Eu ficarei completamente envolvido com você. Eu derramarei minha vida em você e descobrirei se posso ou não trazê-la à vida. Eu devo, talvez, sentir a sua pulsação o início do movimento em seu corpo controlado. Eu devo, talvez, sentir a vertigem ao você jogar-se fora do limite de seu elemento, levando-me – eu, o homem que a fez – através do enorme mar da meia noite. As sete estrelas estarão acima de nó e a triste beleza da lua. O monte Everest continuará existindo, uma colina, abaixo de nós. Você deve levar-me e eu saberei: Você me levará tão alto quanto eu gostaria...”

Ele parou, fechando os olhos. O estremecimento que corria por ele era transmitido, uma tremor, para a máquina silenciosa.

“Mas talvez”, ele continuou, sem erguer sua voz, “talvez você perceba, você, minha amada criação, que você não é mais minha única amada. Nada na terra é mais vingativo que a inveja de uma máquina que acredita ter sido negligenciada. Sim, eu sei disso... Você é uma amante imperiosa... “Não terás outros Deuses além de mim. ”... Estou certo? Um pensamento à parte além de você – você sentirá isso de uma vez e ficará perversa. Como eu poderia manter escondido que todos os meus pensamentos não estão com você. Eu não posso ajuda-la, minha criação. Eu estava enfeitiçado, máquina. Eu pressiono minha testa sobre você e minha testa anseia pelos joelhos da garota de quem sequer sei o nome...”

Ele interrompeu-se e prendeu a respiração. Ele ergueu sua cabeça e escutou.

Centenas e milhares de vezes ele ouviu o mesmo som na cidade. Mas centenas e milhares de vezes, pareceu à ele, que ele não o compreendia.

Era um som imensuravelmente glorioso e arrebatador. Tão profundo como ressoante, e mais poderoso que qualquer som na terra. A voz do oceano quando nervoso, a voz quedas d”água torrenciais, a voz de tempestade de raios muito próxima miseravelmente afogada nessa espécie de gigante. Sem ser afiada ela penetraria todas as paredes, e, enquanto durasse, todas as coisas pareceriam oscilar. Era onipresente, vindo das alturas e das profundezas, sendo lindo e horrível, sendo um comando irresistível.

Estava alto acima da cidade. Era a voz da cidade.

Metropolis ergueu sua voz. As máquinas de Metropolis rugiram; elas desejavam ser alimentadas.

Freder abriu as portas de vidro. Ele as sentiu tremerem como a corda golpeada de um arco. Ele caminhou para fora na galeria estreita que corria em torno da mais alta casa de Metropolis. O rugido o recebia, o abraçava,

nunca terminando.

Grandioso como era Metropolis: por todos os quatro cantos da cidade, esse comando rugido era igualmente perceptível.

Freder olhou através da cidade para o prédio conhecido pelo mundo como a "Nova Torre de Babel."

No crânio dessa Nova Torre de Babel vivia o homem que era considerado o Cérebro de Metropolis.

Enquanto o homem estivesse ali – que não era nada além de trabalho, desprezando o sono, comendo e bebendo mecanicamente, com os dedos pressionados na placa de metal azul, que além dele nenhum homem jamais havia tocado – a voz da cidade máquina de Metropolis rugiria exigindo ser alimentada, alimentada, alimentada...

Ela exigia homens vivos como alimento.

Então o alimento vivo vinha empurrado em forma de multidão. Ele veio ao longo da rua, de sua própria rua que nunca cruzava com as ruas de outras pessoas. Ele rolava, em um amplo e interminável fluxo. O fluxo tinha doze filas de largura. Eles caminhavam no mesmo passo. Homens, homens, homens – todos com o mesmo uniforme, do pescoço aos tornozelos, de linho azul, pés sem meias, com os mesmos sapados duros, cabelo firmemente preso pelas mesmas toucas pretas.

E todos tinham os mesmos rostos. E todos eles aparentavam a mesma idade. Eles mantinham-se erguidos, mas não eretos. Eles não erguiam as cabeças, mas empurravam-nas para frente. Eles moviam os pés para frente, mas não caminhavam. O portão aberto da Nova Torre de Babel, o centro mecânico de Metropolis, engolia as massas para baixo.

Em direção a eles, mas além deles, outra procissão arrastava-se ao longo, o turno terminado. Ele rolava, um amplo e interminável fluxo. O fluxo tinha doze filas de largura. Eles caminhavam no mesmo passo. Homens, homens, homens – todos com o mesmo uniforme, do pescoço aos tornozelos, de linho azul, pés sem meias, com os mesmos sapatos duros, cabelo firmemente preso pelas mesmas toucas pretas.

E todos tinham os mesmos rostos. E todos pareciam ter mil anos de idade.

Eles caminhavam com os punhos pendurados, eles caminhavam com a cabeça pendurada. Não, eles plantavam o pé à frente, mas não caminhavam. O portão da Nova Torre de Babel, o centro mecânico de Metropolis, atirava as massas assim como as engolia.

Quando o fresco alimento vivo tinha desaparecido através dos portões a voz que rugia finalmente silenciou. E o zumbido pulsante que nuca cessava da grande Metropolis ficou perceptível novamente, produzindo o efeito do silêncio, um alívio profundo. O homem que era o grande cérebro no crânio de Metropolis tinha cessado de pressionar seus dedos na placa de metal azul.

Em dez horas ele faria a máquina rugir brutamente de novo. E em outras dez horas, novamente. E sempre o mesmo, sempre o mesmo, sem nunca perder o passo de dez horas.

Metropolis não sabia o que era domingo. Metropolis desconhecia feriados ou dias santos. Metropolis tinha a catedral mais sagrada do mundo, ricamente adornada com decoração gótica. Em tempos que apenas crônicas poderiam descrever, a Virgem coroada de estrelas em sua torre costumava sorrir, como mãe, de seu manto dourado, profundamente, profundamente acima de um céu piedosos e os únicos companheiros de sua graciosidade eram as pombas que costumavam fazer seus ninhos nas gárgulas sobre as águas furtadas e os sinos que eram chamados depois dos quatro arcanjos entre os quais São Miguel era o mais magnífico.

Diz-se que o Mestre que a projetou tornou-se um vilão agindo em causa própria, por ter roubado prata consagrada e não consagrada, como um corvo, fundindo ela no corpo de metal do sino. Como recompensa por seus atos ele sofreu, no lugar da execução, a terrível morte na roda de tortura. Mas, diz-se, que ele morreu feliz, pois o Arcanjo Miguel o conduziu em seu caminho para a morte tão maravilhosamente, comoventemente, que todos concordam que os santos deviam já ter perdoado o pecador, tocado os sinos celestiais, e assim, recebê-lo.

Os sinos ainda tocavam suas antigas vozes metálicas, mas quando Metropolis rugia, até São Miguel ficava sem voz. A Nova Torre de Babel e suas casas companheiras estendem suas alturas sombrias acima do pináculo da catedral, nas quais jovens garotas nas salas de trabalho e estações sem fio olhavam para baixo tão profundamente a partir das janelas de prédios de trinta andares como a virgem coroada de estrelas, nos tempos passados, olhou piedosamente para baixo para os telhados vermelhos. No lugar de pombas, máquinas voadoras enxameavam sobre o telhado da catedral e sobre a cidade, pousando em coberturas, nas quais, à noite pilares luminosos e círculos indicavam rotas de voo e pontos de aterrisagem.

O Mestre de Metropolis já tinha considerado mais de uma vez, demolir a catedral, por se tratar de uma obstrução sem objetivo ao tráfico na cidade de cinquenta milhões de habitantes.

Mas o pequeno, secto ansioso dos góticos, dos quais o líder era

Desertus, meio monge, meio encantador, fez um juramento solene: Se uma mão da cidade imoral de Metropolis ousasse tocar em apenas uma pedra da catedral, então eles não repousariam ou descansariam até que a perversa cidade de Metropolis caísse, em um monte de ruínas, aos pés da sua catedral.

O Mestre de Metropolis costumava vingar-se de ameaças que constituíam um sexto da sua correspondência diária. Mas ele não se preocupava em lutar com oponentes que lhe prestassem um serviço destruindo sua crença. O grande cérebro de Metropolis, um estranho ao sacrifício de um desejo, estimava o poder incalculável que os mártires e os sacrificados exerciam sobre seus seguidores muito mais do que desprezava. Também, a demolição da catedral ainda não era uma questão tão importante para ser objeto de uma estimativa de despesas. Mas quando o momento chegasse, o custo de derrubá-la excederia o da construção de Metropolis. Os Góticos eram ascetas; o Mestre de Metropolis sabia por experiência própria que um multimilionário era mais barato de se comprar que um asceta.

Freder imaginou, não sem um sentimento estranho de amargura, quantas vezes mais o grande Mestre de Metropolis poderia permitir que ele olhasse para o cenário na qual a catedral estaria presente em todo dia sem chuva: Quando o sol se punha às costas de Metropolis, as casas transformavam-se em montanhas e as ruas em vales; quando os raios de luz, que pareciam crepitar na frieza, irrompiam sobre as janelas das paredes das casas, dos telhados e do coração da cidade; quando o tremor silencioso dos painéis de publicidade começava; quando os holofotes, com todas as cores do arco-íris começavam a brincar em volta da Nova Torre de Babel; quando os ônibus tornavam-se correntes de monstros cuspidores de luz, os pequenos carros motorizados a se apressar, como peixinhos luminosos em um mar profundo sem água, enquanto do porto invisível das ferrovias subterrâneas, uma sempre igual, mágica luz difusa era pressionada e engolida por sombras apressadas – então a catedral poderia ficar ali, nesse oceano de luz sem fronteiras, que dissolvia todas formas por ofusca-las, o único objeto escuro, negro e persistente, parecia, em sua falta de luz, estar liberto da terra, para erguer-se cada vez mais alto, e aparecer nesse turbilhão de luz tumultuosa, como o único objeto poderoso e sereno.

Mas a Virgem no topo da torre parecia ter sua própria luz gentil, e pairava, liberta da negrura da pedra, na foice da lua de prata sobre a catedral.

Freder nunca tinha visto o semblante da Virgem e ainda assim ele sabia muito bem que ele poderia retratá-la: o austero semblante da Virgem, o doce semblante da mãe.

Ele parou, agarrando com as palmas das mãos quentes sobre o guarda

corpo de ferro.

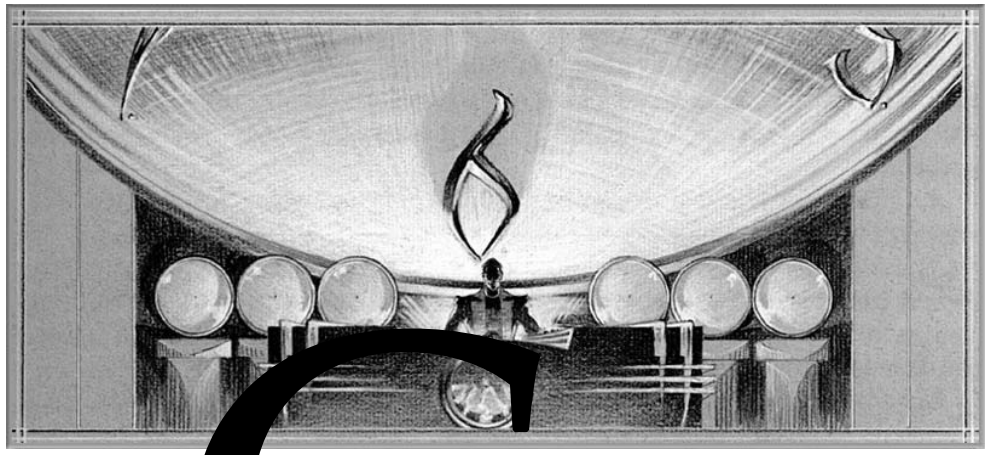
"Olhe para mim, Virgem", ele implorou, "Mãe, olhe para mim!" A lança de um holofote voou para seus olhos, fazendo com que ele os fechasse raivosamente. Um foguete assobiou pelo ar, caindo no pálido anoitecer, com a palavra: Yoshiwara...

Notavelmente branca, com raios penetrantes, ela planou, elevando-se, sobre uma casa que não podia ser vista, a palavra: Cinema.

Todas as sete cores do arco-íris acenderam-se, frias e fantasmagóricas em círculos silenciosos. A enorme face do relógio da Nova Torre de Babel estava banhada no brilho de holofotes em fogo cruzado. E uma vez mais sobre o pálido irreal céu, escorria a palavra Yoshiwara. Os olhos de Freder fixaram-se sobre o relógio da Nova Torre de Babel, onde os segundos piscavam como faíscas de luz, continuamente indo e vindo. Ele calculou o tempo que passou desde que a voz de Metropolis rugiu por alimento, por alimento, por alimento. Ele sabia que atrás dos trêmulos flashes dos segundos na Nova Torre de Babel havia uma larga, ampla sala com janelas estreitas, com a altura das paredes, com painéis de botões por todos os lados, e bem no centro uma mesa, com o mais ingênuo instrumento que o Mestre de Metropolis já criou, para tocar sozinho, como um regente solitário.

Na cadeira simples na frente dela, a personificação do grande cérebro: o Mestre de Metropolis. Perto da sua mão direita a sensível placa de metal azul, na qual ele podia esticar sua mão direita, com a infalível certeza de uma máquina saudável, quando segundos os suficientes passaram para a eternidade, para deixar Metropolis rugir uma vez mais – por alimento, por alimento, por alimento...

Nesse momento Freder foi tomado pela ideia persistente de que poderia perder sua razão se tivesse que ouvir, uma vez mais, a voz de Metropolis rugindo para ser alimentada. E, já convencido da inutilidade da sua busca, ele virou afastando-se do louco espetáculo de luz da cidade e foi procurar o Mestre de Metropolis, cujo nome era Joh Fredersen e que era seu pai.



Capítulo II

O CRÂNIO da Nova Torre de babel era povoado com números.

A partir de uma fonte invisível os números caiam ritmicamente através do ar refrigerado da sala, sendo coletados, como por um reservatório, na mesa em que o grande cérebro de Metropolis trabalhava, tornando-se objetivos sobre os lápis de seus secretários. Esses oito jovens homens assemelhavam-se uns aos outros como irmãos, que eles não eram. Embora sentados como estátuas imóveis, das quais apenas os dedos da mão direita que escrevia agitavam-se, mas cada um, com a testa úmida de suor e lábios separados, parecia a personificação da falta de ar.

Nenhuma cabeça ergueu-se quando Freder entrou. Nem mesmo a de seu pai.

A lâmpada sobre o terceiro alto falante brilhou branco-avermelhada.

New York falou.

Joh Fredersen estava comparando os números do relatório de trocas noturno com as listas que estavam na sua frente. Uma vez sua voz soou, sem vibração:

"Engano. Investigação adicional. "O primeiro secretário estremeceu, parou, ergueu-se e retirou-se sobre solas silenciosas. A sobrancelha esquerda de Joh Fredersen ergueu-se insignificativamente enquanto ele observava a figura que recuava – somente enquanto era possível fazê-lo sem virar a cabeça.

Um fino lápis riscou um nome.

A luz branco-avermelhada brilhou. A voz falou. Os números caíram através da grande sala. No crânio de Metropolis.

Freder permanecia parado, sem movimento, perto da porta. Ele não tinha certeza se o seu pai tinha percebido ele ou não. Sempre que ele entrava nessa sala ele era mais uma vez um menino de dez anos, sua incerteza como característica principal, frente à grande concentração, à certeza todo poderosa, que se chamava Joh Fredersen, e era seu pai.

O primeiro secretário caminhou passando por ele, saudando-o silenciosamente, respeitosamente. Ele lembrava um competidor deixando uma corrida, derrotado. A face pálida do jovem homem pairou por um momento na frente dos olhos de Freder como uma grande, branca, máscara de laca. Então ela apagou-se.

Números caíram através da sala.

Uma cadeira estava vazia. Em outras sete sentavam-se sete homens, perseguindo os números que saltavam incessantemente do invisível.

Uma lâmpada brilhava branco-avermelhada.

New York falou.

Uma lâmpada acendeu branco-esverdeada.

Londres começou a falar.

Freder olhou para cima, para o relógio na porta oposta, comandando a parede inteira como uma roda gigante. Ele era o mesmo relógio, que, das alturas da Nova Torre de Babel, inundado por luzes de holofotes, brilhava suas faíscas de segundos sobre a grande Metropolis. A cabeça de Joh Fredersen ergueu-se contra ele. Ele era como esmagador, mas aceito halo sobre o cérebro de Metropolis.

Os holofotes rugiam em um delírio de cores sobre as janelas estreitas que corriam do chão ao teto. Cascatas de luz espumavam contra os painéis. Fora, muito abaixo, nos pés da Nova Torre de Babel, Metropolis fervia. Mas nessa sala nenhum som era ouvido além dos incessantes números pingando.

O método desenvolvido por Rotwang deixou as paredes e janelas à prova de som.

Nessa sala, que era ao mesmo tempo coroada e subjugada pelo poderoso marcador do tempo, o relógio, indicando números, nada com mais

significado além de números.

O filho do grande Mestre de Metropolis percebeu que, enquanto os números escorressem do invisível, nenhuma palavra, que não fosse um número, e vindo de uma boca invisível, poderia reivindicar a mínima atenção.

Portanto, ele ficou de pé, olhando incessantemente para a cabeça de seu pai, observando a monstruosa mão do relógio varrendo à sua frente, inevitavelmente, como uma foice, uma foice de colheita, passando através do crânio de seu pai, sem feri-lo, subindo sobre o anel cravejado de números, fluindo nas alturas e então afundando novamente, para repetir o golpe vão da foice.

Finalmente a luz branco-avermelhada apagou. A voz cessou.

Então a voz branco-esverdeada apagou também.

Silêncio.

As mãos daqueles que escreviam pararam e, por um momento, eles ficaram como paralisados, relaxados, exaustos. Então a voz de Joh Fredersen disse com uma gentiliza árida.

"Obrigado, amanhã."

E sem olhar em volta:

"O que você deseja, meu garoto?"

Os sete estranhos deixaram a agora sala silenciosa. Freder atravessou até seu pai, cujo olhar estava varrendo as listas de números capturados. Os olhos de Freder fixaram-se à placa de metal azul próxima a mão direita de seu pai.

"Como você sabia que era eu?" ele perguntou, suavemente.

Joh Fredersen não olhou para ele novamente. Embora sua face tenha ganhado uma expressão de paciência e orgulho pela primeira questão que seu filho fez, ele não perdeu nada do seu estado de alerta. Ele olhou para o relógio. Seus dedos deslizaram pelo teclado flexível. Sem som ordens foram disparadas para homens que esperavam.

"A porta abriu. Ninguém foi anunciado. Ninguém vem até mim sem ser anunciado. Somente meu filho."

Uma luz abaixo do vidro fez uma pergunta. Joh Fredersen extinguiu

a luz. O primeiro secretário entrou e atravessou a sala até o grande Mestre de Metropolis.

"Você estava certo. Era um engano. Ele foi retificado", ele reportou, sem expressão.

"Obrigado." Nenhum olhar. Nenhum gesto. "O Banco-G foi notificado a pagar-lhe sua verba rescisória. Boa noite."

O homem jovem ficou parado. Três, quatro, cinco, seis segundos piscaram no gigantesco relógio. Dois olhos vazios queimaram na face pálida do jovem homem, imprimindo sua marca de temor sobre a visão de Freder.

Um dos ombros de Joh Fredersen fez um movimento vagaroso.

"Boa noite", disse o homem jovem, em um tom estrangulado.

Ele saiu.

"Por que você o demitiu, pai?" o filho perguntou.

"Eu não tinha uso para ele", disse Joh Fredersen, ainda não tendo erguido os olhos para o seu filho.

"Por que não, pai?"

"Eu não tenho uso para pessoas que começam antes que se fale com eles", disse o Mestre de Metropolis.

"Talvez ele tenha se sentido mal... talvez ele estivesse preocupado com alguém que fosse querido por ele."

"Possivelmente. Talvez ele também estivesse sobre os efeitos da longa noite em Yoshiwara. Freder, evite assumir que pessoas são boas, inocentes e vitimas apenas porque sofrem. Quem sofre peca, contra si mesmo e contra os outros."

"Você não sofre, pai?"

"Não."

"Você é livre do pecado?"

"O tempo do pecado e do sofrimento ficou para trás de mim, Freder."

"E esse homem, agora... Eu nunca tinha visto tal coisa... mas eu acredito que o homem resolveu acabar com a vida dele quando deixou a sala

dessa forma..."

"Talvez."

"E suponha que você ouça, amanhã, que ele morreu... isso o deixaria intocado...?"

"Sim."

Freder ficou em silêncio.

A mão de seu pai deslizou sobre uma alavanca, e a puxou para baixo. As luzes brancas por toda a sala circulando o crânio da Nova Torre de babel apagaram-se. O Mestre de Metropolis tinha informado o mundo que o circulava que ele não desejava ser perturbado sem um motivo urgente.

"Eu não posso tolerar isso", ele continuou, "quando um homem , trabalhando em Metropolis, à meu lado, junto comigo, nega a única grande vantagem que possui sobre as máquinas."

"E qual é essa vantagem, pai?"

"Sentir prazer com o trabalho", disse o Mestre de Metropolis. A mão de Freder deslizou sobre seu cabelo, então descansou em sua gloriosa equidade. Ele abriu os lábios, com se desejasse dizer algo; mas ele permaneceu em silêncio.

"Você supõe", Joh Fredersen prosseguiu, "que eu precise que os lápis dos meus secretários chequem os relatórios da bolsa de valores americana? As tabelas de índices dos clarins transoceânicos de Rotwang são centenas de vezes mais confiáveis e rápidas que mãos e cérebros de secretários. Mas, pela precisão da máquina eu posso medir a acurácia dos homens, pelo sopro da máquina, os pulmões dos homens que competem com ela."

"E o homem que você acaba de demitir, e que está condenado (pois ser demitido por você, pai, significa cair!... Cair!... Cair!...) ele perdeu o fôlego, não perdeu?"

"Sim."

"Porque ele era um homem e não uma máquina... Porque ele negou sua humanidade frente à máquina." Freder ergueu sua cabeça e seus olhos profundamente perturbados. "Eu não posso acompanha-lo nisso, pai", ele disse, sofrendo. A expressão de paciência de Joh Fredersen aprofundou-se.

"O homem", ele disse baixo, "era meu primeiro secretário! O salário que ele tinha era oito vezes maior que o do último. Isso era sinônimo de

obrigação de realizar oito vezes mais. Para mim. Não para ele. Amanhã o quinto secretário estará no seu lugar. Em uma semana ele tornará os outros supérfluos. Eu tenho uso para esse homem."

"Porque ele economizará outros quatro."

"Não, Freder. Porque se deleita com o trabalho de quatro outros. Porque ele atira-se inteiramente em seu trabalho – atira-se como se desejasse isso como a uma mulher."

Freder ficou em silêncio. Joh Fredersen olhou para seu filho. Ele olhou para ele cuidadosamente.

"Você tem alguma experiência?" ele perguntou.

"Os olhos do garoto, lindos e tristes passaram por ele, perdendo-se no espaço. Selvagem luz branca espumou contra as janelas, e, saiu, deixando o céu atrás como veludo negro sobre Metropolis.

"Eu não tenho experiência", disse Freder, provisoriamente, "exceto que eu acredito pela primeira vez na minha vida ter compreendido o sentido de ser uma máquina..."

"Isso deve significar muita coisa", respondeu o Mestre de Metropolis. "Mas você provavelmente está errado, Freder. Se você tivesse realmente compreendido o que é ser uma máquina você não estaria tão perturbado."

Lentamente o filho afastou os olhos com a falta de esperança da incompreensão de seu pai.

"Como alguém pode ficar perturbado", ele disse, "ao ser tratado como você, como eu o fiz, através de salas automatizadas. Através das gloriosas salas com nossas gloriosas máquinas... e vê as criaturas que estão agrilhoadas a você por leis de vigilância eterna... olhos sem pálpebras..."

Ele pausou. Seus lábios estavam secos como poeira.

Joh Fredersen recostou-se. Ele não tinha tirado seu olhar de seu filho, e ainda o mantinha fixo.

"Por que você veio até mim através das salas mecanizadas", ele perguntou em voz baixa, "Se não era necessariamente o melhor, nem o modo mais conveniente."

"Eu desejava", disse o filho, escolhendo suas palavras cuidadosamente, "que apenas uma vez eu olhasse para os homens no rosto – como pequenas crianças que fossem meus irmãos e irmãs..."

"Hum", disse o outro com lábios muito fechado. O lápis que ele segurava entre seus dedos bateu gentilmente, secamente, uma, duas vezes sobre a mesa da sala. Os olhos de Joh Fredersen vagaram de seu filho do seu filho para o flash piscando dos segundos no relógio, então mergulharam sobre ele novamente.

"E o que você encontrou?" ele perguntou.

Segundos, segundos, segundos de silêncio. Então era como se o filho desprendesse suas raízes e soltasse o seu ego, atirasse a si mesmo, com um gesto auto exposição total sobre seu pai, mas ainda ficasse de pé, com a cabeça um pouco inclinada, falando suavemente, como se toda palavra estivesse sendo sufocada em seus lábios.

"Pai! Ajude os homens que vivem em suas máquinas!"

"Eu não posso ajuda-los", disse o cérebro de Metropolis. "Ninguém pode ajuda-los. Eles estão onde deveriam estar. Eles são o que deveriam ser. Eles não servem para mais nada, ou nada diferente."

"Eu não sei para que eles servem", disse Freder, sem expressão: sua cabeça caiu sobre seu peito como se tivesse sido arrancada de seu pescoço. "Eu só sei o que eu vi – e que isso era assustador de se ver... Eu passei pelas salas de máquinas – elas eram como templos. Todos os grandes deuses estavam vivendo em templos brancos. Eu vi Ball e Moloch, Huitziopochtli e Durgha; alguns assustadoramente sociáveis alguns terrivelmente solitários. Eu vi o gigantesco veículo divino, e as Torres do Silêncio, a espada curva de Maomé, e as cruzes de Gólgota. E todas as máquinas, máquinas, máquinas, as quais, confinadas em seus pedestais, como deidades nos seus tronos em seus templos, dos lugares em que descansavam das quais foram emprestadas, vivendo sua vida como deuses: Sem olhos, mas vendo tudo, sem orelhas, mas ouvindo tudo, sem voz, mas, em si mesmas, um boca proclamando – sem ser homem, sem ser mulher, e ainda gerando, receptiva e produtiva – sem vida, e ainda agitando o ar dos seus templos com uma interminável respiração da sua vitalidade. E, perto das máquinas-deuses, os escravos das máquinas-deuses: os homens que estavam como esmagados entre a companhia das máquinas e solidão das máquinas. Eles não tinham cargas para carregar: as máquinas carregavam as cargas. Eles não tinham que erguer e empurrar: as máquinas erguiam e empurravam. Eles não tinham nada mais para fazer além de eternamente fazer a mesma coisa, cada um em seu lugar, cada um em sua máquina. Divididos em períodos de breves segundos, sempre os mesmos movimentos nos mesmos segundos. Eles tinham olhos, mas estavam cegos exceto para uma coisa, a escala do manômetro. Eles tinham ouvidos, mas estavam surdos exceto para uma coisa, o assovio da sua máquina. Eles observavam e observavam, não tendo nenhum pensamento além de uma coisa: se sua vigilância vacilasse, então a

máquina despertaria de seu sono fingido e começaria a correr, correr e desmanchar-se. E as máquinas, não tendo cabeça ou cérebro, com a tensão da sua vigilância, sugando e sugando os cérebros dos crânios paralisados de seus observadores, e com nada a dizer, sugando, nada a dizer até estarem com o crânio pendurados, não mais um homem e não ainda uma máquina, bombeados até secar, ocos, usados. E a máquina que sugou e engoliu a medula espinhal e o cérebro do homem e limpou os buracos em seu crânio com a suave, longa língua, com um suave assovio, a maquina brilhando em seu esplendor de veludo prateado, ungida com óleo, linda, infalível – Baal e Moloch, Huitziopochtli e Durgha. E você, pai, você pressiona seus dedos na pequena placa de metal azul próxima à sua mão direita, e sua grande, gloriosa, terrível cidade de Metropolis ruge, proclamando que esta faminta por mais cérebro e medula humana frescos, e então a comida viva rola, como uma corrente, para salas de máquinas, que são como templos, e assim, sendo usados, são atirados para cima..."

Sua voz falhou-lhe. Ele bateu seus punhos um no outro violentamente, e olhou para seu pai.

"E eles são todos seres humanos!"

"Infelizmente. Sim."

A voz do pai soava aos ouvidos do filho como se estivesse falando por detrás de sete portas fechadas.

"Esses homens são usados tão rapidamente nas máquinas, Freder, não há prova de ganância das máquinas, mas da deficiência de material humano. O homem é o produto da mudança, Freder. Um ser bem definido. Se ele está mal adaptado ele não pode ser enviado de volta para o forno de fusão. Devemos usá-lo como ele é. Pelo qual foi estatisticamente provado que os poderes de desempenho do trabalhador não intelectual diminuem de mês para mês."

Freder riu. A rizada veio tão áspera, tão ressequida de seus lábios que Joh Fredersen sacudiu sua cabeça, olhando para seu filho através de pálpebras estreitas. Lentamente suas sobrancelhas ergueram-se.

"Como você não teme, pai (supondo que a estatística está correta e o consumo de homens está crescendo rapidamente) que um belo dia não exista mais alimento para as máquinas-deuses devoradoras de homens, e que o Moloch de vidro, borracha e aço, o Durgha de alumínio com veias de platina, irão morrer de fome miseravelmente?"

"A hipótese é concebível", disse o cérebro de Metropolis.

"E então?"

"Então", disse o cérebro de Metropolis, "em seguida um substituto para o homem terá de ser encontrado."

"Um homem melhorado, você quer dizer? Um homem máquina?"

"Talvez", disse o cérebro de Metropolis.

Freder tirou uma mecha de cabelo úmido da testa. Ele inclinou-se para frente, sua respiração atingindo seu pai.

"Então apenas escute uma coisa, pai", ele respirou as veias em suas têmporas saltando, azuis, "garanta que esses homens máquinas não tenham cabeça, ou de qualquer forma, um rosto, ou então dê a eles um rosto sempre sorridente. Ou um rosto de Arlequim, ou então ou visor fechado. Como será horrível olhar para eles! Pois eu caminhei através das salas de máquinas hoje, eu vi os homens que observam suas máquinas. E eles me conheciam, e eu cumprimentei eles, um após outro. Mas nenhum retornou minhas saudações. As máquinas estavam todas muito ansiosas retesando seus nervos. E quando eu olhei para eles, pai, mais perto, tão perto quanto estou olhando para você agora! – eu estava olhando para mim mesmo... Cada homem, pai, que é escravizado por suas máquinas, tinha meu rosto – tinha o rosto de seu filho..."

"Então, meu rosto também, Freder, por que somos muito parecidos um com o outro", disse o Mestre da grande Metropolis. Ele olhou para o relógio e esticou sua mão. Em toda sala que circundava o crânio da Nova Torre de babel as luzes brancas acenderam-se.

"E isso não o enche de horror", perguntou o filho, "saber que tantas sombras, tantos fantasmas, realizam o seu trabalho?"

"O tempo do horror está para trás de mim, Freder."

Então Freder voltou-se e saiu, como um homem cego – primeiro errando a saída com uma mão tateando, e então a encontrando. Ele a abriu à frente dele. Ele a fechou atrás dele, e ele ficou parado, em uma sala que parecia para ele estranha e gélida.

Formas ergueram-se das cadeiras sobre as quais estiveram sentadas, esperando, fazendo uma grande reverência para o filho de Joh Fredersen, o Mestre de Metropolis.

Freder somente reconhecia um; era Slim.

Ele agradeceu aqueles que o saudaram, ainda ficando próximo à porta, parecendo não conhecer o caminho. Atrás dele deslizou Slim, indo para Joh Fredersen, que tinha o chamado.

O Mestre de Metropolis estava parado perto da janela, suas costas voltadas para a porta.

"Espere!" disse suas costas quadradas.

Slim não se moveu. Ele respirava inaudivelmente. Suas pálpebras baixaram, ele parecia dormir enquanto esperava. Mas sua boca, com a tensão notável de seus músculos, o fazia a personificação da concentração.

Os olhos de Joh Fredersen vagaram sobre Metropolis, um mar rugindo sem descanso em uma rebentação de luz. Nos flashes e ondas, uma Catarata do Niágara de luz, no jogo de cores rotativas de torres de luz e brilho, Metropolis parecia ter tornando-se transparente. As casas, dissecadas em cones e cubos pelas foices móveis dos feixes de luz dos holofotes, brilhavam, erguendo-se, pairando, luz fluindo abaixo dos seus flancos como chuva. As ruas lambiam a brilhante radiância, elas mesmas brilhando, e as coisas deslizando sobre elas, um fluxo incessante, cones de luz atirados sobre eles. Somente a catedral, com a Virgem coroada de estrelas no topo de sua torre, permanecia esticada, massivamente, abaixo da cidade, como um gigante negro deitado em um sono encantado.

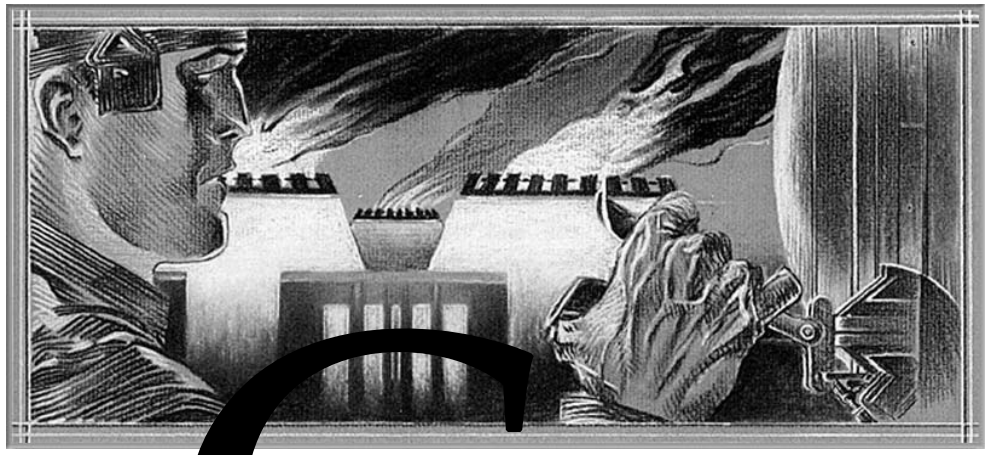
Joh Fredersen virou-se lentamente. Ele viu Slim parado na porta. Slim o saudou. Joh Fredersen veio em direção à ele. Ele atravessou toda a extensão da sala em silêncio; ele caminhou lentamente até chegar ao homem. Ficou em frente a ele, olhou para ele, como se o descascasse camada por camada dele, até seu eu mais íntimo.

Slim manteve-se firme durante esse escrutínio.

Joh Fredersen disse, com uma voz suave:

"De agora em diante eu gostaria de ser informado de toda ação de meu filho."

Slim fez uma reverência, aguardou, o saudou e saiu. Mas ele não encontrou o filho de seu grande mestre onde tinha o deixado. Nem ele estava destinado a encontra-lo.



Capítulo III

O HOMEM que tinha sido o primeiro secretário de Joh Fredersen estava em uma célula do Pater Noster, o elevador de passageiros que nunca parava, como baldes em um poço, seccionando a Nova Torre de Babel. Com suas costas contra a parede de madeira, ele estava fazendo o caminho através da casa branca que zumbia, das alturas da cobertura até as profundezas dos porões e novamente até as alturas da cobertura, pela trigésima vez, nunca se movendo do lugar.

Pessoas, ávidas para ganhar alguns segundos, tropeçavam nele, em andares altos ou baixos, novamente. Ninguém prestava a menor atenção nele. Um ou dois certamente o reconheceram. Mas, ainda assim, ninguém interpretou as gotas em suas têmporas como sendo nada mais que avidez por ganhar alguns poucos segundos. Tudo bem – ele poderia esperar até que eles percebessem, até que eles o pegassem e o atirassem para fora da célula: Por que você está ocupando esse espaço, seu tolo, se você tem tanto tempo? Rasteje para baixo pelas escadas, ou pelas escadas de incêndio...

Com uma boca engasgada ele encostou-se ali e esperou...

Agora emergindo das profundezas novamente, ele olhou com olhos estupidificados em direção à sala que guardava a porta de Joh Fredersen, viu o filho de Joh Fredersen parado em frente àquela porta. Na fração de segundo em que eles olharam um para o outro – sobre rostos sombreados – os olhares dos dois dispararam sinais de angústia, muitos diferentes, mas igualmente cheios de profunda angústia. Então os motores totalmente indiferentes carregaram o homem na célula para cima na escuridão da cobertura da torre, e, quando ele mergulhou novamente, tornando-se

visível uma vez mais no seu caminho para baixo, o filho de Joh Fredersen estava parado em frente à abertura da célula e, em um passo, ficou ao lado do homem cujas costas pareciam pregadas na parede de madeira.

"Qual é o seu nome?" ele perguntou gentilmente.

Uma hesitação em inspirar, e então a resposta que soou como se estivesse esperando por algo: "Josaphat..."

"O que você vai fazer agora, Josaphat?"

Eles afundaram. Eles afundaram. Quando passaram através do grande salão com enormes janelas que olhavam para as ruas de pontes, de forma ampla e ostensiva, Freder viu, ao virar sua cabeça, definida contra a negrura do céu, ainda meio extinta, a palavra gotejando: Yoshiwara...

Ele falou como se estendesse ambas as mãos, mas apenas fechando os olhos enquanto falava:

"Você virá para mim, Josaphat?"

Uma mão agitou-se como um pássaro assustado.

"Eu?" o estranho engasgou.

"Sim, Josaphat."

Ajovem voz estava tão cheia de bondade...

Eles afundaram. Eles afundaram. Luz – escuridão – luz – escuridão novamente.

"Você virá para mim, Josaphat?"

"Sim!" disse o estranho homem com um fervor incomparável. "Sim!"

Eles saíram para a luz. Freder o puxou pelo braço arrastando-o para fora com ele, para fora das grandes máquinas da Nova Torre de Babel, segurando-o firme enquanto ele cambaleava.

"Onde você vive Josaphat?"

"Nonagésimo Bloco. Casa Sete. Sétimo andar."

"Então vá para casa, Josaphat. Talvez eu vá até você pessoalmente; talvez eu envie um mensageiro que trará você até mim. Eu não sei o que as próximas horas nos trarão... Mas eu não quero que nenhum homem que eu

conheça, se eu puder evitar, fique uma noite inteira encarando o teto até que ele pareça desabar sobre ele...”

“O que eu posso fazer por você?” perguntou o homem.

Freder sentiu a pressão viciosa da sua mão. Ele sorriu. Ele sacudiu sua cabeça. “Nada. Vá para casa. Espere. Fique calmo. O amanhã trará outro dia, e eu espero que seja um dia melhor...”

O homem soltou a mão e saiu. Freder observou ele sair. O homem parou e olhou para trás, para Freder, e baixou a cabeça com uma expressão que era tão fervorosa, tão incondicional, que o sorriso morreu nos lábios de Freder.

“Sim, senhor”, ele disse. “Eu o tomo por sua palavra!”

O Pater Noster zumbiu atrás de Freder. As células, como baldes coletores, reuniam homens e os derramavam para fora novamente. Mas o filho de Joh Fredersen não os via. Entre todos aqueles ansiosos em ganhar alguns poucos segundos, ele ficou parado sozinho, escutando como a Nova Torre de Babel rugia em suas revoluções. O rugido parecia para ele como o soar dos sinos da catedral – como a voz de metal do arcanjo Miguel. Mas uma canção planou sobre eles, alta e doce. Seu coração inteiro exultou-se com essa canção.

“Eu fiz a sua vontade pela primeira vez, sua grande mediadora da piedade?” ele perguntou no rugido da voz do sino.

Mas não veio nenhuma resposta.

Então ele foi ao caminho que pretendia seguir, para encontrar a resposta.

Quando Slim entrou na casa de Freder para questionar os servos sobre seu mestre, o filho de Joh Fredersen estava caminhando para baixo nos degraus que levavam para a estrutura inferior da Nova Torre de Babel. Quando os servos sacudiram a cabeça negativamente para Slim dizendo que seu mestre não tinha vindo para casa, o filho de Joh Fredersen estava caminhando em direção aos luminosos pilares que indicavam o caminho. Quando Slim, com um olhar para seu relógio, decidiu aguardar, aguardar, de qualquer forma já alarmado, já conjecturando possibilidades e como enfrentá-las – o filho de Joh Fredersen estava entrando na sala em que a Nova Torre de Babel retirava as energias para suas próprias necessidades.

Ele tinha hesitado por um longo tempo antes de abrir a porta. Uma estranha existência se passava por detrás daquela porta. Lá havia uivos. Lá havia sons arfantes. Lá havia assobios. Todo o prédio gemia. Um tremor

incessante corria pelas paredes e pelo chão. E no meio disso tudo não havia um único som humano. Somente as coisas e o ar vazio rugiam. Homens na sala do outro lado dessa porta tinham lábios serrados impotentes. Mas pelo bem desses homens Freder tinha chegado.

Ele empurrou a porta e então recuou, sufocado. Ar fervente o atingiu, irritando seus olhos e impedindo de ver qualquer coisa. Gradualmente ele recuperou sua visão.

A sala estava suavemente iluminada, e o teto, que parecia que poderia suportar o peso do mundo todo, parecia estar perpetuamente caindo.

Um uivo fraco tornava a respiração quase insuportável. Era como se a respiração também estivesse absorvida no uivo.

Ar, sendo expulso das profundezas, já utilizado pelos pulmões da grande Metropolis, jorrava da boca dos tubos. Arremessado através da sala, ele era avidamente sugado de volta para as profundezas por canos do outro lado. E seu leve uivo espalhava uma frieza que caia em profundo conflito com o calor suarento da sala.

No meio da sala estava agachada a máquina Pater Noster. Ela era como Ganesha, o deus com a cabeça de elefante. Ela brilhava com óleo. Ela tinha membros reluzentes. Sobre seu corpo agachado e a cabeça afundada no peito, com as pernas arqueadas em repouso, como um gnomo, sobre a plataforma. O corpo e penas estavam imóveis. Mas os braços curtos empurravam e empurravam alternadamente para frente, para trás, para frente. Uma pequena luz brilhava em suas delicadas juntas. O chão, que era feito de pedra, e sem emendas, tremia com a propulsão da pequena máquina, que era menor que uma criança de cinco anos.

Calor era cuspido das paredes em que as fornalhas rugiam. O odor de óleo, que assobiava com o calor, estava acumulado em camadas espessas pela sala. Até mesmo o fluxo selvagem da massa de ar que era espalhada através da sala não removia os vapores sufocantes de óleo. Até mesmo a água que era pulverizada através da sala lutava uma batalha sem esperança contra a fúria das paredes cuspidoras de calor, evaporando, no ar já saturado com vapores de óleo, antes que pudesse proteger a pele dos homens neste inferno de serem assados.

Homens deslizavam como sombras nadando. Seus movimentos, a ausência de som de suas vidas passando, tinha algo da negra fantasmagoria dos mergulhadores do mar profundo. Seus olhos permaneciam abertos como se eles nunca os tivessem fechados.

Próximo a pequena máquina, no centro da sala, estava um homem, vestindo um uniforme típico dos trabalhadores de Metropolis: da garganta ao tornozelo, o linho azul escuro, pés sem meias, em sapatos duros, com o cabelo firmemente preso para trás no gorro negro. O fluxo impiedoso de ar circulante varria em volta de sua forma, fazendo as dobras de sua roupa vibrar. O homem segurava sua mão na alavanca e seu olhar estava fixo no relógio, com mãos que vibravam como agulhas magnéticas.

Fred tateou em seu caminho até o homem. Ele o encarou. Ele não podia ver seu rosto. O quanto ele seria velho? Mil anos? Ou menos de vinte? Ele estava falando consigo mesmo com lábios balbuciantes. Sobre o que o homem estaria murmurando? E esse homem teria, também, o rosto de Joh Fredersen?

"Olhe para mim!" disse Freder inclinando-se para frente.

Mas o olhar do homem não deixou o relógio. Sua mão, também, estava incessantemente, febrilmente, segurando a alavanca. Seus lábios balbuciavam e balbuciavam excitadamente.

Freder escutava. Ele pegou algumas palavras. Fragmentos de palavras, esfarrapadas pela corrente de ar.

"Pater Noster... isso significa Pai Nosso!... Pai Nosso, que estais no céu! Nós estamos no inferno. Pai Nosso!... Qual é vosso nome? Tu és chamado Pater Noster, Pai Nosso? Ou Joh Fredersen? Ou máquina?... Seja louvada por nós, máquina. Pater Noster!... Venha a nós vosso reino, máquina... Seja feita sua vontade, assim na terra como no céu... O que é que será de nós, máquina, Pater Noster? Assim no céu como na terra?... Pai Nosso, que estais no céu, quando vós nos chamais no céu, deveremos manter as máquinas em vosso mundo – as grandes rodas que quebram os membros de vossas criaturas – o grande carrossel chamado terra?... Seja feita, Pater Noster!... Nos dê o pão de hoje, o pão de cada dia... Triture máquina, triture farinha para nosso pão. O pão é assado com a farinha de nossos ossos... E perdoai as nossas ofensas... que ofensas, Pater Noster? A ofensa de ter um cérebro e um coração, que tu não tens máquina? E não nos deixai cair em tentação... Não nos leve na tentação de nos erguermos contra ti, máquina, pois tu és mais forte que nós, tu és mil vezes mais forte que nós, e tu és sempre a correta e nós somos sempre os errados, porque nós somos mais fracos do que tu és, máquina... Mas livrai-nos do mal, máquina... Livrai-nos de ti, máquina... Porque teu é o reino, o poder e a glória, para todo o sempre, amém... Pater Noster, que significa "Pai Nosso... Pai Nosso, que estais no céu...

Freder tocou o braço do homem. O homem emudeceu.

Suas mãos largaram a empunhadura da alavanca e saltaram no ar

como um pássaro em disparada. A mandíbula do homem ficou escancarada com se estivesse deslocada. Por um segundo o branco de seus olhos em seu rosto endurecido ficou terrivelmente visível. Então o homem entrou em colapso e caiu como um boneco enquanto Freder o pegava.

Freder o segurou rápido. Ele olhou à sua vilta. Ninguém estava prestando atenção, tanto nele quanto no outro homem. Nuvens de vapor e fumaça os envolviam como neblina. Havia uma porta próximo. Freder carregou o homem para a porta e a empurrou. Ela levava para a casa de ferramentas. Um caixote oferecia um lugar para descansar. Freder deixou o homem deslizar sobre ele.

Olhos baços olharam para ele. O rosto a que pertenciam era pouco mais que o de um garoto.

"Qual é o seu nome?" disse Freder.

"11811.."

"Eu quero saber como sua mãe o chamava..."

"Georgi."

"Georgi, você me conhece?"

A consciência retornou aos olhos baços junto com o reconhecimento.

"Sim, eu o conheço... Você é o filho de Joh Fredersen... de Joh Fredersen, que é o pai de todos nós..."

"Sim. Portanto eu sou seu irmão, Georgi, você percebe isso? Eu ouvi seu Pater Noster..." – O corpo ergueu-se com um suspiro.

"A máquina – " ele saltou de pé. "Minha máquina – "

"Deixe-a, Georgi, e escute-me..."

"Alguém precisa ficar na máquina!"

"Alguém ficará na máquina; mas não você..."

"Quem ficará, então?"

"Eu."

Olhos fixos eram a resposta.

"Eu", repetiu Freder. "Você está apto para me ouvir, e você será

capaz de entender o que eu tenho para dizer? É muito importante, Georgi!"

"Sim", disse Georgi, paralisado.

"Vamos agora trocar de vidas, Georgi. Você fica com a minha, e eu com a sua. Eu tomar seu lugar na máquina. Você vai silenciosamente para fora com minhas roupas. Ninguém percebeu quando eu vim até aqui. Ninguém vai perceber você quando você for embora. Você precisa apenas não perder o controle e ficar calmo. Fique escondido onde o ar está se formando como uma névoa. Quando você chegar na rua pegue um carro. Você vai encontrar dinheiro mais do que suficiente nos meus bolsos. Três ruas adiante mude de carro. E novamente por outras três ruas. Então vá para o Nonagésimo Bloco. Na esquina, pague o taxi e espere até que o taxista fique fora de visão. Então você subirá até o sétimo andar da sétima casa. Um homem chamado Josaphat vive ali. Você vai até ele. Diga que eu o enviei. Espere por mim, ou por uma mensagem minha. Você entendeu, Georgi?"

"Sim."

Mas o "sim" era vazio e parecia responder a outra coisa que não era a pergunta de Freder.

Um pouco mais tarde o filho de Joh Fredersen, o Mestre da grande Metropolis, estava parado perante a máquina que era como Ganesha, o deus com cabeça de elefante.

Ele vestia o uniforme comum de todos trabalhadores de Metropolis: da garganta ao tornozelo linho azul escuro, pés sem meias em sapatos duros, cabelo firmemente presos com uma touca negra.

Ele mantinha sua mão na alavanca e seu olhar estava fixo no relógio, as mãos vibrando como agulhas magnéticas.

A corrente de ar varria a sua volta fazendo as dobras de sua roupa agitarem-se.

Então ele sentiu como, lentamente, sufocantemente, da incessante vibração do chão, das paredes nas quais as fornalhas assobiavam, do teto que parecia eternamente estar prestes a cair, dos empurrões dos braços curtos da máquina, da estável resistência da máquina reluzente, o terror o invadisse – terror, até mesmo a certeza da morte.

Ele sentiu – e viu, também – como, das colunas de vapor, a tromba comprida de elefante do deus Ganesha caia de sua cabeça, afundada no peito, e suavemente, com um dedo certeiro, sentia por ele, pela testa de Freder. Ele sentiu o toque sugador, quase frio, nem um pouco doloroso, mas horrível. Apenas no centro, sobre a ponte de seu nariz, a tromba

fantasmagórica sugava rapidamente; não era doloroso, ainda que parecesse um delgado saca-rolhas em direção ao centro do cérebro. Como se preso ao relógio de uma máquina infernal o coração começou a bater. Pater Noster... Pater Noster... Pater Noster...

"Eu não irei", disse Freder, atirando sua cabeça para trás para romper o contato amaldiçoado: "Eu não irei... Eu irei... Eu não irei..."

Ele tateou por todos os bolsos do seu estranho uniforme ao sentir o suor pingando de suas têmporas como gotas de sangue. Ele sentiu um trapo em um deles e o puxou para fora. Ele enxugou a sua testa e, ao fazê-lo, sentiu um pedaço duro de papel, que tinha vindo junto com o trapo.

Ele recolocou o trapo no bolso e examinou o papel.

Não era maior que uma mão, não tendo nenhuma impressão ou escrita, sendo coberto de cima a baixo com símbolos estranhos e aparentemente um desenho esquemático meio destruído.

Freder tentou fortemente entender algo disso, mas não obteve sucesso. De todos os sinais marcados no desenho ele não conhecia nenhum. Ele parecia mostrar, aparentemente por caminhos estranhos, que tudo levava a um destino; para um lugar que estava preenchido com cruzes.

Um símbolo da vida? Sentido no absurdo?

Como filho de Joh Fredersen, Freder estava acostumado a rapidamente e corretamente compreender qualquer coisa que parecesse um desenho esquemático. Ele colocou o desenho no bolso, mas este permaneceu gravado em sua visão.

A tromba de elefante sugadora do deus Ganesha deslizou para baixo perante o ocupado e indomado cérebro que refletia, analisava e procurava. A cabeça, não domada, afundou novamente no peito. Obedientemente, ansiosamente, trabalhou na pequena máquina que dirigia o Pater Noster da Nova Torre de Babel.

Uma pequena luz cintilava sobre as juntas delicadas quase no topo da máquina, como pequenos olhos maliciosos.

A máquina tinha muito tempo. Muitas horas passariam antes do Mestre de Metropolis, antes de Joh Fredersen retirar o alimento que suas máquinas estavam mastigando com seus dentes poderosos.

Bem suavemente, quase sorrindo, os olhos brilhantes e maliciosos da delicada máquina olhavam para baixo para o filho de Joh Fredersen, que estava perante ela...

Georgi havia deixado a Nova Torre de Babel sem ser contestado, através de várias portas, e então a cidade o recebeu, a grande Metropolis que dançava na luz como se fosse uma dançarina.

Ele ficou parado na rua, bebendo até se embriagar com o ar. Ele sentiu a seda em seu corpo. Nos seus pés ele sentiu sapatos que eram macios e flexíveis. Ele respirou profundamente e a plenitude de sua própria respiração o encheu com a mais inebriante intoxicação.

Ele viu uma cidade que ele nunca tinha visto. Ele a viu como um homem que ele nunca havia sido. Ele não caminhou em uma correnteza junto com outros: uma corrente com doze fileiras de profundidade... Ele não vestia linho azul, nem sapatos duros ou touca. Ele não estava indo trabalhar. O trabalho foi posto de lado por outro homem que estava fazendo o trabalho por ele.

Um homem que veio até ele e disse: "Nós agora devemos trocar de vidas, Georgi; você pega a minha e eu a sua..."

"Quando você chegar à rua, pegue um carro."

"Você vai encontrar dinheiro mais que suficiente em meus bolsos..."

"Você vai encontrar dinheiro mais que suficiente em meus bolsos..."

"Você vai encontrar dinheiro mais que suficiente em meus bolsos..."

Georgi olhou para a cidade que ele nunca tinha visto...

Ah! As luzes inebriantes. Êxtase do brilho! Ah! Cidade de milhares de membros, construídos de blocos de luz. Torres de brilho! Montanhas íngremes do esplendor! Do céu aveludado acima de você cai uma chuva dourada, inesgotável, como a que caiu no colo aberto de Dânae.{1}

Ah – Metropolis! Metropolis!

Como um homem embriagado, ele deu seus primeiros passos, e viu uma chama que assobiava nos céus. Um foguete escreveu com gotas de luz no céu aveludado a palavra: "Yoshiwara..."

Georgi correu em direção à rua, chegou aos degraus, e, descendo três degraus por vez, chegou à avenida. Suave, flexível, uma besta negra, um carro aproximou e parou a seus pés.

Georgi saltou para dentro do carro, caiu em cima do estofamento, o motor do poderoso automóvel vibrou silenciosamente. Uma lembrança endureceu o corpo do homem.

Não havia, em algum lugar do mundo – e não muito longe, sobre a sola da Nova Torre de Babel, uma sala que era atravessada constantemente por vibrações? Não havia uma máquina delicada no meio dessa sala, brilhando com óleo e com membros fortes e brilhantes? Sobre o seu corpo agachado e sua cabeça, que estava afundada no peito, com pernas dobradas, como um gnomo, sobre a plataforma. O tronco e as pernas estavam em repouso. Mas os braços curtos empurravam e empurravam e empurravam, alternadamente para frente, para trás e para frente. O chão que era de pedra e sem emendas, tremia sobre o empurrar da pequena máquina que era menor que uma criança de cinco anos.

A voz do motorista perguntou: Para onde, senhor?"

Endireitando-se, Georgi gesticulou com a mão. Para qualquer lugar...

O homem disse para ele: Troque de carro depois da terceira rua.

Mas o ritmo do motor do carro o abraçou maravilhosamente. Terceira rua... Sexta rua... Ele ainda estava muito longe do Nonagésimo Bloco.

Ele estava extasiado com as maravilhas que se apresentavam, espantado com as luzes, o estremecimento hipnótico do movimento.

Quanto mais ele se afastava, com o deslizar das rodas, da Nova Torre de Babel, mais ele parecia ir para longe da consciência de seu próprio eu.

Quem era ele? Ele não estava em roupas remendadas gordurosas, uniforme de linho azul, em um inferno fervente, com seu cérebro mutilado por uma vigilância eterna, com a medula de seus ossos sendo sugada para fora eternamente, movendo a alavanca eternamente no mesmo ritmo, com o rosto queimado por um calor insuportável, e com a pele brotando suor salgado que rasgava sua pele em sulcos?

Ele não vivia em uma cidade que estava mais profunda na terra do que as estações de metro de Metropolis, com seus milhares de cubículos – Em uma cidade em que as casas cresciam alto sobre as quadras como, acima na noite, faziam as casas de Metropolis, que se erguiam tão alto, uma sobre a outra?

Teria ele conhecido algo além da horrível sobriedade dessas casas, em que viviam não homens, mas números, reconhecíveis somente pelos enormes cartazes nas portas?

Teria a sua vida tido outra finalidade que não fosse sair por essas portas, enquadradas com números, para o trabalho, quando as sirenes de Metropolis uivavam para ele – e dez horas mais tarde, esmagado e cansado até quase a morte, cambalear para a casa com a porta que tinha o seu

número?

Seria ele algo além de um número – número 11811 – amarrotado em suas roupas de linho, com sua touca? Não teria o número também sido impresso em sua alma, em seu cérebro, em seu sangue, de tal forma que ele nunca parasse para pensar em seu próprio nome?

E agora?

E agora?

Seu corpo estava como refrescado pela água pura que lavou o suor do trabalho dele, sentindo a maravilhosa doçura, o relaxamento redentor de todos os seus músculos. Com um tremor que tornou os seus músculos fracos, ele sentiu o toque suave da seda sobre sua pele nua, e, enquanto entregava-se ao gentil ritmo do movimento, com a consciência da primeira e completa entrega de tudo que tinha sido tão agonizante e pressionava sua existência, sobressaiu-se uma força que explodiu em um riso louco, suas lágrimas caindo incontrolavelmente.

Violentamente, sim, com uma gloriosa violência, a grande cidade voltou-se em direção a ele, como um mar que rugia ao redor de montanhas.

O trabalhador No. 11811, o homem que viveu em uma casa prisão, sobre o subterrâneo metro de Metropolis, que não sabia outro caminho que não fosse esse em que levava à máquina e da máquina de volta para seu buraco – esse homem viu, pela primeira vez em sua vida, a maravilha do mundo que era Metropolis: a cidade, de noite brilhando sobre milhões e milhões de luzes.

Ele viu o oceano de luz que preenchia as trilhas sem fim de ruas com um brilho prateado reluzente. Ele viu o fogo fátuo cintilante dos anúncios elétricos, esbanjando um êxtase inesgotável de brilho. Ele viu torres projetando-se, construídas de blocos de luz, sentindo-se rendido, sobrepujado a um estado de completa impotência pela luz inebriante, sentindo esse oceano cintilante com suas centenas e milhares de ondas, o alcançando, tomando a respiração de sua boca, perfurando-o, sufocando-o...

E então ele percebeu que essa cidade das máquinas, essa cidade da sobriedade, esse fanatismo pelo trabalho, buscava, à noite, um maravilhoso contrapeso ao frenesi do trabalho do dia – que essa cidade, à noite, perdida em si mesma, como um louco, como alguém completamente insensato, na inebries do prazer, em que, lançando-se às alturas, arremessada para as profundezas, era ilimitadamente feliz e ilimitadamente destrutiva.

Georgi tremia da cabeça aos pés. Mas ainda assim não era realmente um tremor que deixasse seu corpo indefeso. Era como se todos os seus

membros estivessem ligados à uniformidade silenciosa do motor que lhe levava para frente. Não, não ao simples motor que era o coração do automóvel em que estava sentado – mas à todas essas centenas e milhares de motores que deslizavam eternamente, um duplo fluxo de automóveis reluzindo iluminados nas ruas, nas ruas de uma cidade em sua febre noturna. E ao mesmo tempo, seu corpo estava vibrando devido aos fogos de artifício de rodas cintilantes, letreiros multicoloridos sobre fontes de luzes brancas de fortes lâmpadas, foguetes assobiando para o alto, torres de fogo, com chamas frias como gelo.

Havia uma palavra que era recorrente. De uma fonte invisível disparava um feixe de luz, que se separando em um ponto mais alto, derrubava letras de todas as cores do arco-íris no céu negro aveludado de Metropolis.

As letras formavam a palavra: Yoshiwara.

O que significaria: Yoshiwara?

Sobre a estrutura de ferro da estrada elevada um sujeito de pele amarela estava pendurado, de cabeça para baixo, suspenso pelos joelhos, deixando cair uma cascata de neve de pedaços de papéis sobre a fila dupla de automóveis.

As páginas flutuavam e caiam. O olhar de Georgi fixou-se em um deles. Sobre ele estava, em letras grandes distorcidas: Yoshiwara.

O carro parou em um cruzamento. Sujeitos de pele amarela, em jaquetas de seda multicolorida, aguardavam flexíveis como enguias, atrás das cordas de espera para carros. Um deles virou-se para o estribo do automóvel negro em que Georgi estava. Por um segundo um sorriso odioso encarou a jovem, branca e indefesa face.

Um feixe de notas escritas à mão foi arremessado pela janela, caindo sobre o joelho de Georgi e diante de seus pés. Ele inclinou-se e mecanicamente pegou aquilo que seus dedos buscaram tateando.

Nessas folhas, que tinham um penetrante e sedutor perfume agridoce, estava em grandes letras modernas, a palavra: Yoshiwara...

A garganta de Georgi estava seca como pó. Ele umedeceu seus lábios rachados com sua língua, que estava pesada e ressequida em sua boca.

Uma voz disse para ele: “Você vai encontrar dinheiro mais que suficiente em meus bolsos...”

Dinheiro suficiente... Para quê? Para agarrar e arrastar perto desta

cidade – desta poderosa, celestial, infernal cidade; para abraça-la com os dois braços, as duas pernas, na impotência de dominá-la; ao desespero, para lançar-se nela – Me leve! – Para sentir a tigela em lábios a engolir, engolir – não respirando, a borda da tigela entre os dentes – eterna, insaciabilidade eterna, competindo com o estouro eterno, eterno derramamento da tigela de intoxicação...

Ah – Metropolis!... Metropolis!...

"Dinheiro mais que suficiente..."

Um som estranho veio da garganta de Georgi, e havia algo nele como o gorgolejar de um homem que sabia que estava sonhando e desejasse acordar, e algo como o som gutural de uma fera caçando farejando sangue. Sua mão não largava o maço de papéis pela segunda vez. Ele os amassava com dedos que queimavam convulsivamente.

Ele virou sua cabeça de um lado para outro, como se procurasse um caminho para fora, que, não obstante, ele temia encontrar...

Outro carro deslizou silenciosamente ao lado do dele, uma grande sombra negra brilhando, assento de uma mulher, colocado em quatro rodas, decorado com flores, iluminado por lâmpadas suaves. Georgi viu a mulher muito claramente, e a mulher olhou para ele. Ela encolhia-se mais do que se sentava entre as almofadas do carro, estando enrolada completamente em manto reluzente, da qual um ombro estava projetado com a brancura opaca de uma pena de cisne.

Ela estava desconcertantemente composta como se não desejasse ser humana, ser uma mulher, mas um animal peculiar, disposta talvez para brincar, talvez para matar.

Calmamente mantendo o olhar do homem, ela gentilmente deslizou sua mão direita, brilhando com pedras, e o braço esguio, que estava descoberto e branco opaco, assim como o ombro, do embrulho do seu manto, e começou a abanar-se de forma vagarosa com um maço de papéis em que a palavra Yoshiwara estava escrita...

"Não!" disse o homem. Ele arquejou, limpando a transpiração de sua fronte. Frieza brotava a partir do material fino e estranho que utilizou para secar a transpiração de usa testa.

Olhos o encararam. Olhos que estavam desvanecendo. O sorriso de total compreensão de uma boca pintada.

Com um som arquejante Georgi abriu a porta do taxi para saltar para a rua. No entanto, o movimento do carro o atirou de volta para o

estofamento. Ele cerrou seus punhos, pressionando-os contra os olhos. Uma visão disparou em sua cabeça, bastante enevoada e sem contornos definidos, uma pequena e forte máquina, não maior que uma criança de cinco anos. Seus braços curtos empurravam, empurravam e empurravam, alternadamente para frente, para trás, para frente... A cabeça, afundada no peito, ergueu, sorrindo ironicamente...

"Não!" guinchou o homem, batendo as mãos e rindo. Ele foi libertado da máquina. Eles trocaram de vidas.

Trocaram – com quem?

Com um homem que disse: "Você vai encontrar dinheiro mais que suficiente em meus bolsos..."

O homem inclinou a cabeça para trás e encarou o teto sobre ele.

No teto estava queimando a palavra:

Yoshiwara...

A palavra Yoshiwara tornou-se foguetes de luz que caíam a sua volta, paralisando os seus membros. Ele ficou sentado sem movimento, coberto por suor frio. Ele apertou os dedos no couro das almofadas. Suas costas estavam rígidas, como se sua espinha fosse feita de ferro frio. Suas mandíbulas rangiam.

"Não!" disse Georgi, abaixando os punhos violentamente. Mas perante seus olhos, que encaravam arregalados para o vazio, a palavra queimava: "Yoshiwara..."

Música estava no ar, lançada no ar noturno das ruas por enormes alto falantes.

A música era devassa, com um ritmo aquecido, uma gritaria alegre...

"Não!" arfou o homem. Sangue escorria em gotas de seus lábios mordidos.

Mas uma centena de foguetes multicoloridos escreveu no céu negro aveludado de Metropolis a palavra:

"Yoshiwara..."

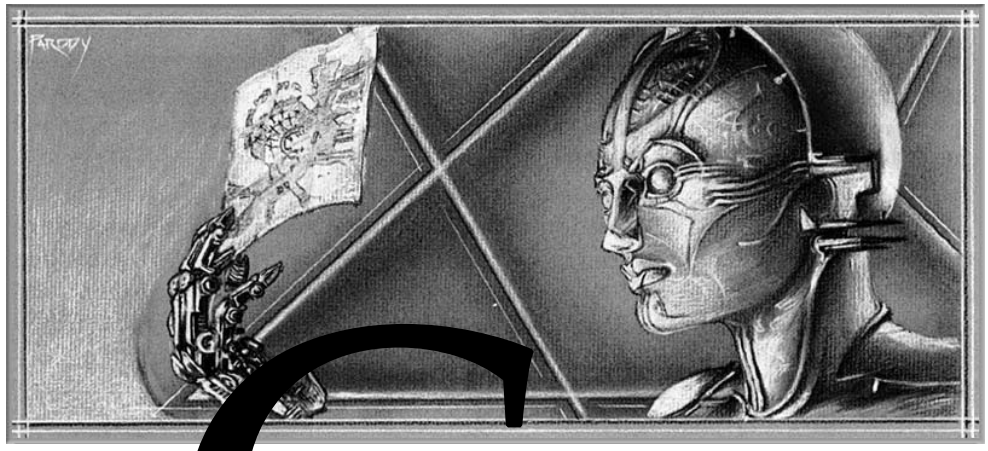
Georgi abriu a janela. A gloriosa cidade de Metropolis, dançando na embriaguez da luz, atirou-se impetuosamente em direção à ele, como se ele fosse o mais querido, o mais aguardado. Ele inclinou-se para fora da janela,

chorando:

"Yoshiwara"

Ele caiu de volta nas almofadas. O carro virou em uma curva suave, para outra direção.

Um foguete subiu e escreveu no céu acima de Metropolis: Yoshiwara.



Capítulo IV

HAVIA UMA CASA na grande Metropolis que era mais antiga que a cidade. Muitos diziam que era até mesmo mais antiga que a catedral, e, antes do Arcanjo Miguel erguer sua voz como defensor no conflito por Deus, a causa estava lá com sua melancolia, desafiando a catedral com seus olhos opacos.

Ela tinha através do tempo, da fumaça e da fuligem. Todos os anos que passaram sobre a cidade pareciam rastejar ao morrer, para dentro dessa casa, sendo ela por fim, um cemitério – um caixão, preenchido com muitos anos mortos.

Estava colocado sobre a madeira negra da porta, em cobre-avermelhado, o misterioso selo de Salomão, o pentagrama.{2}

Dizia-se que um mago, que veio do leste (e pela sua trilha vagou a praga) construiu a casa em sete noites. Mas os pedreiros e carpinteiros da cidade não sabiam quem tinha assentado os tijolos ou erguido o teto. Nenhum discurso de mestre de obras e nenhum ramalhete de fitas tinha consagrado a construção, como era o costume. As crônicas da cidade não tinham registro de quando o mago morreu, ou como ele tinha morrido. Um dia ocorreu aos cidadãos como era estranho que os sapatos vermelhos do mago estivessem há tanto tempo afastados do chão da cidade. A entrada da casa foi forçada, e nenhuma alma viva foi encontrada dentro. Mas as salas, que não receberam, seja de dia ou de noite, um raio das luzes do céu, pareciam estar aguardando por seu mestre, em um sono profundo. Pergaminhos e fólios estavam abertos, sobre uma cobertura de pó, como veludo cinza prateado. Em todas as portas, em cobre-avermelhado, estava o

misterioso selo de Salomão, o pentagrama.{3}

Então chegou o tempo em que as antiguidades foram descartadas. Então as palavras foram ditas: A casa precisa morrer. Mas a casa era mais forte que as palavras, assim como era mais forte que os séculos. Pedras caíram subitamente e mataram aqueles que colocaram as mãos sobre suas paredes. O chão abriu-se sobre os seus pés, arrastando-os para baixo em um poço, de que nenhum homem tinha prévio conhecimento. Era como se a praga, que anteriormente tinha vagado na esteira dos sapatos vermelhos do mago, ainda estivesse agachada nos cantos da casa estreita, saltando sobre os homens por trás, para pegá-los pelo pescoço. Eles morreram, e nenhum médico descobriu a doença que os matou. A casa resistiu à sua destruição com uma força tão grande que relatos sobre a sua malignidade saíram das fronteiras da cidade, espalhando-se por todo o mundo, até que, enfim, não havia mais nenhum homem honesto que pudesse ser encontrado para aventurar-se a fazer guerra contra ela. Sim, até mesmo aos ladrões e bandidos, a quem foi oferecida a remissão da sua sentença, desde que se declarassem prontos a demolir a casa do mago, preferiram ir para o pelourinho, ou até mesmo para o cadafalso, no lugar de adentrar entre essas paredes maldosas, entre essas portas sem trancas, mas que eram seladas com o selo de Salomão.

A pequena cidade em volta da catedral tornou-se uma grande cidade e cresceu em uma grande Metropolis, e tornou-se o centro do mundo.

Um dia veio à cidade um homem de muito longe, que viu a casa e disse: “Eu quero tê-la.”

Ele foi iniciado à história da casa. Ele não sorriu. Ele permaneceu decidido. Ele comprou a casa à um preço muito baixo, mudou-se para ela de imediato e a deixou inalterada.

Esse homem era chamado Rotwang. Poucos o conheciam. Somente Joh Fredersen o conhecia bem. Teria sido mais fácil para ele ter decidido iniciar a discussão sobre a catedral com a seita dos Góticos do que iniciar a discussão com Rotwang sobre a casa do mago.

Havia em Metropolis, nessa cidade racional, de pressa metódica, muitos que preferiram desviar para longe de seu caminho do que passar pela casa de Rotwang. Ela dificilmente chegava à altura dos joelhos das casas de gigantes que estavam próximas dela. Ela estava em um ângulo da rua. Para a cidade limpa, que não conhecia fumaça ou fuligem, ela era uma mancha e um aborrecimento. Mas ela permanecia. Quando Rotwang deixava a casa e atravessava a rua, o que raramente acontecia, muitos secretamente olhavam para os seus pés, para ver se, talvez, ele caminhava com sapatos vermelhos.

Perante a porta dessa casa, na qual o selo de Salomão brilhava, estava Joh Fredersen.

Ele tinha enviado o carro para longe e bateu na porta.

Ele esperou, e então bateu novamente.

Uma voz perguntou, como se a casa estivesse falando em seu sono:

"Quem está aí?"

"Joh Fredersen." disse o homem.

A porta se abriu.

Ele entrou. A porta fechou-se. Ele ficou parado na escuridão. Mas Joh Fredersen conhecia bem a casa. Ele seguiu em frente, e enquanto ele caminhava faixas brilhantes indicando o caminho brilhavam diante dele, ao longo da passagem, e na borda uma escada começou a brilhar. Como um cão mostrando uma trilha, o brilho corria na frente dele, subindo os degraus, e desaparecendo atrás dele.

Ele alcançou o topo das escadas e olhou em volta. Ele sabia que muitas portas se abririam aqui. Mas em uma porta oposta o selo de cobre brilhou como um olho distorcido, que olhava para ele.

Ele caminhou para ela. A porta abriu-se perante ele.

Muitas portas a casa de Rotwang possuía, mas esta era a única que se abria para Joh Fredersen, embora, e até mesmo, talvez, porque o proprietário da casa soubesse muito bem que nunca seria necessário nenhum esforço para Joh Fredersen atravessar o seu limite.

Ele inspirou no ar da sala, demoradamente, e profundamente, como se buscasse o traço de outra respiração...

Sua mão indiferente atirou seu chapéu em uma cadeira. Lentamente, com um súbito e pesaroso cansaço, ele deixou seus olhos vagarem através da sala.

Ela estava quase vazia. Uma grande cadeira enegrecida pelo tempo, como as que são encontradas em igrejas antigas, estava perante cortinas cerradas. Essas cortinas cobriam um recesso com a largura da parede.

Joh Fredersen permaneceu parado perto da porta por um longo tempo, sem se mover. Ele tinha fechado os olhos. Com incomparável impotência ele respirou o odor de jacintos, que enchia o ar sem movimento

dessa sala.

Sem abrir os olhos, balançando um pouco, mas visando o alvo com certeza, ele caminhou para as cortinas negras e as abriu.

Então ele abriu seus olhos e ficou imóvel...

Em um pedestal, com a largura da parede, descansava a cabeça de uma mulher em pedra...

Não era o trabalho de um artista, era o trabalho de um homem que, com uma agonia para a qual a língua humana não tem palavras, tinha lutado com a pedra branca por imensuráveis dias e noites, até que finalmente parecesse com a cabeça de uma mulher. Era como se nenhuma ferramenta tivesse trabalhado aqui – não, era como se um homem, caído perante essa pedra, tivesse chamado o nome da mulher, incessantemente, com toda a sua força, com todo o seu desejo, com todo o desespero, de seu cérebro, sangue e coração, até que a pedra disforme teve piedade dele deixando-se transformar na imagem de uma mulher, que tinha a intenção de entregar ao homem todo o céu e todo o inferno.

O olhar de Joh Fredersen fixou-se sobre as palavras que estavam talhadas no pedestal, grosseiramente, como se tivessem sido cinzeladas com maldições.

HEL

Nascida para ser minha felicidade, uma benção para a humanidade,

Perdida para Joh Fredersen

Morta ao dar a luz a seu filho, Freder.

Sim, ela tinha morrido. Mas Joh Fredersen sabia muito bem que não tinha morrido dando a luz a seu filho. Ela morreu porque ela tinha feito o que ela teve que fazer. Ela realmente morreu no dia em que passou de Rotwang para Joh Fredersen, imaginando que seus pés não deixaram uma trilha sangrenta marcando o caminho. Ela morreu porque foi incapaz de suportar o grande amor de Joh Fredersen e porque ela tinha sido forçada por ele a separar-se da vida de outro.

Nunca a expressão de libertação foi mais forte em um rosto humano do que foi no rosto de Hel quando ela soube que iria morrer.

Mas na mesma hora, o homem mais poderoso de Metropolis jazera no chão, gritando como uma besta selvagem, com se os ossos estivessem sendo quebrados em seu corpo vivo.

E, em seu encontro com Rotwang, quatro semanas mais tarde, ele descobriu que a densa e desordenada cabeleira sobre a testa maravilhosa do inventor estava branca como a neve, e em seus olhos sobre sua testa o ódio ardia muito estreitamente relacionado com a loucura.

Em seu grande amor, em seu grande ódio, a pobre, morta Hel tinha permanecido viva para ambos os homens...

"Você tem que esperar um pouco", disse a voz que soava como se a casa estivesse falando em seu sono.

"Escute Rotwang", disse Joh Fredersen. "Você sabe que eu trato os seus pequenos truques de malabarismo com paciência, e que eu venho até você quando eu não quero nada de você, e que você é o único homem que pode dizer isso de si mesmo. Mas você nunca vai me fazer participar quando você banca o tolo. Você sabe, também, que eu não tenho tempo a perder. Não nos ridicularize, vamos lá!"

"Eu disse que você teria que esperar mais um pouco", explicou a voz, parecendo crescer mais distante.

"Eu não vou esperar. Eu devo ir."

"Então o faça, Fredersen!"

Ele queria fazê-lo. Mas a porta através da qual ele entrou não tinha chave, nem maçaneta. O selo de Salomão, brilhando cobre-avermelhado, brilhava para ele.

Uma suave, distante voz gargalhou.

Joh Fredersen ficou parado, com as costas para a sala. Um calafrio correu por sua espinha, por seus braços pendurados até seus punhos.

"Você deveria ter a cabeça esmagada", disse Joh Fredersen, muito suavemente... "Você deveria ter a cabeça esmagada... isso se ela não contivesse um cérebro tão valioso..."

"Você não pode fazer nada mais para mim do que já tenha feito", disse a voz distante.

Joh Fredersen estava silencioso.

"O que você acha", continuou a voz, "que é mais doloroso: esmagar a cabeça, ou arrancar o coração de um corpor?"

Joh Fredersen estava silencioso.

"Sua perspicácia congelou, por isso não responde, Joh Fredersen?"

"Um cérebro como o seu deveria ser capaz de esquecer", disse o homem para em frente à porta, encarando o selo de Salomão.

A voz suave e distante gargalhou.

"Esquecer? Eu me esqueci de algo duas vezes na minha vida... Uma vez que o óleo negro e o mercúrio tem uma idiossincrasia que diz respeito um ao outro; que custou o meu braço. Na outra vez que Hel era uma mulher e você um homem; isso custou o meu coração. Uma terceira vez, eu temo, irá custar a minha cabeça. Eu nunca mais vou me esquecer de nada, Joh Fredersen."

Joh Fredersen estava silencioso.

A voz distante ficou em silêncio, também.

Joh Fredersen virou-se e caminhou até a mesa. Ele empilhou livros e pergaminhos em cima um dos outros, sentou-se e pegou um pedaço de papel de seu bolso. Ele o colocou diante dele e o observou.

Não era maior que a mão de um homem, não tinha nenhuma impressão ou escrita, estando coberto de cima a baixo com símbolos estranhos e aparentemente o traçado de um desenho esquemático meio destruído. Ele parecia indicar, mesmo que parecessem falsos caminhos, que levasse a um local cheio de cruzes.

Subitamente ele sentiu, de suas costas uma certa frieza aproximando-se dele. Involuntariamente ele prendeu a respiração.

Uma mão estendeu-se sobre sua cabeça, uma mão de esqueleto graciosa. Pele transparente foi esticada sobre articulações finas, que brilhavam sobre ela como prata opaca. Dedos, brancos como neve e sem carne, fecharam-se sobre o esquema que estava sobre a mesa, e, erguendo-o levou-o com ela.

Joh Fredersen virou-se. Ele encarou o ser que estava diante dele com olhos que ficaram vítreos.

O ser era, indubitavelmente, uma mulher. No vestuário macio que ela usava, estava um corpo, como o corpo de uma jovem bétula, oscilando sobre

pés fixados próximos um do outro. Mas apesar de ser uma mulher, não era humana. O corpo parecia feito de cristal, através do qual os ossos brilhavam como prata. Frio corria pela pele que não continha uma gota de sangue. O ser mantinha suas belas mãos pressionadas contra o seu peito, que estava imóvel, com um gesto de determinação, quase de desafio.

Mas o ser não tinha rosto. A bela curva do pescoço trazia um pedaço de massa de forma esculpida de forma descuidada. O crânio era careca, nariz, lábios e têmporas meramente traçados. Olhos, como se pintados com pálpebras fechadas, olhavam sem ver, com uma expressão de loucura calma, para o homem que não respirava.

"Seja cortês, minha paródia", disse a voz distante, que soava como se a casa falasse em seu sono. "Saúde Joh Fredersen, o Mestre sobre a grande Metropolis."

O ser fez uma lenta reverência para o homem. O olhos loucos se aproximaram dele como dois dardos flamejantes. A massa começou a falar; ela disse com uma voz cheia de uma horrível ternura:

"Boa noite, Joh Fredersen."

E essas palavras eram mais sedutoras que uma boca meio aberta.

"Bom, minha pérola! Bom, minha joia da coroa!" disse a voz distante, cheia de enaltecimento e orgulho.

Mas ao mesmo tempo o ser perdeu o equilíbrio. Ele caiu, tombando para frente, em direção à Joh Fredersen. Ele esticou os braços para pegá-la, sentindo então, no momento do contato, ser queimado por uma frieza insuportável, com uma brutalidade que trouxe para ele um sentimento de raiva e desgosto.

Ele empurrou o ser para longe dele e em direção à Rotwang, que estava próximo dele como se tivesse caído do céu. Rotwang pegou o ser pelo braço.

Ele sacudiu sua cabeça. "Muito violento" ele disse. "Muito violento. Minha linda paródia, eu temo que seu temperamento a coloque em muitos problemas."

"O que é isso?" perguntou Joh Fredersen, inclinando suas mãos contra a borda da mesa, que ele sentiu atrás de si.

Rotwang virou seu rosto para ele, seus olhos gloriosos brilhavam como fogueiras brilhando quando vento frio as açoita.

“Quem é isso?” ele respondeu. “Futura... Paródia... qualquer coisa que você queira chama-la. Também: desilusão... Abreviando: é uma mulher... Cada homem criador faz para si uma mulher. Eu não acredito naquela farsa sobre o primeiro humano ser um homem. Se um deus homem criou o mundo (o que é esperado, Joh Fredersen) então ele certamente criou a mulher primeiro, amorosamente e divertindo-se com o esporte criativo. Você pode testá-la, Joh Fredersen: ela é impecável. Uma pouco fria – eu admito, devido ao material, que é meu segredo. Mas ela não esta ainda finalizada. Ela não saiu da oficina de seu criador. Eu não posso me convencer a fazê-lo. Você entende isso? A conclusão significaria libertá-la. Eu não quero libertá-la de mim. É por isso que eu ainda não dei para ela um rosto. Você precisa dar a ela isso, Joh Fredersen. Pois você é aquele que encomenda os novos seres.”

“Eu encomendei homens máquina de você, Rotwang, que eu pudesse usar em minhas máquinas. Nenhuma mulher... Nenhum brinquedo.”

“Não é brinquedo, Joh Fredersen, não... você e eu, nós não brincamos mais. De forma alguma... Nós fizemos isso uma vez. Uma vez e nunca mais. Nenhum brinquedo, Joh Fredersen, mas uma ferramenta. Você sabe o que significar ter uma mulher como ferramenta? Uma mulher como essa, sem defeitos e fria? E obediente – implicitamente obediente... Por que você luta com os Góticos e o monge Desertus sobre a catedral? Envie a mulher para eles, Joh Fredersen! Envie a mulher para eles quando estiverem ajoelhados, flagelando a si mesmos. Deixe essa mulher sem defeitos, e fria, caminhar entre as fileiras deles, com seus pés prateados, com perfume do jardim da vida nas dobras da sua vestimenta... Quem no mundo sabe como era o perfume da árvore, da qual o fruto do conhecimento foi arrancado. A mulher é ambos: Perfume da flor e o fruto...”

“Eu devo explicar para você a mais nova criação de Rotwang, o gênio, Joh Fredersen? Isso seria sacrilégio. Mas eu devo isso a você. Para você excitar-se com a ideia de criar comigo, também... Eu devo mostrar para você como minhas criaturas são obedientes? Me de o que você tem nas mãos, Paródia!”

“Pare...” disse Joh Fredersen rudemente. Mas a infalível obediência da criatura que estava à sua frente não hesitou em obedecer. Ela abriu suas mãos nas quais delicados ossos brilhavam prateados, e estendeu ao seu criador o pedaço de papel que pegou da mesa, perante os olhos de Fredersen.

“Isso é trapaça, Rotwang”, disse Joh Fredersen.

O grande inventor olhou para ele. Ele sorriu. Um sorriso silencioso

afastou sua boca até suas orelhas.

"Não é trapaça, Joh Fredersen – é o trabalho de um gênio! Devo pedir para Futura dançar para você? Deve minha linda paródia interpretar a apaixonada? Ou a mal-humorada? Cleópatra de Damayanti? Ela deve ter os gestos das Madonas Góticas? Ou os gestos de amor de uma dançarina asiática? Que cabelo eu devo colocar sobre o crânio dela que seja do seu gosto? Ela deve ser modesta ou impudica? Desculpe-me pelas minhas muitas palavras, você homem de poucas! Eu estou embriagado, como você pode ver, embriagado por ser um criador. Eu me intoxiquei, me embriaguei com a seu rosto espantado! Eu superei suas expectativas, Joh Fredersen, não superei? E você não sabe de tudo ainda: minha linda paródia pode cantar, também! Ela também pode ler! O mecanismo de seu cérebro é tão infalível quanto o seu, Joh Fredersen!"

"Se é assim", disse o Mestre sobre a grande Metropolis, com certa secura em sua voz, que ficou áspera, "então a comande para decifrar o esquema que você tem em sua mão, Rotwang..."

Rotwang explodiu em gargalhadas como se fosse um homem embriagado. Ele deu um olhar para o pedaço de papel que tinha preso em seus dedos, e estava prestes a entrega-lo, antecipando o triunfo, ao ser que estava ao seu lado.

Mas ele parou no meio do movimento. Com a boca aberta, ele encarou o pedaço de papel, erguendo-o mais e mais próximo aos seus olhos.

Joh Fredersen, que estava observando ele, inclinou-se para frente. Ele queria ver algo, fazer uma pergunta. Mas antes que pudesse abrir os seus lábios, Rotwang ergueu a cabeça bruscamente e encontrou o olhar de Joh Fredersen com um fogo tão intenso em seus olhos que o Mestre da grande Metropolis permaneceu mudo.

Duas, três vezes, esse fogo foi do pedaço de papel para a face de Joh Fredersen. E durante o tempo todo nenhum som ouviu-se na sala além da respiração jorrando com esforço do peito de Rotwang como se saísse de uma fonte fervente e envenenada.

"Onde você conseguiu esse esquema?" o grande inventor perguntou finalmente. Apesar de isso ser menos uma dúvida do que a expressão de uma fúria atônita.

"Esse não é ponto", respondeu Joh Fredersen. "É sobre isso que eu vim vê-lo. Não parece existir uma alma em Metropolis que possa saber algo disso."

A risada de Rotwang o interrompeu.

"Seus pobres intelectuais!" gritou o riso. "Que tarefa você passou para eles, Joh Fredersen. Quantas centenas de quilos de papel impresso você os forçou a estudar. Eu estou certo que não existe cidade no globo, da Nova Torre de Babel em diante, que eles não tenham farejado de norte a sul. Oh – se pelo menos você pudesse sorrir, Paródia! Se somente você tivesse olhos para piscar para mim. Mas ria, pelo menos, Paródia! Ria agitadamente, com os grandes estudiosos a quem o chão sobre seus pés é estrangeiro!"

O ser obedeceu. Ela riu, agitadamente.

"Então você conhece esse esquema, ou o que ele representa?" perguntou Joh Fredersen, através das risadas.

"Sim, pela minha pobre alma, eu o conheço", respondeu Rotwang. "Mas, por minha pobre alma, eu não vou dizer a você o que é isso até que você me diga onde conseguiu esse esquema."

Joh Fredersen refletiu. Rotwang não tirou o olhar dele. "Não tente mentir para mim, Joh Fredersen", ele disse suavemente, e com uma excêntrica melancolia.

"Alguém encontrou o papel", começou Joh Fredersen.

"Alguém – Quem?"

"Um dos meus feitores."

"Grot?"

"Sim, Grot."

"Onde ele encontrou o esquema?"

"No bolso de um trabalhador que morreu no acidente na máquina Gêiser."

"Grot trouxe para você o papel?"

"Sim."

"E o significado do esquema permanece desconhecido para ele?"

Joh Fredersen hesitou por um momento com a resposta.

"O significado – sim; mas não o esquema em si. Ele me disse que tinha visto esse papel nas mãos do trabalhador, e que ele o mantinha ansiosamente em segredo, e que outros homens aglomeravam-se em torno

dele quando ele o segurava."

"Então o significado do esquema permanece desconhecido para o seu feitor."

"Assim parece, pois ele não conseguiu explica-lo para mim."

"Hmm."

Rotwang virou-se para o ser que estava próximo dele, com a aparência de estar escutando intensamente.

"O que você diz disso, minha linda Paródia?"

O ser permaneceu sem movimento.

"Bem?" disse Joh Fredersen com uma expressão de impaciência.

Rotwang olhou para ele, virando sua cabeça bruscamente. Os olhos gloriosos brilhavam sobre suas pálpebras, como se desejando não ter nada em comum com os dentes brancos fortes e as mandíbulas de fera caçadora. Mas abaixo das pálpebras quase fechadas eles olhavam fixamente para Joh Fredersen, como procurassem em seu rosto a porta para o seu grande cérebro.

"Como alguém pode conseguir um compromisso seu, Joh Fredersen", ele murmurou, "qual é a palavra para você – ou juramento... Oh Deus... você com suas próprias leis. Quais promessas você manteria se quebrá-las parece tão conveniente para você?"

"Não diga bobagens, Rotwang", disse Joh Fredersen. "Eu devo segurar minha língua porque ainda preciso de você. Eu sei muito bem que pessoas de quem precisamos são os nossos tiranos solitários. Então, se você sabe, fale."

Rotwang ainda hesitou; mas gradualmente um sorriso tomou posse de suas feições – um soriso de boa natureza e misterioso, que era divertido por si mesmo.

"Você está parado na entrada", ele disse.

"O que isso significa?"

"Levando ao pé da letra, Joh Fredersen! Você está parado na entrada."

"Que entrada, Rotwang? Você está desperdiçando tempo que não

pertence a você."

O sorriso no rosto de Rotwang aprofundou-se com serenidade.

"Você recorda-se, Joh Fredersen, quão obstinadamente eu me recusei, naquela época, a deixar a linha de metro passar sobre minha casa?"

"Certamente que me lembro! Eu ainda sei quanto o desvio me custou, também!"

"O segredo foi caro, eu admito, mas valeu a pena. Apenas dê uma olhada nesse trecho do esquema, Joh Fredersen, o que parece?"

"Talvez um lance de escadas..."

"Muito certamente um lance de escadas. É uma execução muito desleixada tanto no desenho como na realidade..."

"Então você a conhece?"

"Eu tenho a honra, Joh Fredersen – sim. Agora dê dois passos para o lado. O que é isso?"

Ele levou Joh Fredersen pelo braço. Ele sentiu os dedos da mão artificial pressionarem seus músculos como garras de uma ave de rapina. Com a mão direita Rotwang indicou o ponto sobre o qual Joh Fredersen estava parado.

"O que é isso?" ele perguntou, sacudindo a mão que o agarrava.

Joh Fredersen inclinou-se para baixo. Ele endireitou-se novamente.

"Uma porta?"

"Certo, Joh Fredersen! Uma porta! Uma porta encaixada perfeitamente e bem fechada. O homem que construiu essa casa era uma pessoa cuidadosa e organizada. Apenas uma vez ele omitiu-se de ser cuidadoso, e teve que pagar por isso. Ele desceu as escadas que estão sob a porta, seguiu os degraus e passagens que se conectam a ela sem cuidado, e nunca mais encontrou o caminho de volta. Não é fácil encontrar o caminho, pois aqueles que passaram por ali não se preocuparam em ter estranhos entrando em seus domínios... Eu encontrei meu curioso predecessor, Joh Fredersen, e reconheci-o imediatamente – pelos sapatos vermelhos pontudos, ficaram maravilhosamente preservados. Como um corpo ele parecia pacífico, como um cristão, coisas que certamente ele não foi em vida. Os companheiros de suas últimas horas provavelmente contribuíram consideravelmente para a conversão do outrora discípulo do diabo..."

Ele bateu com seu dedo direito sobre um labirinto de cruzes no centro do esquema.

"Ele estava aqui. Nesse ponto. Seu crânio devia ter suportado um cérebro que era digno do seu, Joh Fredersen, e ele teve que perecer porque ficou perdido... Que pena para ele..."

"Onde ele ficou perdido?" perguntou Joh Fredersen.

Rotwang olhou por um longo tempo para ele antes de falar.

"Na cidade dos túmulos, sobre a qual Metropolis está", ele respondeu finalmente. "Fundo abaixo dos buracos de toupeira das suas linhas de metrô, Joh Fredersen, descansa uma Metropolis de milhares de anos dos mortos de milhares de anos..."

Joh Fredersen ficou em silêncio. Sua sobrancelha esquerda ergueu-se, enquanto seus olhos estreitaram-se. Ele fixou seu olhar sobre Rotwang, que não tirou os olhos dele.

"O que o esquema dessa cidade de túmulos fazia nas mãos e bolsos de um dos meus trabalhadores?"

"Isso ainda deve ser descoberto", respondeu Rotwang.

"Você me ajudará?"

"Sim."

"Hoje à noite?"

"Muito bem."

"Eu voltarei depois da mudança de turno."

"Faça isso, Joh Fredersen. E se você aceitar um bom conselho..."

"Bem?"

"Venha em um uniforme dos seus trabalhadores, quando voltar!"

Joh Fredersen ergueu sua cabeça, mas o grande inventor não o deixou falar. Ele ergueu sua mão se repreendendo alguém para fazer silêncio.

"O crânio do homem de sapatos vermelhos também tinha um cérebro poderoso, Joh Fredersen, mas mesmo assim ele não pode encontrar seu

caminho de volta a partir daqueles que habitavam lá embaixo..."

Joh Fredersen refletiu. Ele acenou afirmativamente e virou-se para partir.

"Seja cortês, minha bela Paródia", disse Rotwang. "Abra as portas para o Mestre sobre a grande Metropolis."

O ser deslizou por Joh Fredersen. Ele sentiu a fria respiração que vinha dela. Ele viu a risada silenciosa entre os lábios meio abertos de Rotwang, o grande inventor. Ele ficou pálido com a raiva, mas permaneceu em silêncio.

O ser esticou a mão transparente com ossos brilhando prateados, e, tocando com as pontas de seus dedos, moveu o selo de Salomão, que brilhou cor de cobre.

A porta rendeu-se para trás. Joh Fredersen saiu atrás do ser, que desceu os degraus na sua frente.

Não havia luz nas escadas, ou na passagem estreita. Mas um brilho vinha do ser, não maior que o brilho de uma vela, mas ainda assim forte o bastante para iluminar a escada e as paredes negras.

Na porta da casa o ser parou e aguardou por Joh Fredersen, que estava caminhando lentamente atrás dela. A porta da casa abriu-se, mas não o suficiente para que ele passasse pela abertura.

Os olhos o encararam da cabeça tosca do ser, olhos como se pintados com pálpebras fechadas, com a expressão loucamente calma.

"Seja cortês, minha linda Paródia", disse uma voz suave e distante, que soava como se a casa falasse em seu sono.

O ser fez uma reverência. Ela esticou uma mão – uma mão esquelética graciosa. Pele transparente esticou sobre juntas finas, que brilhavam sobre ela como prata opaca. Dedos, brancos como a neve e sem carne, abriram como pétalas de uma margarida de cristal.

Joh Fredersen esticou sua mão e, sentiu ela, no momento do contato, queimando com uma frieza insuportável. Ele desejou empurrar o ser para longe dele, mas os dedos de cristal o seguraram rapidamente.

"Até logo, Joh Fredersen", disse a cabeça tosca, com uma voz cheia de horrível ternura. "Dê-me um rosto logo, Joh Fredersen!"

Uma suave e distante voz riu, como se a casa estivesse rindo em seu

sono.

A mão o soltou, a porta abriu, Joh Fredersen titubeou até a rua.

A porta fechou atrás dele. Na sombria madeira da porta brilhava, cobre-avermelhado, o selo de Salomão, o pentagrama.

Quando Joh Fredersen estava prestes a entrar no crânio da Nova Torre de babel, Slim ficou na frente dele, parecendo mais magro do que nunca.

"O que é?" perguntou Joh Fredersen.

Slim pretendia falar, mas com a visão de seu mestre as palavras morreram em seus lábios.

"Bem?" disse Joh Fredersen, entre os dentes.

Slim respirou profundamente.

"Eu devo informa-lo, Sr. Fredersen", ele disse, "que, desde que seu filho deixou essa sala ele está desaparecido!"

"Como assim?... Desaparecido!"

"Ele não foi para casa, e nenhum dos nossos homens o viu..."

Joh Fredersen torceu sua boca.

"Procurem por ele!" ele disse roucamente. "Para que vocês servem? Procurem por ele!".

Ele entrou no crânio da Nova Torre de Babel. Seu primeiro olhar caiu sobre o relógio. Ele caminhou para a mesa e esticou sua mão para a pequena placa de metal azul.



Capítulo V

O HOMEM PERANTE A MÁQUINA que era como Ganesha, o deus com cabeça de elefante, não era mais um ser humano. Era meramente um pedaço gotejante de exaustão, com os poros através dos quais escorriam seus últimos poderes de vontade em grandes gotas de suor. Olhos de serviço não mais olhavam para o manômetro. A mão não mais segurava a alavanca – ela a agarrava com a última força que a homem mutilado tinha guardado – antes que caísse nos braços esmagadores da máquina.

O Pater Noster que funciona na Nova Torre de Babel virava seus baldes coletores com suavidade. O olho da pequena máquina sorria suavemente e maliciosamente para o homem que estava perante ela e que agora não era nada mais que uma babel.

"Pai!" balbuciou o filho de Joh Fredersen, "hoje, pela primeira vez, desde que Metropolis existe você esqueceu-se de deixar sua cidade e suas grandes máquinas rugirem pontualmente por alimento fresco... Teria Metropolis ficado muda, pai? Olhe para nós! Olhe para suas máquinas! Suas máquinas deuses estão enjoadas da ruminação em suas bocas – da comida dilacerada que nós somos... Por que você estrangulou sua voz até a morte? Às dez horas nunca, nunca terminarão? Pais Nosso, que estais no céu!"

Mas, nesse momento os dedos de Joh Fredersen pressionaram a pequena placa de metal azul que era a voz da grande Metropolis.

"Obrigado, pai!" disse a alma dilacerada perante a máquina, que era como Ganesha. Ele sorriu. Ele sentiu o gosto salgado em seus lábios e não sabia se era sangue, suor ou lágrimas. A partir de uma névoa vermelha de

um fogo distante com nuvens arrastadas, homens frescos vacilavam em sua direção. Suas mãos escorregaram da alavanca e ele colapsou. Braços o puxaram e o tiraram dali. Ele virou sua cabeça para o lado para esconder seu rosto.

O olho da pequena máquina, o suave, malicioso olho, piscou para ele por trás.

"Adeus, amigo", disse a pequena máquina.

A cabeça de Freder caiu sobre o peito. Ele sentiu-se sendo arrastado, ouvindo paços à frente abafados e regulares, sentiu-se vagando, como se tivesse doze membros. O chão sobre seus pés começou a rolar; ele seguiu para cima, puxando-o com ele.

Portas estavam abertas, portas duplas. Em direção à ele veio uma correnteza de homens.

A grande Metropolis ainda estava rugindo.

Subitamente ela emudeceu, e em silêncio Freder tomou ciência da respiração de um homem próxima à sua orelha, e a voz – meramente um sussurro – perguntou:

"Ela foi chamada... Você vem?"

Ele não sabia o que a pergunta significava, mas ele acenou afirmativamente. Ele queria conhecer os costumes daqueles que caminhavam, como ele, em linho azul, touca negra, com sapatos duros.

Com as pálpebras fechadas fortemente ele seguiu vacilando, ombro a ombro com um homem desconhecido.

Ela foi chamada, ele pensou meio sonolentamente. Quem era essa... Ela...?

Ele caminhou e caminhou com uma fraqueza latente. O caminhou parecia nunca, nunca chegar ao fim. Ele não sabia para onde estava caminhando. Ele ouviu o ruído de passos pesados daqueles que estavam caminhando com ele, como o som de uma queda d"água perpétua.

Ela foi chamada! Ele pensou. Quem era essa: ela, que voz era tão poderosa que esses homens, exaustos até quase a morte com absoluto cansaço, voluntariamente desprezavam o sono que era a coisa mais doce de todas para os exaustos – para seguir seu chamado?

Não podia ser muito mais para o centro da terra...

Ainda mais fundo – ainda mais fundo?

Não existia mais qualquer luz em volta, somente, aqui e ali, tochas vacilantes em mãos de homens.

Finalmente, na distância, um brilho opaco.

Teria ele vagado tão distante que teria caminhado até o sol, pensou Freder, e estaria o sol habitando as entranhas da terra?

A procissão chegou ao fim. Freder parou também. Ele cambaleou contra as secas e frias pedras.

Onde nós estamos, ele pensou – Em uma caverna? Se o sol habita aqui, então ela não pode estar em casa agora... Eu temo que nós viemos em vão... Vamos voltar irmão... Vamos dormir...

Ele deslizou pela parede, caindo de joelhos, inclinando a cabeça contra a pedra... como ela era macia.

O murmúrio de vozes humanas estava à sua volta, como folhas sussurrando, movidas pelo vento.

Ele sorriu pacificamente. Era maravilhoso estar cansado...

Então uma voz – uma voz começou a falar...

Oh doce voz, pensou Freder sonhadoramente. Voz suave e amorosa voz, sua voz Virgem-mãe! Eu caí no sono... Sim, eu estou sonhando! Eu estou sonhando com sua voz, amada!

Mas uma leve dor em sua têmpora o fez pensar: Eu estou inclinando minha cabeça na pedra... Eu estou consciente da frieza que vem da pedra... Eu sinto frieza sobre meus joelhos... então eu não estou dormindo! Somente sonhando... supondo que isso não é um sonho...? Supondo que é realidade...?

Com um esforço de vontade, que arrancou um gemido dele, forçou-se a abrir seus olhos e olhar em volta.

Em uma câmara, como a de um sepulcro, cabeças humanas estavam aglomeradas próximas produzindo o efeito de torrões de terra em um campo recentemente arado. Todas as cabeças voltaram-se para um ponto: para a fonte de luz, tão suave como Deus.

Velas queimavam com chamas que lembravam espadas. Magras, lustrosas espadas de luz estavam em um círculo ao redor da cabeça de uma

garota, cuja voz era como o Amém de Deus.

A voz falou, mas Freder não ouvia as palavras. Ele não ouvia nada além de um som, uma melodia abençoada que estava saturada com doçura, como o ar de um jardim florido cheio de aromas. E, de repente, surgiu acima dele uma melodia com um pulsar selvagem de batidas de coração. O ar retumbou com sinos. As paredes tremeram sob ondas de um órgão invisível. O cansaço-exaustão sumiu. Ele sentiu seu corpo da cabeça aos pés tornar-se um único instrumento de cordas de bem-aventurança, todas esticadas até o ponto de explosão, mas ainda sintonizadas no mais puro, mais quente, mais radiante acorde, em que todo seu ser estava suspenso, estremecendo.

Ele ansiava golpear com suas mãos as pedras em que estava ajoelhado. Ele ansiava beijar com ternura irrestrita as pedras em que descansava sua cabeça. Deus-Deus-Deus batia o coração em seu peito, e toda pulsação era um agradecer pelas graças. Ele olhou para a garota, mas ele não a via. Ele viu somente uma luz trêmula; ele ajoelhou perante ela.

Cheia de Graça, formou sua boca. Minha! Minha! Minha amada! Como poderia o mundo ter existido antes de você aqui? Como Deus deve ter sorrido quando a criou! Você está falando? O que você está falando? Meu coração está gritando comigo! Eu não consigo entender suas palavras... Seja paciente comigo, cheia de graça, amada!

Sem estar ciente disso, arrastado por uma corda invisível e inquebrável, ele empurrou-se para frente em seus joelhos, mais e mais próximo do brilho que era o rosto da garota para ele. Até que ele ficou tão próximo que poderia ter tocado a bainha do seu vestido com sua mão esticada.

"Olhe para mim, Virgem!" implorou seus olhos. "Mãe, olhe para mim!"

Mas seus olhos gentis olharam para ele. Seus lábios disseram:

"Meus irmãos..."

E emudeceu como se estivesse alarmada.

Freder ergueu sua cabeça. Nada tinha acontecido – nada de se notar, apenas o ar que passava através da sala subitamente tornou-se audível, como uma respiração, e ele era frio, como se viesse de portas abertas.

Com um débil som de rachar, as espadas de fogo curvaram-se. Então elas ergueram-se novamente.

"Fale, minha amada!" disse o coração de Freder."

Sim, ela agora falou. Isso foi o que ela falou:

"Vocês querem saber como o prédio da Torre de Babel iniciou, e vocês querem saber como terminou? Eu vejo um homem que veio da Aurora do Mundo. Ele é tão lindo quanto o mundo, e tem um coração em chamas. Ele ama caminhar sobre as montanhas e oferecer sua respiração para o vento para falar com as estrelas. Ele é forte e governa todas as criaturas. Seus sonhos de Deus e sentimentos próprios estavam presos fortemente nele. Suas noites eram preenchidas com rostos.

"A hora santificada queima" em seu coração. O firmamento está acima dele e de seus amigos. "Oh amigos! Amigos! Ele chora, apontando para as estrelas. "Grande é o mundo e seu Criador! Grande é o homem! Venha, vamos construir uma torre, cujo topo atinja o céu! E quando estivermos no seu topo, e ouvirmos as estrelas soando acima de nós, então escreveremos nossas crenças em símbolos dourados, no topo da torre! Grande é o mundo e seu criador! E grande é o homem!""

"E eles deram início, um punhado de homens, cheio de confiança, e fizeram tijolos e cavaram a terra. Nunca antes os homens trabalharam mais rapidamente, porque todos tinham apenas um pensamento, um objetivo e um sonho. Quando eles descansavam do trabalho no entardecer cada um sabia o que o outro estava pensando. Eles não precisavam falar para se fazerem entender. Mas após algum tempo eles sabiam: O trabalho era maior que as mãos que trabalhavam. Então eles convocaram novos amigos para o trabalho. Então o trabalho cresceu. Ele cresceu esmagadoramente. Então os construtores enviaram mensageiros para os quatro cantos do mundo e alistaram mãos, mãos trabalhadoras para a obra magnífica."

"As Mãos vieram. As Mãos trabalharam por salários – As Mãos nem mesmo sabiam o que estavam fazendo. Nenhum dos construtores ao sul sabia o que os outros faziam ao norte. O Cérebro que concebeu a construção da Torre de Babel era desconhecido daqueles que a construíam. Cérebros e Mãos estavam afastados e eram estranhos. Cérebro e mãos tornaram-se inimigos. O prazer de um tornou-se o fardo de outro. O hino de louvor de um tornou-se a maldição de outro."

"Babel!" gritou um, significa: Divindade, Coroação, Triunfo Eterno!

"Babel!" gritou o outro, significa: Inferno, Escravidão, Danação Eterna!

"A mesma palavra era uma oração e uma blasfêmia. Falando as mesmas palavras, os homens não compreendiam um ao outro."

"Esses homens não mais compreendiam um ao outro, pois o Cérebro e

as Mãos não mais se compreendiam, entregando a Torre de Babel à destruição, à que nunca mais as palavras daqueles que a conceberam fossem escritas no seu topo em símbolos dourados: Grande é o mundo e seu Criador! E grande é o homem!"

"Que Cérebro e Mãos não mais se entendam levará um dia à destruição da Nova Torre de Babel."

"Cérebros e Mãos precisam de um mediador. O Mediador entre Cérebro e Mãos deve ser o Coração..."

Ela ficou em silêncio. Uma respiração como um suspiro veio dos lábios silenciosos dos ouvintes.

Então um levantou-se, lentamente, descansando seus punhos nos ombros de um homem agachado à sua frente, e perguntou, erguendo seu rosto magro com olhos fanáticos para a garota: "E onde está nosso mediador, Maria?" A garota olhou para ele, e sobre seu doce rosto transpareceu o brilho de uma confiança sem limites.

"Espere por ele", ela disse. "Ele certamente virá." Um murmúrio correu pelas colunas de homens. Freder inclinou sua cabeça até os pés da garota, sua alma inteira disse: "Esse serei eu."

Mas ela não o viu, e ela não o ouviu. "Sejam pacientes, meus irmãos!" ela disse. "O caminho que seu mediador deve tomar é muito longo... Existem muitos entre vocês que choram, "Lute! Destrua!" Não lutem, meus irmãos, porque isso os fará pecar. Acreditem em mim: Virá aquele que vai falar por vocês – que será o mediador entre vocês, as Mãos, e aquele homem cujo Cérebro e Vontade estão sobre vocês todos. Ele dará a vocês algo que é mais precioso que qualquer coisa que qualquer um poderia dar: A liberdade, sem o pecado."

Ela ficou de pé sobre a pedra em que estava sentada. Um movimento correu através das cabeças voltadas para ela. Uma voz ergueu-se. Quem falava não era visto, era como se todos falassem:

"Nós vamos aguardar, Maria. Mas não muito mais!"

A garota estava silenciosa. Com seus olhos tristes ela parecia estar procurando pelo orador entre a multidão.

Um homem que ficou perante ela falou:

"E se nós lutarmos – onde você estará então?"

"Com vocês!" disse a garota, abrindo as mãos com um gesto de

sacrifício. "Alguma vez vocês me viram sem fé?"

"Nunca!" disse o homem. "Você é como ouro para nós. Nós devemos fazer o que você espera de nós."

"Obrigado", disse a garota, fechando os olhos. Com a cabeça baixa ela ficou ali, ouvindo o som dos pés que saíam – pés que caminhavam com sapatos duros."

Somente quando tudo à sua volta ficou silencioso e quando o som do último passo morreu na distância ela suspirou e abriu os olhos.

Então ela viu um homem, vestido de linho azul, touca negra e sapatos duros, ajoelhado a seus pés.

Ela inclinou-se. Ele ergueu a cabeça. Ela olhou para ele.

E então ele a reconheceu.

Atrás deles, em uma câmara que tinha a forma pontuda da orelha do diabo – a mão de um homem segurava o braço de outro homem.

"Silêncio! Fique quieto!" sussurrou a voz, que quase não tinha som, mas ainda assim tinha o efeito de uma gargalhada – como a gargalhada de zombaria rancorosa."

A face da garota de cristal, preenchida com neve. Ela fez um movimento como se fosse voar. Mas seus joelhos não a obedeceram. Juncos em águas turbulentas não tremeriam mais do que seus ombros tremiam.

"Se você veio para nos trair, filho de Joh Fredersen, então você terá poucas bênçãos ao fazer isso", ela disse suavemente, mas numa voz clara.

Ele levantou e permaneceu perante ela.

"É essa toda a fé que você tem em mim?" ele perguntou gravemente.

Ela não disse nada, mas olhou para ele. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

"Você..." disse o homem. "Como devo chamá-la? Eu não sei o seu nome. Eu sempre chamei você apenas de "você" por todos os dias ruins e noites piores, por não saber se encontraria você novamente, eu sempre chamei você somente de "você"... Você me dirá, finalmente, qual é o seu nome?"

"Maria", respondeu a garota.

"Maria... Então esse é o seu nome... você não facilitou para mim encontra-la, Maria."

"E porque você procurou me encontrar? E porque você usa o uniforme de linho azul? Aqueles condenados a usá-lo por todas suas vidas vivem na cidade subterrânea, que é mencionada como uma maravilha do mundo em todos os cinco continentes. Que é uma maravilha arquitetônica – isso é verdade. Ela é luminosa e brilhante como um modelo de perfeição. Nela não falta nada além do Sol – e chuva – e lua à noite – nada além do céu. Essa é a razão pela qual as crianças nascidas aqui têm rostos como o de gnomos... Você quer descer para esta cidade debaixo da terra para valorizar mais sua morada que fica tão acima na grande Metropolis, sob a luz do céu? Você está vestindo esse uniforme hoje para ter alguma diversão?"

"Não, Maria. Eu o vestirei sempre agora."

"Como filho de Joh Fredersen?"

"Ele não tem mais um filho... exceto que você, devolva o seu filho."

Atrás deles, em uma câmara com a forma da orelha pontuda do diabo, a mão de um homem foi colocada sobre a boca de outro homem.

"Está escrito", ele sussurrou com uma risada: "Por isso deverá o homem deixar seu pai e sua mãe e se unir com sua esposa..."

"Você não me compreende?" perguntou Freder. "Porque você olha para mim com olhos tão severos? Você quer que eu seja um mediador entre Joh Fredersen e aqueles que você chama de irmãos... Não pode existir nenhum mediador entre céu e inferno que nunca esteve no céu e no inferno... Eu nunca soube que estive no inferno até ontem. É por isso que eu falhei tão deploravelmente ontem, quando eu falei com meus pais para seus irmãos. Até você ter ficado na minha frente pela primeira vez, Maria, eu vivi a vida de um querido amado filho. Eu não sabia o que significava um desejo não realizado. Eu não conhecia o desejo, pois tudo já era meu... Jovem como eu era, eu desafiava a Morte: Um voo para as estrelas... E então você veio e me mostrou meus irmãos... Daquele dia em diante eu procurei você. Eu desejei tanto você que eu alegremente e sem hesitação teria morrido, se alguém me dissesse que essa seria a forma de chegar até você. Mas como aconteceu, eu tive que viver e procurar outro caminho..."

"Até mim, ou até os seus irmãos...? "

"Até você, Maria... Eu não vou fingir para você ser algo melhor. Eu quis vir até você, Maria, e eu quis você... Eu amo a humanidade, mas não pelo o seu próprio bem, mas pelo seu bem – porque você a ama. Eu não quero ajudar a humanidade pelo seu próprio bem, mas pelo seu bem –

porque você deseja isso. Ontem eu fiz o bem para dois homens; alguém que meu pai tinha demitido. E eu fiz o trabalho do homem, cujo uniforme eu uso agora... Essa foi minha maneira de encontrar meu caminho até você... Deus te abençoe... ”

A voz dele falhou. A garota caminhou até ele. Ela pegou suas mãos nas suas. Ela gentilmente virou suas palas para cima, e as avaliou, olhou para ele com seus olhos de Madonna, e fechou suas mãos carinhosamente em volta das dele, que ela segurava cuidadosamente juntas.

“Maria”, ele disse, sem um som.

Ela soltou as mãos dele – deixou as suas cair e ergueu-as até a sua cabeça. Ela colocou as pontas dos dedos em sua bochecha. Com as pontas dos dedos ela acariciou suas sobrancelhas, suas têmporas, duas, três vezes.

Então ela atirou a cabeça dela em direção ao seu coração e então eles se beijaram...

Ele não mais sentia as pedras sobre seus pés. Uma onda levou-o, ele e a garota que ele tinha agarrado como se fosse morrer com isso – e a onda veio do fundo do oceano, rugindo como se o todo o mar fosse um órgão; e a onda era de fogo e arremessou direto até os céus.

Em seguida afundaram... afundaram... deslizando infinitamente até o ventre do mundo, a origem do começo... Sede e bebida... fome e saciedade... dor e alívio... morte e renascimento...

“Você...” disse o homem aos lábios da garota. “Você é realmente a grande mediadora... Você é tudo de mais sagrado na terra... Você é toda bondade... Você é toda graça... Duvidar de você é duvidar de Deus... Maria – Maria – você me chamou – aqui estou!”

Atrás deles, eu uma câmara com a forma da orelha pontuda do diabo, um homem inclinou-se sobre a orelha de outro homem.

“Você que eu escolhesse o rosto de Futura... Aí está seu modelo...”

“Isso é uma encomenda?”

“Sim.”

“Agora você deve ir Freder”, disse a garota. Os olhos de Madonna olharam para ele.

“Ir – e deixá-la aqui?”

Ela virou-se e balançou a cabeça.

"Nada vai acontecer comigo", disse ela. "Não existe um, entre aqueles que conhecem esse lugar, que eu não possa confiar com confiaria em meu irmão de sangue. Mas o que está entre nós não é assunto de ninguém mais; afligir-me-ia ter que explicar" – (e agora ela estava sorrindo novamente)- "o que não é explicável...; você entende isso?"

"Sim", ele disse. "Perdoe-me.. Eu"

Atrás deles, em uma câmara com a forma da orelha pontuda do diabo, um homem afastou-se da parede.

"Você sabe o que fazer", ele disse numa voz baixa.

"Sim", veio a voz do outro, parado, sonolento, saindo da escuridão. "Mas aguarde um pouco, amigo... Eu preciso perguntar algo..."

"Bem?"

"Esqueceu-se da sua própria crença?"

Por um segundo uma lâmpada brilhou através da câmara, que tinha a forma da orelha pontuda do diabo, atingindo o rosto do homem, que já tinha se virado para ir, na direção em que apontava o seu brilho.

"Pecado e sofrimento são irmãos gêmeos... você estará pecando contra duas pessoas amigo..."

"E o que isso tem a ver com você?"

"Nada... ou – pouco. Freder é filho de Hel..."

"E meu..."

"Sim."

"É ele que não quero perder."

"Melhor pecar uma vez mais?"

"Sim."

"E –"

"Sofrer. Sim."

"Muito bom, amigo," e a voz era uma gargalhada de desprezo inaudível:

"Será feito para você de acordo com sua crença...!"

A garota caminhou através das passagens que eram tão familiares para ela. O brilho do pequeno lampião em suas mãos planou no teto de pedra e sobre as paredes de pedra, aqui, em nichos nos quais os mortos de milhares de anos dormiam.

A garota nunca tinha conhecido medo dos mortos; somente reverência e circunspecção em face da sua situação. Hoje ela não viu o muro ou o morto. Ela caminhou, sorrindo e não sabendo que tinha feito. Ela sentia-se cantando. Com uma expressão de felicidade, que era ainda incrédula e incompleta, ela disse o nome do seu amado para ela mesma.

Bem suavemente: "Freder..." e uma vez mais: "Freder..."

Então ela ergueu a sua cabeça, escutando atentamente, ficando parada...

Veio de volta um sussurro: Um eco? Não...

Quase inaudivelmente uma palavra foi dita:

"Maria..."

Ela virou-se, começando a ficar alegre. Era possível que ele tivesse voltado.

"Freder!" ela chamou. Ele escutou.

Nenhuma resposta.

"Freder!"

Nada.

Mas, subitamente, veio uma corrente de ar que fez o cabelo da sua nuca arrepiar-se, e uma mão de neve correu suas costas.

Veio um suspiro agonizante – um suspiro que poderia nunca chegar a um fim...

A garota ficou parada. O brilho do pequeno lampião que ela segurava em sua mão deixou escapar um brilho tremulante sobre seus pés.

"Freder...?"

Agora a voz dela, também, era apenas um sussurro.

Nenhuma resposta. Mas além dela, nas profundezas da passagem que ela atravessava, uma figura deslizante ficou perceptível: pés em sapatos suaves sobre pedras ásperas...

Isso era... Sim, isso era estranho. Ninguém, fora ela, nunca tinha feito esse caminho. Ninguém poderia estar aqui. E, se alguém estivesse aqui, não seria amigo...

Certamente ninguém que ela quisesse encontrar.

Deveria deixá-lo passar – sim.

Uma segunda passagem abriu-se à sua esquerda. Ela não a conhecia bem. Mas ela não o seguiria. Ela deveria apenas aguardar até que o homem fora – o homem atrás dela – passasse.

Ela apertou-se contra a parede da passagem estranha, ficando parada e aguardando por um longo tempo silenciosa. Ela não respirou. Ela apagou o lampião. Ela ficou na mais absoluta escuridão, parada.

Ela escutou: os pés deslizantes aproximando-se. Eles pisavam na escuridão enquanto ela ficava parada na escuridão. Agora eles estavam aqui. Agora deles devem estar... eles devem estar passando... Mas eles não se foram. Eles ficaram parados. Em frente da abertura da passagem em que ela estava parada, os pés pararam e pareciam aguardar.

Pelo o quê...? Por ela...?

No completo silêncio a garota subitamente ouviu o seu próprio coração... Ela ouviu seu próprio coração, como uma bomba funcionando, batendo mais e mais rapidamente, pulsando mais e mais alto. Essas fortes batidas devem ter sido ouvidas também pelo homem que estava em frente à passagem. E se ele não ficar ali mais... e se ele vier para dentro... ela não podia ouvir ele vindo, o seu coração batia tanto.

Ela tateou, com uma mão atrapalhada, ao longo da parede de pedra. Sem respirar, ela colocou os seus pés, um na frente do outro. Somente para afastar-se da entrada. Para longe do lugar onde o outro estava parado...

Ela estaria enganada? Ou os pés realmente estavam vindo em sua direção? Sapatos suaves esgueirando-se sobre pés ásperos? Agora uma agonizante, respiração pesada, ainda mais pesada e mais próxima... Uma respiração fria em seu pescoço... Então nada mais. Silêncio. E espera. E alguém observando e prestando atenção...

Se fosse uma criatura, seria como uma que o mundo nunca tivesse visto: sem tronco, nada além de braços, pernas e cabeça... mas que cabeça!

Deus – Deus do céu! Estava agachando no chão em frente à ela, joelhos encostando no queixo, os braços úmidos apoiando-se à direita e à esquerda, contra as paredes, próximo de seus quadris, de modo que ela estivesse sem defesa, presa? Será que ela não veria a passagem acender-se por um brilho pálido – e o brilho viria do ser de sua cabeça de água viva?

"Freder!" ela pensou. Ela mordeu o nome apertado na sua mandíbula, mas ouviu o grito que seu coração gritava.

Ela atirou-se para frente e sentiu – ela estava livre – ela ainda estava livre – e correu, tropeçando, e cambaleou de parede à parede, machucando-se, subitamente perdida no espaço, tropeçou e caiu no chão, sentindo... Alguma coisa estava ali... o quê? Não – Não – Não!

A lâmpada há muito tinha caído de sua mão. Ela ergueu-se de joelhos e colocou as mãos em seus ouvidos, como para não ouvir os pés, os pés sorrateiros se aproximando. Ela sabia que estava aprisionada na escuridão, mas ainda assim abriu os olhos porque ela não podia mais suportar os círculos de fogo, as rodas de chamas atrás de suas pálpebras fechadas.

E viu sua própria sombra arremessada, gigantesca, na parede à sua frente, e atrás ela era leve, e perante ela estava um homem...

Um homem? Isso não era um homem... Isso o resto de um homem, com suas costas meio inclinadas sobre a parede, meio escorregado para baixo, e em seu pé esquelético, que quase tocava os joelhos da garota, estavam os sapatos sorrateiros, pontudos em púrpura-avermelhado...

Com um grito que irrompeu de sua garganta, a garota atirou-se para cima, para trás – e então parou sem olhar em volta, perseguida pela luz que atacava sua própria sombra em saltos perante seus pés – perseguida por longos, suaves, pés leves como pena – por pés que caminhavam em sapatos vermelhos, com a respiração gelada que soprava à suas costas.

Ela correu, gritou e arremessou-se à frente.

"Freder...! Freder...!"

Sua garganta tremeu, ela caiu.

Havia algumas escadas... escadas desintegrando... Ela pressionou suas mãos sangrando, à direita e esquerda, contra a parede de pedra, seguindo os degraus de pedra. Ela arrastou-se para cima. Ela cambaleou, passo a passo... Até o topo.

As escadas terminaram em uma porta alçapão.

A garota gemeu: “Freder...!”

Ela esticou ambos os punhos sobre ela. Ela empurrou a cabeça e ombros contra a porta alçapão.

E mais um gemido: “Freder...”

A porta subiu e caiu para trás com um estrondo.

Abaixo – muito abaixo – uma gargalhada...

A garota ergueu-se sobre a borda da porta alçapão. Ela correu de lá para cá, com as mãos esticadas. Ela correu ao longo de paredes, não encontrando portas. Ela viu o brilho que vinha das profundezas. Com essa luz ela viu uma porta, que não tinha maçaneta. Ela não tinha dobradiças, lingueta ou fechadura.

Na madeira sombria brilhava, em cobre-avermelhado, o selo de Salomão, o pentagrama.

A garota virou-se para trás.

Ela viu um homem sentado à beira do alçapão, e viu seu sorriso.

Então era como se ela estivesse liquidada, e ela mergulhou no nada...



Capítulo VI

O PROPRIETÁRIO DO YOSHIWARA costumava ganhar dinheiro de várias maneiras. Uma delas, e positivamente a mais inofensiva, era fazer as apostas de que nenhum homem – por mais amplamente viajado – fosse capaz de adivinhar que estranha mistura de raças ele tinha em sua face. Até agora ele tinha ganhado todas essas apostas, e estava acostumado a varrer o dinheiro que trouxeram com as mãos, com uma beleza cruel que não teria envergonhado um ancestral dos Borgias espanhóis, com unhas que, no entanto, mostravam um brilho azul inobliterável, e por outro lado, a delicadeza de seu sorriso em tais ocasiões rentáveis originava-se inequivocamente desse mundo insular gracioso, que, a partir da fronteira oriental da Ásia, sorria suavemente e vigilantemente para a toda a poderosa América.

Havia propriedades proeminentes combinadas dentro dele que o fazia parecer um representante da Grã-Bretanha e Irlanda, pois ele era ruivo, de boa natureza e bom bebedor como se o seu nome fosse McFosh, avarento e supersticioso como um escocês e – em certas circunstâncias, o que se mostrou uma necessidade, altamente desconectado da realidade, o que é em essência uma das pedras fundamentais do Império Britânico. Ele falava praticidade todas as línguas vivas como se sua mãe lhe tivesse ensinado a orar e seu pai a praguejar nelas. Sua ganância parecia saudar o Oriente Médio, e o seu contentamento vir da China. E, acima de tudo isso, dois tranquilos olhos atentos observavam com paciência e perseverança alemã.

Quanto ao resto ele era chamado, por razões desconhecidas, Setembro.

Os visitantes de Yoshiwara conheciam Setembro em uma variedade de formas – de estúpido sonolento, caipira resignado a dançarino extático ucraniano.

Mas, sobressaia sobre essas suas características uma expressão de perplexidade absoluta que mostrou para Slim, quando, na manhã depois deste ter perdido seu jovem mestre de vista, ele foi cambaleando até o gongo enorme que solicitava a entrada em Yoshiwara.

Era muito incomum que a porta geralmente muito acolhedora de Yoshiwara não se abrisse antes do quarto toque no gongo; e que ela se abrisse com Setembro em pessoa com uma expressão tão profunda no semblante que certamente anunciava uma catástrofe. Slim fez uma reverência. Setembro olhou para ele. Uma máscara de bronze parecia estar sobre seu rosto. Mas um olhar ocasional no motorista do taxi, no qual Slim tinha vindo, a arrancou do rosto.

"Deus queira que sua carroça de lata tivesse passado longe antes de ter trazido aquele lunático aqui ontem à noite", ele disse. "Ele afugentou meus convidados antes que eles sequer pensassem em pagar. As meninas estão se encolhendo pelos cantos como panos de chão molhados, isto é, aquelas que não estão histéricas. Se eu não tivesse chamado a polícia eu poderia muito bem ter fechado a casa; não parece que esse sujeito terá recuperado seus cinco sentidos até essa noite."

"De quem você está falando, Setembro?" perguntou Slim.

Setembro olhou para ele. Neste momento até a menor aldeia da Sibéria do Norte teria se recusado a proclamar-se o lugar de nascimento de um indivíduo tão idiota.

"Se ele é o homem pelo qual eu vim procurar", continuou Slim, "então eu vou lhe livrar dele de uma forma mais agradável e suave que a polícia o fará."

"E qual homem você está procurando, senhor?"

Slim hesitou. Ele limpou sua garganta levemente. "Você sabe a seda branca que é vestida por poucos em Metropolis..."

Com sua longa linha de ancestrais, em que múltiplos sedimentos estavam cristalizados em Setembro, um negociante de peles de Tarnopolis transpareceu na forma como ele sorriu, e nos cantos dos olhos astutos desse seu bisneto.

"Entre, senhor!" o proprietário de Yoshiwara convidou Slim, com uma legítima gentileza cingalesa.

Slim entrou. Setembro fechou a porta atrás de si.

No momento em que o rugido matutino da grande Metropolis já não se ouvia nas ruas, outro rugido tornou-se perceptível dentro do prédio – o rugido de uma voz humana, mais estridente que a voz de um animal predador, embriagado loucamente com triunfo.

"Quem é esse?" perguntou Slim, baixando involuntariamente sua própria voz.

"Ele!" respondeu Setembro, e como ele apontava e proferia o monossílabo cheio de desejo de vingança Córsega permanecia como seu segredo.

O olhar de Slim tornou-se incerto, mas ele não disse nada. Ele seguiu Setembro sobre tapumes de palha macios e brilhantes, ao longo das paredes de papel oleado, enquadrados em bambu.

Atrás de uma destas paredes o choro de uma mulher podia ser ouvido, monótono, sem esperança, de partir o coração, como um longo período de dias chuvosos aprisionando o cume do Fuji Yama.

"Essa é Yuki", murmurou setembro com um olhar feroz para a prisão de papel desse choro lamentável. "Ela está chorando desde a meia-noite, como se ela quisesse ser a fonte de um novo mar de sal... Esta noite ela vai ter uma batata inchada no rosto, em vez de um nariz... Quem vai pagar por isso? Eu vou!"

"Por que o pequeno floco de neve está chorando?" perguntou Slim, meio sem pensar, sobre o rugido da voz humana, vinda das profundezas da casa ocupando toda a audição e atenção que ele possuía.

"Oh, ela não é a única", respondeu Setembro, com o semblante tolerante de quem seria dono de uma taberna próspera na região portuária de Xangai. "Mas está, pelo menos, domada. Flor de Ameixa está mordendo-se como um jovem puma, e a senhorita Arco Íris jogou uma tigela de saquê no espelho e está tentando cortar sua artéria com os cacos – tudo por conta desse jovem em seda branca."

A expressão agitada no rosto de Slim se aprofundou. Ele balançou a cabeça.

"Como ele conseguiu produzir tal efeito sobre elas..." ele disse, e não era para ser uma pergunta. Setembro encolheu os ombros.

"Maohee..." ele disse com uma voz cantada, como se inicia num daqueles contos de fadas da Groenlândia, que, o mais rápido ele fossem

capazes de enviar alguém para o sono mais eram apreciados.

"O que é isso: Maohee?" perguntou Slim, irritadamente. Setembro afundou sua cabeça entre os ombros. Os corpúsculos sanguíneos irlandeses e britânicos em suas veias pareciam estar manifestando-se com força, violentamente, mas o sorriso impenetrável japonês o cobria com um manto antes que pudesse parecer perigoso.

"Você não sabe o que é Maohee... Nem uma alma na grande metrópole sabe... Não... Ninguém. Mas aqui em Yoshiwara é tudo o que sabem."

"Eu gostaria de saber, também, Setembro", disse Slim. Gerações de lacaios romanos faziam reverência dentro de Setembro quando ele disse: "Certamente, senhor!" Mas eles não extrairiam mais do que um piscar de olhos de um velho embriagado em Copenhague. "Maohee, isso é... Não é estranho que, de todas as dezenas de milhares de pessoas que visitaram Yoshiwara e que experimentaram em detalhes o que Maohee representa, fora daqui não saibam nada mais sobre ele? Não ande tão rápido, senhor. O cavalheiro gritando lá embaixo não vai fugir de nós, e se eu estou a explicar-lhe o que Maohee significa... "

"As drogas, eu imagino, Setembro?"

"Meu caro senhor, o leão também é um gato. Maohee é uma droga: mas o que é um gato ao lado de um leão? Maohee é do outro lado da terra. É o divino, é a única coisa – porque é a única coisa que nos faz perceber a intoxicação dos outros."

"A intoxicação dos outros...?" repetiu Slim, ficando parado.

Setembro sorriu o sorriso de Hotei, o deus da Felicidade, que gosta de criancinhas. Ele colocou a mão dos Borgias, com as unhas azuis cintilantes suspeitosamente no braço de Slim.

"A intoxicação do outros, Senhor, você sabe o que isso significa? Não de um outro, não da multidão que rola como uma massa, mas a intoxicação que a multidão de Maohee dá a seus amigos ..."

"Tem Maohee muitos amigos, Setembro?"

O proprietário de Yoshiwara sorriu, apocalipticamente.

"Senhor, nesta casa há uma sala redonda Você a verá. Ela não é como parece. Ela é construída como uma concha sinuosa, como uma concha gigantesca, que faz revoluções no enrolar da rebentação dos sete mares... Nestas revoluções pessoas agacham-se, tão densamente próximas que suas

faces parecem uma só. Ninguém conhece um ao outro, mas todos são amigos. Todos eles fervem. Estão todos pálidos com a expectativa. Eles têm todas as mãos entrelaçadas. O tremor daqueles que se sentam direita, na parte inferior da concha atravessa os curvas da concha gigantesca, até aqueles que, a partir do topo brilhante da espiral, enviam seu próprio tremor de volta..."

Setembro engoliu em seco para respirar. Suor ficou como uma fina corrente de contas em sua testa. Um sorriso internacional de insanidade repartiu sua boca tagarelante.

"Vá em frente, Setembro!" disse Slim.

"Em frente? Em frente? De repente, a borda da concha começa a girar... suavemente... ah, como é gentil a música – como faz um décuplo assassino soluçar e seus juízes a perdoá-lo no cadafalso – música que em audiência inimigos mortais beijam-se, mendigos acreditam ser reis, os famintos esquecem-se da fome – a música da concha gira em torno de seu coração estacionário, até que este parece libertar-se do corpo e, pairando, fica a dar voltas. A pessoas gritam – não alto, não! Gritam como os pássaros que se banham no mar. Com as mãos entrelaçadas e os punhos cerrados. Os corpos vibram em um ritmo. Então vem a primeira balbuciação... Maohee... As ondas se intensificam, tornam-se ondas aspergidas, tornam-se uma maré de sizígia. A concha rugindo: Maohee... Maohee... é como se uma pequena chama se assentasse na cabeça de todos, como o fogo de St. Elm... Maohee... Maohee...! Eles chamam seu Deus. Eles invocam aquele a quem o dedo do Deus toca hoje... Ninguém sabe de onde ele virá hoje... Ele está lá... Eles sabem que está entre eles... Ele deve sair das fileiras deles... Ele deve... Ele deve, por que o chamam: Maohee... Maohee! E de repente!

A mão do Borgia voou e pairou no ar como uma garra castanha.

"E de repente um homem está de pé no meio da concha, no círculo brilhante, sobre o disco branco como leite. Mas não é homem. É a concepção encarnada da intoxicação de todos eles. Ele não está consciente de si mesmo... Uma leve espuma está em sua boca, seus olhos são decididos e explosivos e ainda correndo como meteoros que deixam faixas de fogo agitadas atrás deles na rota do céu à terra... Ele se levanta e vive sua intoxicação. Ele é o que sua intoxicação é. Dos milhares de olhos que lançam âncora em sua alma o poder dos fluxos de intoxicação corre para ele. Não há prazer na criação de Deus, que não se revele, dominada por meio dessas almas intoxicadas. O que ele diz torna-se visível, o que ele ouve torna-se audível a todos. O que ele sente: Poder, desejo, loucura, é sentido por todos. Na área cintilante, em torno do qual gira a concha, a música está além de qualquer descrição, aquele nesse êxtase vive esse êxtase que se encarna nele milhares de vezes, para milhares de outros... "

Setembro parou e sorriu para Slim.

"Isso, senhor, é Maohee..."

"Deve ser uma droga muito poderosa", disse Slim com uma sensação de secura na garganta, "que inspira o proprietário de Yoshiwara a tal louvor. Você acha que essa pessoa gritando lá embaixo pretende aderir a tal canção de louvor?"

"Pergunte a ele você mesmo, senhor", disse Setembro.

Ele abriu a porta e deixar entrar Slim. Pouco além do limiar da porta Slim parou, porque no começo ele não via nada. A escuridão, mais melancólica que a escuridão mais profunda, distribuída por uma sala, cujas dimensões ele não poderia estimar. O chão sob seus pés inclinava-se em um declive quase imperceptível. Onde ele parou parecia haver um vazio sombrio. À direita e a esquerda, as paredes em espiral, ondulando para fora, corriam para cada lado.

Isso era tudo que Slim via. Mas das profundezas vazias perante ele veio um brilho branco, mais forte do que se viesse de um campo de neve. Lá neste brilho flutuava uma voz, ao mesmo tempo de um assassino e de alguém sendo assassinado.

"Luz, Setembro!" disse Slim engolindo seco. Uma sensação insuportável de sede roía em sua garganta.

A sala lentamente ficou mais brilhante, como se a luz estivesse vindo a contragosto. Slim o viu parado em uma das curvas do quarto que tinha a forma de uma concha. Ele estava parado entre as alturas e as profundezas, separado por um balaústre baixo do vazio de onde vinha a luz de branca como neve e a voz do assassino e a voz de sua vítima. Ele deu um passo para o balaústre, e inclinou-se sobre ele. Viu um disco de branco cor de leite, iluminado por baixo. Na borda do disco, como um padrão incoerente escuro em forma de anel, mulheres, agachadas, ajoelhadas, em lindos trajes, como se embriagadas. Algumas com as testas no chão, suas mãos agarrando acima do seu cabelo de ébano. Algumas agachadas, amontoados em grupos, cabeças pressionadas contra cabeças, símbolos do medo. Algumas estavam balançando ritmicamente de um lado para outro como se chamando deuses. Algumas choravam. Algumas eram como se estivessem mortas.

Mas todas elas pareciam ser as criadas do homem na luz branca como neve do disco iluminado.

O homem usava o tecido de seda branca para relativamente poucos em Metropolis. Ele usava os sapatos macios em que os filhos amados de poderosos pais pareciam acariciar a terra. Mas a seda pendurava-se em

farrapos sobre o corpo do homem e nos sapatos parecia que os pés dentro deles sangravam.

"É esse o homem que você está procurando, senhor?" Setembro perguntou como um primo levantino, inclinando-se com confiança em direção à orelha de Slim.

Slim não respondeu. Ele estava olhando para o homem.

"Pelo menos", continuou Setembro "é o jovem que veio aqui ontem pelo mesmo carro que você veio hoje. E que o diabo o leve! Ele transformou minha concha giratória no primeiro círculo do inferno! Ele esteve assando almas! Eu conheci seres Maohee drogados que se imaginaram Reis, Deuses, Fogo e Tempestade e assim forçado os outros a sentirem-se Reis, Deuses, Fogo e Tempestade. Tenho visto aqueles em êxtase de desejo forçando as mulheres até eles a partir da parte mais alta da parede da concha, que, mergulhando, como gaivotas, com as mãos abertas para fora, voaram para seus pés, sem ferir sua integridade física, enquanto outros caíram para a morte. Aquele homem não era Deus, nem Tempestade, nem Fogo, e sua embriaguez certamente não inspirava desejo. Parece-me que ele veio do inferno e está rugindo na embriaguez da condenação. Ele não sabia que o êxtase para os homens que estão condenados também é a condenação... O tolo! A oração que ele está rezando não vai redimi-lo. Ele acredita ser uma máquina e está orando para si mesmo. Ele obrigou os outros a rezar para ele. Ele os derrubou. Ele os moeu transformando-os em pó. Há muitos se arrastando agora em torno de Metropolis que não conseguem compreender por que os seus membros estão como quebrados..."

"Fique quieto, Setembro!" Slim disse com voz rouca. Sua mão voou para a sua garganta, que doía como brasa, como carvão quente.

Setembro ficou em silêncio, encolhendo os ombros. Palavras fervilhavam das profundezas, como lava.

"Eu sou o Três-em-um-Lucifer-Belial-Satanás! Eu sou a morte eterna! Eu sou a perdição eterna! Vinde a mim! Em meu inferno há muitas moradas! Vou atribuí-las a você! Eu sou o grande rei de todos os condenados! Eu sou uma máquina! Estou em uma torre acima todos vocês! Sou um martelo, um pêndulo, uma fornalha. Eu sou um assassino e o que eu assassino não faço nenhum uso. Quero vítimas e as vítimas não me apaziguam! Rezem para mim e saibam: Eu não os ouvirei! Gritem para mim: Pater Noster! Saibam: Eu sou surdo!"

Slim virou-se; ele viu o rosto de Setembro como uma máscara pálida sobre seu ombro. Talvez, entre ancestrais de Setembro, houvesse um que tenha vindo de uma ilha no mar do Sul, onde os deuses significavam

pequenos espíritos em tudo.

"Isso não mais é um homem", ele sussurrou com os lábios pálidos. "Um homem teria morrido disso há muito tempo... Você vê seus braços, senhor? Você acha que um homem pode imitar o movimento de empurrar de uma máquina por horas e horas a fio, sem que isso o matasse? Ele está morto como uma pedra. Se você tivesse que chamá-lo ele teria um colapso e quebraria em pedaços, como uma estátua de gesso".

Não parecia que as palavras de Setembro houvessem penetrado na consciência de Slim. Seu rosto tinha uma expressão de ódio e sofrimento e ele falava como alguém que falava com dor.

"Acredito, Setembro, que nesta noite você teve sua última oportunidade de ver os efeitos de Maohee em seus convidados..."

Setembro sorriu seu sorriso japonês.

Ele não respondeu.

Slim aproximou-se do balaústre na beira da curva da concha em estava. Ele se inclinou em direção ao disco leitoso. Ele gritou um alto tom agudo que teve o efeito de um apito:

"Onze mil, oitocentos e onze!"

O homem no disco cintilante virou como se tivesse recebido um golpe na lateral de seu corpo. O ritmo infernal de seus braços cessou, perdendo-se como vibração. O homem caiu no chão como uma pedra e não se moveu novamente.

Slim correu para baixo na passagem, chegou ao fim e empurrou para o lado o círculo de mulheres, que, endurecidas com o choque, pareciam ser atiradas ainda mais no profundo horror do que passaram no início. Ele se ajoelhou ao lado do homem, olhou-o no rosto e empurrou a seda esfarrapada para longe de seu coração. Ele não perdeu seu tempo pegando a mão dele para testar seu pulso. Ele levantou o homem e levou-o para fora em seus braços. O gemido das mulheres murmurava atrás dele como uma densa cortina de névoa colorida.

Setembro interceptou seu caminho. Ele colocou-se de lado quando captou o olhar de Slim sobre ele. Ele correu junto dele, como um cão prestativo, respirando rapidamente, mas não disse nada.

Slim chegou à porta de Yoshiwara. Setembro em pessoa a abriu para ele. Slim foi para a rua. O motorista abriu a porta do táxi, ele olhou com espanto para o homem que estava jogado nos braços de Slim, em farrapos de

seda branca com que o vento brincava, e que era mais terrível do se ver do que contemplar um cadáver.

O proprietário de Yoshiwara fez repetidas reverências enquanto Slim estava subindo no carro. Mas Slim não lhe deu outro olhar. O rosto de Setembro, que era tão cinza como o aço, era uma reminiscência das lâminas de espadas antigas, forjados de aço indiano, em Shiras ou Ispahan e sobre as quais, escondidos pela ornamentação, estariam zombando palavras mortais.

O carro deslizou para longe: Setembro olhou para ele. Ele sorriu o sorriso pacífico da Ásia Oriental.

Pois ele sabia perfeitamente o que Slim não sabia, e que, além dele, ninguém sabia em Metropolis, que, com a primeira gota de água ou vinho, que umedecia os lábios de um ser humano, desapareceria até mesmo a memória muito mais fraca de todos que partilharam as maravilhas da droga, Maohee.

O carro parou em frente do próximo posto médico. Enfermeiros vieram e levaram o pacote de humanidade, que tremia em frangalhos de seda branca, para o médico de plantão. Slim olhou em volta. Ele acenou para um policial que estava estacionado perto da porta.

"Providencie um relatório", disse ele. Sua língua dificilmente obedecia-o, tão ressecado estava com a sede.

O policial entrou na casa atrás dele.

"Espere!" disse Slim, mais com o movimento de sua cabeça do que com palavras. Ele viu um jarro de vidro de água parada em cima da mesa e o frescor da água tinha cravejado o jarro com milhares de pérolas.

Slim bebeu como um animal que encontra água ao sair do deserto. Ele largou o jarro e estremeceu. Um breve estremecimento passou por ele.

Ele se virou e viu o homem que tinha trazido com ele deitado em uma cama sobre a qual um jovem médico estava inclinado.

Os lábios do homem doente foram umedecidos com vinho. Seus olhos estavam bem abertos, olhando para o teto, lágrimas sobre lágrimas correndo suavemente e sem parar a partir dos cantos de seus olhos, para baixo sobre as têmporas. Era como se elas não tivessem nada a ver com o homem – como se estivessem escorrendo de um vaso quebrado e não conseguissem parar de escorrer até que frasco ficasse vazio.

Slim olhou a face do médico, este último deu de ombros. Slim inclinou-se sobre o homem prostrado.

"Georgi", disse ele em voz baixa, "Você pode me ouvir?" O homem doente acenou com a cabeça, era a sombra de um aceno de cabeça. "Você sabe quem eu sou?"

Um segundo aceno.

"Você está em condições de responder a duas ou três perguntas?" Outro aceno de cabeça.

"Como você conseguiu as roupas de seda branca?" Por um longo tempo ele não recebeu nenhuma resposta além do suave cair das gotas de lágrimas. Então, veio a voz, mais suave do que um sussurro.

"... Ele trocou comigo..."

"Quem trocou?"

"Freder... filho de Joh Fredersen..."

"E então, Georgi?"

"Ele me disse que era para esperar por ele..."

"Esperar, onde, Georgi?"

Um longo silêncio. E então, quase inaudível: "... Nonagésima Rua, Casa Sete, o Sétimo andar..." Slim decidiu não questioná-lo mais. Ele sabia quem morava lá. Ele olhou para o médico, o rosto deste tinha uma expressão completamente impenetrável.

Slim respirou como se estivesse suspirando. Ele disse que, mais lamentando do que inquirindo.

"Por que você não foi até lá, Georgi..." Ele virou-se para ir, mas parou quando a voz de Georgi veio oscilando atrás dele;

"... A cidade... todas as luzes... dinheiro mais que suficiente... Está escrito... Perdoai-nos as nossas ofensas... não nos deixeis cair em tentação..."

Sua voz morreu. Sua cabeça caiu para um lado. Ele respirou como se sua alma chorasse, pois seus olhos não podiam fazê-lo por mais tempo. O médico pigarreou com cautela. Slim levantou a cabeça como se alguém o houvesse chamado, em seguida, deixou-a cair de novo.

"Eu vou voltar", disse ele em voz baixa. "Ele deve permanecer sob seus cuidados..."

Georgi estava dormindo.

Slim saiu da sala, seguido pelo policial.

"O que você quer?" Magro perguntou com um olhar distraído para ele.

"O relatório, senhor."

"O relatório?"

"Eu devia preparar um relatório, senhor."

Slim olhou para o policial com muita atenção, quase meditativo. Ele ergueu a mão e esfregou-a na testa.

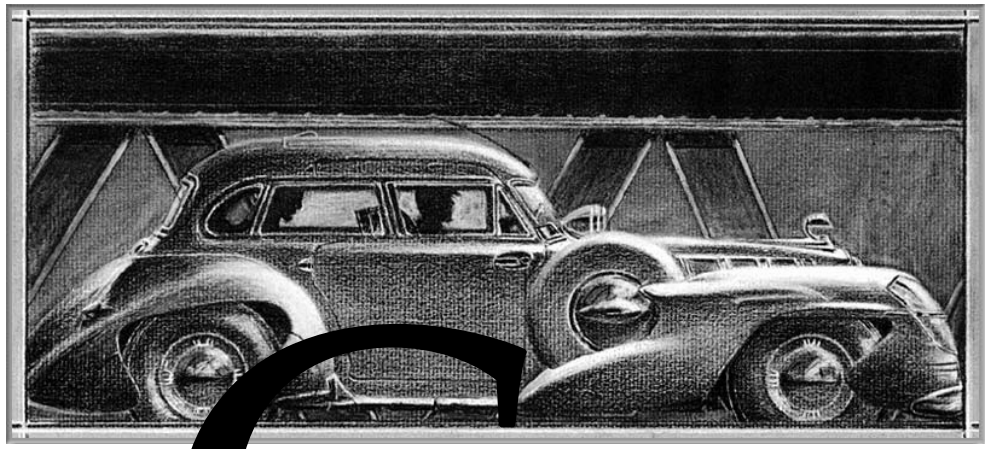
"Um engano", disse ele. "Isso foi um engano..."

O policial fez uma saudação e retirou-se, um pouco confuso, pois sabia quem era Slim.

Ele permaneceu de pé no mesmo lugar. Uma e outra vez, ele esfregou a testa com o mesmo gesto impotente.

Então ele sacudiu a cabeça, entrou no carro e disse:

"Nonagésimo Bloco..."



Capítulo VII

"ONDE ESTÁ GEORGI?" perguntou Freder, seus olhos vagando através das três salas de Josaphat, que se estendiam diante dele – lindas, com uma desconcertante abundância de poltronas, divas e almofadas de seda, com cortinas que douradamente obscureciam a luz.

"Quem?" perguntou Josaphat, apaticamente. Ele tinha esperado, e não tinha dormido, seus olhos estavam excessivamente grandes em seu fino rosto, quase branco. Seu olhar, que ele não tirava de Freder, era como mãos erguidas em adoração.

"Georgi", repetiu Freder. Ele sorria animadamente com sua boca cansada.

"Quem é esse?" perguntou Josaphat.

"Eu enviei ele para você."

"Ninguém veio."

Freder olhou para ele sem responder.

"Eu fiquei aqui sentado a noite toda nessa cadeira", continuou Josaphat, interpretando mal o silêncio de Freder.

"Eu não pisquei os olhos. Eu esperava que você voltasse a qualquer segundo, ou um mensageiro seu aparecesse, ou que você me convocasse. Eu também informei o vigilante. Ninguém veio Sr. Freder."

Freder permaneceu em silêncio. Lentamente, quase cambaleando ele atravessou a soleira, entrando na sala erguendo sua mão direita até sua cabeça, como se fosse retirar um chapéu, então percebendo que estava usando a touca, a touca negra, que pressionava seu cabelo para baixo, removendo-a então da sua cabeça; ela caiu no chão. Sua mão desceu de sua testa, sobre seus olhos, descansando ali um pouco. Então a outra mão uniu-se a ela, como para consolar a irmã. Sua forma era a de uma jovem bétula sendo pressionada de lado por um vento forte.

Os olhos de Josaphat fixaram-se sobre o uniforme que Freder estava usando.

"Sr. Freder", ele começou cautelosamente, "como aconteceu de você estar vestindo essas roupas?"

Freder permaneceu virado em outra direção. Ele tirou as mãos de seus olhos e pressionou-as em seu rosto como se sentisse alguma dor nelas.

"Georgi as vestia..." ele respondeu. "Eu dei as minhas para ele..."

"Então Georgi é um trabalhador?"

"Sim... Eu o encontrei em frente à máquina Pater Noster. Eu tomei o seu lugar e o enviei até você..."

"Talvez ele ainda venha", respondeu Josaphat.

Freder sacudiu a cabeça negativamente.

"Ele deveria ter vindo aqui horas atrás. Se ele foi pego quando estava deixando a Nova Torre de Babel, então alguém teria vindo atrás de mim enquanto eu estive em frente da máquina. Isso é estranho, mas aí está; ele não virá."

"Havia muito dinheiro no traje que você trocou com Georgi?" perguntou Josaphat cuidadosamente, como alguém que sondando um ferimento.

Freder acenou afirmativamente.

Então você não deve ficar surpreso se Georgi não aparecer", disse Josaphat. Mas a expressão de vergonha e dor no rosto de Freder o impediu de continuar.

"Porque não se senta, Sr. Freder", ele implorou. "Ou deita-se? Você parece tão cansado que chega a ser doloroso olhar para você."

"Eu não tenho tempo para me sentar e não tenho tempo para me deitar, também", respondeu Freder. Ele caminhou através das salas, sem direção, sem sentido, parando ao encontrar um cadeira, uma mesa que oferecesse para ele um apoio. "O fato é, Josaphat: Eu disse para Georgi vir até aqui e esperar por mim – ou por uma mensagem minha... A chance de Slim, em sua busca por mim, já estar na trilha de Georgi é de mil para um , assim como é de mil para um que ele escape de onde eu o enviei..."

"E você não deseja que Slim o encontre?"

"Ele não pode me encontrar, Josaphat – por nada nesse mundo..."

O outro ficou em silêncio, desesperançado. Freder olhou para ele com um sorriso trêmulo.

"Como nós obteremos dinheiro agora, Josaphat?"

"Isso não deverá ser dificuldade para o filho de Joh Fredersen."

"Mais do que você imagina, Josaphat, pois agora não sou mais o filho de Joh Fredersen..."

Josaphat ergueu a cabeça.

"Eu não compreendo você", ele disse, depois de uma pausa.

"Não há nada para entender mal, Josaphat. Eu me libertei de meu pai, e agora estou por conta própria..."

O homem que tinha sido o primeiro secretário do Mestre sobre a grande Metropolis prendeu a respiração em seus pulmões, então a soltou como uma corrente de ar.

"Você permitirá que eu fale algo para você, Sr. Freder?"

"Bem..."

"Ninguém se liberta do seu pai. É ele que decide quem permanece com ele ou o deixa.

"Não existe ninguém mais forte que Joh Fredersen. Ele é como a terra. No que diz respeito à terra nós também não temos vontade. Ela nos mantém eternamente perpendiculares ao centro da terra, até mesmo se ficarmos de cabeça para baixo... Joh Fredersen libertar alguém significa tanto quanto a terra desligar de um homem seu poder de atração que exerce sobre ele. Isso significaria cair para o nada... Joh Fredersen pode libertar quem quiser; mas ele nunca libertaria seu filho..."

"Mas", respondeu Freder, falando fervorosamente, "e se um homem sobrepujar as leis da natureza?"

"Utopia, Sr. Freder."

"Pelo espírito inventivo do homem não existe Utopia: existe apenas um não-ainda. Eu me convenci a me aventurar nesse caminho. Eu precisei escolhê-lo – sim, eu precisei escolhê-lo! Eu não conheço esse caminho ainda, mas eu devo encontrá-lo porque devo encontrá-lo..."

"Para onde quer que você queira, Sr. Freder! Eu vou com você..."

"Obrigado", disse Freder, pegando sua mão. Ele sentiu-se seguro num aperto de mão recíproco.

"Você sabe, Sr. Freder, não sabe – " disse Josaphat com uma voz estrangulada, "que tudo pertence a você – tudo que eu sou e tenho... não é muito, porque eu vivi como um louco... mas por hoje, e amanhã, e o dia depois de amanhã..."

Freder balançou sua cabeça sem soltar a mão de Josaphat.

"Não, não!" ele disse, com um fluxo vermelho tomando conta de sua face. "Ninguém pode conseguir nada novo dessa forma... Nós devemos encontrar outras formas... Não será fácil. Slim conhece bem suas funções."

"Talvez Slim possa ser conquistado para o seu lado..." disse Josaphat, hesitantemente. "Por mais estranho que isso possa parecer, ele ama o senhor..."

"Slim ama todas suas vítimas. O que não o impede de agir – por mais atencioso e gentil que seja entre os carrascos – jogando suas vítimas perante os pés de meu pai. Ele é uma ferramenta encarnada, mas a ferramenta do mais forte. Ele nunca seria a ferramenta do mais fraco, porque isso o humilharia. E acaba de me dizer, Josaphat, o quanto meu pai é mais forte que eu..."

"Se você puder confiar em um de seus amigos..."

"Eu não tenho amigos, Josaphat."

Josaphat queria contradizê-lo, mas ele achou melhor parar. Freder virou seus olhos em sua direção. Ele endireitou-se e sorriu, com as mãos do outro ainda nas suas.

"Eu não tenho amigos, Josaphat, e, o que causa mais pesar, nenhum único amigo. Eu tenho companheiros de diversões, mas amigos? Um amigo?

Não Josaphat! Como seria possível ser confidente de alguém que não conhece nada além de suas risadas?"

Ele viu os olhos do outro fixos sobre ele, discernindo o ardor neles e a dor da verdade.

"Sim", ele disse com um sorriso preocupado. "Eu deveria fazer confidências à você... Eu preciso fazer confidências à você, Josaphat... Eu preciso chamá-lo de "Amigo" e "Irmão"... porque eu preciso de alguém para seguir comigo na confiança e confidência até o fim do mundo. Você será esse homem?"

"Sim."

"Sim?" Ele foi até ele e colocou as mãos sobre seus ombros. Ele olhou atentamente para seu rosto. Ele sacudiu ele. "Você diz: "Sim!" Você sabe o que isso significa – para você e para mim? Que tipo de baixar de âncora que isso significa, em um porto seguro? Eu mal conheço você! Quis ajudá-lo – Eu não pude ajudá-lo agora, porque sou mais pobre hoje do que você é – mas, talvez, isso tudo seja para o melhor... O filho de Joh Fredersen poderá, quem sabe, ser traído – mas eu, Josaphat? Um homem que não tem nada além da vontade e um objetivo? Eu deve valer a pena trair esse homem – hein, Josaphat?"

"Que Deus me mate como se matariam um cão sarnento..."

"Está certo, está certo..." O sorriso de Freder voltou e ficou parado, claro e belo em seu rosto cansado. "Eu devo ir agora, Josaphat. Eu quero ir até a mãe do meu pai, pegar algo que é muito sagrado para mim... Eu devo voltar aqui novamente antes do entardecer. Eu o encontrarei aqui, então?"

"Sim, Sr. Freder, com certeza!"

Eles esticaram as mãos um em direção ao outro. Mão segurou mão, agarrando. Eles olharam um para o outro. Olhar segurou olhar, agarrando. Então eles soltaram-se em silêncio e Freder saiu.

Um pouco mais tarde (Josaphat ainda estava parado no mesmo lugar em que Freder tinha deixado ele) veio uma batida na porta.

Apesar da batida se gentil, modesta, como a batida de alguém vindo pedir esmolas, havia algo nela que fez um calafrio correr a coluna de Josaphat. Ele ficou parado, encarando a porta, incapaz de gritar "Pode entrar", ou de abri-la ele mesmo.

A batida na porta repetiu-se, não ficando mais forte. Ela veio uma terceira vez e ainda assim era gentil. Mas isso apenas aprofundou a

impressão de não havia escapatória, que não havia sentido em fingir-se de surdo permanentemente.

"Quem é?" perguntou Josaphat roucamente. Ele sabia muito bem quem estava parado do lado de fora. Ele somente perguntou para ganhar tempo – para tentar respirar um pouco, o que ele mal conseguia fazer. Ele não esperava resposta; nem ele recebeu uma.

A porta abriu-se. Ali estava parado Slim.

Eles não cumprimentaram um ao outro; Josaphat: porque sua garganta estava muito seca. Slim: porque seu olho que tudo observava dardejava através da sala desde o momento em que colocou o pé na soleira, e tinha encontrado algo: uma touca negra, caída no chão.

Josaphat seguiu o olhar de Slim com seus olhos. Ele não se mexeu. Com um passo silencioso Slim foi até a touca, parou e a pegou. Ele torceu-la gentilmente de um lado para outro, de fora para dentro.

No linho encharcado de suor da touca estava o número, 11811.

Slim ponderou a touca com mãos quase afetuosas, ele fixou seus olhos, que estavam como velados com fadiga sobre Josaphat e perguntou, falando com uma voz baixa:

"Onde está Freder, Josaphat?"

"Eu não sei..."

Slim sorriu lentamente. Ele acariciou a touca negra. A voz rouca de Josaphat prosseguiu:

"... Mas se eu soubesse você não conseguiria saber por mim, de qualquer forma..."

Slim olhou para Josaphat, ainda sorrindo, ainda acariciando a touca negra.

"Você está certo", ele disse cortesmente. "Peço o seu perdão! Essa foi uma questão inútil. É claro que você não me contaria onde o Sr. Freder está. Nem isso será necessário... O problema é outro..."

Ele guardou a touca no bolso, tendo enrolado ela cuidadosamente antes, e olhou em volta da sala. Ele foi até uma poltrona, que ficava perto de uma mesa baixa, negra e polida.

"Você me permite?" ele perguntou cortesmente, sentando-se.

Josaphat fez um movimento com a cabeça, mas o "Por favor, fique à vontade." morreu em sua garganta. Ele não se moveu do lugar onde estava.

"Você vive muito bem aqui", disse Slim, inclinando-se para trás e vasculhando a sala com um movimento de varredura com a cabeça. "Tudo em um tom suave, meio escuro. A atmosfera criada por essas almofadas é um tépido perfume. Eu posso compreender o quanto seria difícil para você deixar esse apartamento."

"Entretanto, essa não é minha intenção." disse Josaphat. Ele engoliu em seco.

Slim pressionou suas pálpebras, como se desejasse dormir.

"Não... Ainda não... Mas muito em breve..."

"Eu não penso nisso", respondeu Josaphat. Seus olhos ficaram vermelhos, e ele olhou para Slim, com ódio latente em seu olhar.

"Não... Ainda não... Mas muito em breve..."

Josaphat permaneceu imóvel: mas subitamente ele esmurrou o ar com seu punho, como se batesse contra uma porta invisível.

"O que você quer exatamente?" ele perguntou ofegante. "O que isso quer dizer? O que você quer de mim?"

Parecia de início como se Slim não tivesse ouvido a pergunta. Sonolentamente, com as pálpebras fechadas, ele ficou sentado ali, respirando inaudivelmente. Mas, como couro guinchando sobre o aperto de Josaphat, Slim disse, muito lentamente, mas muito claramente:

"Eu quero que você me diga por qual soma você desistirá desse apartamento, Josaphat."

"... Quando?..."

"Imediatamente."

"... O que você quer dizer com... Imediatamente?..."

Slim abriu os olhos, e eles estavam frios e brilhantes como cascalho em um riacho.

"Imediatamente significa dentro de uma hora... Imediatamente significa antes deste entardecer..."

Um calafrio correu a espinha de Josaphat. As mãos em seus braços caídos lentamente fecharam-se em punhos.

"Saia daqui, senhor..." ele disse em voz baixa. "Saia daqui! Agora mesmo! Imediatamente!"

"O apartamento é bem bonito", disse Slim. "Você está relutante em cedê-lo. Ele tem valor para quem sabe como apreciar tais coisas. Você não terá tempo de empacotar muita coisa, entretanto. Você somente pode pegar o que precisa para vinte e quatro horas. A viagem – novos trajes – um ano de despesas – tudo isso será acrescentado ao valor total: qual é o preço do seu apartamento, Josaphat?"

"Eu vou atirá-lo na rua", gaguejou Josaphat com uma boca febril. "Eu vou atirá-lo sete andares abaixo na rua – através da janela, meu bom senhor! Através dessa janela fechada, se você não sair daqui nesse segundo!."

"Você ama uma mulher. A mulher não ama você. Mulheres que não estão apaixonadas são muito caras. Você quer comprar essa mulher. Muito bem. O triplo do custo do apartamento... Vida na costa do mar Adriático – em Roma – ou Tenerife – em um vapor esplêndido dando a volta ao mundo com uma mulher que deseja ser comprada todo os dias – é compreensível, Josaphat, que esse apartamento será muito caro... Mas para dizer-lhe a verdade, eu preciso dele, portanto eu pagarei por ele."

Ele mergulhou suas mãos nos bolsos e retirou um talão de cheques. Ele o moveu em frente de Josaphat até a mesa negra, polida como um espelho. Josaphat agarrou o talão, deixando marcas no tampo da mesa e atirando-o no rosto de Slim. Ele o pegou com um movimento ágil, mas suave, e gentilmente o colocou novamente sobre a mesa. Ele lançou um valor sobre ele.

"Isso é o suficiente?" ele perguntou sonolentamente.

"Não!" gritou Josaphat ainda mais alto.

"Que sensível!" disse Slim. "Muito sensível. Porque você não procura lucrar com essa situação? Uma oportunidade como essa, de subir de vida uma centena de degraus, de tornar-se independente, feliz, livre, a realização de qualquer desejo, a satisfação de qualquer capricho – de possuir sua própria, e linda mulher, perante você, aparece apenas uma vez na vida e nunca mais. Agarre essa oportunidade, Josaphat, se não for um tolo! Só entre nós: A linda mulher de quem nós falamos agora já foi informada e está esperando você próxima a um avião que está pronto para a viagem... O triplo do preço, Josaphat, para não deixar a linda mulher esperando!"

Ele deixou o terceiro cheque sobre a mesa. Ele olhou para Josaphat.

Os olhos vermelhos de Josaphat devoraram os olhos de Slim. As mãos de Josaphat tatearam cegamente e agarraram as três folhas marrons. Seus dentes mostraram-se brancos sobre seus lábios enquanto seus dedos rasgavam as folhas em pedaços, parecendo mordê-los até a morte.

Slim sacudiu a cabeça. "Isso não é de nenhuma conta", ele disse imperturbável. "Eu tenho um talão comigo, e algumas das folhas em branco tem uma assinatura: Joh Fredersen. Vamos escrever um valor na primeira folha – o dobro do valor combinado até agora... Bem, Josaphat?"

"Eu não irei !" – disse o outro, tremendo da cabeça aos pés.

Slim sorriu.

"Não", ele disse. "Ainda não... Mas muito em breve..."

Josaphat não respondeu. Ele estava encarando o pedaço de papel, branco, impresso e preenchido, que estava perante sobre a mesa escura. Ele não via a figura sobre ele. Ele somente viu o nome impresso:

Joh Fredersen.

A assinatura parecia escrita com a lâmina de um machado:

Joh Fredersen.

Josaphat virou a cabeça de um lado para outro como se sentisse a lâmina do machado em seu pescoço.

"Não", ele coaxou. "Não, não, não... !"

"Ainda não?" perguntou Slim.

"Sim!" ele disse em um murmúrio. "Sim! É o suficiente."

Slim levantou-se. Algo que ele tinha retirado de seu bolso com o talão de cheques, sem que ele percebesse, caiu de seus joelhos.

Era uma touca negra, como as utilizadas pelos trabalhadores de Joh Fredersen...

Um gemido escapou dos lábios de Josaphat. Ele atirou-se sobre os seus joelhos. Ele ergueu a touca negra com as mãos. Ele a apertou contra sua boca. Ele encarou Slim. Ele estremeceu. Ele ergueu-se como um veado perante uma matilha de lobos, em direção à porta.

Mas Slim chegou lá antes dele. Com um incrível salto ele passou pela

mesa e o divã, ricocheteou contra a porta e ficou na frente de Josaphat. Por uma fração de segundo eles se encararam. Então as mãos de Josaphat voaram para a garganta de Slim. Slim baixou a cabeça, atirou os braços para frente, como os braços de um polvo. Eles se agarraram, apertados, e lutaram, queimando e congelando, furiosos e calculando, com os dentes rangendo e silenciosos, peito a peito.

Eles se separaram e correram um para o outro. Eles caíram, e, lutando rolaram pelo chão. Josaphat forçou seu oponente sobre ele. Lutando, eles empurraram um ao outro. Eles cambalearam e rolaram sobre poltronas e divãs. A linda sala, transformada em uma selva, parecia muito pequena para os dois corpos retorcendo-se, que se debatiam como peixes, como novilhos sendo marcados à ferro, colidindo como ursos lutando.

Mas contra a frieza terrível e inabalável de Slim a fúria branca de seu oponente não poderia resistir. Subitamente, como se seus joelhos fossem partidos, Josaphat colapsou sobre as mãos de Slim, caiu de joelhos e permaneceu ali, com as costas descansando contra uma poltrona virada, encarando o teto com olhos vidrados.

Slim soltou sua vítima. Ele olhou para ele.

"Já teve o suficiente?" ele perguntou, sorrindo sonolentamente.

Josaphat não respondeu. Ele moveu sua mão direita. Apesar de toda fúria da luta ele não tinha soltado a touca negra que Freder tinha usado quando veio até ele.

Ele ergueu a touca dolorosamente sobre os joelhos, como se pesasse centenas de quilos. Ele torceu ela entre seus dedos, e a dobrou…

"Vamos, Josaphat, levante!" disse Slim. Ele falou muito solenemente, gentilmente e um pouco tristemente. "Posso ajudá-lo? Me dê suas mãos! Não, não. Eu não vou tirar a touca de você… Eu temo ter sido obrigado a feri-lo demais. Isso não foi prazeroso. Mas você me forçou a isso."

Ele deixou o homem, e agora estava ficando de pé, olhando à sua volta com um sorriso sombrio.

"A parte boa disso tudo é que definimos o preço antes", ele disse. "Agora o apartamento poderia teria sido avaliado consideravelmente mais barato."

Ele suspirou um pouco e olhou para Josaphat.

"Quando você estará pronto para partir?"

"Agora", disse Josaphat.

"Você não pretende levar nada com você?"

"Não."

"Você irá assim como está – com todas essas marcas da luta, todo esfarrapado e despedaçado."

"Sim."

"Isso seria cortês para com a senhora que está o aguardando?"

A visão retornou aos olhos de Josaphat. Ele retornou um olhar injetado de sangue em direção à Slim.

"Se você não quiser que eu cometa o assassinato dessa mulher que você fracassou em usar – então mande ela embora antes que eu chegue…"

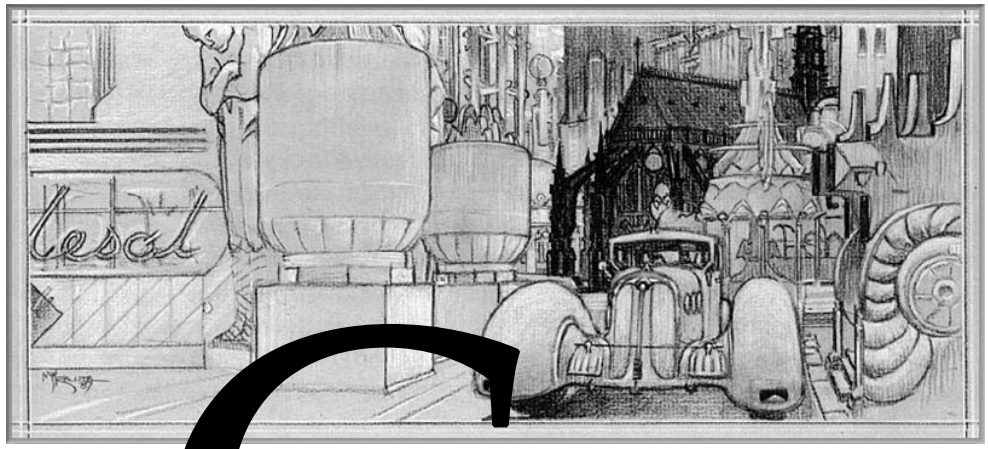
Slim ficou em silêncio. Ele virou-se para partir. Ele pegou o cheque, dobrou-o e colocou no bolso de Josaphat.

Josaphat não ofereceu resistência.

Ele caminhou para a porta antes de Slim. Então ele parou novamente e olhou em volta.

Ele sacudiu a touca que Freder tinha usado, em adeus à sala, e disparou uma risada incessante. Ele acertou o ombro contra o batente da porta...

Então saiu. Slim seguiu-o.



Capítulo VIII

FREDER SUBIU OS degraus da catedral hesitantemente; ele estava subindo eles pela primeira vez. Hel, sua mãe, costumava ir até a catedral. Mas seu filho nunca tinha feito isso. Agora ele desejava enxergar com os olhos de sua mãe e escutar com os ouvidos de Hel, sua mãe, à prece dos pilares de pedra, cada um com sua voz particular.

Ele entrou na catedral como uma criança, não devota, mas ainda não inteiramente livre do acanhamento produzido pela reverência, sem temer. Ele ouviu, como Hel, sua mãe, o Kyrie Eleison das pedras, o Te Deum Laudamus, o De Profundis e o Jubilate. E ele ouviu, como sua mãe, como a poderosa cadeira de pedra era coroada pelo Amen na abóboda da nave central...

Ele procurou por Maria, que deveria estar esperando por ele nos degraus do campanário, mas ele não conseguiu encontrá-la. Ele vagou através da catedral, que parecia completamente vazia de pessoas. Ele parou. Estava parado em pé do lado oposto à Morte.

O menestrel fantasmagórico estava em um nicho lateral, em madeira entalhada, com chapéu e manto, foice sobre o ombro, com a ampulheta pendurada no cinto, e o menestrel estava tocando um osso como uma flauta. Os Sete Pecados Capitais estavam seguindo ela.

Freder olhou a Morte no rosto. Então ele disse:

"Se você tivesse aparecido mais cedo não teria me assustado... Agora eu imploro a você: Fique longe de mim e da minha amada!"

Mas a horrível tocadora de flauta parecia não ouvir nada além da música que tocava no osso.

Freder caminhou. Ele chegou à nave central. Perante o altar, sobre o qual pairava o Deus Encarnado, uma forma escura estava caída sobre as pedras, com as mãos apertadas a cada lado, o rosto pressionando na frieza da pedra, como se os blocos pudessem separar-se sobre a pressão da testa. A forma vestia o traje de um monge, a cabeça estava barbeada. Um tremor incessante balançava o corpo esguio do ombro ao calcanhar, e este parecia enrijecido como se estivesse em câimbras.

Mas subitamente o corpo ergueu-se. Uma chama branca espalou-se: uma face; chamas negras com ela: dois olhos fulgurantes. Uma mão ergueu-se, agarrando o ar em direção ao crucifixo que estava sobre o altar.

Uma voz falou, como a voz do fogo:

"Eu não te deixarei ir, Deus, Deus, exceto que tu me abençoes!"

Os pilares atrás dele ecoaram com as palavras gritadas. O filho de Joh Fredersen nunca tinha visto o homem antes. Ele sabia, no entanto, assim que a face de chamas brancas revelou os olhos de chamas negras para ele: ele era Desertus, o monge, o inimigo de seu pai...

Talvez sua respiração tenha se tornado muito alta. Subitamente a chama negra o atingiu. O monge ergueu-se lentamente. Ele não disse uma palavra. Ele esticou suas mãos. A mão indicava a porta.

"Por que você me mandou embora, Desertus?" perguntou Freder. "Não é a casa de Deus aberta a todos?"

"Tu vens aqui para buscar a Deus?" perguntou a voz rouca e áspera do monge.

Freder hesitou. Ele baixou a cabeça.

"Não." Ele respondeu. Mas seu coração sabia melhor.

"Se tu não vieste buscando a Deus, então tu não tens o que procurar aqui", disse o monge.

Então o filho de Joh Fredersen partiu.

Ele saiu da catedral como alguém caminhando em seu sono. A luz do dia atingiu os seus olhos cruelmente. Atormentado pelo cansaço, desgastado pela dor, ele desceu os degraus, e seguiu em frente sem destino.

O rugido das ruas o envolvia, como um capacete de mergulho, sobre seus ouvidos. Ele caminhou em estupefação, como se estivesse entre espessas paredes de vidro. Ele não pensava em nada além do nome de sua amada, sem consciência para nada além do seu desejo por ela. Tremendo de cansaço, ele pensou nos ohos e lábios da garota, com um sentimento muito parecido com saudades.

Ah! Face a face com ela – então boca a boca – olhos fechados – respirando...

Paz... Paz...

"Vamos", disse seu coração. "Porque você me deixou sozinho?"

Ele caminhou por uma correnteza de pessoas, lutando contra o louco desejo de parar no meio dessa corrente e perguntar a cada onda, que era um ser humano, se ela sabia do paradeiro de Maria, e porque ela tinha feito esperá-la em vão.

Ele chegou à casa do mago. Ali ele parou.

Ele olhou para uma janela.

Ele estaria louco?

Ali estava Maria, atrás de vidros opacos. Aquelas eram as suas mãos abençoadas, esticadas em direção à ele... um grito emudecido: "Me ajude!"

Então essa visão foi removida, engolida pela negrura da sala atrás dela, desaparecendo, não deixando nenhum sinal, como se ela nunca tivesse existido. Mudez, morte e mal estavam ali na casa do mago.

Freder ficou parado. Ele inspirou profundamente. Então ele deu um passo. Ele ficou perante a porta da casa. Em cobre-avermelhado, na madeira negra da porta, brilhava o selo de Salomão, o pentagrama.

Freder bateu.

Nada se moveu na casa.

Ele bateu pela segunda vez.

A casa permaneceu muda e obstinada.

Ele deu um passo para trás e olhou para as janelas.

Elas olhavam para fora com sua escuridão sombria, para além dele.

Ele foi até a porta novamente. Ele batei novamente com seus punhos. Ele ouviu o eco de suas batidas sacudirem a casa, como uma risada monótona.

Mas o selo de Salomão de cobre sorriu ironicamente para ele a partir da porta inabalada.

Ele ficou parado por um momento. Suas têmporas latejaram. Ele sentiu-se absolutamente sem esperança, e estava prestes tanto a chorar quanto a blasfemar.

Então ele ouviu a voz – a voz de sua amada.

"Freder!" e uma vez mais: "Freder!"

Ele viu sangue perante seus olhos. Ele atirou-se sobre a porta com os ombros usando todo o peso de seu corpo...

Mas nesse mesmo momento a porta abriu sem fazer ruído. Ela girou para trás em um silêncio fantasmagórico, deixando o caminho para a casa completamente livre.

Isso foi tão inesperado e alarmante, que, no meio do balanço que teria jogado-o contra a porta, Freder segurou com as mãos os batentes, e ficou parado ali. Ele enterrou os dentes nos lábios. O coração da casa era negro como a meia-noite...

Mas a voz de Maria chamava-o do coração da casa: "Freder! Freder!"

Ele correu para a csa como se estivesse cego. A porta fechou atrás dele. Ele ficou parado na escuridão. Ele chamou. Ele não obteve resposta. Ele não via nada. Ele tateou. Ele sentiu paredes sem fim... Degraus... Ele subiu os degraus...

Uma vermelhidão pálida o atingiu como o reflexo de uma distante fogueira sombria.

Subitamente ele ficou parado, agarrando o trabalho sobre a pedra atrás dele – um som estava vindo do nada: O gemido de uma mulher sofrendo, sofrendo até a morte.

Não era muito alto, mas ainda assim era como se a fonte de todas as lamentações saísse dele. Era como se a casa estivesse chorando – como se cada pedra na parede fosse uma boca chorando, libertas do silêncio eterno, uma vez apenas, para lamentar em uma agonia eterna.

Freder gritou – ele estava completamente consciente que ele apenas

estava gritando de forma a não ouvir mais o choro.

"Maria – Maria – Maria!"

Sua voz era clara e selvagem como um juramento: "Eu estou indo!"

Ele correu subindo as escadas. Ele alcançou o topo das escadas. Uma passagem, mal ilumidada. Doze portas estavam ali.

Na madeira de cada uma dessas portas brilhava, em cobre-avermelhado, o selo de Salomão, o pentagrama.

Ele foi até a primeira. Antes dele tocá-la ela abriu ruidosamente perante ele. O vazio estava atrás ela. A sala era completamente vazia.

A segunda porta. A mesma coisa.

A terceira. A quarta. Elas abriram-se perante ele como se sua respiração as destrancasse.

Freder ficou parado. Ele afundou a cabeça entre os ombros, ergueu os braços e limpou a testa. Ele olhou à sua volta. As portas permaneciam abertas. O choro cessou. Tudo estava muito silencioso.

Mas do silêncio veio uma voz, suave e doce, e mais carinhosa que um beijo...

"Venha...! Venha...! Eu estou aqui, querido...!"

Freder não se moveu. Ele conhecia a voz muito bem. Era a voz de Maria, que ele tanto amava. E ainda assim era uma voz estranha. Nada no mundo poderia ser mais doce que o tom desse suave encantamento – e nada no mundo poderia estar tão cheio que até transbordasse de tanta perversidade negra e mortal.

Freder sentiu pingos de suor sobre sua testa;

"Quem é você?" ele perguntou inexpressivo.

"Você não me conhece?"

"Quem é você?"

"...Maria..."

"Você não é Maria..."

"Freder !" – lamentou a voz – como a voz de Maria.

"Você quer que eu fique louco?" disse Freder, entre os dentes. "Porque você não vem até mim?"

"Eu não posso, meu amado..."

"Onde está você?"

"Olhe para mim!" disse a voz doce e encantadora – a voz mortalmente perversa, rindo suavemente.

Mas através do riso soou outra voz – também como a voz de Maria, mas cheia de medo e horror.

"Freder... Ajude-me, Freder... Eu não sei o que está sendo feito comigo... Mas o que está sendo feito é pior que assassinato... Meus olhos estão..."

Subitamente, como se cortada, sua voz foi sufocada. Mas a outra voz que era como a de Maria riu-se, docemente, sedutoramente:

"Procure por mim, amado!"

Freder começou a correr. Sem sentido e irracionalmente ele começou a correr. Ao longo das paredes, por portas abertas, subindo escadas, descendo escadas, da luz para as trevas, guiado por cones de luz, que subitamente acendiam diante dele, então surpreendido e atirado novamente em uma escuridão infernal.

Ele correu como um animal cego, gemendo alto. Ele descobriu que estava correndo em círculos, sempre sobre sua própria trilha, mas ele não conseguia livrar-se disso, não consegui escapar desse círculo amaldiçoado. Ele correu na névoa roxa de seu próprio sangue, que enchia seus olhos e ouvidos, ouvia o bater de sangue enchendo o seu cérebro, muito alto, como o canto de pássaros, a doce, suave, e perversa risada de Maria...

"Procure por mim, amado...! Eu estou aqui...! Eu estou aqui...!"

Finalmente ele caiu. Seus joelhos colidiram contra algo que estava no caminho de sua cegueira; ele tropeçou e caiu. Ele sentiu pedras sobre suas mãos, frias, pedras duras, cortadas em quadrados. Seu corpo inteiro, vencido e esgotado, descansou sobre a frieza desses blocos. Ele rolou de costas, tentou levantar e caiu novamente violentamente, e ficou deitado no chão. Uma manta de sufocamento caiu sobre ele. Sua consciência vacilou como se estivesse se afogando...

Rotwang o tinha visto cair. Ele esperou com atenção e vigilante para ver se esse jovem selvagem, o filho de Joh Fredersen e Hel, teve o suficiente,

ou se ele iria recompor-se uma vez mais e lutar contra o nada.

Mas parecia que ele teve o suficiente. Ele caiu e ficou notavelmente parado. Ele não estava sequer respirando agora. Ele parecia um cadáver.

O grande inventor deixou o seu local de observação. Ele passou através da casa escura sobre solas silenciosas. Ele abriu a porta e entrou na sala. Ele fechou a porta e permaneceu parado na soleira. Com uma expectativa completamente consciente de sua falta de propósito, ele olhou para a garota ocupante do quarto.

Ele a encontrou como sempre a encontrou. No lado mais distante da sala, em uma cadeira estreita e alta, com as mãos postas, à esquerda e direita nos braços da cadeira, sentando rigidamente com as costas retas, com os olhos parecendo não ter pálpebras. Nada nela vivia além desses olhos. A gloriosa boca, ainda gloriosa em sua palidez, parecia encerrar em si o impronunciável. Ela não olhou para o homem – olhou sobre ele, e além dele.

Rotwang parou em frente. Ele aproximou-se dela. Somente suas mãos, suas mãos solitárias tatearam o ar, como se desejassem fechar-se em torno do semblante de Maria. Seus olhos, seus olhos solitários, envolveram o semblante de Maria.

"Você não vai sorrir nem uma vez?" ele perguntou. "Você não vai chorar nem uma vez? Eu preciso tanto do seu sorriso e das suas lágrimas... Sua imagem, Maria, como você está agora, está queimada em minha retina, para nunca se perder.. Eu poderia ter um diploma com o seu horror e sua rigidez. A expressão amarga de desprezo sobre sua boca é tão familiar para mim quanto a arrogância de suas sobrancelhas e têmporas. Mas eu preciso do seu sorriso e suas lágrimas, Maria. Ou você poderá fazer com que eu estrague meu trabalho."

Ele parecia falar com o ar surdo. A garota estava sentada muda, olhando sobre e além dele.

Rotwang pegou uma cadeira; ele sentou à cavalo sobre ela, com os braços cruzados sobre as costas da cadeira e olhando para a garota. Ele gargalhou sombriamente.

"Vocês duas, pobres crianças!" ele disse, "por ousarem opor-se a Joh Fredersen! Ninguém pode censurá-los por isso; vocês não o conhecem e não sabem o que estão fazendo. Mas o filho deveria conhecer o pai. Eu não acredito que exista algum homem que possa gabar-se de ter levado a melhor com Joh Fredersen: Vocês poderiam mais facilmente dobrar a vontade do inescrutável Deus, que dizem governar o mundo, do que a de Joh Fredersen..."

A garota ficou sentada como uma estátua, imóvel.

"O que você faria Maria, se Joh Fredersen levasse você e, seu amor tão à sério que ele viesse até você e dissesse: "Devolva o meu filho! ""

A garota ficou sentada como uma estátua, imóvel.

"Ele perguntaria a você: "Quanto vale o meu filho para você?" e se você fosse sábia você responderia: "Nada mais e nada menos do que ele vale para você!... " Ele pagaria o preço e seria um preço alto, pelo único filho de Joh Fredersen..."

A garota ficou sentada como uma estátua, imóvel.

"O que você sabe do coração de Freder?" continuou o homem. "Ele é jovem como a manhã no nascer do sol. Esse coração da jovem manhã agora é seu. Onde ele estará ao meio dia? E onde estará ao entardecer? Longe de você, Maria – longe, muito longe. O mundo é muito grande, a terra é muito grande... Seu pai o enviará pelo mundo. Lá fora no lindo mundo ele esquecerá você, Maria, antes do relógio de seu coração chegar ao meio dia."

A garota ficou sentada como uma estátua, imóvel. Mas em volta de sua boca pálida, que era como um botão de rosa, um sorriso começou a desabrochar – um sorriso de doçura, com tal profundidade que até o ar sobre a garota parecia ter começado a brilhar.

O homem olhou para a garota. Seus olhos solitários estavam famintos e ressequidos como o deserto que não conhecia o orvalho. Em uma voz rouca ele prosseguiu:

"De onde você tira essa confiança santificada? Você acredita ser o primeiro amor de Freder? Você esqueceu o "Clube dos Filhos", Maria? Ali existem centenas de mulheres – e todas são dele! Essas amorosas mulherzinhas podem todas contar para você sobre o amor de Freder, pois elas sabem mais sobre isso que você, e você têm apenas uma vantagem sobre elas: Você pode chorar quando ele a deixar; porque elas não têm permissão para chorar... Quando o filho de Joh Fredersen casar será como se toda Metropolis estivesse casando. Quando? Joh Fredersen decidirá isso... Com quem? Joh Fredersen decidirá isso... Mas você não será a noiva, Maria! O filho de Joh Fredersen já terá esquecido você pelo dia do seu casamento."

"Nunca!" disse a garota. "Nunca – nunca!"

E lágrimas sem dor, de verdadeiro amor caíram sobre a beleza de seu sorriso.

O homem levantou-se. Ele ficou parado perante a garota. Ele olhou

para ela. Ele virou-se. Quando ele estava atravessando a soleira da próxima sala seu ombro bateu contra o batente.

Ele bateu a porta. Ele olhou direto para frente. Ele olhou para o ser – sua criatura de vidro e metal – que carregava a cabeça quase completa de Maria.

Suas mãos moveram-se para a cabeça, e quanto mais próximas chegavam dela mais parecia que essas mãos, essas mãos solitárias, não desejavam criar mas destruir.

"Nós todos somos desajeitados, Futura!" ele disse. "Desajeitados! Desajeitados! Será que eu poderei dá-la o sorriso com que você fará os anjos agradecidamente caírem até o inferno? Conseguirei dá-las as lágrimas que poderão redimir o poderoso Satã, e beatificá-lo? Paródia é seu nome! E Desajeitado é o meu!"

Brilhando fria e lustrosa, a criatura ficou ali parada olhando seu criador com um olhar desconcertante. E, quando ele colocou suas mãos sobre seus ombros, sua fina estrutura retiniu com uma risada misteriosa...

Freder, recuperando-se, encontrou-se cercado por uma claridade opaca. Ela vinha de uma janela, que emoldurava um céu cinza pálido. A janela era pequena e dava a impressão de que não tinha sido aberta por séculos.

Os olhos de Freder vagaram através da sala. Nada do que ele viu penetrou em sua consciência. Ele não se lembrava de nada. Ele ficou caído, com suas costas descansando nas pedras que eram frias e suaves. Todos os seus membros e juntas estavam assolados por uma dor entorpecente.

Ele virou sua cabeça para um lado. Ele olhou para suas mãos que estavam caídas a seu lado como se não pertencessem a ele, atiradas de lado, desbotadas.

Juntas bateram cruamente... pedaços de pele... crostas acastanhadas... seriam essas suas mãos?

Ele encarou o teto. Era negro, como se chamuscado. Ele encarou as paredes; cinzentas, paredes frias...

Onde ele estava? Ele estava torturado por uma sede e fome vorazes. Mas pior que essa fome e sede era o cansaço que a muito exigia o sono mas que não podia encontrá-lo.

Ocorreu a ele a lembrança de Maria…

Maria...? Maria...?

Ele estremeceu e levantou-se sobre tornozelos que estavam como serrados. Seus olhos procuraram as portas: Ali estava uma porta. Ele cambaleou até ela. A porta estava fechada, sem maçaneta ou trancas, ela não podia ser aberta.

Seu cérebro o comandou: Não fique surpreso com nada... Não deixe nada o surpreender... Pense...

Ali estava, uma janela. Ela não tinha moldura. Era um painel de vidro fixo na pedra. A rua estava além dela – uma das grandes ruas da grande Metropolis, cheia de seres humanos.

O painel de vidro parecia muito espesso. Nem um som entrava na sala em que Freder estava cativo, apesar da rua estar tão próxima.

As mãos de Freder tatearam pelo painel. Uma frieza penetrava pelo vidro, com uma suavidade que era lembrava a frieza de uma lâmina de aço afiada. As pontas dos dedos de Freder deslizaram sobre o painel... E ali ficaram, retorcidos, parados, como se encantados. Ele viu: Lá embaixo, Maria estava atravessando a rua...

Deixando a casa que o mantinha cativo, ela virou suas costas para ele e caminhou com passos leves em direção ao turbilhão que era a rua...

Os punhos de Freder bateram no painel. Ele gritou o nome da garota. Ele gritou: “Maria...!” Ela deveria ouvi-lo. Era impossível que ela não o ouvisse. Apesar de suas juntas doloridas ele bateu com seus punhos contra o painel.

Mas Maria não o ouvia. Ela não virou a cabeça. Com seus passos suaves mas apressados ela submergiu na arrebentação de pessoas como se fosse familiar a este ambiente.

Freder correu para a porta. Ele a acertou com todo o seu corpo, com seus ombros, seus joelhos. Ela não gritava mais. Sua boca estava escancarada. Sua respiração queimava em seus lábios cinzentos. Ele correu de volta para a janela. Ali, fora, não mais que dez passos da janela, estava um policial, seu rosto voltado para a casa de Rotwang. A face do homem mostrava absoluta indiferença. Nada parecia mais distante em sua mente do que observar a casa do mago. Mas para o homem que estava lutando arduamente, com punhos sangrando, tentando quebrar um painel de vidro nessa casa ele não deu nem um olhar casual.

Freder parou. Ele olhou fixamente para o rosto do policial com um ódio irracional, nascido do medo de perder o que ele não tinha tempo para

perder. Ele se virou e pegou o grosseiro descanso de pés que estava próximo da mesa. Ele atirou o descanso de pés com toda força no painel de vidro. Ele ricocheteou de volta. O painel não foi danificado.

Fúria soluçante brotou na garganta de Freder. Ele girou o descansa pés e o atirou na porta. O descansa pés caiu no chão. Freder correu até ele, o agarrou, bateu e bateu, novamente e mais uma vez na porta, até que abriu um buraco nela, estremecendo-a.

Freder arrastou-se através do buraco. Ele correu através da casa. Seus olhos selvagens procuravam um inimigo ou obstáculo em cada canto. Mas ele não encontrou um ou outro. Sem ser desafiado, ele chegou à porta, encontrou-a aberta e correu até a rua.

Ele correu na direção que Maria tinha tomado. Mas rebentação de pessoas desapareceu com ela. Ela tinha sumido.

Por alguns minutos Freder ficou entre a multidão apressada, como se paralisado. Uma esperança insensata obscurecia sua mente: Talvez – talvez ela pudesse voltar... se ele fosse paciente e esperasse o bastante.

Mas ele lembrou-se da catedral – em que esperou em vão – sua voz na casa do mago – palavras de medo – sua doçura, sua risada perversa...

Não – Não esperaria! Ele queria saber.

Com os dentes cerrados ele correu...

Havia uma casa na cidade onde Maria vivia. Um caminho interminavelmente longo. Onde ele deveria perguntar. Com a cabeça vazia, mãos esfoladas, com olhos que pareciam insanos devido ao cansaço, ele correu em direção à casa de Maria.

Ele não sabia por quantas preciosas horas Slim esteve atrás dele...

Ele estava perante as pessoas com quem Maria supostamente viveria: um homem – uma mulher – com os rostos cheios de marcas. A mulher assumiu a resposta. Seus olhos contraíram-se. Ela apertou as mãos em seu avental.

Não – nenhuma garota chamada Maria vive – ou jamais viveu aqui...

Freder encarou a mulher. Ele não acreditava nela. Ela devia conhecer a garota. Ela devia viver aqui.

Meio atordoado com o medo de que sua última esperança de encontrar Maria pudesse provar-se falaciosa também, ele descreveu a

garota, da forma que sua memória ajudou a esse pobre homem ensandecido.

Ela tinha esse tipo de cabelo... Ela tinha olhos muito gentis... Ela tinha a voz de uma mãe amorosa... Ela vestia um sério mas adorável vestido...

O homem deixou sua posição, próximo à mulher, e parou ao lado, afundando a cabeça entre os seus ombros como se ele não pudesse suportar ouvir esse estranho jovem ali, na porta, falando de uma garota, para quem a mulher repetia as mesmas palavras sem verniz algum: Essa garota não vive aqui, de uma vez por todas... Ele não tinha quase acabado o seu catecismo?

Freder saiu. Ele foi sem dizer uma palavra. Ele ouviu como a porta bateu, sem um estrondo. Vozes estavam se afastando, brigando. Passos intermináveis o trouxeram para a rua novamente.

Sim... e agora?

Ele ficou sem esperança. Ele não sabia para onde ir.

Exausto até a morte, embriagado de cansaço, ele ouviu, com um estremecimento súbito, que o ar a sua volta estava sendo preenchido com um som avassalador.

Era uma glória imensurável e arrebatadora, tão profunda e retumbante como o mais poderoso som na terra. A voz do mar quando estava zangado, a voz das quedas d"água, as vozes dos trovões próximos – estariam miseravelmente afogados nesse estrondo de Behemoth. Sem ser agudo de mais, ele penetrou todas as paredes e, enquanto durou, tudo parecia oscilar com ele. Ele era onipresente, vindo das alturas e das profundezes, sendo lindo e horrível, um comando irresistível.

Ele estava alto acima da cidade. Era a voz da cidade.

Metropolis ergueu sua voz. As máquinas de Metropolis rugiram; elas queriam ser alimentadas.

"Meu pai", pensou Freder, meio inconscientemente, "pressionou os dedos sobre a placa de metal azul. O cérebro de Metropolis controla a cidade. Nada acontece em Metropolis que não chegue aos ouvidos de meu pai. Eu devo ir até ele e perguntar se o inventor, Rotwang, brincou com Maria e comigo em nome de Joh Fredersen."

Ele virou-se – para seguir seu caminho até a Nova Torre de Babel. Ele partiu com a obstinação de um possesso, com loucura nos lábios, linhas nítidas entre as sobrancelhas, punhos cerrados em seus fracos braços pendentes. Ele partiu como se quisesse esmagar a pedra sobre seus pés.

Parecia que cada gota de sangue em seu rosto estava em seus olhos apenas. Ele corria, e, no caminho interminável, a cada passo, ele tinha a sensação: Eu não sou aquele que está correndo... Eu sou um espírito que está correndo ao lado do meu próprio corpo... Eu, o espírito, estou forçando o meu corpo para seguir correndo, embora esteja morto de cansaço...

Aqueles que o viram quando ele chegou na Nova Torre de Babel pareciam não vê-lo, mas sim a um espírito...

Ele estava prestes a entrar no Pater Noster, que estava bombeando em seu caminho, uma roda de moinho de seres humanos, através da Nova Torre de Babel. Mas subitamente um estremecimento o afastou dele. Não estaria agachada abaixo, no fundo, muito fundo, abaixo, sobre a sola da Nova Torre de Babel, uma pequena e reluzente máquina, que era como Ganesha, o deus com a cabeça de elefante? Sob o corpo agachado, e a cabeça afundada no peito, pernas dobradas descansando, como um gnomo, sobre a plataforma. O tronco e as pernas estariam imóveis. Mas os braços empurravam, empurravam e empurravam, alternadamente, para frente, para trás, para frente.

Quem estaria perante a máquina agora, amaldiçoando a Oração do Senhor – a Oração do Senhor da máquina Pater Noster?

Estremecendo de horror, ele subiu correndo as escadas.

Escadas, escadas e mais escadas... Elas nunca chegavam a um fim... A testa da Nova Torre de Babel estava muito próxima do céu. A torre rugia como o mar. Ela uivava tão profunda como uma tempestade. Os estalos de uma queda d”água bombeavam em suas veias.

“Onde está o meu pai?” Freder perguntou aos servos.

Eles indicaram a porta. Eles queriam anunciá-lo. Ele sacudiu a cabeça. Ele imaginou: Porque essas pessoas olhavam com tanta estranheza para ele?

Ele abriu uma porta. A porta estava vazia. Do outro lado, uma segunda porta, entreaberta. Vozes atrás dela. A voz de seu pai e de outro...

Freder subitamente ficou parado. Seus punhos balançavam em braços indefesos, não mais parecendo capazes de libertar-se de seu próprio aperto. Ele escutou; os olhos em seu rosto estavam preenchidos com sangue, e os lábios estavam abertos como se estivessem formando um grito.

Então ele arrancou seu pé adormecido do chão, cambaleou para a porta e a empurrou abrindo-a...

No meio da sala, que estava preenchida com um brilho cortante, estava Joh Fredersen, segurando uma mulher em seus braços. E a mulher era Maria. Ela não estava lutando. Inclinando-se nos braços do homem, ela estava oferecendo a ele sua boca, a sua boca sedutora, com aquela risada mortal...

"Você...!" gritou Freder.

Ele correu até a garota. Ele não viu o seu pai. Ele via apenas a garota – não, ele não via a garota, somente a sua boca, a sua doce e perversa risada.

Joh Fredersen virou-se, amplo e ameaçadoramente. Ele soltou a garota. Ele cobriu-a com a força de seus ombros poderosos, com seu grande crânio, inflamado de sangue, e com seus dentes fortes e com olhos invencíveis muito visíveis.

Mas Freder não viu seu pai. Ele somente o via como um obstáculo entre ele e a garota.

Ele correu para o obstáculo. Ele empurrou-o de volta. Ódio escarlate pelo obstáculo o sufocou. Seus olhos voaram ao redor. Eles procuravam um instrumento – um instrumento que poderia ser usado como um aríete. Ele não encontrou nenhum. Então ele atirou-se como um aríete na direção do obstáculo. Seus dedos agarraram coisas. Ele mordeu o material. Ele ouviu sua própria respiração como um apito, muito alto e estridente. No entanto, dentro dele havia apenas um som, apenas um grito: "Maria!"

Um homem sonhando com o inferno não gritaria mais, em seu tormento, do que ele gritou.

E ainda assim, entre ele e a garota, o homem, o pedaço de rocha, a parede viva...

Ele jogou as mãos para frente. Ah... Veja! ... Ali está uma garganta! Ele agarrou a garganta. Seus dedos agarraram rápido como presas de ferro.

"Porque você não se defende?" ele gritou, encarando o homem.

"Eu vou matá-lo! Eu vou tirar a sua vida! Eu vou assassiná-lo!"

Mas o homem perante ele manteve-se firme enquanto era estrangulado por ele. Arremessado pela fúria de Freder, o corpo curvou-se, para a direita e depois para a esquerda. E todas vezes que isso aconteceu, Freder viu, como se através de uma névoa transparente, o rosto de Maria, que , inclinando-se encostada à mesa, estava olhando com seus olhos de água salgada para a luta entre pai e filho.

A voz de seu pai dizia: “Freder...”

Ele olhou para o homem no rosto. Ele viu o seu pai. Ele viu as mãos que estavam agarrando a garganta de seu pai. Elas eram suas, eram as mãos do seu filho.

Suas mãos soltaram-se, como se tivessem sido cortadas... Ele olhou para as mãos, gaguejando algo que soava meio como um juramento, meio como um choro de uma criança que acredita estar sozinha no mundo.

A voz do seu pai dizia: “Freder...”

Ele caiu de joelhos. Ele esticou os braços. Sua cabeça caiu para a frente nas mãos do seu pai. Ele irrompeu em lágrimas, em soluços desamparados...

Uma porta deslizou.

Ele virou a cabeça em volta. Ele ficou de pé. Seus olhos varreram a sala.

“Onde está ela?” ele perguntou.

“Quem?”

“Ela ...”

“Quem ...”

“Ela... que estava aqui...”

“Ninguém estava aqui, Freder...”

Os olhos do rapaz ficaram vidrados.

“O que você disse?” ele gaguejou.

“Aqui não havia nenhuma alma viva, Freder, apenas eu e você.”

Freder virou sua cabeça em volta rigidamente. Ele puxou a camisa de sua garganta. Ele olhou nos olhos de seu pai como se olhasse para o fundo de um poço.

“Você disse que não havia uma alma viva aqui... Eu não o vi você... quando você estava segurando Maria nos seus braços... Eu devia estar sonhando... Eu estou louco, não estou?...”

“Eu dou a minha palavra”, disse Joh Fredersen, “quando você veio

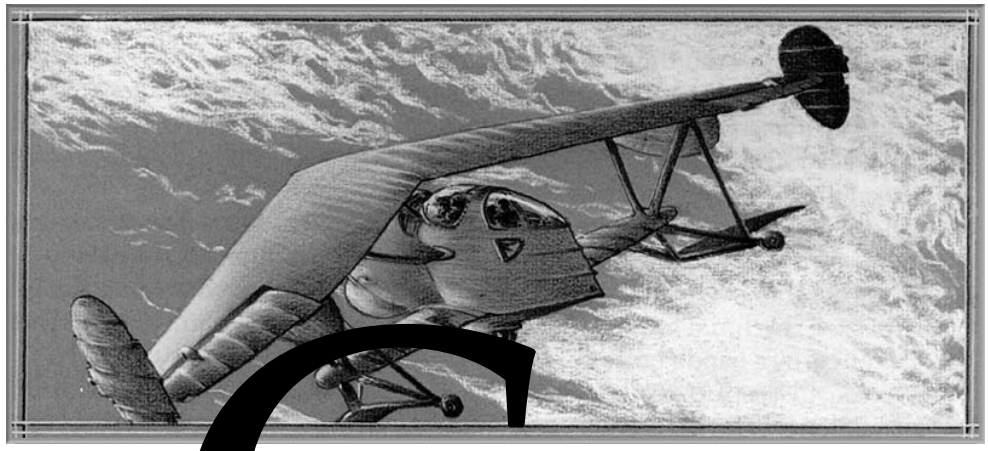
até mim não havia nenhuma mulher ou qualquer outra alma viva aqui...”

Freder permaneceu em silêncio. Seus olhos aturdidos estavam procurando ao longo das paredes.

“Você está doente, Freder”, disse a voz de seu pai.

Freder sorriu. Então ele começou a rir. Ele atirou-se em uma cadeira, riu e riu. Ele inclinou-se para frente, descansando ambos os cotovelos sobre seus joelhos, enterrando sua cabeça nas mãos e braços. Ele balançou-se de lá para cá, gritando uma gargalhada.

Os olhos de Joh Fredersen estavam sobre ele.



Capítulo IX

O AEROPLANO QUE tinha levado Josaphat para longe de Metropolis nadava no ar dourado do sol poente, correndo em sua direção em grande velocidade, como se estivesse amarrado à bola que afundava no oeste por cabos de metal.

Josaphat sentava-se atrás do piloto. Desde o momento em que o aeródromo tinha afundado atrás deles e o mosaico da grande Metropolis empalideceu em profundezas insondáveis, ele não tinha dado o menor sinal de que era um ser humano com a faculdade de respirar e se mover. Ao piloto parecia que estava carregando com ele uma pedra cinzenta pálida, que tinha a forma de um homem, como uma carga, e quando ele virou para olhar para ele, e olhou em cheio para os olhos bem abertos desse ser petrificado, não encontrou o menor sinal de consciência.

No entanto Josaphat tinha interceptado o movimento da cabeça do piloto em sua mente. Não imediatamente. Não rapidamente. Mas ainda assim a visão desse movimento cauteloso, mas certamente um movimento vigilante, permaneceu em sua memória até que ele tinha finalmente compreendido ele.

Então a imagem petrificada parecia ter se tornado um ser humano novamente, cujo peito ergueu-se tomando uma inspiração a muito negligenciada, levantando seus olhos para cima, para o céu azul esverdeado vazio e para baixo novamente para a terra que formava um tapete achatado e redondo, com as bordas perdendo-se no infinito – e com o sol rolando para o oeste como uma bola brilhante.

E por último, no entanto, para a cabeça do piloto que sentava à sua frente, para o boné do homem que estava virado, sem pescoço, nos ombros cheios de uma força de touro e com uma calma forçada.

O motor poderoso do aeroplano trabalhava em perfeito silêncio. Mas o ar que este atravessava preenchia o avião com um misterioso trovão, como se a cúpula do céu estivesse aproximando-se com um rugido no globo, e pretendesse jogar o avião raivosamente para trás.

O avião planava acima de uma terra estranha, como um pássaro que não era capaz de encontrar o seu ninho.

Subitamente, no meio do trovão de ar, o piloto ouviu a voz na sua orelha esquerda, dizendo quase suavemente: "Dê a volta..."

A cabeça sob o boné do piloto estava prestes a virar-se para trás. Mas na primeira tentativa de fazer isso encontrou um objeto oferecendo resistência, que estava repousando em seu crânio. Esse objeto era pequeno, aparentemente angular e extraordinariamente duro.

"Não se mova!" disse a voz em sua orelha esquerda, que era muito suave, mas ainda assim fez-se entender sobre o trovejar do ar. "Não olhe para os lados também! Eu não tenho um revolver comigo. Se eu tivesse um provavelmente ele não estaria aqui comigo. O que eu tenho em minha mão é um instrumento cujo nome e propósito é desconhecido para mim. Mas é feito de aço sólido o suficiente para esmagar seu crânio caso você não me obedeça imediatamente... Dê a volta!"

Os ombros de touro sobre o boné de piloto ergueram-se em um curto e impaciente movimento. A bola brilhante do sol tocava o horizonte com um movimento inexpressivamente leve. O nariz do aeroplano estava voltado em sua direção e não alterou o seu curso mais que alguns centímetros.

"Parece que você não me entendeu", disse a voz atrás do piloto. "Dê a volta! Eu quero retornar para Metropolis, você me escutou? Eu preciso chegar lá antes do cair da noite... bem?"

"Cale a sua boca", disse o piloto.

"Pela última vez, você vai obedecer ou não?"

"Fique sentado e quieto aí atrás... Maldição, o que você quer com..."

"Você não vai obedecer?"

"Que inferno..."

Uma jovem garota, trabalhando em um grande e ondulante campo de feno, aproveitando a última luz do sol poente, avistou o pássaro correndo acima dela, no céu da tarde, com seus olhos aquecidos pelo trabalho e cansados pelo verão.

Quão estranhos os movimentos do aeroplano, subindo e descendo! Ele estava dando saltos como um cavalo tentando livrar-se de seu cavaleiro.

Agora estava correndo em direção ao sol, e agora estava virando as costas para baixo. A jovem garota nunca tinha visto antes uma criatura no ar tão selvagem e desregrada. Agora ela balançava para o oeste e estava correndo em trancos pelo céu. Algo se libertou dele; um grande, tecido cinza-prateado, que se inchou enquanto caía.

Arrastado de cá para lá pelo vento, o tecido cinza-prateado flutuou até o solo – nas teias nas quais uma gigantesca arranha negra parecia estar pendurada.

Gritando, a jovem garota começou a corre. A grande arranha negra girou mais e mais sobre as cordas finas. Agora ela parecia com um ser humano. Uma face branca como a morte inclinou-se em direção à terra. A própria terra curvou-se suavemente em direção à criatura que descia. O homem soltou-se dos cabos e saltou. E caiu. Levantou-se novamente. E caiu mais uma vez.

Como uma nuvem de neve, suave e brilhante, o tecido cinza-prateado caiu sobre ele, cobrindo-o completamente.

A jovem garota veio correndo.

Ela ainda estava gritando, sem palavras, sem fôlego, como se esses gritos primitivos fossem sua linguagem natural. Ela dobrou o tecido de seda prateada no seu peito com seus braços a fim de trazer o homem que estava debaixo dele para a luz novamente.

Sim, ele estava deitado agora, esticado com as costas no chão, e a seda era tão forte que feria os seus dedos que tentavam rasga-la. E onde os dedos perdiam o contato com a seda, marcas vermelhas ficavam sobre ela, como se deixadas por um animal que tinha mergulhado as patas sobre o sangue de seu inimigo.

A garota silenciou-se com a visão dessas marcas.

Uma expressão de horror apareceu no rosto dela, mas, ao mesmo tempo, uma expressão como a de uma fêmea com filhotes quando sente o cheiro do inimigo e não desejam trair-se ou a sua cria de qualquer forma.

Ela apertou os dentes com tanta força que sua jovem boca ficou pálida e fina. Ela ajoelhou ao lado do jovem homem e ergueu sua cabeça em seu colo.

Os olhos dele abriram-se no rosto branco que ela segurava. Eles olharam para os olhos que estavam curvados sobre eles. Eles olharam para os lados e através do céu.

Um ponto negro correndo na vermelhidão do céu oriental, no qual o sol afundava...

O aeroplano...

Agora ele tinha recuperado sua vontade e estava voando em direção ao sol, mais e mais para o oeste. No seu manche sentava-se um homem que não voltaria atrás, tão morto quando poderia estar. O boné do piloto pendia em frangalhos a partir do crânio aberto, sobre os ombros de touro. Mas os punhos não tinham largado o manche. Eles ainda o seguravam fortemente...

Adeus, piloto...

O rosto que estava no colo da jovem garota começou a sorrir, e a perguntar.

Onde fica a cidade mais próxima?

Não existe cidade próxima, por uma longa distância.

Onde fica a estrada de ferro mais próxima?

Não existe estrada de ferro, por uma longa distância.

Josaphat empurrou-se erguendo a cabeça. Ele olhou para si mesmo.

Esticando-se para todas as direções estavam campos e prados, cercados por florestas, ali de pé na quietude do entardecer. O céu escarlate escurecia. Os grilos cantavam. A névoa sobre distantes e solitários salgueiros crescia com um branco leitoso. Na pureza santificada do grande céu apareceu a primeira estrela com um brilho persistente.

"Eu devo ir", disse o homem com a face branca como a morte.

"Você deve descansar, primeiro", disse a jovem garota.

Os olhos do homem a encararam com espanto. Seu rosto claro, sua testa pouco inteligente e sua linda, mas tola boca se destacava, como se estivesse sobre uma cúpula de safira, contra o céu que se curvava sobre ela.

“Você não está com medo de mim?” perguntou o homem.

“Não”, disse a jovem garota.

A cabeça do homem caiu novamente sobre seu colo. Ela inclinou-se para frente e cobriu o corpo que estremecia com a ondulosa seda prateada.

“Descansar...” disse o homem com um suspiro.

Ela não respondeu. Ele sentou-se sem movimento.

“Você vai me acordar”, perguntou o homem – e sua voz tremia devido ao cansaço – “assim que o sol nascer?”

“Sim”, disse a jovem garota. “Fique em silêncio...”

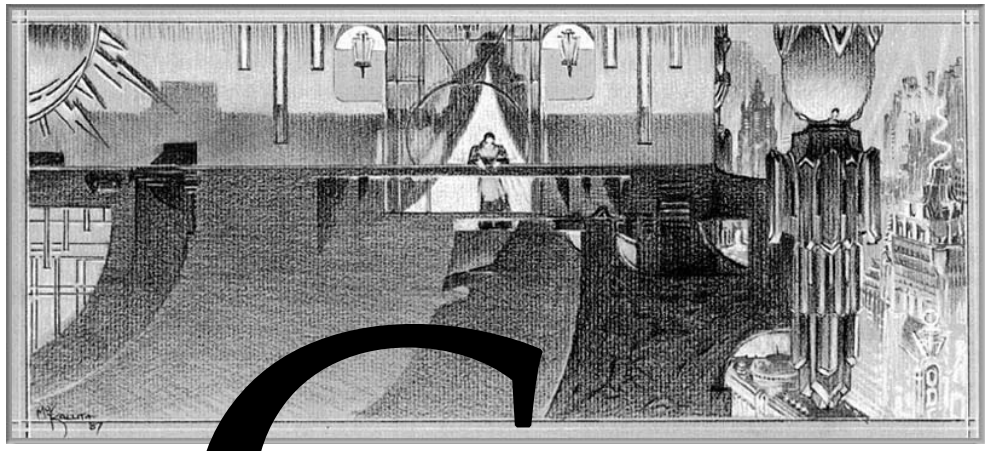
Ele suspirou profundamente. Então ele ficou parado.

Ficou mais e mais escuro.

Ela não respondeu. Ela ficou sentada sem mover-se.

Na distância uma voz foi ouvida, chamando um nome, por um longo tempo, de novo e de novo...

As estrelas estavam gloriosas sobre o mundo. A voz distante ficou em silêncio. A jovem garota olhou para baixo para o homem caído em seu colo. Em seus olhos estava a vigilância que nunca dormia, como a que se vê nos olhos de animais com crias e em mães.



Capítulo X

SEMPRE QUE JOSAPHAT TENTOU, durante os dias que se seguiram, romper a barreira que foi erguida em torno de Freder, sempre havia uma pessoa estranha ali, e sempre uma diferente, que dizia, com semblante inexpressivo:

"O Sr. Freder não pode receber ninguém. O Sr. Freder está doente." Mas Freder não estava doente, pelo menos não era uma doença que geralmente se manifesta entre a humanidade. De manhã até a noite, da noite até o amanhecer, Josaphat observou a casa. Mas por horas ele viu uma sombra vagando de cima a baixo – e viu na hora do crepúsculo, quando os telhados de Metropolis ainda brilhavam, banhados pelo sol, e a escuridão das ravinas das ruas estava inundando-se de luz fria, a mesma sombra, uma forma imóvel, parada na estreita varanda que corria em torno desta, que era a maior casa de Metropolis.

Contudo, o que era expresso pela sombra vagando de cima a baixo, a partir da pessoa que formava a sombra, não era doença. Era uma desesperança extrema. No telhado da casa oposta ao apartamento de Freder, Josaphat observava o homem que tinha escolhido ele como amigo e irmão, a quem ele tinha traído e para quem ele havia retornado. Ele não conseguia distinguir o seu rosto, mas ele podia perceber a partir de seu pálido semblante que o rosto sob o sol do entardecer, banhado pelos holofotes, que esse homem cujos olhos encaravam Metropolis, não via Metropolis.

Às vezes pessoas surgiam ao lado dele, e falavam com ele, esperando uma resposta. Mas as respostas nunca vinham. Então as pessoas iam

embora, arrasadas.

Uma vez Joh Fredersen veio até seu filho, que estava na varanda estreita, parecendo não saber que seu pai estava próximo. Joh Fredersen falou com ele por um longo período. Ele colocou sua mão na mão do filho, que estava descansando no guarda-corpo. Da sua boca não veio resposta. A mão não recebeu resposta. Somente uma vez Freder virou sua cabeça, com dificuldade, como se as juntas de seu pescoço estivessem enferrujadas. Ele olhou para Joh Fredersen.

Joh Fredersen saiu.

E quando seu pai saiu Freder voltou sua cabeça de volta em suas juntas enferrujadas e encarou uma vez mais Metropolis, que estava dançando em um redemoinho de luzes, encarando-a com olhos cegos.

O guarda-corpo da varanda estreita em que ele estava parecia um muro de insuperável de solidão, de profunda consciência de ter sido abandonado. Nenhum chamado, nenhum sinal, nem o mais alto dos sons penetravam esse muro que era varrido pelas fortes ondas brilhantes da grande Metropolis.

Mas Josaphat não desejava após ter se aventurado com um salto de fé do céu até a terra, após ter enviado um homem – que estava apenas realizando seu trabalho – impotente para o infinito, parar perante esse muro de solidão.

Veio uma noite que pendia brilhante e vaporosa sobre Metropolis. Uma tempestade de raios, que ainda estava distante, queimava fogos de alerta em nuvens profundas. Todas as luzes da grande Metropolis pareciam mais violentas, derramando-se mais selvagemente sobre a escuridão.

Freder parado sobre o guarda-corpo da varanda estreita tinha as mãos quentes pousadas sobre ele. Um sensual e inquieto sopro de vento atirava-se sobre ele, fazendo a seda branca que o cobria seu corpo agora emagrecido se agitar.

Ao redor o cume do telhado da casa oposta a ele corria, em um beiral brilhante, uma palavra luminosa, em um circuito circular eterno...

Phantasus... Phantasus... Phantasus...

Freder não viu essa palavra. Sua retina a recebia – não o seu cérebro.

A palavra parecia martelar eternamente...

Phantasus... Phantasus... Phantasus...

Subitamente o desenho da palavra extinguiu-se e em seu lugar números brilharam na escuridão, desaparecendo novamente, emergindo e desaparecendo, num efeito inconfundível de um chamado penetrante e persistente.

90..... 7..... 7.....

90..... 7..... 7.....

90..... 7..... 7.....

Os olhos de Freder capturaram os números.

90..... 7..... 7.....

Eles deram a volta, e então retornaram novamente.

90..... 7..... 7.....

Pensamentos cambaleavam em seu cérebro.

90...? E 7...? E um segundo 7...?

O que isso significava?... Como esses números eram intrusivos.

90..... 7..... 7.....

90..... 7..... 7.....

90..... 7..... 7.....

Freder fechou seus olhos. Mas agora os números estavam com ele. Ele via eles inflamados, brilhando, sumindo... Inflamando-se, brilhando e sumindo.

Isso era – não... Ou sim?

Não teriam esses números, algum tempo atrás, pelo que parecia um período de tempo incomensuravelmente longo, também lhe significado alguma coisa?

90..... 90.....

Subitamente uma voz em sua cabeça disse:

Nonagésimo bloco... Nonagésimo bloco... Casa Sete... Sétimo andar...

Freder abriu os seus olhos. Lá, na casa em frente, os números

erguiam-se, perguntavam e chamavam...

90..... 7..... 7.....

Freder inclinou-se para frente sobre o guarda-corpo como se ele fosse lançar-se no espaço. Os números o deixavam atordoado. Ele fez um movimento com seu braço como se desejasse encobri-los ou colocá-los para fora.

Então eles sumiram. O beiral brilhante desapareceu. A casa escureceu somente meio iluminada pela luz recebida da rua abaixo. O céu tempestuoso ficou subitamente visível sobre o telhado e relâmpagos pareciam fazer rachaduras nele.

Na luz esmaecida, logo ali, estava um homem.

Freder deu um passo para trás do guarda-corpo. Ele ergueu as duas mãos na frente da sua boca. Ele olhou para a direita, então para a esquerda; ele ergueu ambos braços. Então ele virou-se, como se removido do lugar onde estava por uma força da natureza, e correu para a casa, correu pela sala, então parou novamente...

Cuidadosamente... cuidadosamente agora...

Ele refletiu. Ele pressionou sua cabeça entre os punhos. Havia entre seus servos, apenas uma alma em que poderia confiar para que não o entregasse a Slim?

Que situação miserável – que situação miserável!

Mas a alternativa que ele tinha era saltar na escuridão, a fé cega – o teste final de confiança?

Ele poderia apagar as luzes da sua sala, mas ele não ousava fazê-lo, pois até este dia ele não foi capaz de suportar a escuridão sobre ele. Ele caminhou de um lado para outro. Ele sentia a transpiração em sua testa e o tremor de suas juntas. Ele não conseguia calcular quanto tempo se passou. O sangue corria em suas veias como em uma cachoeira. O brilho do primeiro trovão tremulou sobre Metropolis, e, a resposta tardia do som do trovão correu pela chuva, misturando-se suavemente a ela. O som engoliu o barulho da porta se abrindo. Quando Freder virou-se Josaphat estava parado no meio da sala. Ele estava vestido com o uniforme de um trabalhador.

Eles caminharam um em direção ao outro como se dirigidos por um poder externo. Mas no meio do caminho os dois pararam e olharam um para o outro, e cada um tinha para o outro a mesma questão horrorizada no rosto.

Onde você esteve desde a última vez que eu o vi? Para que inferno você desceu?

Freder com sua pressa fervorosa foi o primeiro a se recuperar. Ele segurou o amigo pelo braço.

"Sente-se!" ele disse em uma voz sem tom, que ocasionalmente mostrava uma mórbida secura típica das coisas queimadas. Ele sentou-se ao seu lado, sem tirar sua mão de seu braço. "Você esperou por mim – Em vão... Eu não pude mandar para você uma mensagem, me perdoe!"

"Eu não tenho nada para perdoá-lo, Sr. Freder", disse Josaphat com voz baixa. "Eu não esperei por você... No entardecer em que eu deveria estar esperando por você, eu estava longe, muito longe de Metropolis e de você..."

Os olhos de Freder esperavam enquanto olhavam para ele.

"Eu traí você, Sr. Freder", disse Josaphat.

Freder sorriu, mas os olhos de Josaphat extinguiram seu sorriso.

"Eu traí você, Sr. Freder", repetiu o homem. "Slim veio até mim... Ele ofereceu muito dinheiro... Mas eu somente ri... Eu atirei o dinheiro na cabeça dele. Mas então ele colocou sobre a mesa a assinatura de seu pai em um cheque... Você precisa acreditar em mim, Sr. Freder; Ele nunca me compraria com o dinheiro. Não existe dinheiro que fizesse com que eu o vendesse... Mas quando eu vi a escrita de seu pai... Eu ainda tentei lutar. Eu teria de bom grado arrasado com ele. Mas eu não tive mais forças... Joh Fredersen estava escrito na folha de cheque... Eu não tive mais forças, então..."

"Eu posso compreender isso", disse o filho de Joh Fredersen.

"Obrigado... Eu devia ir para longe de Metropolis – muito longe... Eu fugi... O piloto era um homem estranho. Nós ficávamos voando em direção ao sol. O sol estava se pondo. Então ocorreu ao meu cérebro vazio que agora deveria estar chegando a hora em que eu deveria esperar por você. E que eu não estaria lá quando você viesse... Eu tentei voltar. Eu pedi ao piloto. Ele não deixou. Ele queria me levar para longe à força, mais e mais distante de Metropolis. Ele era obstinado como somente um homem que conhece a força de Slim pode ser. Eu implorei e eu ameacei. Mas nada serviu. Então, com uma das suas ferramentas em esmaguei seu crânio."

Os dedos de Freder, que estavam descansando no braço de Josaphat, aliviaram a pressão um pouco; mas eles ficaram parados novamente imediatamente.

"Então eu saltei para fora, e eu estava tão distante de Metropolis que uma jovem garota que me ajudou no campo nem conhecia a grande Metropolis sequer pelo nome... Eu vim até aqui e não encontrei nenhuma mensagem de você, e tudo que descobri é que você estava doente..."

Ele hesitou e ficou em silêncio, olhando para Freder.

"Eu não estava doente", disse Freder, olhando direto para frente. Ele soltou os seus dedos do braço de Josaphat e inclinou-se para frente, colocando ambas as palmas das mãos na cabeça. Ele falou para o espaço... "Mas você acredita, Josaphat, que eu esteja louco?"

"Não."

"Mas eu devo estar", disse Freder, e ele encolheu-se, tanto que parecia como um garotinho, dominado por um medo poderoso, em seu lugar. Sua voz parecia subitamente mais aguda e fraca, e algo nela trouxe água aos olhos de Josaphat.

Josaphat esticou sua mão, de forma atrapalhada, e encontrou o ombro de Freder. Sua mão aproximou-se de seu pescoço e puxou-o gentilmente em direção a ele, o segurando firme e forte.

"Apenas conte para mim o que aconteceu, Sr. Freder!" ele disse. "Eu não acho que existam muitas coisas que possam ser insuperáveis para mim desde que eu saltei do céu até a terra, a partir de um aeroplano guiado por um homem morto. Também", ele continuou em uma voz suave, "eu aprendi em uma só noite que é possível suportar muito quando se tem alguém próximo simplesmente observando, sem perguntar nada, simplesmente por estar ao seu lado."

"Eu estou louco, Josaphat", disse Freder. "Mas – eu não sei se isso serve de consolo! Eu não sou o único..."

Josaphat estava em silêncio. Sua mão paciente ficou parada sobre o ombro de Freder.

E subitamente, como se sua alma fosse um recipiente transbordante, que perdeu o equilíbrio e derrubou seu conteúdo, Freder começou a falar. Ele contou sua história com Maria – do momento de seu primeiro encontro com ela no "Clube dos Filhos", até quando eles viram-se novamente no subsolo na Cidade dos mortos – sua espera por ela na catedral, suas experiências na casa de Rotwang, sua vã busca, a curta visão da não-Maria, até o momento em que por sua causa ele desejou assassinar o seu próprio pai – não, não por sua causa: por causa de um ser que não estava ali, que ele apenas acreditou ter visto...

"Não seria isso loucura?"

"Alucinação, Sr. Freder..."

"Alucinação? Eu vou dizer algo mais para você sobre alucinação, Josaphat, e você não deve acreditar que eu estou falando em delírio ou que não estou de posse da minha sanidade. Eu desejei matar o meu pai... E não foi minha culpa que essa tentativa de parricídio não tenha sido bem sucedida... Mas desde esse momento eu não sou mais humano... Eu sou uma criatura que não tem pés, mãos e dificilmente tem uma cabeça. E essa cabeça está ali apenas para pensar eternamente que eu quis matar o meu próprio pai. Você acredita que eu conseguirei me libertar desse inferno? Nunca, Josaphat. Nunca – por toda a eternidade. Eu fiquei durante a noite ouvindo meu pai caminhar de um lado para outro na sala ao lado. Eu fiquei nas profundezas de um poço negro; mas meus pensamentos correram ao lado dos passos de meu pai, como se acorrentados à sola de seus sapatos. Que horror acometeria ao mundo se isso acontecesse? Haveria um cometa no céu que levaria a loucura à humanidade? Uma nova praga viria, ou um Anticristo? Ou o fim do mundo? Uma mulher, que não existe, fica entre pai e filho e incita o filho a assassinar o pai... Pode ser que meus pensamentos tenham ficado inflamados no momento... Então meu pai veio até mim..."

Ele parou suas mãos retorceram-se e encontraram-se no topo da cabeça.

"Você conhece meu pai. Existem muitos na grande Metropolis que não acreditam que Joh Fredersen seja humano, porque ele parece não precisar comer ou beber, e ele dorme apenas quando deseja; e usualmente ele não deseja isso... Eles o chamam de Cérebro de Metropolis, e se é verdade medo é a fonte de toda religião, então o cérebro de Metropolis não está muito distante de ser uma divindade... Esse homem, que é meu pai, veio até minha cama... Ele caminhou nas pontas dos pés, Josaphat. Ele inclinou-se sobre mim e segurou sua respiração... Meus olhos estavam fechados. Eu estava imóvel e ainda assim pareceu para mim que meu pai conseguia ouvir minha alma a chorar dentro de mim. Então eu o amei mais que tudo na terra. Mas mesmo se minha vida dependesse disso, eu não seria capaz de abrir meus olhos. Eu senti a mão de meu pai alisando meu travesseiro. Então ele saiu como tinha vindo, na ponta dos pés, fechando a porta silenciosamente atrás dele. Você sabe o que ele fez?"

"Não..."

"Não... Eu não sei como você poderia. Eu somente percebi horas mais tarde... Pela primeira vez desde que a grande Metropolis existe, Joh Fredersen omitiu-se de pressionar a pequena placa azul e deixar a voz de Behemoth de Metropolis rugir, porque ele não queria perturbar o sono de

seu filho..."

Josaphat baixou sua cabeça, sem dizer nada. Freder deixou suas mãos entrelaçadas caírem.

"Então eu percebi", ele continuou, "que meu pai tinha me perdoado... E quando eu percebi isso, eu realmente caí no sono..."

Ele levantou-se e ficou parado, parecendo estar escutando o barulho da chuva. Os raios ainda estavam brilhando sobre Metropolis, com furiosos trovões retumbando depois deles. Mas o barulho da chuva afogava o som.

"Eu dormi..." Freder prosseguiu – tão suavemente que o outro quase não conseguia seguir suas palavras "Então eu comecei a sonhar... Eu vi essa cidade – essa grande Metropolis – na luz de uma realidade fantasmagórica. Uma lua estranha estava no céu; e como se fosse uma estrada essa luz fantasmagórica inundava a cidade, que estava deserta até a última alma. Todas as casas estavam distorcidas e tinham rostos. Elas olhavam maldosamente e acintosamente para mim, pois eu estava caminhando entre elas, sobre o brilho da rua.

"A rua era apertada, como se esmagada entre as casas; era como se fosse feita de vidro esverdeado – como um rio de vidro solidificado. Eu deslizei sobre ela e olhei para baixo; através de um frio borbulhar de um fogo subterrâneo.

"Eu não sabia qual era o meu destino, mas eu sabia que tinha um, e estava com pressa de alcança-lo em breve. Eu tentei abafar os meus passos tanto quanto pude, mas o som era excessivamente alto e acordou um sussurro farfalhante das paredes das casas deformadas, como se elas estivessem murmurando sobre mim. Eu apressei o passo e corri, e, quanto mais corria mais o eco dos meus passos soava atrás de mim, como se houvesse um exército em meu encalço. Eu estava pingando suor...

"A cidade estava viva. As casas estavam vivas. Suas bocas abertas rosnavam para mim. A janelas cavernosas, como olhos abertos, piscavam cegamente, horrivelmente, maliciosamente.

"Engasgando, eu cheguei a praça perante a catedral...

"A catedral estava iluminada. As portas estavam abertas – não, elas não estavam abertas. Elas iam para lá e para cá, como portas de vaivém sobre o fluxo invisível de pessoas a atravessando. O órgão tocava, mas não era música. Crocitares, choros, guinchos e choramingos soavam a partir do órgão e misturavam-se em uma melodia devassa, como canções de lamentos de prostitutas...

"As portas de vai e vem, a luz, o Sabah do órgão, tudo parecia estar misteriosamente excitado, apressado, como se não houvesse tempo a perder, e cheio de uma satisfação profundamente maligna...

"Eu caminhei pela catedral e subi os degraus. Uma porta me segurou, como um braço, e me soprou em uma rajada para a catedral...

"Mas tampouco a catedral estava diferente de Metropolis. Um grupo de lunáticos parecia ter tomado posse dela, e não eram sequer seres humanos. As criaturas eram como anões, semelhantes a metade macacos, metade demônios. No lugar dos santos, figuras em forma de cabra, como que petrificadas nos mais ridículos saltos, reinavam nos pilares dos nichos. E em torno de todo pilar dançava um anel de criaturas, delirando com os berros da música.

"Vazio, desprovido de deus, estilhaçado, estava o crucifixo pendurado acima. Os cálices sagrados do altar mor tinham desaparecido.

"Um sujeito, vestido em preto, a caricatura de um monge, estava parado no púlpito, gritando a partir dali:

"Arrependei-vos! O reino dos céus está próximo!"

"Um alto relincho veio como resposta.

"O organista! Eu vi ele, ele era como um demônio – parado com as mãos e pés sobre o teclado e sua cabeça batendo no ritmo da dança dos espíritos.

"O sujeito no púlpito puxou um livro, um enorme livro negro com sete trancas. Sempre que seus dedos tocavam uma tranca ela abria-se em chamas.

"Murmurando encantamentos, ele abriu a capa. Ele inclinou-se sobre o livro. Um anel de chamas subitamente apareceu sobre sua cabeça.

"Das alturas da catedral bateu a meia-noite. Mas era como se não fosse o suficiente para o sino proclamar a hora do demônio apenas uma vez. Mais e mais vezes ele bateu as medonhas doze badaladas, em terrível e atormentada pressa.

"A luz na catedral mudou de cor. Se fosse possível descrever a uma luz de negrura completa, essa seria a melhor definição para essa luz. Somente em um lugar ela parecia brilhar, branca, ofuscante, cortante, como uma espada afiada: lá onde a morte estava representada como menestrel.

"Subitamente o órgão parou, e subitamente parou a dança. A voz do

sujeito que pregava no púlpito parou. E nesse silêncio em que ninguém ousaria respirar, soou o som de uma flauta. A Morte estava tocando. O menestrel estava tocando a canção que ninguém toca depois dele, em sua flauta que era feita com um osso humano.

"O fantasmagórico menestrel caminhou para fora de seu nicho, esculpido em madeira, com chapéu e capa, foice no ombro, com a ampulheta pendurada em seu cinto. Tocando sua flauta ela caminhou para fora de seu nicho e através da catedral. E atrás dela vieram os sete Pecados Capitais como seguidores da Morte.

"A Morte circulou cada pilar. Mais e mais alto soou o som de sua flauta. Os sete Pecados Capitais deram as mãos. Como uma corrente balançando eles passaram por trás da Morte, e, gradualmente seus passos tornaram-se uma suave dança.

"Os sete Pecados Capitais dançaram atrás da Morte, que estava tocando a flauta.

"Então a catedral encheu-se com uma luz que parecia ser feita de pétalas de rosa. Uma doçura inexplicável, um perfume sobrepujante pairou no ar, como incenso, entre os pilares. A luz cresceu mais forte e parecia formar um anel. Luz avermelhada pálida brilhou das alturas encontrando-se na nave central, na magnificente radiância de uma coroa.

"A coroa descansou na cabeça de uma mulher. E a mulher estava sentada sobre uma besta de cor escarlate, tendo sete cabeças e dez chifres. E a mulher estava vestida de púrpura e escarlate, e ornada com ouro, pedras preciosas e pérolas. Ela tinha em sua mão um cálice dourado. Na testa coroada da mulher estava escrito, misteriosamente: Babilônia.

"Como uma divindade, ela cresceu e ficou radiante. A Morte e os sete Pecados Capitais a reverenciaram.

"E a mulher que vestia o nome Babilônia tinha as feições de Maria, a quem eu amei...

"A mulher ergueu-se no ar. Ela tocou a cúpula com arcos em forma de cruz com a sua coroa. Ela pegou a borda de sua capa e a abriu com ambas as mãos... Então se pode ver que a capa dourada estava bordada com imagens de múltiplos demônios. Seres com corpos de mulheres e cabeças de cobras – seres meio touro, meio anjos – demônios adornados com coroas, humanos com rostos de leões.

"O som da flauta da Morte foi silenciado. Mas o sujeito no púlpito ergueu sua voz gritando:

"Arrependei-vos! O reino dos céus está próximo!"

"O sino da catedral ainda estava batendo as selvagens doze badaladas da meia-noite.

"A mulher olhou para o rosto da Morte. Ela abriu a boca. Ela disse para a Morte: "Vá!"

"Então a Morte prendeu sua flauta no cinto, perto da ampulheta, pegou a foice de seu ombro e saiu. Ela caminhou pela catedral até sair pela porta.

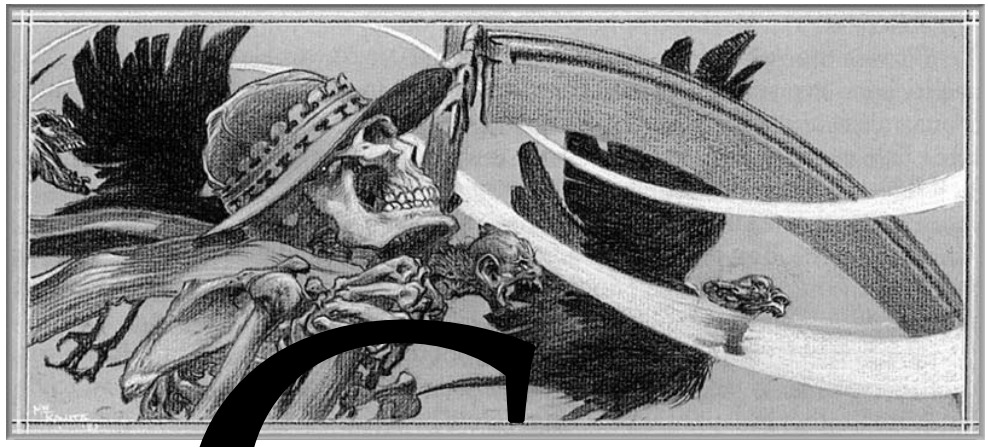
"E da capa da grande Babilônia, os demônios libertaram-se, ganhando vida, e seguiram a Morte.

"A Morte desceu os degraus da catedral, indo para a cidade; corvos com rostos humanos voavam à sua volta. Ela ergueu a foice com se indicasse o caminho. Então eles dividiram-se voaram para longe. As assas batendo escureceram a lua.

"A Morte atirou para trás sua capa larga. Ela esticou-se e cresceu. Ela ficou muito mais alta que as casas de Metropolis. A casa mais alta dificilmente chegaria à seu joelho.

"A morte girou sua foice e fez um movimento de corte assobiante. A terra e as estrelas tremeram. Mas a foice não parecia estar afiada o suficiente para ela. Ela olhou em volta como se procurasse algum lugar para sentar. A Nova Torre de Babel parecia servir para a Morte. Ela sentou-se sobre a Nova Torre de Babel, apoiou a foice sobre o colo, pegou uma pedra de amolar de seu cinto, cuspiu nela, e começou a amolar a foice. Uma chuva de faíscas espalhou-se no céu.

"A Morte acenou com satisfação, virou-se e partiu, no seu caminho através da grande Metropolis."



Capítulo XI

"SIM", DISSE JOSAPHAT roucamente, "mas isso foi um sonho…"

"É claro que era isso foi um sonho... Mas dizem que sonhos são bolhas, não dizem? Escute isso Josaphat... Eu emergi desse sonho para a realidade com um sentimento de tristeza que parecia me apunhalar, como uma faca, da cabeça aos pés. Eu vi a fronte de Maria, que era um templo de bondade e virgindade, maculada com o nome da grande prostituta da Babilônia. Eu a vi enviando a Morte sobre a cidade. Eu vi como abominações sobre abominações soltaram-se dela e se afastaram, enxameando através da cidade – espíritos da praga, mensageiros do mal perante o caminho da Morte. Eu estive lá e olhei para a catedral, que parecia para mim profanada e suja. Suas portas estavam abertas. Escuras cobras humanas estavam rastejando pela catedral, e reunindo-se nos degraus. Eu pensei: Talvez, entre todas aquelas pessoas piedosas, estivesse minha Maria também... Eu disse para o meu pai: "Eu gostaria de ir até a catedral..." Ele me deixou ir. Eu não era cativo. Quando eu cheguei na catedral o órgão estava trovejando a Trombeta da Perdição. Cantando a partir de mil gargantas. Dies Irae...[4] O incenso como uma nuvem acima da cabeça da multidão, que estava ajoelhada perante o Deus eterno. O crucifixo planando acima do altar mor, e, à luz de velas inquietas, as gotas de sangue na testa coroada de espinhos do filho de Maria pareciam cair apressadamente, à correr. Os santos nos pilares dos nichos olhavam para mim tristemente, como se soubessem de meu sonho maligno.

"Eu procurava Maria. Oh, eu sabia muito bem que mesmo a multidão não poderia escondê-la de mim. Se ela estivesse ali eu a encontraria, como um pássaro encontra seu caminho até o ninho. Mas meu coração estava

como morto no meu peito. No entanto, eu não conseguia deixar de procurá-la. Eu vaguei pelo lugar onde eu já tinha esperado por ela uma vez antes... Sim – assim como um pássaro vagaria sobre o lugar onde estaria o ninho, e que ele não pudesse encontrar porque uma tempestade ou um raio o teria destruído.

"E, quando eu cheguei ao nicho lateral em que a Morte estava, como um menestrel tocando um osso humano, o nicho estava vazio, a Morte tinha desaparecido…

"Era como se a Morte do meu sonho não tivesse retornado para casa, para os seus seguidores...

"Não diga nada, Josaphat! Isso não tem realmente importância... uma coincidência... O entalhe estava, talvez, danificado – Eu não sei! Acredite-me: Isso não tem importância.

"Mas agora uma voz gritava:

""Arrependei-vos! O reino do céus está próximo!"

"Era a voz de Desertus, o monge. Sua voz era como uma faca. A voz arrancava a pele da minha espinha. Uma imobilidade mortal reinava na igreja. Entre os milhares ali presentes, nem um parecia respirar. Eles estavam ajoelhados e seus rostos eram pálidas máscaras de horror, voltadas em direção ao pregador.

"Sua voz voava pelo ar como uma lança.

""Arrependei-vos! O reino dos céus está próximo!"

"Perante mim, em um pilar, estava um homem jovem, uma vez um companheiro meu, do "Clube dos Filhos." Se eu não tivesse pessoalmente presenciado como um rosto humano podia mudar, em um curto período de tempo, eu não teria nunca o reconhecido.

"Ele era mais velho que eu, e, isso é bem verdade, se não era o mais feliz de todos, era o mais alegre. E as mulheres o amavam e o temiam igualmente, porque ele não podia ser conquistado, tanto por risadas como por lágrimas. Agora ele tinha o rosto de um homem de mil anos de idade, que parecia estar morto vivo. Era como se um carrasco cruel tivesse removido suas pálpebras, e que ele estivesse condenado a nunca dormir, de modo que perecesse de cansaço.

"Mas o que mais me surpreendeu foi encontrá-lo aqui, na catedral, pois ele tinha sido, por toda a sua vida, o maior dos gozadores.

"Eu coloquei minha mão sobre seus ombros. Ele não se mexeu. Ele apenas virou os olhos – aqueles olhos ressecados.

"Eu quis perguntar para ele: "O que você está fazendo aqui, Jan?" Mas a voz do monge, aquela horrorosa voz de lança, atirava sua agudeza entre nós... O monge Desertus começou a pregar..."

Freder virou-se e foi até Josaphat com uma pressa violenta, como se um medo súbito o tivesse dominado. Ele sentou-se próximo a seu amigo, falando muito rapidamente, com palavras que se atropelavam conforme saiam.

No início ele dificilmente escutava o monge. Ele observava o seu amigo, e a congregação que ainda estava de joelhos, ombro a ombro. E, ao olhar para eles, parecia como se o monge estivesse arpoando a congregação com suas palavras, como se estivesse atirando lanças, com ganchos mortais na ponta, direto nos recônditos secretos da alma dos ouvintes, como se estivesse puxando as almas para fora do corpo, que tremiam de medo.

"Quem é ela, que colocou fogo nessa cidade? Ela é uma chama – uma chama impura. Você recebeu um estigma poderoso. Ela é uma chama ardente sobre os homens. Ela é Lilith, Atarte, Rosa do Inferno. Ela é Gomorra, Babilônia – Metropolis! Sua própria cidade – essa frutífera cidade pecaminosa! – essa mulher nasceu do ventre do inferno. Contemplem-na! Eu vos digo: Contemplem-na! Ela é a mulher que aparecerá perante o julgamento do mundo.

"Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça.

"Sete anjos estarão perante Deus, e ali serão tocadas sete trombetas. E os sete anjos, que tem as sete trombetas, devem preparar-se para tocar. Uma estrela cairá do céu até a terra e será dada a chave para o poço do abismo. E será aberto o poço do abismo e subirá a fumaça do poço como a fumaça de uma grande fornalha; e o sol e o ar se escurecerá por causa da fumaça do poço. E um anjo voará no meio do céu, dizendo com uma grande voz consternada: "Ai, ai, ai, para os que vivem na terra!" e outro anjo o seguirá e dirá: "É caída, é caída, a grande Babilônia!"

"Sete anjos sairão dos céus, e eles carregarão em suas mãos a fúria de Deus. E a grande Babilônia será lembrada na visão de Deus, para lhe dar o cálice da indignação de sua fúria – ela que esta ali sentada sobre uma besta de cor escarlate cheia de nomes blasfemos, tendo sete cabeças e dez chifres. E a mulher está vestida em púrpura e escarlate, adornada com ouro, pedras preciosas e pérolas, tendo em sua mão um cálice de ouro, cheio de abominações e coisas impuras. E na sua testa um nome está escrito: Mistério... Babilônia, a Grande... A mãe de todas Prostituições e Abominações

da Terra.

"Quem tem ouvidos para ouvir, que escute! Para a mulher que vedes é a grande cidade, que reina sobre os reis da terra. Saia daí, meu povo, para longe dela, que não tenham comunhão com os seus pecados! Porque os seus pecados acumularam-se até o céu, e Deus se lembrou de suas iniquidades!

"Ai, ai, ai, a grande cidade, Babilônia, a poderosa cidade! Pois uma hora tu serás julgada! Uma hora tu serás assolada. Regozija-se sobre ela, ó céu, e vós santos, e vós apóstolos; pois Deus irá lançar o seu julgamento sobre ela. E um forte anjo pegará uma pedra e a atirará no mar, dizendo: Assim como essa poderosa pedra caiu, deverá a grande cidade de Babilônia cair, e que nunca mais seja encontrada!"

"Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça!

"A mulher que é chamada Babilônia, a Mãe das Abominações da Terra, vagueia como um estigma em chamas através de Metropolis. Nenhum muro e nenhum portão a faz parar. Nenhum nó é seguro. Um juramento transforma-se em zombaria perante ela. Seu sorriso é a sedução final. Blasfêmia é sua dança. Ela é a chama que diz: "Deus é ódio." Ai da cidade na qual ela aparece!"

Freder inclinou-se em direção à Jan.

"De quem ele está falando?" ele perguntou, com os lábios estranhamente frios. "Ele está falando de uma pessoa...? Uma mulher...?" Ele viu que a testa de seu amigo estava coberta com suor.

"Ele está falando dela", disse Jan, como se estivesse falando com a língua paralisada.

"De quem?"

"Dela... você não a conhece?"

"Eu não sei", disse Freder, "quem você quer dizer..." e sua língua, também, estava pesada como se fosse feita de argila.

Jan não respondeu. Ele curvou os ombros como se estivesse com muito frio. Confuso e indeciso, ele escutou o desenrolar do órgão.

"Vamos lá!" ele disse sem emoção, virando-se. Freder o seguiu. Eles deixaram a catedral. Eles caminharam juntos em silêncio por um longo tempo. Jan parecia ter um destino que Freder desconhecia. Ele não perguntou. Ele esperou. Ele estava pensando em seu sonho e nas palavras do monge.

Finalmente Jan abriu sua boca; mas ele não olhou para Freder, ele falou para o vazio: "Você não sabe quem ela é... Mas ninguém sabe... Ela de repente estava lá... Como um incêndio... Ninguém poderia dizer quem atiçou a chama... Mas lá está, e agora tudo está em chamas..."

"Uma mulher...?"

"Sim. Uma mulher. Talvez uma donzela, também. Eu não sei. É inconcebível que esse ser pudesse entregar-se a um homem... (Você consegue imaginar um casamento de gelo?)... Ou se ela o fizesse, então ela erguer-se-ia dos braços desse homem, brilhante e fria, na sua terrível, eterna virgindade sem sentimentos..."

Ele ergueu suas mãos e segurou a garganta. Ele puxou com força algo dali que não existia. Ele estava olhando para uma casa no lado oposto dele, no outro lado da rua, com um olhar fixo de hostilidade supersticiosa, que deixaram suas mãos geladas.

"Qual o problema com você?" Freder perguntou. Não havia nada de importante naquela casa, exceto que era vizinha à casa de Rotwang.

"Silêncio!" respondeu Jan, agarrando seus dedos no punho de Freder.

"Você está louco?" Freder encarou seu amigo. "Você acha que a casa pode nos ouvir através dessa rua infernal?"

"Ela nos escuta!" disse Jan, com uma expressão obstinada. "Ela nos escuta! Você acha que é uma casa como outra qualquer? Você está enganado... Isso começou nessa casa..."

"O que começou?"

"O espírito..."

Freder sentiu sua garganta muito seca. Ele a limpou vigorosamente. Ele desejava sair dali com seu amigo. Mas ele o resistiu. Ele ficou parado no parapeito da rua que seguia abaixo, como um desfiladeiro íngreme, olhando a casa no lado oposto da rua.

"Um dia", ele disse, "essa casa enviou convites para todos seus vizinhos. Eram os convites mais loucos do mundo. Não havia nada nos cartões, além de: "Venham nesta noite às dez horas! Casa 12, Rua 113! Alguns tomaram a coisa como uma piada. Mas vieram. Outros não queriam perder a diversão. Estranhamente ninguém conhecia a casa. Ninguém lembrou de ter entrado nela antes, ou de saber algo sobre seus ocupantes. Alguns apareceram às dez. Alguns estavam bem vestidos. Alguns entraram na casa e encontraram uma grande festa. Alguns foram recebidos por um

velho que era extremamente educado, mas que não apertava a mão de ninguém. Era uma coisa estranha que todas pessoas reunidas ali parecessem esperar por alguma coisa, sem saber o quê. Alguns foram recebidos por servos, que pareciam mudos, e nunca erguiam os olhos. Embora o salão onde estávamos reunidos fosse tão grande quanto uma nave de uma igreja, um calor insuportável prevalecia, como se o chão estivesse incandescente, como se as paredes estivessem incandescentes, apesar do fato, de como podíamos ver, a larga porta levando para a rua estar bem aberta.

"Subitamente um dos servos veio da porta até o nosso anfitrião, com passos silenciosos, e aparentemente sem palavras, com sua presença silenciosa, deu a ele alguma informação. Nosso anfitrião nos perguntou: "Todos nós fomos apresentados?" O servo inclinou a cabeça. "Então feche a porta." Isso foi feito. Os servos ficaram de lado e alinharam-se. Nosso anfitrião foi até o centro do grande salão. Ao mesmo tempo um silêncio tão perfeito prevaleceu que ouvia-se o ruído batendo contra as paredes da casa.

"Senhoras e senhores", disse o velho cortesmente, "tenho a honra de apresentar a minha filha para vocês!"

"Ele fez uma reverência para ambos os lados e então virou suas costas. Todos esperaram. Ninguém se moveu.

"Bem, minha filha", disse o velho com um tom gentil, mas ao mesmo tempo com uma voz horrível, batendo suavemente as suas mãos.

"Então ela apareceu nas escadas e veio lentamente descendo pelo salão..."

Jan engasgou. Seus dedos, que ainda agarravam o punho de Freder, apertaram ainda mais, como se desejassem esmagar os ossos.

"Por que eu estou lhe contando isso?" ele gaguejou. "Como alguém pode descrever um relâmpago? Ou a música? Ou a fragrância de uma flor? Todas as mulheres no salão subitamente ficaram vermelhas e todos os homens ficaram pálidos. Ninguém parecia capaz de fazer o menor movimento ou de dizer uma simples palavra... Você conhece Rainer? Você conhece sua jovem esposa? Você sabe como eles se amavam? Ele estava atrás dela. Ela estava sentada, e ele tinha as mãos sobre seus ombros em um gesto de apaixonada e protetora afeição. Quando a garota caminhou por eles – ela caminhou, guiada pela mão do velho, com um paço vibrante, lentamente através do salão – as mãos de Rainer deslizaram dos ombros de sua esposa. Ela olhou para ele, ele olhou para baixo para ela; e nos rostos dos dois estava queimando, como uma tocha, uma súbita e mortal aversão...

"Era como se o ar estivesse queimando. Nós respirávamos fogo. Ao

mesmo tempo irradiava da garota uma frieza – uma insuportável e cortante frieza. O sorriso que pairava em seus lábios semiabertos parecia ser o verso de encerramento tácito de uma canção desavergonhada.

"Existe alguma substância através do qual o poder das emoções pode ser destruído, como as cores pelos ácidos? A presença dessa garota foi o suficiente para anular tudo que explicita a fidelidade no coração humano, até o ponto do absurdo. Eu tinha aceitado o convite dessa casa porque Tora tinha dito para mim que iria também. Agora eu não via mais Tora, e eu não a vi desde então. E o estranho é que, entre todos esses seres imóveis que estavam lá, como se estivessem entorpecidos, não havia ninguém que pudesse esconder seus sentimentos. Cada um sentia que estava nu e via a nudez dos outros. Ódio e vergonha ardiam entre nós. Tora estava chorando. Eu poderia ter batido nela... Então a garota dançou. Não, não era uma dança... Ela estava parada, livre da mão do velho, e no degrau mais baixo, de frente para nós, ela ergueu seus braços, na altura de seu vestido com um movimento interminavelmente suave. Suas mãos finas tocaram acima da divisão de seu penteado. Sobre seus ombros, seu peito, seus lábios, seus joelhos, corria um tremor incessante, quase imperceptível. Não era um tremor de medo. Era como um tremor no final de uma barbatana espinhal de um luminoso peixe do mar profundo. Era como se a garota fosse levada por esse tremor, embora ela não movesse seus pés. Nenhuma dança, nenhum chamado ou grito de animal no cio poderia ter um efeito tão forte como esse tremor deste corpo cintilante, que parecia, em sua calma, em sua solidão, transmitir ondas de incitação a cada alma no salão.

"Então ela subiu os degraus, andando para trás, com pés experimentadores, sem baixar as mãos, e ela desapareceu em uma escuridão profunda aveludada. Os sevos abriram as portas para a rua. Eles ficaram alinhados com as costas curvadas.

"Todos ficaram parados imóveis.

""Boa noite, senhoras e senhores!" disse o velho..."

Jan ficou silencioso. Ele tirou o seu chapéu da cabeça. Ele limpou a testa.

"Uma dançarina", disse Freder, com lábios frios, "mas um espírito...?"

"Não um espírito! Eu vou contar a você outra história... Um homem e uma mulher, de cinquenta e quarenta, ricos e felizes, tinham um filho. Você o conhece, mas não vou citar nomes...

"O filho vê a garota. Ele fica enlouquecido. Ele invade a casa. Ele parte para cima do pai da garota: "Deixe-me tê-la! Eu estou morrendo por

causa dela!" O velho sorri, encolhe os ombros, fica em silêncio, lamenta muito, mas a garota não é para ser alcançada.

"O jovem deseja colocar as mãos sobre o velho, mas ele é atirado para fora da casa na rua, por quem ele não conhece. Ele é levado para casa. Ele adoece e encontra-se às portas da morte. Os médicos encolhem os ombros impotentes.

"O pai, que é um homem orgulhoso mas bondoso, e que ama seu filho acima de qualquer coisa na terra, fica convencido a visitar o velho, ele mesmo. Ele ganha entrada à casa sem dificuldade. Ele encontra o velho, e com ele, a garota. Ele diz para a garota: "Salve meu filho!"

"A garota olha para ele e diz, com o mais gracioso e desumano dos sorrisos: "Você não tem filho..."

"Ele não entende o significado dessas palavras. Ele deseja saber mais. Ele exorta a garota. Ela sempre dá a mesma resposta. Ele exorta o velho – este ergue os ombros com um sorriso pérfido em sua boca...

"Subitamente o homem compreende... Ele vai para casa. Ele repete as palavras da garota para sua esposa. Ela colapsa e confessa seu pecado – um pecado o qual, mesmo depois de vinte anos, não morreu ainda. Mas ela não está preocupada com o próprio destino. Ela não pensa em nada além de seu filho. Vergonha, abandono, solidão – isso tudo não é nada; mas o filho é tudo.

"Ela vai até a garota e cai de joelhos perante ela: "Eu lhe imploro, em nome da misericórdia de Deus, salve meu filho...!" A garota olha para ela, sorri e diz: "Você não tem filho..." A mulher acredita que está com uma lunática perante ela. Mas a garota estava certa. O filho que esteve testemunhando secretamente a conversa ente o marido e a mulher, tinha cometido suicídio..."

"Marinus?"

"Sim."

"Uma terrível coincidência, Jan, mas ainda assim não é um espírito."

"Coincidência? Não é um espírito? E como você chama isso, Freder", continuou Jan, falando muito próximo ao ouvido de Freder, "como essa garota pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo?"

"Isso é uma de uma estupidez absoluta..."

"Estupidez? É a verdade, Freder! A garota foi vista parada na janela

da casa de Rotwang, e ao mesmo tempo, ela estava dançando sua dança pecaminosa em Yoshiwara..”

“Isso não é verdade!” disse Freder

“É verdade!”

“Você viu a garota... em Yoshiwara?”

“Você pode vê-la você mesmo, se desejar...”

“Qual o nome da garota?”

“Maria...”

Freder repousou sua testa nas mãos. Ele inclinou muito, como se estivesse em agonia, e que de outra forma Deus não permitisse ver a humanidade.

“Você conhece a garota?” perguntou Jan, inclinando para frente.

“Não!”

“Mas você a ama”, disse Jan, e por trás dessas palavras se escondia o ódio, agachado e pronto para saltar.

Freder pegou sua mão e disse: “Venha!”

“Mas”, continuou Freder, fixando os seus olhos sobre Josaphat, que estava sentado meio afundado, enquanto a chuva ficava mais gentil, como um choro abafado, “Slim subitamente apareceu ao meu lado, e disse: “Você não voltar para casa, Sr. Freder?””

Josaphat esteve em silêncio por um longo tempo: Freder, também, ficou em silêncio. Através da moldura da porta aberta, que levava à varanda, estava, planando, a figura do relógio monstro, na Nova Torre de Babel, banhado em luz branca. A grande mão arremessou-se sobre as doze.

Então um som ergueu-se por toda Metropolis.

Era um som incomensuravelmente glorioso e elevador, mais profundo e estrondoso do que qualquer som na terra. A voz do oceano em fúria, a voz das cataratas, a voz de uma tempestade de trovões próxima, seria miseravelmente afogada por esse estrondoso Behemoth. Sem ser agudo, ele penetrava todas paredes, e, enquanto durou tudo parecia vibrar com ele. Ele era onipresente, vindo das alturas e das profundezas, sendo lindo e horrível, um comando irresistível.

Ele estava acima da cidade. Era a voz da cidade.

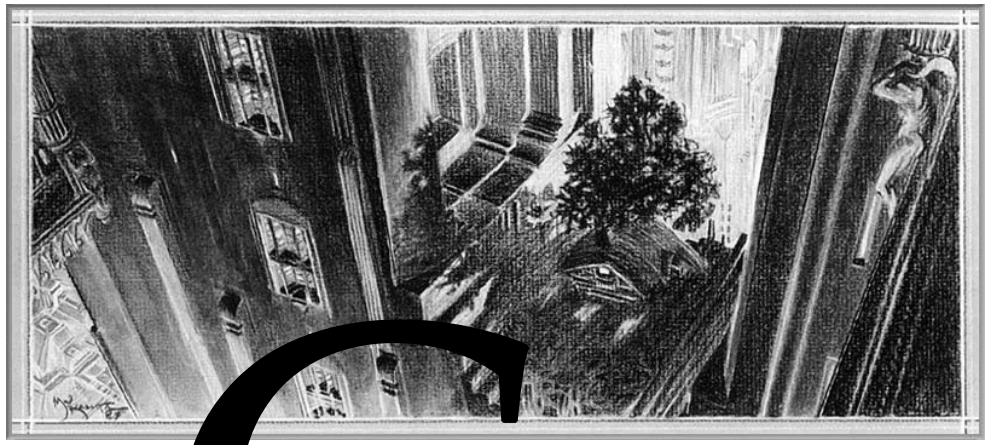
Metropolis ergueu sua voz. As máquinas de Metropolis rugiram: Elas desejavam ser alimentadas.

Os olhos de Josaphat e Freder se encontraram.

"Agora", disse Josaphat, "muitos estão indo para baixo em uma cidade dos mortos, e estão esperanto por quem é conhecida como Maria, e quem eles consideram como ouro verdadeiro..."

"Sim!" disse Freder, "você é um amigo, e você tem razão... Eu devo ir com eles..."

E, pela primeira vez nessa noite, havia algo parecido com esperança soando em sua voz.



Capítulo XII

ERA UMA HORA depois da meia noite.

Joh Fredersen foi até a casa da sua mãe.

Era uma casa de fazenda, de um andar, com teto de palha, ensombrada por uma nogueira, sobre as costas de um dos gigantes de pedra, não muito distante da catedral. Um jardim cheio de lírios e magnólias, cheio de chícharos, gérberas e capuchinhas, espalhadas pelo lugar.

A mãe de Joh Fredersen tinha somente um filho e ele era muito amado. Mas o Mestre sobre a grande Metropolis, o Mestre da cidade máquina, o Cérebro da Nova Torre de Babel tinha se tornado um estranho a ela e ela hostil à ele. Ela olhou uma vez para uma de suas máquinas Titãs esmagando homens como se fosse madeira seca. Ela gritou à Deus. Ela não a ouviu. Ela foi ao chão e nunca mais se levantou. Apenas a cabeça e as mãos mantinham a vitalidade em seu corpo paralisado. Mas a força de uma legião brilhava em seus olhos.

Ela se opôs ao filho e ao trabalho do filho. Mas ele não a deixou sozinha; ele se impôs à ela. Quando ela com raiva jurou que desejava viver na casa dela – sob o teto de palha, em sua pequena casa, sob a sombra da nogueira – até o dia de sua morte, ele transplantou casa, árvore e o alegre jardim florido para a cobertura de pedra da casa gigante de pedra que estava entre a catedral e a Nova Torre de Babel. A nogueira sofreu durante um ano, e então ficou verde novamente. O jardim floresceu, uma verdadeira maravilha, em volta da casa.

Quando Joh Fredersen entrou nessa casa ele veio de noites insones e dias malignos.

Ele encontrou sua mãe como ela sempre estava: sentada em uma ampla, suave poltrona perto da janela, com uma manta escura sobre os joelhos agora paralisados, com a grande Biblia na mes ao lado, nas belas mãos velhas uma delicada figura rendada em que ela trabalhava; e, como sempre, quando ele vinha até ela, ela silenciosamente colocava de lado o trabalho delicado e entrelaçava as mãos firmemente em seu colo como se precisasse reunir toda sua força e toda sua capacidade para os poucos minutos que seu grande filho passaria com sua mãe.

Eles não se deram as mãos; eles não faziam mais isso.

"Como vai você, mãe?" perguntou Joh Fredersen.

Ela olhou para ele com olhos em que brilhava a força de uma legião celestial. Ela perguntou:

"O que você deseja, Joh?"

Ele sentou-se à sua frente e repousou a testa sobre as mãos.

Não havia ninguém na grande Metropolis, nem ninguém no mundo que pudesse se jactar-se de ter visto Joh Fredersen demonstrar alguma preocupação.

"Eu preciso do seu conselho, mãe", ele disse, olhando para o chão.

Os olhos da sua mãe fixaram-se em seu cabelo.

"Como eu poderia aconselhá-lo, Joh? Você seguiu um caminho pelo qual eu não posso segui-lo – não com minha mente, e certamente não com meu coração. Agora você está tão distante de mim que minha voz não pode mais alcança-lo. E se ela fosse capaz de alcança-lo, Joh, você escutaria o que eu tenho para dizer a você: Volte? Você não fez isso antes, e não faria isso hoje. Além disso, muita coisa foi feita e não pode ser desfeita, você fez muitas coisas erradas, Joh, e não se arrependeu disso, mas ainda acredita estar com a razão. Como eu poderia aconselhá-lo então..."

"É sobre Freder, mãe..."

"... sobre Freder?"

"Sim."

"O que tem Freder..."

Joh Fredersen não respondeu imediatamente.

As mãos de sua mãe tremeram muito, e, se Joh Fredersen tivesse olhado para cima, isso não teria ficado oculto para ele. Mas a testa de Joh Fredersen permaneceu repousada sobre suas mãos.

"Eu tinha que vir até você, mãe, porque Hel não esta mais viva..."

"E do que ela morreu?"

"Eu sei: de mim... Voce deixou isso claro para mim, mãe, frequentemente e cruelmente, e você disse que eu derramei vinho fervente em um cristal. Assim até o mais belo cristal quebraria. Mas eu não me arrependo, mãe. Não, eu não me arrependo... Porque Hel era minha…"

"E morreu por isso..."

"Sim. Se ela nunca tivesse sido minha talvez ela ainda estivesse viva. Estaria melhor assim do que morta."

"Ela está morta, Joh. E Freder é o filho dela."

"O que você quer dizer com isso, mãe?"

"Se você soubesse tão bem como eu sei, Joh, você não teria vindo até mim hoje."

Jog Fredersen ficou em silêncio. Através da janela aberta, o farfalhar da nogueira podia ser ouvido, como um som tocante e devaneador.

"Freder vem frequentemente até você, mãe, não vem?" perguntou Joh Fredersen.

"Sim."

"Ele vem até você buscando ajuda contra mim..."

"Ele precisa muito disso, Joh..."

Silêncio. Então Joh Fredersen esrgueu sua cabeça. Seus olhos pareciam como se tivessem sido borrifados com púrpura.

"Eu perdi Hel, mãe", ele disse. "Eu não posso perder Freder também..."

"Você tem razões para temer perdê-lo?"

"Sim."

“Então eu estou surpresa”, disse a velha senhora, “que Freder ainda não tenha vindo até mim...”

“Ele está muito doente, mãe...”

A velha senhora fez um movimento como se desejase erguer-se, e em seus olhos de arcanjo surgiu um brilho de fúria.

“Quando ele veio aqui recentemente”, ela disse, “ele estava saudável como uma árvore florida. O que o aflige?”

Joh Fredersen levantou e começou a andar de cima a baixo na sala. Ele sentia o perfume das flores fluindo do jardim através da janela aberta como algo a infligir-lhe uma dor que rasgava linhas em sua testa.

“Eu não sei”, ele disse subitamente, muito desconexamente, “como essa garota conseguiu entrar em sua vida. Eu não sei como ela conseguiu esse poder monstruoso sobre ele. Mas eu ouvi dos seus próprios lábios ele dizer à ela: Meu pai não tem mais um filho, Maria...”

“Freder não mente, Joh. Então você já o perdeu.”

Joh Fredersen não respondeu. Ele pensou em Rotwang. Ele tinha dito as mesmas palavras para ele.

“É sobre isso que você veio até mim, Joh?” perguntou sua mãe. “Então você poderia ter se poupado do trabalho. Freder é filho de Hel. Sim... Isso significa que ele tem um coração suave. Mas ele é seu também, Joh. Isso significa que ele tem uma cabeça de aço. Você sabe bem, Joh, o quão obstinado um homem pode tornar-se para conseguir a mulher que deseja.”

“Você não pode fazer essa comparação, mãe. Freder ainda é quase um garoto. Quando eu tomei Hel para mim eu era um homem, e sabia o que estava fazendo. Hel era mais importante para mim do que o ar que respiro. Eu não podia ficar sem Hel, Mãe. Eu a teria roubado dos braços de Deus se fosse necessário.”

“De Deus, Joh, você não pode roubar nada, mas algo pode ser roubado do homem. Você fez isso. Você pecou, Joh. Você pecou perante seu amigo. Por Hel ter amado Rotwang e você a ter obrigado.”

“Quando ela estava morrendo, mãe, ela me amou...”

“Sim. Quando ela viu que você, também, era um homem, quando sua cabeça estava batendo contra o chão e você estava chorando desesperadamente. Mas você acredita, Joh, que esse sorriso na sua hora da morte alivia tudo que você trouxe até sua morte?”

"Deixe-me acreditar, mãe..."

"Ilusão..."

Joh Fredersen olhou para sua mãe.

"Eu gostari muito de saber", ele disse com uma voz obscura, "o que alimenta sua crueldade para comigo, mãe."

"Os meus medos por você, Joh – Os meus medos!"

"Você não precisa me temer, mãe..."

"Ah sim, Joh – ah, sim! Seus pecados caminham atrás de você como um bom cão em um cão em uma trilha. Eles não perdem o seu cheiro, Joh – ele fica sempre e à suas costas. Um amigo esta desarmado contra seu amigo. Ele não tem escudo perante seu peito, nenhuma armadura perante seu coração. Um amigo que acredita que seu amigo é um homem indefeso. Um homem indefeso é o quem você traiu, Joh."

"Eu paguei por meu pecado, mãe... Hel esta morta. Agora eu tenho somente Freder sobrando. Esse é o legado dela. Eu não vou desistir do legado de Hel. Eu vim até você para implorar, mãe: me ajude a consegur Freder de volta."

Os olhos da velha senhora fixaram-se nele, faiscantes.

"O que você me disse, Joh, quando eu tentei pará-lo em seu caminho até Hel?"

"Eu não me lembro."

"Mas eu me lembro, Joh! Eu ainda lembro de cada sílaba. Você disse: 'Eu não escuto uma palavra do que você me diz! Somente escuto 'Hel'! Se eu estava tão cego, eu deveria ainda ver Hel! Se eu estava paralisado – com meus pés paralisados, eu ainda deveria ser capaz de encontrar meu caminho até Hel!' Freder é seu filho. O que você acha, Joh, ele me ouviria dizer a ele: desista da garota que você ama...?"

Joh Fredersen ficou em silêncio.

"Cuide-se, Joh", disse a velha mãe. "Eu sei o que significa quando seus olhos ficam frios, como estão agora, e quando você fica pálido como uma das pedras da parede. Você esqueceu que amantes são sagrados. Mesmo se eles estão enganados, Joh, seu engano por si mesmo é sagrado. Mesmo se eles são tolos, Joh, sua tolice por si mesma é sagrada. Poi onde existem amantes, existe o jardim de Deus, e ninguém tem o direito de tirá-

los de lá – nem mesmo Deus. Somente seus próprios pecados."

"Eu preciso ter meu filho de volta", disse Joh Fredersen. "Eu tinha esperança de que você me ajudasse, e você certamente teria sido o meio mais gentio que eu poderia ter escolhido. Mas você não quis, e agora eu preciso procurar outros meios..."

"Freder está doente, você diz..."

"Ele vai melhorar novamente..."

"Então você vai continuar em seu caminho?"

"Sim."

"Eu acredito, Joh, que Hel choraria se pudesse ouvi-lo!"

"Talvez. Mas Hel está morta."

"Bem, venha até mim, Joh! Eu vou dizer-lhe uma palavra para você levar em seu caminho, que você não poderá esquecer. É fácil de guardar."

Joh Fredersen hesitou. Então ele caminhou até sua mãe. Ela colocou sua mão na bíblia que estava à sua frente. Joh Fredersen leu: *Porque tudo que o homem semear, isso também ceifará.*{5}

Joh Fredersen virou-se. Ele caminhou através das ala. Os olhos de sua mãe o seguiram. Quando ele virou-se para ela, subitamente, violentamente, com uma palavra violenta em seus lábios, ele encontrou seus olhos o encarando. Eles não podiam esconder-se mais, e nem desejavam mais esconder tal amor poderoso em suas profundezas lavadas por lágrimas, de tal forma que Joh Fredersen acreditou estar vendo hoje a sua mãe pela primeira vez.

Eles olharam um para o outro por um longo tempo, em silêncio.

Então o homem caminhou até sua mãe.

"Eu estou indo agora, mãe", ele disse, "e eu não acredito que virei vê-la novamente..."

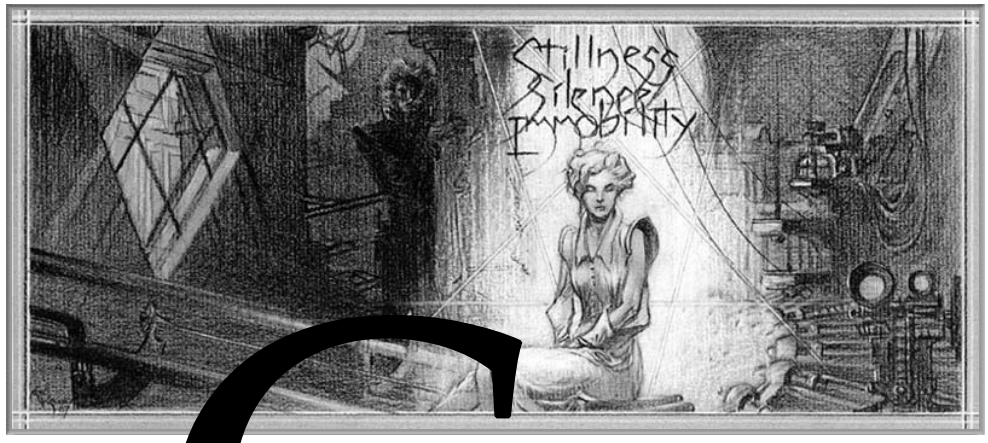
Ela não respondeu.

Parecia como se ele desejase esticar sua mão para ela, mas, no meio do caminho ele a deixou cair novamente.

"Por quem você está chorando, mãe", ele perguntou, "por Freder ou

por mim?"

"Por vocês dois", disse a mãe, "por vocês dois, Joh..." Ele ficou em silêncio e a luta em seu coração estava estampada em sua face. Então, sem dar mais um olhar para sua mãe, ele virou-se e saiu da casa, sobre a qual a nogueira farfalhava.



Capítulo XIII

Era meia noite e nenhuma luz estava acessa. Somente através da janela caia a radiância da cidade, como um brilho pálido sobre a face da garota que estava sentada, inclinada contra a parede, sem se mover, com os olhos fechados e as mãos sobre o colo.

"Você nunca vai me responder?" perguntou o grande inventor.

Quietude. Silêncio. Imobilidade.

"Você é mais fria que pedra, mais dura que qualquer pedra. A ponta de seu dedo deve cortar o diamante como se fosse água... Eu não imploro seu amor. O que uma garota sabe sobre amor? Sua Fortaleza inatingível – seus paraísos fechados – seus livros lacrados, que ninguém conhece além do deus que os escreveu – o que você sabe do amor? Mulheres também não sabem nada do amor. O que a luz conhece da luz? Chama da queima? O que as estrelas sabem das leis, pelas quais elas vagam? Você precisa perguntar à frieza do caos, à escuridão, ao eterno não redimido que luta pela redenção de si mesmo. Você precisa perguntar ao homem o que é o amor. O hino do Céu é composto somente no Inferno... Eu não imploro seu amor, Maria. Mas sua piedade maternal, com a face da virgem..."

Quietude. Silêncio. Imobilidade.

"Eu a mantenho cativa... Isso é minha culpa? Eu não a mantenho cativa por mim mesmo, Maria. Acima de mim existe uma Vontade que me força a ser mal. Tenha piedade dele que precisa ser mal, Maria! Toda fonte do bem em mim foi asfixiada. Eu pensei que eles estavam mortas; mas elas estão apenas enterradas vivas. Meu ser é uma rocha de escuridão. Mas

fundo nessa triste rocha eu escuto fontes fluindo... Se eu desafiar a Vontade que está acima de nós... Se eu destruir o trabalho que eu criei à sua imagem... Isso poderia somente ser o que Joh Fredersen merece e o que seria melhor para mim!... Ele foi a ruína para mim, Maria – ele foi a ruína para mim! Ele roubou a mulher de mim, que era minha, e quem eu amava. Eu não sei se a alma dela alguma vez esteve comigo. Mas a piedade dela estava comigo e me fez bem. Joh Fredersen tomou a mulher de mim. Ele me fez ficar mal. Ele, que invejava a pegada dela em uma pedra, tornou-me mal ao tirar a piedade dela de mim. Hel está morta. Mas ela amava ele. Que temível lei é essa pela qual seres de Luz tornam-se em seres de escuridão, mas passam por aqueles na sombra? Seja mais misericordiosa do que Hel foi, Maria! Eu vou desafiar a Vontade que está acima de nós. Eu vou abrir as portas para você. Você será capaz de ir onde quiser e ninguém vai pará-la. Mas você vai ficar comigo de livre vontade, Maria? Eu preciso ser bom... você vai me ajudar?"

Quietude. Silêncio. Imobilidade.

"E eu não imploro sua piedade, Maria. Não há nada no mundo mais incompassivo que uma mulher que somente uma pessoa... Sua frieza assassina em nome do amor... Sua divindade da Morte, com seu sorriso!... As mãos de seu Amado são frias. Você pergunta: 'Devo aquecer suas mãos para você, Amado?' Você não espera por seu 'Sim.' Você incendeia uma cidade. Você queima um reino, para que você possa aquecer as mãos do seu Amado em suas chamas... Você ergue-se e tira do céu as estrelas mais brilhantes, sem se importar em destruir o Universo e desequilibrar a Dança da Eternidade. 'Você quer as estrelas – Amado?' E se ele diz 'Não' então você deixa as estrelas caírem... Oh! Sua abençoada malfeitora! Você pode caminhar, intocada pelo medo, perante o trono de Deus e dizer: 'Levanta-se, Criador do Mundo! Eu preciso do trono do Mundo para o meu Amado!...' Você não enxerga quem morre ao seu lado se apenas ele viver. Uma gota do sangue do dedo do seu Amado a assusta mais que a destruição de um continente... Eu sei de tudo isso, mesmo sem nunca ter tido isso. Eu... Eu – Não, eu não peço a sua piedade, Maria. Mas eu peço a sua fidelidade...

Quietude. Silêncio. Imobilidade.

"Você conhece a Cidade dos Mortos subterrânea? Ali, eu vi uma garota chamada Maria, reunindo seus irmãos noturnamente. Eu vi seus irmãos usando o uniforme de linho azul, com toucas negras, em sapatos duros. Maria falou para seus irmãos de um mediador, que viria para libertá-los. 'O Mediador entre o Cérebro e as Mãos deve ser o Coração...' Não é isso? Os irmãos da garota acreditam na garota. Eles esperaram. Eles esperaram muito. Mas o mediador não veio. E a garota não veio. Ela não enviou mensagem. Ela não foi encontrada. Mas os irmãos acreditaram na garota, porque eles a viam como ouro verdadeiro. 'Ela virá!' eles dizem. 'Ela virá

novamente! Ela tem fé em nós. Ela não vai nos abandonar! Ela disse: 'O mediador virá!'… 'Agora ele deve vir… Vamos ser pacientes e vamos aguardar...!' Mas o mediador não veio. E a garota não veio. A miséria dos irmãos cresce dia a dia. Onde uma vez mil murmuraram – murmuram agora dez mil. Eles não vão mais se alimentarem de esperança. Eles anseiam lutar pela destruição, pela ruína, pela queda. E mesmo entre os crentes, quando um mais paciente pergunta: 'Onde está Maria? Poderia aquele ouro ser infiel?' Você vai deixá-los sem resposta, Maria?"

Quietude. Silêncio. Imobilidade.

"Você está silenciosa... Você é muito obstinada... Mas agora eu vou dizer algo para você que certamente quebrará sua obstinação... Você acha que eu estou mantendo você cativa aqui por diversão? Você acha que Joh Fredersen não conhece outra forma de conseguir tirar você da vista do seu filho além de manter você presa atrás dos selos de Salomão das minhas portas? Ah, não, Maria – Ah, não, minha linda Maria! Nós não estamos parados aqui todos esses dias. Nós roubamos sua linda alma de você – sua doce alma, aquele afetuoso sorriso de Deusa. Eu tenho escutado você como o ar escuta você. Eu tenho visto sua raiva e as profundezas do desespero. Eu vi você fulgurante e sem brilho como a terra. Eu escutei você rezando a Deus, e amaldiçoando-o porque ele não a escutou. Eu me intoxiquei com sua desesperança. Seus choramingos lamentáveis me embriagaram. Quando você soluçou o nome de seu Amado, eu pensei que fosse morrer, e cambaleei... E apesar disso, como alguém intoxicado, como alguém embriagado, como alguém vacilante, eu me tornei um ladrão de você, Maria, eu criei uma nova você! Eu me tornei um segundo Deus! Eu roubei sua totalidade! Em nome de Joh Fredersen, o Mestre sobre a grande Metropolis, eu roubei seu ego de você, Maria. E esse ego roubado – seu outro você – enviou uma mensagem aos seus irmãos, chamando-os à noite na Cidade dos Mortos – e todos eles vieram. Quando você falou com eles antes, você falou pela paz... Mas Joh Fredersen não deseja mais a paz – você entende? Ele quer decidir! A hora chegou! Seu ego roubado não vais mais falar em nome da paz. A boca de Joh Fredersen fala por ela... E entre seus irmãos existem aqueles que a amam e não perceberão – que não irão duvidar de você, Maria... Somente me dê suas mãos, Maria – somente suas mãos, nada mais... Eu não peço mais... suas mãos devem ser maravilhosas. Perdão é o nome da direita, Redenção da esquerda... Se você me der suas mãos eu vou com você para a Cidade dos Mortos, então você poderá alertar seus irmãos, para que você possa desmascarar seu ego roubado – para que aquele que a ama a reencontre e não tenha dúvidas de você... O que você diz disso, Maria?"

Ele ouviu o suave choro da garota. Ele caiu, de onde estava, sobre os joelhos. Ele desejava arrastar-se de joelhos até a garota. E subitamente ficou parado. Ele escutou. Ele a olhou. Ele disse em uma voz que era quase um

guincho, em toda sua atenção:

"Maria...? Maria – você não escuta...? Há um homem estranho na sala..."

"Sim", disse a voz baixa de Joh Fredersen.

E então as mãos de Joh Fredersen agarraram a garganta de Rotwang, o grande inventor...



Capítulo XIV

A CÂMARA, COMO A CÂMARA de um sepulcro estava tão cheia de pessoas que essas pareciam torrões de terra em um campo recém-arado. Todas os rostos estavam virados para o mesmo ponto: para a fonte de luz, tão suave como Deus. Velas queimavam com chamas como espadas. Finas, lustrosas espadas de luz formavam um círculo de luz em torno da cabeça da garota.

Freder ficou parado no fundo sob um arco, tão distante da garota que ele nada via de seu rosto além do seu brilho pálido, a maravilha de seus olhos e de sua boca vermelho sangue. Seus olhos pairavam sobre essa boca vermelho sangue como se fosse um ponto médio do mundo, para o qual, por uma lei eterna, seu sangue devesse ser derramado. Tentadora era essa boca... Todos os sete Pecados Capitais teriam tal boca... A mulher sobre a besta de cor escarlate, que trazia o nome Babilônia em sua testa, tinha tal boca...

Ele pressionou as mãos sobre os olhos de forma a não ver mais essa boca de pecados mortais.

Agora ele ouvia mais claramente... Sim, essa era a sua voz, a voz que soava como se Deus não pudesse recusar nada... Era realmente isso? A voz vinha da boca vermelho sangue. Era como uma chama, quente e afiada. Era cheia de doçura ímpia...

A voz dizia: “Meus irmãos...”

Mas dessa voz não vinha nenhuma paz. Pequenas cobras vermelhas assobiavam através do ar. O ar estava quente – uma agonia para se respirar...

Gemendo pesadamente, Freder abriu os seus olhos.

Escuras, furiosas ondas eram as cabeças em sua frente. Essas ondas espumava, enfureciam-se e rugiam. Aqui e ali uma mão erguia-se no ar. Palavras surgiram, manchas de espumas sobre as ondas. Mas a voz da garota era como uma língua de fogo, desenhando, seduzindo, queimando sobre as cabeças.

"O que fornece mais prazer: água ou vinho?"

"... Vinho é mais prazeroso!"

"Quem bebe a água?"

"... Nós!"

"Quem bebe o vinho?"

"... Os mestres! Os mestres das máquinas!"

"O que é mais prazeroso: Carne ou pão seco?"

"... Carne é mais prazerosa!"

"Quem como o pão seco?"

"... Nós!"

"Quem come a carte?"

"... Os mestres! Os mestres das máquinas!"

"O que é mais prazeroso de se vestir: linho azul ou seda branca?"

"... Seda branca é mais prazerosa de se vestir!"

"Quem veste o linho azul?"

"... Nós!"

"Quem veste a seda branca?"

"... Os mestres! Os filhos dos mestres!"

"Onde é mais prazeroso viver: sobre ou abaixo da terra?"

"... É mais prazeroso viver sobre a terra!"

“Quem vive abaixo da terra?”

“... Nós!”

“Quem vive acima da terra?”

“... Os mestres! Os mestres das máquinas!”

“Onde estão suas esposas?”

“... Na miséria!”

“Onde estão suas crianças?”

“... Na miséria!”

“O que suas esposas fazem?”

“... Elas passam fome!”

“O que suas crianças fazem?”

“... Elas choram!”

“O que fazem as esposas dos mestres das máquinas?”

“... Elas festejam!”

“O que os filhos dos mestres das máquinas fazem?”

“... Eles brincam!”

“Quem são os provedores?”

“... Nós!”

“Quem são os esbanjadores?”

“... Os mestres! Os mestres das máquinas!”

“O que são vocês?”

“... Escravos!”

“Não! O que são vocês?”

“... Cães!”

"Não! O que são vocês?"

"... Diga-nos! Diga-nos!"

"Vocês são tolos! Estúpidos! Estúpidos! Através da manhã, do dia, do entardecer, da noite, as máquinas uivam pedindo alimento, alimento, alimento! Vocês são o alimento! Vocês são o alimento vivo! A máquina os devora como forragem e então os vomita! Por que vocês refastelam as máquinas com seus corpos? Por que vocês lubrificam as juntas das máquinas com suas mentes? Por que vocês não deixam as máquinas passarem fome, seus tolos? Por que vocês não as deixam perecer, estúpidos? Por que vocês as alimentam! Quanto mais vocês as alimentam, mais elas desejam sua carne, seus ossos, suas mentes. Vocês são dezenas de milhares! Vocês são centenas de milhares! Por que vocês não se atiram – uma centena de milhares de punhos assassinos – sobre as máquinas e as matam? Mudem os mestres das máquinas – que sejam vocês! Não os outros que caminham em sua seda branca! Mudem o mundo! Coloquem o mundo sem sua cabeça! Assassinem os vivos e os mortos! Peguem a herança dos vivos e dos mortos! Vocês esperaram o suficiente! A hora chegou!"

Uma voz gritou entre a multidão:

"Lidere-nos Maria!"

Uma poderosa onde – todas as cabeças penderam para frente. A boca vermelho sangue da garota gargalhou e incendiou-se. Os olhos acima incendiaram-se, enormes e preto esverdeados. Ela ergueu seus braços com dificuldade impronunciável, como se erguesse um fardo, um doce, louco gesto. O corpo magro cresceu e ergueu-se. A mãos da garota tocaram sobre o seu penteado. Sobre o ombro, seu peito, seus lábios, seus quadris, seus joelhos, corria um incessante, e quase imperceptível tremor. Era como se a garota estivesse carregando-se mais e mais com esse tremor, como se ela não movesse de seus pés.

Ela disse: "Venham...! Venham...! Eu os liderarei...! Eu vou dançar a dança da Morte perante vocês...!" Eu vou dançar a dança da morte perante vocês...!"

A multidão gemia. A multidão engasgava. A multidão erguia suas mãos. A multidão inclinava a cabeça e o pescoço muito para baixo, como se os seus ombros, suas costas devessem ser um tapete para garota. A multidão caiu em seus joelhos com um lamento doloroso, como um único animal abatido com um machado. A garota ergueu seus pés e caminhou sobre o pescoço estendido da besta...

Uma voz gritou soluçante com ódio e dor:

"Você não é Maria!"

A multidão virou-se. A multidão viu um homem parado no fundo, sobre um arco, um homem de onde dos ombros o sobretudo tinha caído. Sobre o sobretudo estava a seda branca. O homem era mais assustador de se ver do que aquele que estivesse sangrando até a morte. Ele esticou sua mão e apontou para a garota. Ele gritou:

"Você não é Maria!! Não!! Você não é Maria!!"

As cabeças na multidão encararam o homem que era um estranho entre eles, que vestia a seda branca...

"Você não é Maria!" ele gritou. "Maria prega a paz – e não o assassinato!"

Os olhos da multidão começaram a brilhar perigosamente.

A garota ficou com o pescoço ereto sobre a multidão. Ela começou a cambalear. Parecia como se ela fosse cair – cair sobre seu rosto branco com a boca vermelho sangue – a boca dos pecados capitais, inflamada como o fogo do inferno.

Mas ela não caiu. Ela endireitou-se. Ela oscilou um pouco, mas manteve-se erguida. Ela esticou seu braço e aponto para Freder, chamando em uma voz que soava como vidro:

"Olhem! Olhem! O filho de Joh Fredersen! O filho de Joh Fredersen está entre vocês!"

A multidão gritou. A multidão moveu-se em torno. A multidão lançou a mão para a direção de Joh Fredersen.

Ele não resistiu. Ele ficou pressionado contra a parede. Ele encarou a garota com um olhar em que a crença na danação eterna podia se lida. Parecia como se ele já estivesse morto, como se seu corpo sem vida estivesse caindo, como um fantasma sobre os punhos daqueles que desejavam assassiná-lo.

Uma voz rugiu:

"Cão em seda branca!!"

Um braço disparou, com uma faca brilhando...

Sobre o pescoço ondulante da multidão estava a garota. Era como se facas viessem chamejando a partir de seus olhos...

Mas, antes que a faca pudesse mergulhar na seda branca que cobria o coração do filho de Joh Fredersen, um homem atirou-se como um escudo na frente de seu peito, e a faca rasgou o linho azul. O linho azul ficou tingido de vermelho púrpura...

"Irmãos..." disse o homem. Morrendo, mas ainda de pé, ele estava protegendo o filho de Joh Fredersen com seu corpo. Ele virou a cabeça um pouco para o olhar de Freder. Ele disse com um sorriso transfigurado pela dor:

"Irmãos..."

Freder o reconheceu. Era Georgi. Era o número onze mil oitocentos e onze que estava extinguindo-se, e que, ao extinguir-se estava protegendo ele.

Ele queria passar por Georgi. Mas o homem morrendo estava parado como alguém crucificado, com os braços esticados e mãos agarrando na beirada do nicho que estava atrás dele. Ele manteve os olhos, que eram como joias fixas na multidão que ia tempestuosamente em direção a ele.

"Irmãos…" ele disse.

Disse a boca que morria: "Assassinos… Irmãos assassinos…"

A multidão o deixou sozinho começou a correr. Nos ombros da multidão a garota estava dançando e cantando. Ela cantou com sua boca vermelho sangue de pecados capitais!

"Nós demos uma sentença para as máquinas! Nós condenamos as máquinas à morte! As máquinas precisam morrer! Morrer! Morrer! Morte às máquinas!"

Como um revoar de milhares de asas os passos da multidão trovejaram pelas passagens estreitas da Cidade dos Mortos. A voz da garota enfraqueceu-se na distância. Os passos morreram. Georgi soltou as mãos e caiu para frente.

Freder o pegou. Ele caiu sobre os joelhos. A cabeça de Georgi caiu sobre o seu peito.

"Avise… Avise… a cidade…" disse Georgi.

"E você está morrendo?" respondeu Freder. Seus olhos perplexos correram pelas paredes e nichos que dormiam como mortos de milhares de anos de idade. "Não existe justiça no mundo!"

“Justiça extrema...” disse onze mil oitocentos e onze. “Da fraqueza – pecado... Do pecado – expiação... Avise... a cidade! Avise...!”

“Eu vou deixa-lo sozinho!”

“Eu imploro a você... imploro!”

Freder levantou, com desespero nos olhos. Ele correu pela passagem em que a multidão tinha saído.

“Não por esse lado!” disse Georgi. “Você não vai conseguir passar mais por esse lado!”

“Eu conheço outro caminho...”

“Eu vou levá-lo...”

“Você está morrendo, Georgi! Um passo e você morre!”

“Você não quer avisar a cidade? Você não quer ajudar?”

“Venha!” disse Freder.

Ele ergueu Georgi. Com sua mão ele pressionou o ferimento, e então o homem começou a correr.

“Pegue sua lanterna e venha!” disse Georgi. Ele correu tanto que Freder mal podia segui-lo. Na poeira de dez mil anos pingava o sangue que escorria do ferimento infligido. Ele segurou firme o braço de Freder, puxando-o para frente.

“Apresse-se!” Ele murmurou. “Apresse-se – não há tempo a perder!”

Passagens – encruzilhadas – passagens – degraus – passagens – um lance de escadas que levavam para cima... Georgi caiu no primeiro degrau. Freder tentou segurá-lo. Ele empurrou-o para longe.

“Apresse-se!” ele disse. Ele indicou as escadas com sua cabeça. “Suba! Você não pode errar agora... apresse-se!”

“E você, Georgi? E você?”

“Eu...” disse Georgi, virando a cabeça para a parede, “Eu não vou responder mais nenhuma pergunta...”

Freder soltou a mão de Georgi. Ele começou a correr para cima nas escadas. A noite o abraçou – a noite de Metropolis – suas luzes – loucas, e

embriagantes luzes.

Tudo estava parecendo o usual. Nada indicava a tempestade que estava irrompendo de dentro da terra, sobre Metropolis, para assassinar a cidade máquina.

Mas parecia para o filho de Joh Fredersen como se as pedras estivessem cedendo sobre seus pés – como se ouvisse no ar o bater de assas – o bater das assas de monstros estranhos: seres com corpos de mulheres e cabeças de cobras, meio touro, meio anjos – demônios adornados com coroas – rostos humanos parecendo leões...

Parecia a ele como se tivesse visto a morte sentada na Nova Torre de babel, com chapéu e capa larga, afiando sua foice apoiada sobre o colo...

Ele chegou à Nova Torre de Babel. Tudo estava como o usual. A madrugada estava lutando com suas primeiras luzes na manhã que começava. Ele procurou pelo seu pai. Ele não o encontrou. Ninguém podia dizer onde Joh Fredersen tinha indo desde à meia noite.

O crânio da Nova Torre de Babel estava vazio.

Freder limpou o suor de sua testa e têmpora que corria em gotas.

"Eu preciso encontrar meu pai!" ele disse. "Eu preciso chama-lo – custe o que custar!"

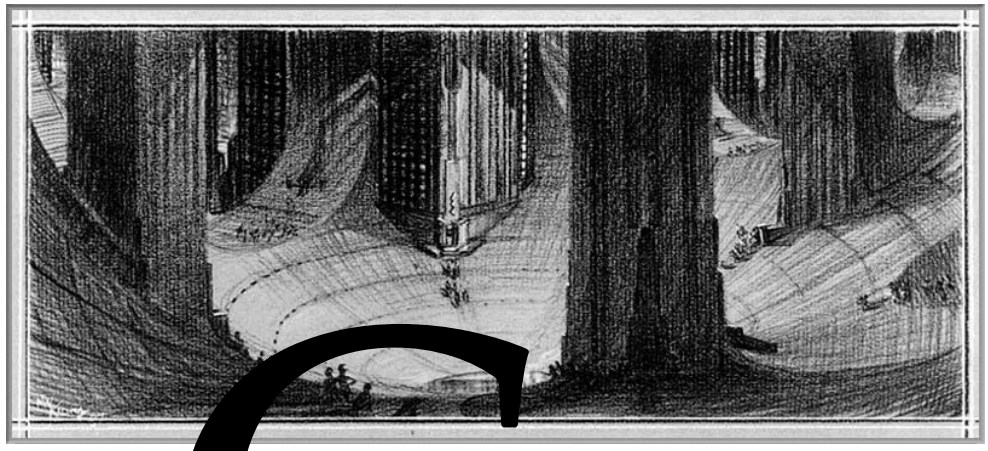
Homens, com olhos servis, olhavam para ele. Homem que não sabiam nada além da cega obediência – que não poderiam aconselhar muito menos ajudar...

O filho de Joh Fredersen andou pelo escritório do pai, até a mesa que seu grande pai costumava sentar. Ele estava branco como a seda que ele usava quando esticou a sua mão e pressionou seus dedos sobre a pequena placa de metal azul, que nenhum homem nunca tinha tocado além de Joh Fredersen.

... Então a grande Metropolis começou a rugir. Então ele ela ergueu sua voz – sua voz de Behemoth. Mas dessa vez ela não gritou por comida – não, ela estava rugindo: Perigo...

Sobre a gigantesca cidade, acima da cidade adormecida, a voz monstruosa rugia: Perigo! Perigo!

Um tremor quase imperceptível corria através da Nova Torre de babel, como se a terra em que estivesse assentada estivesse tremendo, assustada por um sonho, entre o dormir e o acordar...



Capítulo XV

MARIA NÃO OUSAVA se atrever a mexer-se. Ela não ousava sequer respirar. Ela não fechava seus olhos para tremer de medo, porque, entre o baixar e o erguer das pálpebras um horror novo poderia vir sobre ela e dominá-la.

Ela não sabia quanto tempo tinha se passado desde que as mãos de Joh Fredersen tinham se fechado sobre a garganta de Rotwang, o grande inventor. Os dois homens estavam na sombra, e ainda assim parecia à garota como se o contorno de suas formas permanecesse atrás na escuridão, em linhas que ardiam: O tronco de Joh Fredersen, ali de pé, com suas mãos atiradas para frente, como duas garras; O corpo de Rotwang, que pendia dessas garras, e que era arrastado para longe – puxado para longe – através do batente da porta, que fechou atrás de ambos.

O que estaria acontecendo atrás dessa porta?

Ela não ouvia nada. Ela escutava com todos seus sentidos – mas não ouvia nada, nem o mais leve som...

Minutos se passaram – minutos sem fim... Não havia nada para se ouvir. Nenhum passo ou grito...

Ela estava respirando, no local do assassinato?

Ah – esse aperto no pescoço de Rotwang... Essa forma, sendo arrastada para longe, puxada para a escuridão, para a profunda escuridão...

Ele estaria morto?... Ele estaria caído além dessa porta, em um canto,

com o rosto torcido até suas costas, com o pescoço quebrado e olhos saltados? Estaria o assassino de pé atrás dessa porta?

A sala, na qual ela estava parecia subitamente ter ficado cheio com o som de pancadas abafadas. Elas cresceram, ficando mais altas e mais violentas. Elas ficaram surdas para os ouvidos, mas ainda assim continuaram... Gradualmente ela percebeu: Era o seu próprio coração batendo... Se alguém tivesse vindo para a sala ela não teria ouvido, de tanto que seu coração batia.

Ela gaguejava palavras de uma oração infantil em sua mente, confusas e sem sentido: "Querido Deus, eu oro a Ti, olhai por mim, cuide de mim, Amém." Ela pensou em Freder... Não – Não chore, Não chore!

"Querido Deus, eu oro a Ti..."

O silêncio não era mais suportável! Ela precisava ver – precisava ter certeza.

Mas ela não ousava dar um passo. Ela tinha levantado e não tinha encontrado coragem para voltar para a cadeira. Era como se ela estivesse presa dentro de um saco escuro. Ela mantinha os braços pressionados contra o corpo. Horrores estavam soprando em sua nuca.

Agora ela ouvia – sim, ela ouvia algo. Ainda assim o som não vinha de dentro da casa; ele vinha de muito longe. Esse som até mesmo penetrava as paredes da casa de Rotwang, que não eram penetradas por outros sons, não importando de onde viessem.

Era a voz de Metropolis. Mas ela estava gritando o que ela nunca tinha gritado antes.

Ela não estava gritando por alimento. Ela estava gritando: Perigo! Perigo! O grito não parava. Ele uivava incessantemente. Quem teria ousado liberar a voz da grande Metropolis, que sabidamente obedecia somente a Joh Fredersen? Joh Fredersen não estaria mais nessa casa? Ou estaria a voz à chama-lo? Esse rugido selvagem de Perigo! Perigo! Que perigo ameaçava Metropolis? Fogo não podia alarmar a cidade, fazendo-a gritar tanto, como se estivesse ficando louca. Nenhum tsunami estava ameaçando Metropolis. Esses elementos estavam subjugados e silenciosos.{6}

Perigo – de homens? ...Uma revolta?

O que era isso?

As palavras de Rotwang flutuavam em sua mente... Na Cidade dos

Mortos – o que estava acontecendo na Cidade dos Mortos? Teria o tumulto vindo da Cidade dos Mortos? A destruição estaria saindo das profundezas?

Perigo! Perigo! Gritava a voz da grande cidade.

Como se por força de um impulso interior, Maria correu, de uma vez, para a porta e a escancarou. A sala que estava perante ela, assim como a que a sala que tinha deixado, recebia uma luz solitária – e bastante escassa – através da janela. Ao primeiro olhar em torno, a sala parecia vazia. Um forte corrente de ar, vindo de uma fonte invisível fluía, quente e constante, através da sala, trazendo o rugido da cidade com força renovada.

Maria caminhou para frente. Ela reconheceu a sala. Ela tinha corrido por essas paredes em sua busca desesperada por uma porta. Ali havia uma porta, que não tinha maçaneta ou tranca. Em cobre avermelhado, na sombria madeira da porta, brilhava o selo de Salomão, o pentagrama. Ali, no meio, estava um alçapão quadrado, através do qual, há um tempo que ela não podia calcular, ela tinha entrado na casa do grande inventor. Um quadrado de luz vindo da janela caía sobre o alçapão.

Uma armadilha pensou a garota. Ela virou sua cabeça olhando em torno...

Será que a grande Metropolis nunca pararia de rugir?

Perigo! Perigo! Perigo! Rugia a cidade.

Maria deu um passo, e parou novamente.

Tinha algo parado ali. Era algo caído no chão. Entre ela e a porta alçapão, algo estava no chão. Era um monte irreconhecível. Era algo escuro e sem movimento. Poderia ser humano, e poderia ser talvez somente um saco. Mas estava caído ali e deveria ser contornado se ela quisesse alcançar a porta alçapão.

Com uma exibição de coragem que nunca antes julgou necessária em sua vida, Maria silenciosamente colocou um pé na frente do outro. A pilha no chão não se movia. Ela parou, inclinando-se para a frente, fazendo um reconhecimento com seus olhos, ensurdecida pelas batidas de seu próprio coração e o rugido proclamando o tumulto na cidade.

Agora ela via claramente; O que estava caído ali era um homem. O homem estava deitado de lado, com as pernas apertadas contra o seu corpo, como se as tivesse reunido para conseguir alguma força para erguer-se e não tivessem encontrado força para fazer isso. Uma mão estava atirada sobre seu pescoço, e seus dedos retorcidos falavam mais eloquentemente que a mais eloquente boca falaria de uma selvagem autodefesa.

Mas a outra mão da pilha de humanidade estava caída esticada longe dela, sobre o quadrado da porta alçapão, como se desejando ser uma dobradiça da porta. A mão não era de carne e osso. A mão era de metal, e era uma obra prima de Rotwang, o grande inventor.

Maria atirou um olhar para a porta, em que o selo de Salomão brilhava. Ela correu até ela, mesmo sabendo que seria inútil implorar para a inexorável porta por sua liberdade. Ela sentiu, sobre seus pés, meio abafados, um forte e impulsivo tremor, como o de um trovão distante.

A voz da grande Metropolis rugiu: Perigo! Maria juntou as mãos e ergueu-as até a boca. Ela correu para a porta alçapão. Ela ajoelhou-se. Ela olhou para a pilha de humanidade que estava caída na beira da porta, para a mão de metal que parecia estar defendendo obstinadamente a porta alçapão. Os dedos da outra mão, sobre o pescoço do homem apontavam na direção dela, como uma fera armando um bote.

E o tremor novamente – e agora muito mais poderoso – Maria segurou o anel de ferro da porta, ela puxou para cima. Ela tentou puxar a porta. Mas a mão – a mão que estava sobre a porta – segurava a porta.

Maria ouviu o ranger de seus dentes. Ela arrastou-se sobre seus joelhos em direção à pilha de humanidade imóvel. Com cuidado infinito, ela pegou a mão que estava caída, como um parafuso de aço, através da porta. Ela sentiu a frieza da morte em sua mão. Ela pressionou seus dentes nos lábios. Quando ela puxou a mão para trás com toda a força, a pilha de humanidade rolou sobre seu lado, e um rosto cinzento apareceu, olhando para o vazio...

Maria escancarou a porta alçapão. Ela balançou-se para baixo, dentro do quadrado negro. Ela não perdeu tempo fechando a porta. Talvez tenha sido porque não teve a coragem de mais uma vez emergir das profundezas que ela tinha entrado, para ver o que estava caído ali, na beirada da porta alçapão. Ela sentiu passos sobre seus pés, e sentiu à esquerda e à direita as paredes úmidas. Ela correu pela escuridão pensando meio inconsciente: Se você se perder na Cidade dos Mortos...

Os sapatos vermelhos do mago ocorreram à ela...

Ela forçou-se a parar, a escutar...

O que era esse estranho som que parecia estar vindo, de passagens à sua volta?... Ele parecia com um bocejo – parecia como se a pedra estivesse bocejando. Ouviu um gotejamento... acima de sua cabeça uma leve som de raspar ficou audível, como se junta sobre junta estivessem se soltando... Então tudo ficou parado um pouco. Mas não por muito tempo. Então o

raspar ficou audível novamente...

A pedra estava viva. Sim – a pedra estava viva... As pedras da Cidade dos Mortos estavam tornando-se vivas.

Um choque de extrema violência sacudiu a terra em que Maria estava parada. Estrondo de pedras caindo, rolando, então silêncio.

Mara foi lançada contra a parede de pedra. Mas a parede moveu-se atrás dela. Maria gritou. Ela atirou os seus braços para cima e correu. Ela cambaleou sobre pedras que estavam espalhadas sobre seu caminho, mas não caiu. Ela não sabia o que estava acontecendo, mas o farfalhar misterioso que tinha ouvido antes – a proclamação de um grande mal, pairando no ar acima dela, impulsionava-a a frente.

Havia uma luz na frente dela! Ela correu até ela. Uma câmara com arcos... Grandes velas queimando... Sim, ela conhecia o lugar. Ela frequentemente ficou ali e falou a aqueles a quem chamava de "irmãos."... Mas que, além dela teria o direito de acender essas velas? Para quem elas queimavam hoje? As chamas sopraram de lado com uma forte corrente de ar, cera pingou.

Maria pegou uma vela e correu com ela. Ela foi até o fundo de uma câmara arqueada. Um sobretudo estava no chão. Nenhum de seus irmãos vestiria tal casaco sobre seu uniforme de linho azul. Ela inclinou-se. Ela viu, na poeira de mil anos de idade, uma trilha de pingos escuros. Ela esticou a mão e tocou um dos pingos. A ponta de seus dedos ficou tingida de vermelho. Ela endireitou-se e fechou os olhos. Ela cambaleou um pouco e um sorriso passou sobre seu rosto como se ela esperasse que estivesse sonhando.

"Querido Deus, eu oro a Ti, olhai por mim, cuide de mim... Amém..."

Ela inclinou sua cabeça contra a parede de pedra. A parede tremia. Maria olhou para cima. No teto da câmara escura de pedra acima dela, havia uma fenda aberta.

O que significava isso...?

O que estava ali – acima dela?

Acima dela estavam buracos de toupeira do metro subterrâneo. O que estava acontecendo ali em cima? Soava como se três mil gigantes estivessem jogando boliche com montanhas de ferro, atirando-as, uma contra as outras, em meio a gritos...

A fenda abriu-se ainda mais. O ar encheu-se de poeira. Mas não era

poeira, era solo pedregoso.

A estrutura da Cidade dos Mortos estremeceu diretamente do centro da terra. Era como se um poderoso punho subitamente abrisse uma comporta, mas ao invés de água, um turbilhão de pedras fosse arremessado do represamento, com argamassa, pedriscos, areia e ruínas caindo do arco – uma cortina de pedras – uma chuva de pedras. E acima da queda e do esmagamento estava o poder de um trovão que estava rugindo, e rugindo longa e ressonantemente, através da destruição.

Uma corrente de ar, um redemoinho irresistível, varreu a garota para o lado como se fosse palha. Os esqueletos ergueram-se dos nichos: ossos ergueram-se e ficaram eretos com crânios rolando! O dia do juízo final parecia irromper sobre a milenar Cidade dos Mortos.

Mas acima da grande Metropolis a voz monstro estava ainda uivando e uivando.

Vermelho da manhã caía acima no oceano de pedra da cidade. O amanhecer avermelhado via, em meio desse oceano de pedra, rolando, uma larga correnteza sem fim.

A corrente tinha doze fileiras de largura. Eles caminhavam em passos iguais. Homens, homens, homens, todos no mesmo uniforme; da garganta ao tornozelo em linho azul escuro, pés sem meias nos mesmo sapatos duros, cabelo apertado para baixo sobre as mesmas toucas negras.

E todos tinham os mesmos rostos. Rostos selvagens, com olhos queimando como tochas. E eles todos cantavam a mesma canção – uma canção sem melodia, mais um juramento – juramento tempestuoso:

"Nós passamos a sentença sobre as máquinas!

Nós condenamos as máquinas à morte.

As máquinas precisam morrer, para o inferno com elas!

Morte! Morte! Morte às máquinas!"

A garota dançava perante a correnteza, aos berros da multidão.

Ela liderava a multidão. Ela liderava a multidão que vagava contra o coração das Máquinas da cidade de Metropolis.

Ela dizia: "Venham...! Venham...! Venham...! Eu vou lidera-los... Eu vou dançar a dança da Morte perante vocês... Eu vou dançar a dança dos assassinos perante vocês...!"

"Destruir – destruir – destruir!" gritava a multidão.

Eles agiam sem um plano, e ainda assim seguiam uma lei. Destruição era o nome da lei, eles a obedeciam.

A multidão dividiu-se. Uma larga corrente atirou-se, espumando, abaixo do túnel da ferrovia subterrânea.

Os trens estavam parados prontos em todos os trilhos. Holofotes atiravam-se sobre a escuridão que se escondia nos túneis, acima dos trilhos.

A multidão gritava. Ali estava um brinquedo para gigantes! Eles não eram fortes como três mil gigantes? Eles arrastaram os condutores de seus lugares nos trens. Eles liberaram os trens e os deixaram correr – um após o outro – para frente, para frente!

Os trilhos retumbavam. Os vagões trovejantes, como cobras, brilhando iluminados, arremessaram-se no vazio, correram para a escuridão. Dois, três, quatro dos motoristas lutaram como homens possuídos. Mas a multidão os engoliu. "Vocês vão se calar, seus cães? Nós somos os mestres! Nós queremos brincar! Nós queremos brincar como gigantes!"

Eles uivaram a canção – a canção de ódio mortal:

"Nós passamos a sentença sobre as máquinas!

Nós condenamos as máquinas à morte!"

Eles contaram os segundos:

"Cinquenta e nove, sessenta, sessenta e um, sessenta e dois – agora! – Em algum lugar nas profundezas de um túnel, uma batida, como se o globo estivesse se dividindo... "Mais uma vez – e novamente"... A multidão uivou:

"As máquinas precisam morrer – para o inferno com elas!

Então! O que aconteceu a eles? Eles! De um dos túneis onde um trem colidiu, como um garanhão de fogo, com luzes brilhantes, sem motorista, em uma velocidade galopante, caminhando para a morte.

De onde esse cavalo do inferno veio? Onde estavam os gigantes, que assim respondiam ao jogo de gigantes da turba? O trem desapareceu, em meio a guinchos – e alguns segundos depois, veio uma batida dilacerante das profundezas do poço. E um segundo trem bateu de frente, enviado por mãos desconhecidas.

As pedras tremeram e soltaram-se sobre os pés da turba. Fumaça

ergueu-se do poço. Subitamente as luzes apagaram-se. Somente os relógios, os relógios de brilho esbranquiçado, pairavam, como fontes de luz, em uma escuridão que era preenchida com longas, esmaecidas nuvens de fumaça se espalhando.

A turba pressionou em direção às escadas e acima então. Atrás deles, demônios libertos, puxando suas carruagens com eles, as locomotivas, agora soltas, arremessavam-se, para cair uma sobre a outra irrompendo em chamas...

Metropolis tinha um cérebro.

Metropolis tinha um coração.

O coração da cidade máquina de Metropolis habitava em um prédio branco, como uma catedral. O coração da cidade máquina de Metropolis era guardado por um único homem.

Seu nome era Grot, e ele amava sua máquina.

A máquina era um universo em si. Acima dos profundos mistérios e de suas delicadas engrenagens, como o disco solar, como o halo de um ser divino, estava um disco raiado de prata giratório, que em sua revolução parecia como um disco sólido brilhante. Esse disco enchia a parede traseira do prédio, em toda sua largura e altura.

Nenhuma máquina em toda Metropolis recebia energia de outro lugar que não fosse esse coração.

Uma simples alavanca controlava essa maravilha de aço. Todos os tesouros do mundo ficariam estagnados perante ele se Grot não cuidasse de sua máquina.

Quando, na hora cinzenta da madrugada, Grot ouviu a voz da grande Metropolis rugindo, ele olhou o relógio na parede da frente onde estava a porta, e pensou: “Isso vai contra toda natureza e regularidade...”

Quando, na hora vermelha do nascer do sol, Grot viu a correnteza da multidão rolando, em doze fileiras de largura, guiada por uma garota dançando ao ritmo de uma turba gritando, Grot colocou a alavanca na posição “Segurança”, cuidadosamente fechando a porta do prédio e aguardou.

A turba arremessou contra sua porta.

“Oh – vão embora!” pensou Grot. “Essa porta pode resistir um bocado...”

Ele olhou para a máquina. A roda estava girando lentamente. A beleza falava enquanto quando girava, simplesmente para ser vista. Grot acenou para sua linda máquina.

"Eles não irão nos perturbar muito", ele pensou. Ele esperou por um sinal da Nova Torre de Babel. Por uma palavra de Joh Fredersen. A palavra não veio.

"Ele sabe", pensou Grot, "que ele contar comigo..."

A porta tremeu como um tambor gigante. A turba atirava-se, como um aríete contra ela.

"Parece haver um monte deles, eu acho", pensou Grot. Ele olhou para a porta, ela balançou, mas aguentou. E ele olhou como se pensasse que ela resistiria por um longo tempo.

Grot acenou para si mesmo com profundo contentamento. Ele teria amado acender seu cachimbo, se fumar não fosse proibido aqui. Ele ouviu os gritos da turba, batendo e batendo contra a porta rangendo com um sentimento presunção feroz. Ele amava a porta. Ela era sua aliada. Ele voltou-se e olhou para sua máquina. Ele acenou para ela carinhosamente: "Nós dois, hein?... O que você me diz desses tontos cabeças ocas, máquina?"

A tempestade perante a porta erguia-se como um tufão. Era uma fúria que tinha sido talhada para resistir muito.

"Abra a porta!!" retalhava com fúria. "Abra a porta, seu maldito patife!!"

"Só porque vocês assim querem!" pensou Grot. O quanto a porta aguentava! Sua porta galante!

O que esses macacos embriagados estavam cantando? "Nós passamos uma sentença sobre as máquinas! Nós condenamos as máquinas a morte!" Ha, ha, ha! Ele podia cantar também – não podia Grot? Ele podia cantar canções bêbadas muito bem! Ele chutou com ambas botas contra o pedestal da máquina, sobre a qual ele sentava. Ele empurrou a touca preta para baixo de seu pescoço. Com seus punhos vermelhos descansando sobre seus joelhos, abrindo sua boca largamente, ele cantou com toda a garganta, enquanto seus pequenos olhos selvagens estavam fixos na porta:

"Vamos lá, seus bêbados, se vocês ousarem!

Venha se vocês querem uma boa sova, seus macacos vis!

Suas mães se esqueceram,

De puxar suas calças para cima,

Quando vocês eram pequenos, seus moleques,

Vocês não servem nem como porcos enlameados!

Vocês caíram de uma carroça de esterco,

Quando ela fez uma curva acentuada!

E agora ficam perante a porta,

Perante minha porta galante, e berram: Abram a porta! Abram a porta!

Deixem o diabo abri-la para vocês, seus vermes de galinheiro."

O pedestal da máquina retumbava com o ritmo das batidas dos saltos de seus sapatos...

Mas subitamente ambos pararam: as batidas e a cantoria. Uma luz excessivamente poderosa, excessivamente branca brilhou três vezes, sobre a cúpula do prédio.

Um sinal soou tão gentil quanto penetrante como uma batida em um gongo de um templo, tornando-se mais audível e sobrepujando todos outros sons.

"Sim!" disse Grot, o guardião da máquina Coração.

Ele ficou de pé. Ele ergueu seu rosto largo, que brilhou com a ânsia da alegre obediência. "Sim, aqui estou!"

Uma voz disse, lentamente e claramente:

"Abra a porta, e desista da máquina!"

Grot ficou imóvel. Punhos como martelos penderam de seus braços. Ele engasgou. Mas não disse nada.

"Repita as instruções", disse a voz suave.

O guardião da máquina coração sacudiu sua cabeça violentamente de um lado para o outro, como se fosse um pacote pesado.

"Eu... Eu não entendo", ele disse engasgado.

A voz suave falou em um tom de voz enérgico:

"Abra a porta e desista da máquina!"

O homem ficou parado e não disse nada, encarando o vazio estupidamente.

"Repita as instruções", disse a voz suave.

O guardião da máquina coração inspirou fortemente.

"Quem está falando aí?" ele perguntou. "Que suíno estúpido está falando aí?"

"Abra a porta, Grot..."

"Que o diabo me leve se eu vou abrir!"

"... e desista da máquina!"

"A máquina?" disse Grot, "a – minha máquina?"

"Sim", disse a voz suave.

O guardião da máquina coração começou a tremer. Ele estava com o rosto um tanto azul, em que os olhos estavam como bolas esbranquiçadas, a turba, que estava atirando-se como um aríete sobre a porta que ressoava, gritava com vozes roucas:

"As máquinas devem morrer – para o Inferno com elas!

Morte! Morte! Morte para as máquinas!"

"Quem está falando aí?" perguntou o homem, tão alto que suas palavras eram um grito.

"Joh Fredersen está falando."

"Eu quero a senha."

"A senha é um mil e três. A máquina esta rodando com meia força. Você colocou a alavanca no nível Segurança.."

O guardião da máquina coração ficou parado como um tronco. Então o tronco virou-se e cambaleou atrapalhadamente até a porta, retirando as trancas.

A turba ouviu. Eles gritavam em triunfo. As portas abriram-se. A turba varreu o homem que estava parado na soleira. A turba lançou-se em direção à máquina. A turba colocou as mãos sobre a máquina. Uma garota

dançando estava liderando a turba.

"Olhem!" ela gritou. "Olhem! O coração de Metropolis! O que deve ser feito do coração de Metropolis? Nós passamos a sentença sobre as máquinas! Nós condenamos as máquinas à morte! As máquinas devem morrer – para o inferno com elas!"

Mas a turba não acompanhou a canção da garota. A turba encarou a máquina – o coração batendo da grande cidade máquina, que era chamada Metropolis, e que eles estiveram alimentando-a. Eles foram parando lentamente, como um simples corpo, perante a máquina, que brilhava como prata. Na face da turba estava o ódio. Na face da turba estava o medo supersticioso. Desejo pela destruição final estava estampado na face da turba.

Mas antes que a turba pudesse se exprimir, Grot, o guardião, atirou-se na frente de sua máquina. Não existia palavra de baixo calão que ele não atirou na face da turba. A turba virou os olhos vermelhos para ele. A turba o encarou. A turba disse: O homem ali, na frente deles, estava explorando eles em nome da máquina. Para eles, o homem e a máquina fundiram-se em um só. Homem é máquina mereciam o mesmo ódio. Eles empurraram-se contra o homem e a máquina. Eles seguraram o homem contra a máquina. Eles o atiram abaixo. Eles o pisotearam. Eles o arrastaram de lá para cá sobre o chão e para fora da porta. Eles esqueceram-se da máquina, pois agora tinham o homem que guardava a máquina – coração de todas as máquinas – pensando nisso, em retirar o homem para longe da máquina coração, eles estavam retirando o coração do peito da grande cidade máquina.

O que deve ser feito ao coração de Metropolis?

Ele deve ser pisoteado pela turba.

"Morte!" gritava a turba vitoriosa. "Morte às máquinas!" gritava a turba vitoriosa.

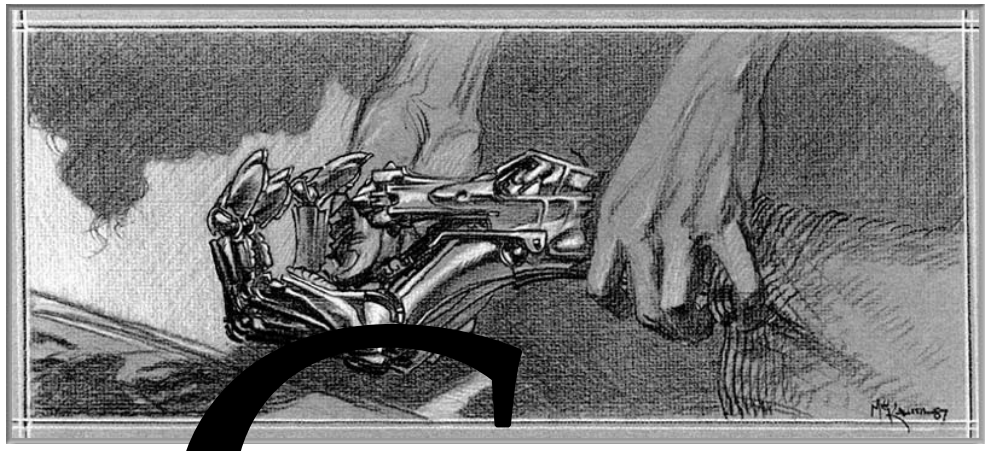
Eles não viam que não tinham mais um líder. Eles não viam que a garota tinha desaparecido da procissão.

A garota estava perante a máquina coração da cidade. Seu sorriso era frio e prateado. Ela esticou uma mão, que era mais delicado que vidro, ela agarrou a alavanca pesada, que estava na posição "Segurança." Ela virou a alavanca, ainda sorrindo, então caminhou para fora, com passos leves, e cruéis.

Atrás dela a máquina disparou. Acima dos profundos mistérios de suas delicadas engrenagens, como o disco solar – como o halo de um ser divino – estava uma roda prateada, com raios que apareceriam em sua

revolução como um disco sólido.

O coração de Metropolis, da cidade de Joh Fredersen, começou a acelerar e esquentar, dominado por uma doença mortal...



Capítulo XVI

O filho de Joh Fredersen sabia muito bem que seu pai não podia ouvi-lo, por que ele, o filho, estava parado na parte mais baixa: o pedestal da Nova Torre de Babel, para onde as contrações pulsantes da rua o tinham atirado, e seu pai estava acima, muito acima da cidade que fervia; um cérebro intocado, em um frio crânio. Mas ainda assim ele gritou por ele, e gritou, e seu grito era um choro por ajuda e de acusação.

A estrutura redonda da Nova Torre de Babel estava atirando pessoas que eram empurradas para a rua, rindo insanamente. Elas eram sugadas pela massa da multidão nas ruas. A Nova Torre de Babel estava deserta. Para aqueles que tinham ocupado suas salas e passagens – aqueles que encheram os baldes Pater Noster trabalhando nas profundezas dela até suas alturas – que tomaram suas posições nas escadas – que receberam instruções e passaram elas adiante – que sufocaram em meio a figuras – que ouviram os sussurros do mundo – todos saiam da Nova Torre de Babel como um sangramento de uma artéria cortada, até se encontrarem ali, horrivelmente pálidos.

Mas as máquinas prosseguiam vivendo.

Sim, elas pareciam vir à vida pela primeira vez.

Freder, que estava parado – uma migalha de humanidade – sozinho, na grandiosidade da estrutura redonda, ouviu o suave, uivo apressado, como a respiração da Nova Torre de Babel, aumentando mais e mais, cada vez mais claro, e ele viu, olhando em volta, que as células vazias do Pater Noster estavam girando mais e mais rapidamente, mais e mais apressadas,

para cima e para baixo. Sim, agora era como essas células, essas células vazias, estivessem dançando para cima e para baixo, e o uivo que seccionava a Nova Torre de Babel parecia sair de mandíbulas vazias.

"Pai!" gritava Freder. E a estrutura redonda inteira rugia com ele, com todo seu pulmão.

Freder correu, mas não para as alturas da Torre. Ele correu para as profundezas, atraído pelo horror e curiosidade – para baixo no inferno – guiado pelos pilares luminosos – pela abobada da máquina Pater Noster, que era como Ganesha, o deus com cabeça de elefante.

Os pilares luminosos pelos quais ele correu não brilhavam com sua luz branca usual, luz fria. Eles piscavam, então piscavam raios, então tremeluziam. Eles queimavam com uma luz maligna, esverdeada. As pedras, sobre as quais corria, oscilavam como água. Quanto mais ele se aproximava da sala das máquinas, mais retumbante a voz da torre tornava-se. As paredes estavam escaldantes. O ar era um fogo sem cor. Se a porta não se abrisse sozinha – nenhum humano poderia abri-la, pois era como uma cortina de aço líquido.

Freder manteve o braço sobre sua testa, com se desejando proteger o cérebro de uma explosão. Seus olhos viram a máquina – a máquina na frente da qual ele esteve parado. Ela estava agachada no centro da sala uivante. Ela brilhava com óleo. Ela tinha membros brilhantes. Sobre o corpo agachado com a cabeça afundada no peito, com as pernas dobradas, em posição de gnomo, sobre uma plataforma. O tronco e as pernas estavam parados. Mas os braços curtos empurravam e empurravam, e puxavam, alternadamente para frente, para trás e para frente.

E a máquina estava abandonada. Ninguém estava observando ela. Ninguém segurava a alavanca. Ninguém olhava fixamente para o relógio, com as mãos que perseguiam os indicadores como se fossem loucas.

"Pai!" gritou Freder, preste a atirar-se para frente. Mas ao mesmo tempo em que ele debruçou-se sobre o corpo da máquina selvagem, que era como Ganesha, ergueu-se a uma altura furiosa, como se suas pernas se esticassem sobre pernas comprimidas, para fazer um salto assassino, como se seus braços não esticassem mais para empurrar – não, para agarrar, agarrar e esmagar – como se a voz uivante da Nova Torre de Babel quebrasse os pulmões da máquina Pater Noster sozinha, uivando:

"Assassino!"

E uivando incessantemente:

"Assassino!"

A cortina de chamas da porta voou para o lado, assobiando. A máquina monstro atirou-se para baixo da plataforma com os braços empurrando. A estrutura inteira da Nova Torre de Babel estremeceu. As paredes tremeram. O teto gemeu.

Freder virou-se. Ele atirou seus braços na altura de seu pescoço e correu. Ele viu os pilares luminosos o acertarem. Ele ouviu um engasgar raspado às suas costas e sentiu sua medula espinhal secar, então correu e correu. Ele correu por portas, as escancarou, e bateu-as atrás dele e então continuou correndo.

"Pai!" ele gritou – e com um sentimento como se seu cérebro estivesse perturbado: "Pais Nosso, que estais no céu..."

Subiu as escadas. Onde essas escadas levariam? Portas abriram com um estrondo, batendo contra paredes.

Ahh! Os templos das salas das máquinas? Divindades, as máquinas – os Senhores brilhantes – as máquinas deuses de Metropolis! Todos os grandes deuses vivem em templos brancos! Ball e Moloch e Huitzilopochtli e Durgha! Alguns assustadoramente sociáveis, outros terrivelmente solitários. Ali – Uma Carruagem Divina! Ali – as Torres do Silêncio! Ali – A Espada Curva de Maomé! Ali – as cruzes de Gólgota!

E nenhuma alma, nenhuma alma nas salas brancas. As máquinas, essas máquinas deuses, deixadas terrivelmente sozinhas. E todas estavam vivas – sim, elas estavam vivas – uma aperfeiçoada, uma vida inflamada.

Pois Metropolis tinha um cérebro.

Metropolis tinha um coração.

O coração da cidade máquina de Metropolis residia em um prédio branco, parecido com uma catedral. O coração da cidade máquina de Metropolis foi, até esse dia e hora, guardada por apenas um homem. O coração da cidade máquina de Metropolis era uma máquina e um universo em si. Acima dos profundos mistérios de suas delicadas engrenagens, como o disco solar – como o halo de um ser divino – estava a roda prateada girando, os raios aparecendo em sua revolução como um disco cheio, brilhando.

Nenhuma máquina em toda Metropolis recebia sua força de outro coração.

Uma simples alavanca controlava essa maravilha de aço.

Com a alavanca na posição "Segurança" todas as máquinas receberiam sua força, como animais domados. Os raios brilhantes da roda

solar, claramente distinguíveis acima da máquina coração.

Com a alavanca na posição '6' – e geralmente ela ficava nessa posição – então o trabalho soletraria escravidão. As máquinas rugiriam. A poderosa roda da máquina coração ficaria pairando, aparentemente sem movimento, como um espelho prateado, acima dela. E os poderosos trovões das máquinas, produzidos pela batida desse coração, erguiam-se, como um segundo céu, sobre Metropolis, a cidade de Joh Fredersen.

Mas nunca, até agora, desde a construção de Metropolis, a alavanca esteve na posição '12'.

Agora ela estava na posição '12.' Agora a alavanca estava na posição '12.'. Uma mão de garota, mais delicada que vidro, tinha movido a alavanca, que estava na posição 'Segurança' para a posição '12.' O coração de Metropolis, a grande cidade de Joh Fredersen, começou a esquentar, como se acometido de uma doença mortal, enviando ondas vermelhas de febre para todas as máquinas alimentadas por seu pulso.

Nenhuma máquina em toda Metropolis recebia energia de outra fonte que não fosse esse coração.

Então todas as máquinas deuses foram tomadas pela febre...

Das Torres do Silêncio irrompeu um vapor de decomposição. Chamas azuis pairaram no espaço sobre elas. E as torres, as torres enormes, que usualmente viravam-se uma vez no curso de um dia, cambaleavam em seus pedestais como se bêbadas, em uma dança giratória, cheias até o ponto de explosão.

A espada curva de Maomé emitia raios circulares pelo ar. Não encontrando resistência ela cortava, e cortava. Ela ficou raivosa porque não tinha nada para cortar. O poder que era desperdiçado tão inúltemente estava crescendo, agora reunido e assobiando, enviando cobras esverdeadas, cobras assobiantes em todas as direções.

Dos braços projetados das cruzes do Gólgota saiam longos e crepitante jorros de faíscas.

Bamboleando sobre impactos que tremiam a terra em si, a não morta, a carruagem divina começou a deslizar, começou a rolar, ficando pendurada na plataforma, balançando como um navio, perecendo nas rochas, dilacerada pela rebentação – e balançando-se livremente entre gemidos.

Então, de seus tronos reluzentes, Baal e Moloch, Huitzilopochtli e Durgha ergueram-se. Todos os deuses máquina ergueram-se, esticando seus

membros em uma liberdade temível. Huitzilopochtli guinchou pelo sacrifício de joias. Durgha moveu seus oito braços assassinos, crepitando. Fogos famintos surgiram das barrigas de Baal e Moloch, lambendo suas mandíbulas. E, rugindo como uma manada de búfalos, desprovidos de propósito, Asa Thor balançava seu martelo infalível.

Um grão perdido entre as solas dos pés dos deuses, Freder seguiu seu caminho através das salas brancas, os templos rugindo.

"Pai!" ele gritou.

E ouviu a voz de seu pai:

"Sim! Eu estou aqui! O que você quer? Venha até mim!"

"Onde está você?"

"Aqui!"

"Mas eu não consigo vê-lo!"

"Você precisa olhar para o alto!"

O olhar de Freder correu pela sala. Ele viu seu pai parado em uma plataforma, entre os braços esticados das cruzes do Gólgota, de onde cada extremidade longos raios crepitantes e brancos eram disparados. Nesse fogo infernal o rosto de seu pai era uma máscara de inconfundível frieza. Seus olhos eram aço azul brilhante. Entre as grandes e enlouquecidas máquinas deuses, ele era maior que um deus, e senhor de tudo.

Freder correu para ele, mas ele não conseguiu chegar até ele. Ele agarrou-se ao pé da cruz flamejante. Impactos selvagens arremetiam contra a Nova Torre de Babel.

"Pai!" gritou Freder. "Sua cidade está sendo arruinada!"

Joh Fredersen não respondeu. As ramificações dos raios pareciam sair de suas têmporas.

"Pai! Você não entende? Sua cidade está sendo arruinada! Suas máquinas vieram à vida! Elas estão rasgando a cidade em pedaços! Você escuta? Explosão após explosão! Eu vi uma rua na qual as casas estavam dançando sobre fundações destruídas – apenas como crianças pequenas dançando sobre o estômago de um gigante risonho... Uma corrente de lava brilhando como cobre derretido atirasse da abertura da sua fundição, e um homem nu corre perante ela, um homem que o cabelo foi carbonizado e que estava rugindo: 'O fim do mundo chegou!' Mas quando ele tropeçou e a

corrente de cobre caiu sobre ele... Quando as palavras de Jethro foram ditas, havia um buraco na terra que estava enchendo-se de água. Pontes de Ferro estavam pairando em pedaços entre as Torres que perderam suas entradas, guindastes balançando em forcas como homens enforcados. E as pessoas, incapazes de fugirem ou resistirem, estavam vagando entre as casas e ruas, que pareciam condenadas..."

Ele bateu suas mãos na haste da cruz e atirou sua cabeça para trás, para ver seu pai mais claramente, abertamente em seu rosto.

"Eu não acredito, pai, que existe algo mais poderoso que você! Eu amaldiçoei seu poder esmagador – um poder esmagador que me encheu de horror, do fundo do meu coração. Agora eu corro até você e peço de joelhos: Por que você permite que a morte ponha as mãos na cidade que é sua?"

"Porque a Morte veio até esta cidade por minha vontade."

"Por sua vontade?"

"Sim."

"A cidade irá perecer?"

"Você não sabe por quê, Freder?"

Não houve resposta.

"A cidade deve ruir para que você possa reconstruí-la..."

"Eu?"

"Você."

"Então você está colocando o assassinato dessa cidade sobre meus ombros?"

"O assassinato dessa cidade repousa somente nos ombros daqueles que sozinhos atiraram Grot, o guardião da máquina coração, à morte."

"Isso também aconteceu por sua vontade, pai?"

"Sim!"

"Então você os forçou a cometerem o crime?"

"Pelo seu bem, Freder; para que você possa redimi-los..."

"E quanto aqueles, pai, que vão morrer nessa sua cidade condenada

antes que eu possa redimi-los!"

"Preocupe-se com os vivos, Freder – Não com os mortos."

"E se os vivos virem matá-lo?"

"Isso não acontecerá, Freder. Isso não acontecerá. O caminho até mim, entre essas máquinas deuses furiosas, como você as chama, somente pode ser encontrado por um. E esse o encontrou. Esse é o meu filho."

Freder deixou sua cabeça cair em suas mãos. Ele as bateu nela como se estivesse com muita dor. Ele gemeu suavemente. Ele estava prestes a falar; mas antes que pudesse falar um som rasgou o ar, parecendo como se a terra estivesse explodindo em pedaços. Por um momento tudo no salão branco parecia pairar no espaço, um pé acima do chão – até mesmo Moloch, Baal, Huitzilopochtli e Durgha, até mesmo o martelo de Asa Thor e as Torres do Silêncio. As cruzes de Gólgota, cujas extremidades estavam emitiam raios brancos crepitantes, juntaram-se e então se endireitaram novamente. Então tudo caiu em seu lugar com uma furiosa ênfase. Então todas as luzes se foram. E das profundezas e da distância a cidade berrou.

"Pai!" gritou Freder.

"Sim. Aqui estou. O que você quer?"

"... Eu quer por um fim nesse pesadelo!"

"Agora? Agora!"

"Mas eu não quero que as pessoas sofram mais! Você precisa ajuda-los – Você precisa salvá-los, pai! Você precisa salvá-los então. Agora – Imediatamente!"

"Agora? Não!"

"Então", disse Freder, empurrando seus punhos à sua frente, como se empurrasse algo para longe dele, "então eu preciso procurar algum homem que possa me ajudar – mesmo se for seu e meu inimigo."

"Você refere-se a Rotwang?"

Nenhuma resposta. Joh Fredersen continuou.

"Rotwang não pode ajuda-lo."

"Por que não..."

“Ele está morto.”

Silêncio. Então tentativamente, uma voz estrangulada perguntou:

“Morto...”

“Sim.”

“Como ele morreu... tão subitamente...?”

“Ele morreu, principalmente Freder, porque ele ousou esticar suas mãos em direção à garota que você ama.”

Dedos trêmulos tatearam a haste da cruz.

“Maria, pai – Maria...?”

“Assim ele chamava ela.”

“Maria estava com ele? Em sua casa?”

“Sim, Freder.”

“Ah! Agora percebo! Agora percebo! E agora?”

“Eu não sei.”

Silêncio.

“Freder?”

Nenhuma resposta veio.

“Freder?”

Mas uma sombra passou correndo pelas janelas da catedral branca da máquina. Ela correu, abaixou-se, com as mãos atrás do pescoço, como se temesse que os braços de Durgha pudessem pegá-la, ou se Asa Thor pudesse bater seu martelo, que nunca falhava, e de trás, dessa forma, ao comando de Joh Fredersen, impedisse sua luta.

Não foi percebido na consciência do fugitivo que todas as máquinas estavam resistindo por causa do coração, o coração desprotegido de Metropolis, que sobre o marcador do número ‘12,’ corria para a Morte.



Capítulo XVII

MARIA SENTIU ALGO lambendo seus pés, como a língua de um grande e gentil cão. Ela inclinou-se para acariciar a cabeça do animal, e sentiu que na verdade era água o que ela estava tocando.

De onde vinha essa água? Ela veio silenciosamente. Ela não fez barulho. Nem veio em ondas. Apenas ergueu-se – sem pressa, mas ainda assim persistentemente. Não era mais fria que o ar em volta. Ela estava batendo nos calcanhares de Maria.

Ela puxou seu pé de volta. Ela sentou-se, agachada, tremendo, escutando pela água que não podia ser ouvida. De onde ela viria?

Era dito que um rio fazia seu caminho sobre a cidade. Joh Fredersen tinha canalizado seu curso quando construiu a cidade subterrânea, a maravilha do mundo, para os trabalhadores de Metropolis. Também era dito que a corrente alimentava um gigantesco reservatório e que havia bombas ali, que eram poderosas o bastante para que em menos de dez horas conseguissem esvaziar ou encher completamente o reservatório, que era grande o suficiente para comportar uma cidade de tamanho médio. Uma coisa era certa – que no subterrâneo da cidade dos trabalhadores, as pulsações dessas bombas podiam ser constantemente ouvidas, como um suave e incessante pulso batendo, se alguém encostasse a cabeça contra uma parede – e que se esse batimento parasse significa que as bombas teriam parado, e que o rio estava subindo.

Mas elas nunca tinham parado.

Mas e agora? De onde essa água silenciosa vinha? Ela ainda estava subindo?

Ela inclinou-se para frente. Ela não teve que esticar muito a mão para sentir a borda fria da água.

Agora ela sentia, também, que ela estava fluindo. Ela estava fazendo seu caminho com grande certeza e em uma direção. Ela estava indo em direção à cidade subterrânea – Velhos livros contavam sobre mulheres santas, cujos sorrisos quando se preparavam para serem coroadas como mártires, demonstravam tal doçura que até os torturadores caíam a seus pés e pagãos endurecidos louvavam o nome de Deus.

Mas o sorriso de Maria era, talvez, de um tipo ainda mais doce. Pois, perceber a corrida da água silenciosa, ela pensou, não na coroa da bem aventurança eterna, mas somente na morte do homem que ela amava.

Sim, agora a água parecia horrivelmente fria, quando seus pés delgados mergulharam nela, e murmurava quando ela corria através dela. Ela ensopou a bainha de seu vestido, agarrando firmemente e fazendo o progresso mais e mais difícil. Mas isso não era o pior. O pior era que a água começou a ter uma voz.

A água perguntava: “Você sabe, linda Maria, que eu sou mais veloz que o mais veloz dos pés? Eu estou acariciando seus tornozelos doces. Eu vou em breve me agarrar a seus joelhos. Ninguém nunca abraçou seus quadris suaves. Mas eu vou fazer isso, e antes que você dê mil passos. E eu não sei, linda Maria, se você vai alcançar seu destino antes que você possa me recusar o seu peito...

“Linda Maria, o Dia do Juízo Final chegou! Ele está trazendo os mortos de milhares de anos de volta à vida. Saiba que eu inundei em seus nichos e agora os mortos estão flutuando atrás de você! Não olhe em volta, Maria, não olhe em volta! Porque dois esqueletos estão discutindo sobre o crânio que flutua entre eles – girando e sorrindo. E um terceiro, para quem o crânio realmente pertence, está elevando-se comigo e caindo sobre ambos...

“Linda Maria, como seus doces seus quadris... O homem que você ama nunca descobriu isso? Linda Maria, escute o que eu lhe digo: somente um pouco ao lado desse caminho, um lance de escadas vai para cima, levando à liberdade... Seus joelhos estão tremendo... como isso é doce! Você pensa em superar sua fraqueza juntando as mãos? Você chama Deus, mas acredite em mim: Deus não escuta você! Quando que eu vim sobre a terra como um grande dilúvio, para destruir a existência, exceto pela Arca de Noé, Deus foi surdo para o grito das suas criaturas. Ou você pensa que eu esqueci como as mães de então choraram? Você tem mais responsabilidade

em sua consciência do que Deus na dele? Volte, linda Maria, volte!

"Agora você está me deixando nervosa, Maria – agora eu devo matá-la! Por que você está deixando essas gotas salgadas caírem em mim? Eu estou agarrando em torno de seu peito, mas ele não me agita mais. Eu quero sua garganta e sua boca engasgada! Eu quero seu cabelo e seus olhos lacrimejantes!

"Você acha que escapou de mim? Não, linda Maria! Não – agora eu vou buscá-la com milhares de outros – com todos os milhares que você deseja salvar..."

Ela arrastou seu corpo pingando para fora da água. Ela arrastou-se para cima, sobre lajes de pedra; ela encontrou a porta. Ela a empurrou e bateu atrás dela, olhando para ver se a água já estava atravessando a soleira.

Não ainda... Não ainda. Mas por quanto tempo mais?

Ela não via uma alma viva até onde seu olho podia alcançar. As ruas, as praças estavam como se banhadas pela morte, com o testemunho do luar. Mas ela estava enganada, ou a luz estava ficando mais fraca de segundo a segundo?

Um impacto, a atirou contra a parede mais próxima, e correu pela terra. A porta de ferro pela qual ela tinha vindo voou de suas dobradiças e escancarou-se. Negra e silenciosa, a água escorreu passou pela soleira.

Maria se recompôs. Ela gritou com todo pulmão:

"A água está vindo!"

Ela correu através da praça. Ela chamou os guardas, que estando sempre trabalhando, dariam o sinal a qualquer perigo.

Mas os guardas não estavam ali.

Uma revolta selvagem na terra arrastou os pés da garota debaixo de seu corpo e jogou-a no chão. Ela levantou-se de joelhos e estendeu as mãos para cima, de forma a ela mesma ligar o alarme. Mas o som que irrompeu da garganta de metal era somente um gemido, como o choramingo de um cão, e a luz ficava cada vez mais pálida e amarela.

Como uma escura e rastejante besta, sem pressa, a água fazia seu caminho através da rua tranquila.

Mas a água não estava sozinha na rua. Subitamente, no meio de uma intrigante e muito assustadora solidão, uma criança meio nua estava parada

ali: seus olhos, os quais estavam sendo protegidos por algum tipo de sonho, muito real, estavam encarando a besta, no escuro, a besta rastejante, que estava lambendo seus pés descalços.

Com um grito, em que sofrimento e libertação estavam igualmente misturados, Maria voou até a criança e a pegou em seus braços.

"Tem alguém aqui além de você, criança?" ela perguntou, com soluço súbito. "Onde está seu pai?""Foi embora..."

"E onde está sua mãe?"

"Foi embora..."

Maria não conseguia entender nada. Desde que fugiu da casa de Rotwang, ela tinha sido atirada de horror em horror, sem descanso. Ela tinha sido atingida por terra, por impactos, rugidos terríveis, trovões rasgando a água que jorrava das profundezas, aos efeitos dos elementos desencadeados. No entanto, ela não podia acreditar que existissem mães não se atirassem como escudos perante seus filhos quando a terra abrisse seu ventre para trazer horrores ao mundo.

Somente a água que rastejava mais e mais, os impactos com da terra rachando, a luz que ficava mais e mais pálida, não dava a ela mais tempo para pensar. Com a criança em seus braços ela correu de casa em casa, chamando as outras, que estariam escondidas.

Então elas vieram, cambaleando e chorando, vindas em tropas, espectros medonhos, como crianças de pedra, geradas sem paixão e nascidas de má vontade. Elas eram como pequenos corpos em pequenas mortalhas, despertando no Dia do Juízo Final pela voz de um anjo, erguendo-se de covas recém-abertas. Elas reuniram-se em torno de Maria, gritando por causa da água, da água fria que lambia os seus pés.

Maria gritou – com dificuldade. Estava em sua voz a agudez do grito da ave mãe que via a Morte sobre sua cria. Ela vagou entre essas crianças-corpos, pegou em suas mãos, em suas roupas, com as outras seguindo proximamente, empurrando seguindo o fluxo. Logo a rua era uma onda de cabeças de crianças pálidas, com mãos erguidas como gaivotas. E o grito de Maria era afogado pelos lamentos das crianças e pela gargalhada da água perseguidora.

As luzes de Neon – tornaram-se avermelhadas, tremendo ritmicamente e atirando sombras fantasmagóricas. A rua inclinou-se. Ali havia um local de agrupamento. Mas os elevadores enormes pendiam mortos em seus cabos. Cordas, cabos torcidos de metal, grossas como a coxa de um homem pendiam no ar, dilaceradas. Óleo negro brotava em um canal

a partir de um cano explodido. E sobre tudo pairava um vapor seco como se fosse ferro aquecido e pedras brilhantes.

Fundo na escuridão de vales distantes o brilho assumia uma tonalidade amarronzada. Um fogo estava se formando ali...

"Vá para cima!" sussurrava os lábios secos de Maria. Mas não conseguia dizer as palavras. Uma escada sinuosa levava para cima. A escada era estreita – ninguém usava essa escada que era a alternativa aos certos e infalíveis elevadores. Maria conduziu as crianças pelas escadas. Mas, lá em cima reinava uma escuridão de impenetrável melancolia e densidade. Nenhuma das crianças se aventuraria a subir ali sozinha.

Maria subiu. Ela contou os degraus. Como som de milhares de asas batendo veio o som dos pés das crianças atrás dela, na estreita espiral. Ela não sabia quanto ela esteve subindo. Incontáveis mãos agarravam seu vestido úmido. Ela arrastou as crianças para cima, murmurando preces para conseguir forças para outra hora.

"Não chorem pequenos irmãos!" ela balbuciou. "Minhas pequenas irmãs, por favor, não chorem."

Crianças estavam gritando, abaixo nas profundezas – e centenas subindo a escada ecoavam cada choro;

"Mãe! Mãe!"

E uma vez mais:

"A água está vindo!"

Parar e olhar para baixo, no meio das escadas? Não!

"Pequenas irmãs! Pequenos irmãos – venham comigo!"

Mais e mais elas subiram; então, finalmente, um grande patamar. Luz acinzentada vinha de cima. Uma sala murada, ainda não o mundo superior, mas um pátio de entrada. Um curto lance de escadas, até uma abertura de luz. A abertura, uma porta alçapão, parecia pressionar para dentro. Entre a porta e o batente, uma fenda, tão estreita como um corpo de gato.

Maria viu isso. Ela não sabia o que significava. Ela tinha a sensação de incerteza de que algo não era o que devia ser. Mas ela não queria pensar nisso. Com um movimento quase violento ela rasgou seu vestido, livrando-se dos dedos das crianças, e correu, atirando-se para frente com uma vontade desesperada com os pés entorpecidos, através do pátio vazio até a escada íngreme.

Ela esticou as mãos e tentou empurrar a porta. Ela não se movia. Mais uma vez. Sem resultado. Cabeça, braços, ombros empurraram, quadris e joelhos pressionaram, como se fosse romper seus tendões. Sem resultado. A porta não cedeu um fio de cabelo. Se uma criança tivesse tentado empurrar a catedral de seu lugar ela não poderia ter agido mais tolamente e mais inefetivamente.

Pois sobre a porta, que sozinha levava para fora das profundezas, estavam empilhados, alto como casas, os corpos das locomotivas mortas, as quais, quando a loucura irrompeu sobre Metropolis, foram os terríveis brinquedos da turba.

Trem sobre trem, com vagões rugindo atrás, com todas as luzes queimando e com toda força, elas correram sobre os trilhos, açoitadas pelos berros da turba, e caíram umas sobre a outras, tornando-se misturadas e empilhadas juntas, queimando e agora estavam meio derretidas, ainda fumegantes, uma massa de ruínas. E um simples farol, permanecendo intocado, atirava um feixe de luz afiada e corrosiva sobre o caos, a partir do peito de aço da última locomotiva.

Mas, Maria não sabia nada disso. Ela não precisava saber. Era suficiente para ela que a porta, que era a única forma de salvação para ela e para as crianças que ela desejava salvar, permanecia inexoravelmente imóvel, e finalmente com as mãos e ombros sangrando, com a cabeça machada e pés entorpecidos, ela obrigou-se resignar-se ao incompreensível, à triste realidade.

Ela ergueu o rosto para o raio de luz que caia sobre ela. As palavras de uma pequena e infantil oração, agora não mais inteligíveis, correram por sua cabeça. Ela baixou a cabeça e sentou-se nas escadas.

As crianças ficaram em silêncio, muito próximas uma da outras, sobre a maldição de algo que, apesar de não compreenderem, estava tão próximo acima delas.

“Pequenos irmãos, pequenas irmãs”, disse a voz de Maria, muito afetuosamente, “Vocês podem entender o que estou dizendo?”

“Sim.” A respostas flutuou a partir das crianças.

“A porta está fechada... Nós precisamos esperar um pouco... Certamente alguém deverá vir e abri-la para nós. Vocês serão pacientes e não ficarão com medo?”

“Sim”, veio uma resposta, como um suspiro.

“Sentem-se e fiquem tão à vontade quanto puderem...”

As crianças obedeceram.

“Eu vou contar a vocês uma história”, disse Maria.



Capítulo XVIII

"Pequena irmã…"

"Sim?"

"Eu estou com tanta fome, irmã...!"

"Fome...!" ecoou das profundezas.

"Vocês não querem ouvir o final da minha estória?"

"Sim... Mas irmã, quando você terminar nós podemos sair para jantarmos?"

"É claro... assim que minha estória terminar... Apenas imaginem: A raposa esperta saiu para um passeio por um lindo caminho florido; ele tinha colocado sua capa de domingo, e estava com sua calda peluda e vermelha em pé, fumando um pequeno cachimbo e cantando por todo o caminho... Vocês sabem o que a Raposa esperta cantava?"

Eu sou a raposa alegre – Ura!

Eu sou a raposa alegre – Ura!

E então ela pulou de alegria! E o pequeno Sr. Porco Espinho estava sentado em sua colina, e ele estava tão feliz pois seus rabanetes estavam crescendo tão bem, e sua esposa estava parada junto da sebe, fofocando com a Sra. Toupeira que tinha acabado de comprar um novo casaco de pele para o outono..."

"Irmã..."

"Sim?"

"A água lá de baixo está vindo atrás de nós?"

"Por que, pequeno irmão?"

"Eu posso a ouvir gorgolejando..."

"Não escute a água, pequeno irmão... Apenas escute o que a Sra. Porco Espinho esta falando!"

"Sim, irmã, mas a água está falando tão alto... Eu acho que ela conversa muito mais alto que a Sra. Toupeira..."

"Afaste-se dessa estúpida água, pequeno irmão... Venha até mim! Você não vai ouvir a água daqui!"

"Eu não posso ir até você, irmã! Eu não consigo me mover, irmã... Você não pode vir e me pegar?"

"Eu também, irmã – Sim, eu também! Eu também!"

"Eu não posso fazer isso, pequenos irmãos, pequenas irmãs! Seus irmãos mais jovens estão no meu colo. Eles dormiram e eu não devo acordá-los!"

"Oh irmã, você tem certeza que nós conseguiremos sair?"

"Por que você pergunta isso como se estivesse assustado, pequeno irmão?"

"O chão está tremendo tanto, e as pedras estão caindo do teto!"

"Aquelas pedras bobas machucaram você?"

"Não, mas minha irmã mais nova está deitada e não se move mais."

"Não perturbe ela, pequeno irmão. Sua irmã está dormindo!"

"Sim, mas ela estava chorando até agora...!"

"Não sinta pena, pequeno irmão, pois ela foi para onde ela não precisará chorar mais..."

"Para onde ela foi, então, irmã?"

“Para o céu, eu acho.”

“O céu é perto, então?”

“Ah sim, muito perto. Eu posso até ver a porta daqui! E se eu não estou enganada, São Pedro está parado ali, na frente dela, com uma grande chave de ouro, esperando para nos deixar entrar...”

“Oh, irmã... irmã!! Agora a água está chegando! Agora ela alcançou o meu pé! Agora está me erguendo!”

“Irmã!! Ajude-me, irmã. – A água chegou!!”

“Deus pode ajuda-lo – Deus todo poderoso!”

“Irmã, eu estou assustado!”

“Você está com medo de estar indo para o céu amado?”

“É bom no céu?”

“Oh – é glorioso – glorioso!”

“A Raposa Esperta está no céu também – e o pequeno Sr. Porco Espinho?”

“Eu não sei! Devo perguntar a São Pedro sobre isso?”

“Sim, irmã... Você está chorando?”

“Não, por que eu deveria estar chorando? São Pedro! São Pedro!”

“Ele escutou?”

“Deus amado, como a água está fria...”

“São Pedro! São Pedro!!”

“Irmã... Eu acho que ele respondeu, agora mesmo...”

“Verdade, pequena irmã?”

“Sim... alguém está chamando...”

“Sim, eu escutei também!... Eu também! Eu também!”

“Silêncio, crianças, silêncio...”

"Oh, irmã, irmã!"

"Silêncio, por favor! Por favor!"

"... ... Maria!"

"Freder!!!"

"Maria – Você está aí?"

"Freder – Freder – Eu estou aqui! Eu estou aqui, Freder!!"

"Nas escadas?"

"Sim!"

"Por que você não vem para cima?"

"Eu não consigo erguer a porta!"

"Dez trens estão caídos juntos... Eu não consigo chegar até você! Eu preciso ir e conseguir ajuda!"

"Oh, Freder, a água já está logo atrás de nós!"

"A água?"

"Sim! E as paredes estão caindo!"

"Você está ferida?"

"Não, não... Oh, Freder, se você pudesse forçar a porta apenas o suficiente para eu conseguir passar as pequenas crianças..."

O homem acima dela não respondeu.

Quando preparava seus músculos e nervos no "Clube dos Filhos", alegremente lutando com seus amigos, ele certamente nunca teria imaginado que poderia um dia ter que forçar caminho através cabos em ruínas, pistões arrebentados e rodas de máquinas espalhadas até a mulher que ele amava. Ele empurrou os pistões de lado que eram como braços humanos, agarrando em aço como se fosse carne macia. Ele fez seu caminho até a porta e atirou-se no chão.

"Maria?"

"Freder?"

"Onde está você? Por que sua voz está tão distante?"

"Eu quero ser a última que você irá salvar Freder! Eu estou carregando pequeninos nos meus braços e ombros..."

"A água ainda está subindo?"

"Sim."

"Está subindo rápido ou lentamente?"

"Rápido."

"Meu Deus, meu Deus... Eu não consigo soltar a porta! As máquinas estão empilhadas em cima como montanhas! Eu preciso explodir essas ruínas, Maria!"

"Muito bem." A voz de Maria soou como se estivesse sorrindo. "Enquanto isso eu posso terminar minha estória..."

Freder correu para longe. Ele não sabia para onde seus pés o carregavam. Ele pensou vagamente em Deus... "Seja feita a sua vontade... Mas livrai-nos do mal… Porque Teu é o poder…"

Do céu preto de fuligem vinha um brilho assustador, com as cores de sangue derramado, caindo sobre a cidade, que aparecia como uma silhueta de veludo esfarrapado na escassez dolorosa da luz. Não havia uma alma viva por perto e mesmo assim o ar pulsava com os insuportáveis gritos cortantes como facas das mulheres na vizinhança de Yoshiwara, e, enquanto o órgão da catedral estava assobiando estridente, como se seu corpo estivesse ferido de morte, as janelas da catedral, iluminadas por dentro, começaram a brilhar fantasmagoricamente.

Freder cambaleou ao longo da casa torre na qual o coração da grande cidade máquina de Metropolis tinha vivido, e que agora estava rasgado de cima a baixo enquanto corria para a morte, na febre do '12', de forma que a casa parecia agora um portal escancarado.

Um pedaço de humanidade estava rastejando nas ruínas, parecendo, pelos sons que emitia, não mais que uma simples maldição, em duas pernas. O horror que caia sobre Metropolis era o paraíso comparado com a cruel destruição que esse pedaço de humanidade invocava do mais profundo e quente dos infernos sobre a cidade e seus habitantes.

Ele encontrou-o sobre as ruínas, ergueu seu rosto, reconheceu-o e emitiu uivos, similares a uivos de um cão sendo chutado. Ele esfregou sua boca soluçante sobre um pequeno pedaço de aço.

"Que a peste o consuma, seu piolho! Que você possa enfiar-se em lama até os olhos! Que você beba gás no lugar de água e queime todo o dia – por dez mil anos – e novamente, e novamente!"

"Grot!"

"Imundo!"

"Grot! Graças a Deus... Grot, venha aqui!"

"Quem é esse…"

"Eu sou o filho de Joh Fredersen."

"Ahhh – Pelo Inferno e o Diabo – Eu precisava de você! Venha aqui, seu sapo! Eu preciso pega-lo em meus punhos. Eu preferiria pegar o seu pai, mas você é um pouco dele e isso é melhor que nada! Venha aqui, se você tem colhões! Ah – meu rapaz, como eu gostaria de te agarrar! Eu gostaria de besunta-lo de cima abaixo com mostarda e comê-lo! Você sabe o que seu pai fez?"

"Grot!"

"Deixe-me terminar! Eu conto para você! Você sabe o que ele fez? Ele me fez desistir... Ele me fez desistir da máquina..."

E uma vez mais o uivo miserável de um cão chutado.

"Minha máquina... minha – minha máquina! Esse demônio lá em cima! Esse amaldiçoado demônio!"

"Grot me escute!"

"Eu não vou escutar nada!"

"Grot, no subsolo da cidade, a água está invadindo-o..."

Segundos de silêncio. Então ruge uma risada, e, no monte de ruínas, a dança de uma massa de quatro pernas, que chutava e batia com gritos selvagens, aplaudindo.

"Está certo! Aleluia! Amém!"

"Grot!" Freder caiu sobre a massa dançante e a sacudiu até seus dentes baterem. "A água está inundando a cidade! A energia está arruinada! A água ergueu-se pelos degraus! E sobre a porta – sobre a única porta, estão toneladas de locomotivas que colidiram uma com a outra!"

“Deixe os ratos se afogarem!”

“As crianças, Grot!!”

Grot ficou como se paralisado.

“Uma garota”, continuou Freder, agarrando sua mão no ombro do homem, “uma garota”, ele disse soluçante, inclinando sua cabeça como se fosse enterra-la no peito do homem, “uma garota tentou salvar as crianças e agora está presa com elas e não podem sair.”

Grot começou a correr. “Nós precisamos explodir as ruínas, Grot!”

Grot cambaleou, virou-se e começou a correr, com Freder atrás dele, perto de sua sombra...

“Mas a Raposa Esperta sabia muito bem que o Sr. Porco Espinho poderia vir ajuda-la a sair da armadilha, e ela não estava nem um pouco assustada e esperou alegremente, apesar de se passar um longo tempo antes do Sr. Porco Espinho – o galante Sr. Porco Espinho voltar...”

“Maria!”

“Oh, Cristo... Freder?”

“Freder, você não está em perigo?”

Nenhuma resposta. Silêncio. Um som de rachadura. Então uma voz de criança.

“E o Sr. Porco Espinho veio, irmã?”

“Sim...”

Mas o “sim” estava afogado pelo rasgar de milhares de cabos, o rugido de dezenas de milhares de pedras que estavam caindo o domo do céu, arremessando-o para baixo, fazendo a terra balançar com sua queda.

Rachaduras complementares. Nuvens cinzentas, estrondo distante. E passos. Crianças chorando. E, acima, a porta que estava emperrada move-se para cima:

“Maria!”

Um rosto enegrecido inclinou-se para baixo; mãos imundas esticaram tateando.

"Maria!" "Aqui estou Freder!"

"Eu mal posso ouvi-lo..."

"Pegue as crianças primeiro, Freder... As paredes estão caindo..."

Grot veio arrastando-se e atirou-se no chão ao lado de Freder, sobre o poço no qual as crianças lutavam para sair, gritando. Ele agarrou as crianças pelos cabelos, pelos pescoços, pelas cabeças, e as ergueu, como alguém colhendo rabanetes. Seus olhos estavam saltados com o medo. Ele atirou as crianças sobre seu corpo, para que elas rolassem, gritando miseravelmente. Ele amaldiçoou como uma centena de demônios. "Essas são todas elas?" Ele gritou dois nomes…

"Pai, pai!" soluçaram duas pequenas vozes nas profundezas. "Que o diabo leve vocês suas criaturas arrogantes!", rugiu o homem. Ele moveu as crianças de lado com seus punhos, como se estivesse varrendo sujeira com um pá de lixo. Então ele engasgou, fungou, e puxou duas crianças penduradas em seu pescoço, molhadas e tremendo lastimosamente, mas vivas – com seus membros sob mais perigo de seus punhos desastrados do que estavam previamente na água e sob as pedras caindo.

Com as crianças nos braços, Grot rolou de lado. Ele sentou e plantou as duas perante ele.

"Suas malditas maltrapilhas!" ele disse, entre soluços. Ele limpou as lágrimas de seus olhos. E levantou-se, arremessando as crianças de lado, com dois fardos de feno. Com um rugido de um leão furioso, ele correu para porta, das profundezas da qual Maria emergia, com os olhos fechados, suportada pelos braços de Freder.

"Sua maldita!" ele uivou. Ele arrastou Freder de lado, atirou a garota de volta nas profundezas, bateu a porta e jogou todo seu peso sobre ela, martelando-a ao ritmo de sua gargalhada com os punhos cerrados.

Um esforço sombrio mantinha Freder de pé. Ele caiu sobre o maníaco para removê-lo da porta alçapão, caiu sobre ele e rolou com ele, em um abraço furioso, entre as ruínas das locomotivas.

"Solte-me, seu cão, seu cão sarnento!" uivou Grot, tentando morder o punho feroz que o segurava. "Essa mulher assassinou minha máquina – Essa maldita mulher liderou a turba!! Essa mulher sozinha virou a alavanca para a posição '12'! Eu vi quando eles estavam me massacrando! A mulher deve afogar-se lá embaixo! Eu vou matar essa mulher!"

Com uma tensão incrível em todos os seus músculos Grot atirou-se para cima e livrou-se, com uma sacudida, do homem furioso – com tão

enfurecida força que ele, Grot, atirou-se em uma curva, entre as crianças.

Praguejando ardentemente, ele ergueu-se novamente; mas, apesar de não ter se machucado mais, ele não podia mover um membro. Ele ficou preso, como uma colher em um mingau de crianças, que aderiram a seus braços, pernas e punhos. Nenhum grilhão de ferro poderia prendê-lo tão efetivamente como as pequenas e molhadas mãos frias que defendia ela que tinham as resgatado. Sim, suas próprias crianças estavam perante ele, segurando fortemente seus punhos fechados, sem medo dos olhos injetados de sangue desse gigante que encarava os anões, que o prendiam.

"Essa mulher assassinou minha máquina!" ele uivou finalmente, mais reclamando que com raiva, olhando para a garota, que estava novamente nos braços de Freder, como se esperasse que ele a carregasse dali.

"O que ele quer dizer?" perguntou Maria. "E o que aconteceu?"

E ela olhou com seus olhos na mais profunda exaustão para o horror e a destruição à sua volta, e para o Grot bufando.

Freder não respondeu.

"Venha", ele disse. E ergueu seus braços carregando ela para fora. E as crianças o seguiram como pequenas ovelhas, e Grot não teve alternativa além de correr atrás dos pequenos pés, para onde as pequenas mãos que o agarravam estavam arrastando ele.



Capítulo XIX

ELES LEVARAM as crianças para a casa e os olhos de Freder viram Maria, que estava ajoelhando na rua, entre as últimas crianças restantes, consolando-as, e dando para elas seu sorriso amoroso sobre seus os olhos chorosos e perplexos.

Freder correu através delas e então carregou Maria para a casa.

"Não esqueça", ele disse, deixando-a sobre um sofá perante uma lareira acessa na entrada do hall, e segurando-a em seus braços enquanto ela estava meio deitada, meio sentada, "que a Morte e a loucura e algo como a destruição do mundo passaram muito próximos de nós – e que, depois disso tudo que aconteceu, eu não sei sequer a cor de seus olhos – e que você não me beijou mais que uma vez por sua própria vontade..."

"Querido", disse Maria, inclinando-se em direção à ele, de forma que seus olhos puros, banhados em lágrimas sem dor, ficaram muito próximos dele, enquanto ao mesmo tempo, uma forte gravidade mantinha seus lábios longe dos dele, "você tem certeza que a Morte e a loucura já passaram?"

"Por nós, amada – Sim!"

"E quanto aos outros?"

"Você está me mandando embora, Maria?" ele perguntou, amorosamente. Ela não respondeu, pelo menos não em palavras. Mas, com um gesto que era sincero e tocante, ela colocou seus braços em seu pescoço e o beijou na boca.

"Vá em frente", ela disse, acariciando seu rosto perplexo com suas mãos virginais e maternas. "Vá até seu pai. Esse é o caminho mais sagrado… Eu vou até as crianças assim que minhas roupas secarem um pouco. Porque temo que..." ela adicionou com um sorriso que fez Freder ficar com os olhos vermelhos, "apesar de numerosas como são as mulheres na 'Casa dos Filhos', e por mais dispostas e ansiosas por ajudarem, nenhuma delas poderia me emprestar um vestido...!"

Freder ficou inclinado sobre ela com os olhos baixos. As chamas de um grande incêndio brilhavam sobre rosto bonito, que tinha uma expressão de vergonha e tristeza. Mas quando ele ergueu seu olhar para encontrar os olhos de Maria, que estavam silenciosamente fixos sobre ele, sem dizer uma palavra ele pegou suas mãos e pressionou elas contra as suas pálpebras, deixando-as lá por um longo tempo.

E durante algum tempo eles esqueceram que, do outro lado da parede que os protegia então, uma cidade agonizava em um conflito terrível, e que entre as ruínas de milhares de pessoas, elas mesmo nada além de ruínas, arrastavam-se de lá para cá, perdendo sua razão e sofrendo, torturadas por um pavor mortal.

A voz do arcanjo Miguel, vindo da catedral, recordava a eles a consciência do momento, e então ele partiu apressado, como se pego negligenciando seu dever.

Maria escutou os paços do homem se afastando...

Então ela virou-se e olhou para si mesma.

Que som estranho o sino de Miguel tinha... O sino estava chamando tão furiosamente – tão agitadamente, como se fosse cair a cada repique...

O coração de Maria transformou-se num eco do sino. Ele flutuou com um triste medo, que não tinha outra fonte que não a vibração do terror acima da cidade. Até mesmo o fogo aquecedor da lareira a assustava, como se tivesse algum conhecimento dos segredos do horror.

Ela sentou-se e colocou os pés no chão. Ela sentiu a bainha de seu vestido. Ainda estava bem molhado, mas ela devia ir agora mesmo. Ela deu alguns passos através da sala levemente iluminada. Como o ar estava escuro fora das janelas... Ela hesitantemente abriu a porta mais próxima e escutou…

Ela estava parada na sala em que ela tinha estado quando viu Freder pela primeira vez, quando ela tinha conduzido os pequenos e cinzentos espectros infantis à aqueles alegres e inconsequentes quando ela tocou o coração de Freder com seu gentil:

"Olhe, esses são seus irmãos!"

Mas de todos os filhos amados de pais ilimitadamente ricos, a quem essa casa pertencia, nenhum podia ser visto. Eles devem ter deixado a cidade cambaleantemente muito tempo atrás.

Velas esparsamente distribuídas estavam queimando, dando à sala um aconchego e um ar acolhedor. A sala estava cheia do suave trinar de crianças sonolentas, conversando como andorinhas antes de voarem para o seus ninhos. Respondendo a elas com tons que eram um pouco mais graves, vinham as vozes de lindas, bem vestidas e pintadas mulheres, que uma vez foram os brinquedos dos filhos. Igualmente assustadas pela ideia de fugir elas tinham permanecido onde estavam, eventualmente ficando na "Casa dos Filhos", ainda indecisas, e Maria levou as crianças até elas, porque elas não tinham refúgio melhor; e pela bela e assustadora chance que se mostrou, a trupe de meretrizes tornou-se uma trupe de mães carinhosas, executando sua nova atividade com um fogo caloroso.

Não muito longe de Maria a pequena misturadora de bebidas estava ajoelhada, lavando o corpo magro da filha de Grot, que estava de pé na sua frente. Mas a criança pegou a esponja de sua mão, e, sem falar uma palavra, procedendo com intensa gravidade, estava incansavelmente lavando o lindo rosto pintado da misturadora de bebidas.

A garota tinha ajoelhado e estava parada, com os olhos fechados, não se movendo enquanto a criança secava seu rosto com uma toalha áspera. Mas a filha de Grot não teve muito sucesso em sua empreitada, pois, sempre que ela secava as bochechas da garota, novamente rápidas e brilhantes gotas corriam sobre ela. Até que a filha de Grot deixou cair a toalha e olhou para a garota que estava ajoelhada na sua frente de forma inquisidora, e não sem censura. Até que a garota pegou a criança em seus braços, pressionou a cabeça sobre o coração dessa criatura silenciosa, proferindo a este coração palavras de amor que ela nunca tinha encontrado antes.

Maria passou perto com passos silenciosos.

Mas quando a porta para o hall, através do qual o ruído vindo da barulhenta Metropolis podia penetrar, fechou atrás dela, a voz de ferro do anjo da catedral bateu em seu peito como um punho de aço, e ela ficou imóvel, paralisada, erguendo as mãos até a cabeça.

Por que São Miguei estava gritando tão raivosamente e tão selvagemente? Por que o rugido de Azrael, o anjo da Morte juntava-se tão alarmantemente?

Ela pisou na rua. Escuridão, como uma espessa camada de fuligem,

caia sobre a cidade, e somente a catedral brilhava, como um fantasma, uma maravilha de luz, mas não de uma graça.

O ar estava cheio de uma batalha espectral de vozes discordantes. Uivos, risadas, embates, podiam ser ouvidos. Era como se uma gangue de assassinos e ladrões estivesse passando – na irreconhecível profundeza das ruas. Misturados com elas, gritos de mulheres, selvagem excitação...

Os olhos de Maria viram a Nova Torre de Babel. Ela tinha somente um objetivo em mente: Para Joh Fredersen. Ela devia ir lá, mas ela nunca foi.

Pois subitamente o ar estava cheio com uma corrente vermelho sangue, espalhando-se, tremeluzindo, formada por um milhar de tochas. E as tochas estavam dançando nas mãos de seres que estavam saindo de Yoshiwara. Os rostos dos seres brilhavam com insanidade, cada boca aberta arfando, com os olhos flamejando acima deles, onde homens engasgavam com a fumaça. Cada um dançava a dança da Morte com sua própria tocha, girando loucamente, e o rodamoinho de dançarinos formava um trem, virando a si mesmo.

"Maohee!" voou o grito acima. "Dance – dance – dance – Maohee!"

Mas a procissão em chamas era liderada por uma garota. A garota era Maria. E a garota estava gritando com a voz de Maria:

"Dance – dance – dance – Maohee!"

Ela cruzou as tochas como espadas acima de sua cabeça. Ela balançou elas para a direita e para a esquerda, brandindo-as como se fossem um chuveiro de fagulhas caindo pelo caminho. Algumas vezes parecia como se ela estava montada nas tochas. Ela ergueu seus joelhos até seu peito, com uma risada que trouxe um gemido dos dançarinos da procissão.

Mas um dos dançarinos correu até o pé da garota, como um cão, chorando incessantemente:

"Eu sou Jan! Eu sou Jan! Eu sou o fiel Jan! Me escute pelo menos, Maria!"

Mas a garota bateu em seu rosto com a tocha faiscante.

Suas roupas pegaram fogo, ele correu por algum tempo, uma tocha humana, perto da garota. Sua voz soava como se estivesse em chamas:

"Maria! Maria!"

Então ele atirou-se do parapeito da rua arremessando-se como um risco de fogo, nas profundezas escuras.

"Maohee! Maohee!" chamava a garota, balançando sua tocha.

A procissão não tinha fim. A procissão não tinha fim. A rua estava coberta, até onde os olhos podiam ver, com tochas circulando. Os gritos de dançarinos misturaram-se afiadamente e estridentemente com as vozes iradas dos arcanjos da catedral. E atrás da procissão, como se atirada por cordas invisíveis e inquebráveis, uma garota não vacilava, com a bainha do vestido molhada em seus tornozelos, com o cabelo caído sobre dedos apertados contra a cabeça, cujos lábios balbuciavam suplicando inefetivamente: "Freder... Freder..."

As colunas de fumaça das tochas pairavam como asas cinzentas de pássaros fantasmas acima da procissão.

Então a porta da catedral foi aberta. Das profundezas da catedral avançou o som do órgão. Ele misturou-se com o tom quádruplo dos sinos dos arcanjos, com os gritos dos dançarinos, e um coro poderoso com passos de ferro.

A hora do monge Desertus chegou.

O monge Desertus estava liderando os seus.

De dois em dois, caminhavam os seus discípulos. Eles caminhavam com os pés descalços, com capuzes negros para trás de seus ombros. Eles carregavam pesados chicotes em ambas as mãos. Eles batiam os chicotes, com a mão direita e a esquerda, a direita e a esquerda, sobre os ombros nus. Sangue pingava dos chicotes negros. Os Góticos cantavam. Eles cantavam no ritmo de seus pés. No tempo da batida do chicote eles cantavam.

O monge Desertus liderava os Góticos.

Os Góticos erguiam uma cruz negra perante eles. Ela era tão pesada que doze homens tinham que carrega-la, ofegando. Ela oscilava segura por cordas escuras.

E na cruz estava pendurado o monge Desertus.

As chamas negras em seus olhos, na sua face estavam fixas sobre a procissão de dançarinos. A cabeça estava erguida. A boca pálida estava aberta.

"Vejam!" gritou o monge Desertus em uma voz que era poderosamente afligida e sonora, no tom dos sinos dos arcanjos, do som do

órgão, do coro dos cantores flagelados e dos gritos dos dançarinos: "Vejam! Babilônia, a grande! A Mãe das Abominações! O Dia do Juízo Final chegou! A destruição do mundo!"

"O Dia do Juízo Final! A Destruição do Mundo!" cantava o coro de seus seguidores atrás dele.

"Dance – Dance – Dance – Maohee!" gritava a voz da garota que liderava os dançarinos. E ela brandia suas tochas sobre seus ombros, longe dela. Ela rasgou o vestido de seus ombros e peitos, erguendo-se, uma tocha branca, com os braços erguidos e gargalhando, balançando os cabelos; "Dance comigo, Desertus – Dance comigo!"

Então a garota, arrastando-se no fim da procissão, sentiu o cordão, o cordão invisível sobre o qual ela estava presa. Ela virou-se e começou, sem pensar, a tentar afastar-se, a fugir – somente fugir – não importando para onde – somente fugir!

As ruas passavam em um turbilhão. Ela corria e corria, descendo a rua, e finalmente ela viu, correndo no fim da rua e em direção à ela, uma turba selvagem, e viu também, que os homens vestiam o uniforme de linho azul e soluçou aliviada:

"Irmãos! Irmãos!"

E esticou as mãos.

Mas um rugido furioso foi a resposta a ela. Como uma parede colapsando, uma massa atirou-se para a frente, separando-se e gritando alto.

"Ali está ela! Ali está ela! A prostituta, a culpada de tudo isso! Peguem-na! Peguem-na!"

As vozes das mulheres gritavam:

"A bruxa! Matem a bruxa! Queimem-na antes que todos nós nos afoguemos!"

E o som dos pés correndo encheu a rua morta, através da qual a garota fugia, como o som do inferno sendo liberado;

As casas passavam em um turbilhão. Ela não sabia o caminho no escuro. Ela acelerou, correndo sem rumo, com um horror cego, que era mais profundo por não saber sua origem.

Pedras, paus, pedaços de ferro, voavam até ela vindo de trás. A turba rugia com uma voz que não era mais humana:

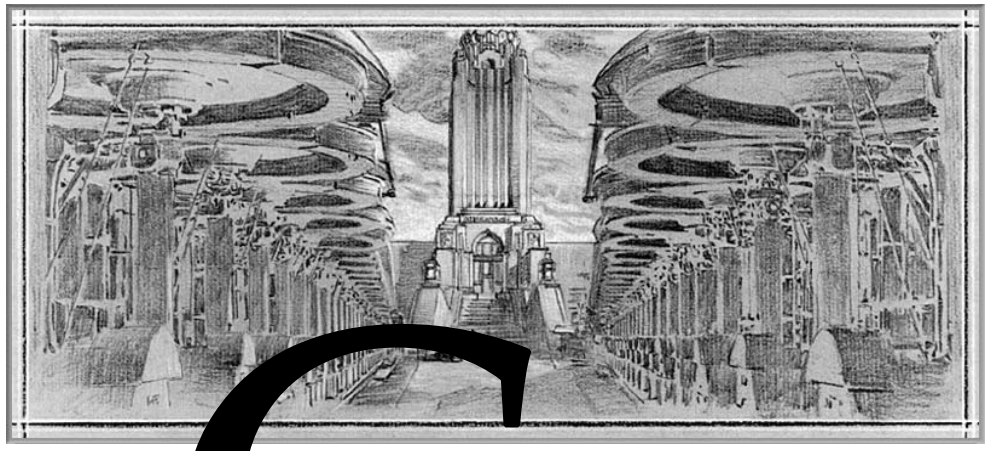
"Atrás dela! Atrás dela! Ela vai escapar de nós! Rápido! Rápido!!"

Maria não podia mais sentir os seus pés. Ela não sabia se estava correndo sobre pedras ou água. Sua respiração ofegante vinha através de seus lábios que estavam abertos como os lábios de alguém se afogando. Subindo ruas, descendo ruas... Uma dança rodopiante de luzes cambaleava através da rua, muito a frente dela... Muito distante, no fim de uma enorme praça, na qual a casa de Rotwang também estava, a massa da catedral descansava sobre a terra, pesada e escura, mas ainda mostrando um carinhoso e tranquilizador brilho, que saia de vitrais alegres e através de um portal aberto, para fora na escuridão.

Subitamente irrompendo em soluços, Maria atirou-se para a frente com sua última e inteiramente desesperada força. Ela cambaleou nos degraus da catedral, cambaleou através do portal, sentiu o odor do incenso, viu pequenas e piedosas velas de intercessão perante a imagem de um gentil santo que sofria sorridente, e colapsou sobre a laje.

Ela não viu mais, na larga rua que levava à catedral, o fluxo de dançarinos de Yoshiwara coincidindo com o rugido dos trabalhadores, não ouviu mais os gritos bestiais da mulher montada nas costas de um dançarino – que foi abatida, sobrepujada, capturada e esmagada no chão – não viu o curto, medonho e desesperado conflito dos homens em trajes noturnos com os homens de uniforme de linho azul – ou a ridícula luta das mulheres meio nuas perante as garras e punhos das esposas dos trabalhadores.

Ela caiu em profundo esquecimento, na grande, solene suavidade da morte, e das profundezas de sua inconsciência ela não foi acordada mesmo pela voz rugindo da turba que erguia uma fogueira para a bruxa, perante a catedral.



Capítulo XX

"Freder!! Grot!!! Freder!!!"

Josaphat gritava tanto que sua voz falhava, e corria como um lobo atormentado, através de passagens, através dos grandes máquinas de bombeamento. Seus gritos não podiam ser ouvidos. As salas de máquinas estavam com máquinas agonizantes, tentando cumprir seu papel, mas não sendo capazes disso. A porta estava fechada. Josaphat a martelava com os punhos, e com os pés. Foi Grot que a abriu para ele, com um revolver em punho.

"O que em nome do inferno fervente..."

"Saia da frente! Onde está Freder?"

"Aqui! O que há?"

"Freder, eles capturaram a Maria"

"O que?"

"Eles fizeram Maria cativa, e eles vão executá-la!"

Freder cambaleou. Josaphat o arrastou em direção à porta. Como uma tora, Grot ficou no seu caminho, com os lábios murmurando, seus olhos arregalados.

"A mulher que matou minha máquina!"

"Cale a boca, seu tolo – saia do caminho!"

"Grot!" Um som nascido da loucura...

"Sim, Sr. Freder!"

"Você deve parar as máquinas!"

"Sim, Sr. Freder!"

"Vamos Josaphat!"

O som de correr, correr, fantasmagórico.

Grot virou-se. Ele viu as máquinas paralisadas, ele ergueu seu braço e bateu na máquina com o punho, como alguém que bate em um cavalo empacado entre os olhos.

"A mulher", Ele gritou com um uivo. "que salvou minhas crianças!"

E ele atirou-se sobre a máquina com dentes rangendo...

"Conte para mim!" disse Freder, quase suavemente. Era como se ele não desejasse perder um átomo de sua força. Seu rosto era uma pedra branca com dois olhos flamejando como joias. Ele pulou para o volante do pequeno carro em que Josaphat tinha vindo. As máquinas de bombeamento ficavam na fim da grande Metropolis.

Ainda era noite.

O carro foi ligado.

"Nós estamos muito longe", disse Josaphat, ligando o farol. "Muitas pontes entre os blocos residenciais foram explodidos..."

"Conte-me", disse Freder. Seus dentes encontraram-se, rangendo, como se estivesse com frio.

"Eu não sei quem a encontrou... Provavelmente as mulheres, que estavam cuidando das crianças e desejavam ir para casa. Você não pode conseguir nada dessa multidão raivosa. Mas de qualquer forma: Quando eles viram a água negra correndo em direção à eles a partir das aberturas do metrô, e quando eles perceberam que as máquinas de bombeamento, as salvaguardas da sua cidade, tinham sido destruídas, então eles entraram em desespero. Eles viram algumas mães, surdas e cegas a qualquer protesto, tentando mergulhar nas aberturas inundadas, na mais absoluta e fútil tentativa de resgate e então tornarem-se bestas em sua ânsia por

vingança..."

"Vingança... contra quem?"

"Contra a garota que os seduziu..."

"Contra a garota...? Vá em frente..."

"Freder, o motor do carro não pode aguentar essa velocidade..."

"Continue..."

"Eu não sei como aconteceu de a garota cair em suas mãos. Eu estava indo até você quando eu vi uma mulher correndo através da praça da catedral, com seu cabelo esvoaçando, e o rugido de uma turba atrás dela. Era uma noite do inferno, de qualquer forma. Os Góticos estavam desfilando através da cidade auto imolando-se, e eles pregaram o monge Desertus em uma cruz. Eles pregavam: O Dia do Juízo Final chegou, e parecia que eles já tinham convertido muitos, pois Setembro estava ajoelhado na frente das ruínas fumegantes de Yoshiwara. Uma tropa de dançarinos com tochas uniu-se aos flagelantes e falando maldições sobre uma Mãe das Abominações, a grande prostituta da Babilônia, eles queimaram Yoshiwara de cima a baixo..."

"A garota, Josaphat."

"Ela não chegou à catedral, Freder, onde ela buscava refúgio. Eles tomaram ela nos degraus porque ela caiu ali nos degraus – seu vestido em trapos sobre seu corpo. Uma mulher, cujo branco dos olhos brilhava com um grito de insanidade, como se inspirados pelo dom da profecia: 'Olhem! Olhem! Os santos desceram de seus pedestais e não permitirão que a bruxa entre na catedral.'

"E..."

"Perante a catedral eles estão erguendo uma fogueira para queimar a bruxa..."

Freder não disse nada. Ele inclinou-se mais. O carro rugiu e saltou.

Josaphat enterrou suas mãos no braço de Freder.

"Pare, pelo amor de deus!"

O carro parou.

"Nós precisamos ir para a esquerda – você não vê? Aponte se foi!"

“Para a próxima ponte.”

“Ela está intransponível.”

“Escutem...”

“O que há para se ouvir.”

“Você não escuta nada?”

“Não..”

“Você precisa escutar!”

“Mas escutar o que, Freder?”

“Gritos... Gritos distantes...”

“Eu não consigo ouvir nada...”

“Mas você deveria ser capaz de ouvir!”

“Por que você não dirige, Freder?”

“E você não percebe que o ar entre você está ficando vermelho brilhante?”

“Devido às tochas, Freder...”

“Elas não queimam tão brilhantemente.”

“Freder, nós estamos perdendo tempo aqui!”

Freder não respondeu. Ele estava encarando os restos da destruída ponte de aço, através da colina. Ele precisava cruzá-la, sim, ele precisava cruzá-la, para chegar à catedral por um curto atalho...

A estrutura de aço de uma torre foi rasgada e caiu de um lado da rua para outro, brilhando metalicamente com a luz incerta da noite que caía.

“Saia, eu lhe digo!”

“Posso saber por quê?”

“Porque eu vou atravessar aqui...”

“Atravessar onde?”

"Através dessa estrutura caída."

"Você vai dirigir através dela?"

"Sim."

"Isso é suicídio, Freder!"

"Eu não pedi para você me acompanhar. Caia fora!"

"Eu não vou permitir isso – é uma maldita loucura! O fogo ali é escaldante, homem!"

As palavras não pareciam vir da boca de Freder. Cada ferida da cidade morrendo parecia estar gritar por ele.

"Dirija!" Disse Josaphat através de dentes cerrados. O carro saltou. Ele escalou. Os ferros estreitos receberam os pneus gritando e derrapando, como um diabo, um som maliciosamente hipócrita.

Sangue pingava dos lábios de Freder.

"Não – não aperte o freio – pelo amor de Deus, não aperte o freio!" gritou o homem ao lado dele agarrando loucamente a mão de Freder. O carro, meio derrapando, disparou em frente. Uma abertura na estrutura estava logo em frente. Atrás eles a estrutura morta começava a cair em meio a um som ensurdecedor!

Eles alcançaram o outro lado com um ímpeto que não podia ser reproduzido. Os pneus rolaram sobre a escuridão e mais nada. O carro capotou, Freder caiu e levantou-se novamente. O outro permaneceu caído.

"Josaphat!!"

"Corra! Não é nada! Eu juro por Deus que não é nada", um sorriso distorcido em um rosto branco. "Pense em Maria e corra!"

E Freder correu.

Josaphat virou sua cabeça. Ele viu a rua escura cintilando em vermelho brilhante. Ele ouviu os gritos de milhares. Ele pensou estupidamente, com um golpe de seu punho no ar: "Como eu gostaria de ser Grot agora, para ser capaz de praguejar corretamente..."

Então sua cabeça caiu para trás na rua imunda, e toda consciência apagou-se devido a dor...

Mas Freder corria como ele nunca tinha corrido. Não era mais os seus pés que o carregavam. Era seu coração selvagem – era sua mente.

Ruas, escadas, ruas e finalmente a praça da catedral. Negra no fundo, a catedral, privada de Deus, sem luz, o lugar perante os largos degraus enxameava com seres humanos – e, entre eles, cercada por risadas engasgadas de loucas, sob o uivar da canção da fúria, sob as tochas uma pira...

"Maria!"

Freder caiu de joelhos se seus nervos tivessem sido serrados.

"Maria!"

A garota que ele pensava ser Maria ergueu sua cabeça. Ela o viu. Seu olhar o encontrou. Ela gargalhou.

"Dance comigo, meu querido!" voou a voz, afiada como uma faca, através da multidão.

Freder levantou-se. A turva o reconheceu. A turba partiu em sua direção, gritando e berrando.

"Joooooh! O filho de Joh Fredersen! O filho de Joh Fredersen!"

Eles o cercaram. Ele desviou deles selvagemente. Ele atirou-se com suas costas contra o parapeito da rua.

"Porque vocês querem matá-la seus demônios! Ela salvou suas crianças!"

Rugidos e gargalhadas foi sua resposta. Mulheres engasgaram rindo, mordendo suas próprias mãos.

"Sim – Sim – Ela salvou nossas crianças! Ela salvou nossas crianças com a canção de suas máquinas mortas! Ela salvou nossas crianças com a água congelante! Que ela viva muito – Que ela viva o triplo!"

"Vá para a 'Casa dos Filhos'! Seus filhos estão lá!"

"Nossos filhos não estão na 'Casa dos Filhos!' Lá vive a ninhada, chocada pelo dinheiro. Filhos do seu tipo, seu cão vestido em seda branca!"

"Escutem, pelo amor de Deus – Escutem-me!!!"

"Nós não queremos ouvir nada!"

“Maria – amada!!! Amada!”

“Não berre tanto, filho de Joh Fredersen! Ou nós vamos calar a sua boca!”

“Matem-me, se vocês quiserem – mas deixem-na viver!”

“Cada um na sua vez, filho de Joh Fredersen! Primeiro você verá como sua amada morre em uma linda, e magnificentemente morte quente!”

Uma mulher – a mulher de Grot – rasgou um pedaço de sua saia e amarrou as mãos de Freder. Ele foi amarrado no parapeito com cordas. Ele lutou como uma besta selvagem, gritando até as veias de seu pescoço saltarem até quase se romperem. Amarrado, impotente, ele atirou para trás sua cabeça e viu o céu sobre Metropolis, puro, acolhedor, verde azulado, de uma manhã que em breve seguiria essa noite.

“Deus!” ele gritou, tentando atirar-se de joelhos, em suas amarras. “Deus! Onde está você!”

Um selvagem brilho vermelho tomou conta de seus olhos. A pira incendiou-se em grandes labaredas. Os homens, as mulheres, ergueram as mãos e circularam a fogueira, cada vez mais rápido, em anéis cada vez maiores, gargalhando, gritando com pés batendo. “Bruxa! Bruxa!”

As amarras de Freder se romperam. Ele caiu de rosto no chão entre os pés dos dançarinos.

E da última vez que ele viu a garota, enquanto seu vestido e cabelo queimavam em um manto de fogo, o seu belo sorriso, seus olhos maravilhosos e sua boca de pecado mortal, o atraia entre as chamas: “Dance comigo, meu querido! Dance comigo!”



Capítulo XXI

ROTWANG ACORDOU; Mas ele sabia muito bem que estava morto. E sua consciência o encheu com a mais profunda satisfação. Seu corpo dolorido não significava mais nada para ele. Isso talvez fosse o que restava da vida. Mas algo o preocupava profundamente, como se ele tivesse se erguido e olhado em volta: Hel não estava ali.

Hel precisava ser encontrada...

Uma existência sem Hel estaria terminada finalmente. Uma segunda? Não! Melhor que estar morto.

Ele ficou de pé. Isso foi muito difícil. Ele deve ter ficado deitado como um corpo por um longo tempo. Era noite, também. Um fogo rugia lá fora, e tudo estava muito barulhento... Gritos de seres humanos...

Hmmm...

Ele esperava ficar livre deles. Mas, aparentemente o Todo Poderoso Criador não podia ficar sem eles. Agora – Mas com um propósito. Ele apenas queria sua Hel. Quando ele encontrasse Hel, ele poderia – ele prometeu a si mesmo isso! – nunca mais discutir com o pai de todas as coisas sobre mais nada...

Então agora ele foi em frente... A porta levando para a rua estava aberta e pendurada em suas dobradiças. Estranho. Ele caminhou para frente da casa e olhou deliberadamente em volta. O que ele viu parecia uma espécie de Metropolis; Mas uma espécie de Metropolis ensandecida. As casas pareciam como se tivessem sido atingidas por uma dança de São Vitus.

{7}

Tipos incomumente rudes e impolidos de pessoas estavam aglomerados em torno de uma fogueira, sobre uma criatura de rara beleza que estava parada, olhando para Rotwang, maravilhosamente à vontade.

Ah – Era isso, ah sim – isso, cuja existência, graças ao Senhor, muito tempo atrás ele tinha tentado criar, para repor sua Hel perdida – apenas para fazer o trabalho do Criador do mundo parecer bastante tolo... Nada mal para um início... hmmm... Mas, bom Deus, comparado com Hel; que objeto, que confusão...

As pessoas gritando ali embaixo pareciam estar bem certas de terem o direito de queimar a coisa. Embora lhe parecesse um show de idiotice destruir seu experimento. Mas talvez esse fosse o costume das pessoas nessa existência, e ele certamente não queria discutir com elas sobre isso. Ele desejava encontrar Hel – sua Hel – e nada mais...

Ele sabia exatamente onde procurar por ela. Ela amava a catedral tão intensamente, sua piedosa Hel. E, se a luz tremeluzente da fogueira sob o céu esverdeado sem brilho não enganava – Hel estava parada, como uma criança assustada na escuridão da porta da catedral, suas mãos esguias entrelaçadas sobre seu peito, parecendo mais com uma santa – Mais que nunca.

Através daqueles que estavam rugindo em torno da fogueira – sempre polidamente evitando entrar em seu caminho – Rotwang silenciosamente tateou seu caminho até a catedral.

Sim, era sua Hel... Ela recuou para dentro da catedral. Ele tateou seu caminho acima dos degraus. Como a porta parecia alta... Incenso fresco pairando no ar o recebeu... Todos os santos nos pilares dos nichos tinham os rostos piedosos e amorosos – sorrindo gentilmente, como se regozijassem com ele, pois agora, finalmente, ele reencontraria Hel, sua Hel.

Ela estava parada ao pé da escada do Campanário. Ela parecia a ele muito pálida e indescritivelmente patética. Através de uma janela estreita a primeira luz pálida da manhã caia sobre seu cabelo e testa.

“Hel.” Disse Rotwang, com o coração disparado, enquanto esticava as mãos. “Venha para mim, minha Hel... Quanto, quanto eu tive que viver sem você!”

Mas ela não veio. Ela começou a recuar para longe dele. Sua face estava cheia de horror enquanto se afastava.

"Hel", implorou o homem, "porque você tem medo de mim? Eu não sou um fantasma, apesar de estar morto. Eu tive que morrer, para vir até você. Eu sempre, sempre desejei você. Você não tem o direito de me deixar sozinho agora! Eu quero suas mãos! Dê elas para mim!"

Mas seus dedos tateando não pegaram só o espaço vazio. Sons de passos apressados acima da escada de pedra que levava ao campanário.

Algo como fúria tomou conta do coração de Rotwang. No fundo de sua alma entorpecida e torturada repousava uma memória de um dia em que Hel da mesma forma fugiu dele para outro... Não, não pense nisso, não pense nisso... Isso era parte da sua primeira existência, e não faria sentido passar pela mesma coisa novamente – nesse outro, e, como a humanidade geralmente esperava, mundo melhor.

Por que Hel estava fugindo ele? Ele cambaleou atrás dela. Subindo escadas sobre escadas. Os passos apressados e assustados permaneciam constantemente à sua frente. E quanto mais alto a mulher fugia, mais selvagemente seu coração batia em sua poderosa ascensão, mais os olhos de Rotwang ficavam injetados de sangue, e mais furiosamente sua fúria fervia. Ela não poderia fugir dele – ela não poderia! Se somente ele conseguisse pegá-la pela mão ele nunca, nunca a deixaria partir novamente! Ele forjaria um grilhão em seu pulso com o metal de sua mão – e então ela nunca mais tentaria escapar dele... Para outro homem!

Os dois chegaram ao campanário. Eles correram sobre os sinos. Ele bloqueou o caminho das escadas. Ele gargalhava, tristemente e malignamente.

"Hel, minha Hel, você não pode escapar de mim!" Ela deu um rápido e desesperado salto, e ficou pendurada na corda do sino que era chamado de São Miguel. São Miguel ergueu sua voz de minério, mas ela soava quebrada, queixando-se selvagemente. A gargalhada de Rotwang misturou-se com o som do sino. Seu braço de metal, a maravilhosa realização de um gênio, esticou como um braço fantasma de um esqueleto, muito além da manga de seu casaco, agarrando a corda do sino. "Hel, minha Hel, você não pode mais escapar de mim!" A garota cambaleou para trás, contra o peitoril. Ela olhou em torno. Ela estava tremendo como um pássaro. Ela não podia descer as escadas. Nem podia subir mais. Ela estava presa. Ela viu os olhos de Rotwang e viu suas mãos. E, sem hesitar, sem refletir, com uma ferocidade que se abateu como uma chama escarlate sobre seu semblante, ela atirou-se para fora na janela do campanário, pendurando-se no cabo de aço do para raios.

"Freder!!" ela gritou. "Ajude-me!!"

Abaixo – muito abaixo, próximo da pira flamejante, caia uma criatura massacrada com a testa na poeira. Mas o grito vindo de cima o acertou tão inesperadamente que ele atirou-se para cima, como se chicoteado, e ao procurar ele viu...

E todos aqueles que estavam dançando em círculos selvagens em torno da fogueira da bruxa viram, como ele – enrijecidos – petrificados: A garota que estava pendurada, agarrando-se à torre da catedral, com as mãos de Rotwang esticando-se em direção à ela.

E tudo que eles ouviram agora, foi a resposta gritada: "Eu estou indo, Maria, eu estou indo!" ele gritou com todo o alívio e desespero que podem encher o coração de um homem a quem Céu e Inferno estavam igualmente próximos.



Capítulo XXII

JOH FREDERSEN ESTAVA na sala abobadada da Nova Torre de Babel, esperando por Slim. Ele deveria estar trazendo notícias sobre seu filho.

Uma escuridão fantasmagórica caia sobre a Nova Torre de Babel. A energia elétrica tinha acabado completamente, como se estivesse morta – no momento que a gigantesca roda da máquina coração de Metropolis livrou-se de sua estrutura com um rugido saindo direto pelo teto, caindo com uma batida que a esmigalhou, saltando novamente, soando como um gongo tão grande como os céus até cair em uma ruína estilhaçada da obra prima anterior que ela tinha sido, permanecendo caída ali.

Joh Fredersen ficou parado no mesmo lugar, não ousando mover-se. Parecia para ele que uma eternidade tinha se passado desde que enviou Slim para conseguir notícias de seu filho. E Slim não voltaria.

Joh Fredersen sentiu seu corpo inteiro congelado em uma frieza gelada. Suas mãos, penduradas sem esperança, estavam entrelaçadas em torno da lanterna de bolso.

Ele esperou... Esperou...

Joh Fredersen atirou um olhar para o relógio. Mas as mãos gigantescas estavam paradas em um tempo impossível. A Nova Torre de Babel tinha na realidade se perdido. Onde, dia a dia, com o pulsar das ruas que corriam seu curso abaixo, com o rugido do tráfico de cinquenta milhões, a loucura da magia da velocidade, tinha feito seu caminho até ele lá em cima, agora

estava reduzida a uma calma de terror penetrante.

Passos cambaleantes vinham apressados para a porta que comunicava com a sala exterior.

Joh Fredersen virou o feixe de sua lanterna de bolso, para essa porta. Ela abriu-se completamente. Slim estava na soleira. Ele cambaleou. Ele fechou seus olhos ofuscados. No clarão excessivo da lanterna de bolso, abaixo de seu pescoço, brilhou um branco esverdeado.

Joh Fredersen queria fazer uma pergunta. Mas nenhum som veio de seus lábios. Uma terrível secura queimava em sua garganta. A lanterna em sua mão começou a tremer e dançar. Acima até o teto, abaixo até o chão, pelas paredes, vagou o feixe de luz...

Slim correu até Joh Fredersen. Os grandes olhos de Slim mostravam um horror inextinguível.

"Seu filho", ele gaguejou, quase balbuciando, "seu filho, Sr. Fredersen..."

Joh Fredersen ficou em silêncio. Ele não fez nenhum movimento, mas parou um pouco – apenas um pouco para frente.

"Eu não encontrei seu filho..." disse Slim. Ele não esperou pela resposta de Joh Fredersen. Seu corpo alto, com a impressão que dava de ascetismo e crueldade, os movimento que tinha, sob o serviço de Joh Fredersen, gradualmente ganhou a precisão desinteressada de uma máquina, parecendo fora de alinhamento, abalada e fora de controle. Sua voz estridente perguntava nas garras de um frenesi profundo: "Você sabe, Sr. Fredersen, o que está acontecendo à sua volta, em Metropolis?"

"O que eu vou", respondeu Joh Fredersen. As palavras soavam mecânicas, e se estivessem sido lidas antes de serem faladas: "O que isso significa: Você não encontrou meu filho?"

"Isso significa o que significa", respondeu Slim com usa voz estridente. Seus olhos mostravam um ódio terrível. Ele ficou, inclinando para frente, como se pronto para dar o bote sobre Joh Fredersen, e suas mãos eram garras. "Isso significa que Freder, seu filho não foi encontrado – isso significa que, talvez, desejasse ver com seus próprios olhos o que aconteceu à Metropolis por vontade de seu pai e as mãos de alguns lunáticos – isso significa, como os servos meio imbecilmente me contaram, que seu filho deixou a segurança de sua casa, na companhia de um homem – que estava vestindo o uniforme de um trabalhador de Metropolis, e que poderia ser difícil procurar seu filho nessa cidade, na qual, por sua vontade, a loucura foi liberada para destruir, Sr. Fredersen, a loucura para arruinar! – e que não

tivesse luz para iluminar sua loucura!" Slim desejava continuar, mas ele não o fez. A mão direita de Joh Fredersen fez um gesto sem sentido, insensato pelo ar. A lanterna caiu de sua mão, continuando a iluminar no chão. O homem mais poderoso de Metropolis deu meia volta, como se tivesse levado um tiro, e colapsou com os olhos vazios, de volta na cadeira junto à sua mesa.

Slim deu um passo à frente, para olhar para Joh Fredersen no rosto. Perante esses olhos ele ficou parado em silêncio.

Dez-vinte-trinta segundos foi quanto ele ousou até respirar. Seu olhar horrorizado seguia os movimentos sem direção dos dedos de Joh Fredersen, que tateavam como se buscassem alguma alavanca de resgate, que ele não podia encontrar. Então, subitamente, a mão ergueu-se um pouco do tampo da mesa. O dedo indicador esticou-se como se pedisse atenção. Joh Fredersen murmurou algo. Então ele gargalhou. Foi uma gargalhada cansada, um pouco triste, ao som da qual Slim pensou sentir o pelo de sua nuca começar a arrepiar-se.

Joh Fredersen estava falando consigo mesmo. O que ele estava dizendo? Slim inclinou-se em sua direção. Ele viu o dedo indicador da mão direita de Joh Fredersen deslizar lentamente sobre o brilhante tampo da mesa, como se seguisse as palavras em uma linha de um livro.

A voz suave de Joh Fredersen disse:

"Porque tudo que o homem semear, isso também ceifará."

Então a testa de Joh Fredersen caiu sobre a madeira lisa, e, sem cessar, em um tom que, exceto por uma mulher morta, ninguém nunca tinha ouvido de Joh Fredersen, sua voz suave chorou o nome de seu filho...

Mas seu choro permaneceu sem resposta...

Subindo os degraus de da Nova Torre de Babel, rastejava um homem. Raramente acontecia na grande Metropolis, na cidade de Joh Fredersen que economizava tempo, que alguém usasse as escadas. Elas eram reservadas para o caso em que todos os elevadores e o Pater Noster estivessem sobrecarregados, em caso de trânsito interrompido, incêndio ou acidentes similares – ocorrências improváveis nesse assentamento perfeito de seres humanos. Mas o improvável tinha acontecido. Empilhados, um sobre os outros, os elevadores, que caíram, bloqueavam os poços, e as células do Paster Noster pareciam ter se dobrado e chamuscadas por um calor infernal, fumegando das profundezas.

Acima nas escadas da Nova Torre de Babel Josaphat arrastava-se. Ele tinha aprendido a praguejar nesse quarto de hora, como se Grot costumava

praguejar, e fez uso total desse novo talento adquirido. Ele rugiu com a dor de seus membros dilacerados. Ele cuspiu um excesso de ódio e desprezo na agonia de seus joelhos. Selvagem e engenhosas eram as execrações que ele atirava a cada degrau, a cada nova curva da escada. Mas ele as conquistou todas, os cento e seis lances de escadas, cada uma composta por trinta passos. Ele chegou ao semicírculo onde os elevadores se abriam. Nos cantos antes da porta para a sala de Joh Fredersen estavam agachados seres humanos, pressionados juntos por um medo comum terrível.{8}

Eles viraram suas cabeças para encarar o homem que rastejava acima das escadas, arrastando-se com a ajuda das paredes.

Seus olhos selvagens varreram-os.

"O que é isso?" ele perguntou sem fôlego. "O que vocês estão fazendo aqui?"

Vozes agitadas sussurraram. Ninguém sabia quem estava falando. Palavras atropelavam-se.

"Ele nos levou para fora da cidade, onde a morte está correndo como se Amok... Ele nos enviou para procurar por seu filho, Freder. Nós não conseguimos encontrá-lo... Nenhum de nós... Não ouso ir até Joh Fredersen… Ninguém ousa dar-lhe a notícia de que não fomos capazes de encontrar seu filho..."

Uma voz oscilou alta e afiada para fora desse nó: "Quem pode encontrar uma alma viva nesse inferno?"

"Shhh.... Shhhh...!"

"Escutem!"

"Ele está falando com Slim."

E na tensão da escuta, que abafava todos os sons, as cabeças inclinaram-se em direção à porta.

Atrás da porta uma voz falou, como se a madeira falasse: "Onde está meu filho...?"

Josaphat foi até a porta, cambaleante. O grito ofegante de muitos homens tentou pará-lo. Mãos esticaram-se em sua direção.

"Não! Não faça isso!"

Mas ele já tinha empurrado a porta. Olhou em volta. Através de

enormes janelas o primeiro brilho do dia que começava estava fluindo, esparramando-se pelo chão brilhante como poças de sangue. Pela parede, perto da porta, estava Slim. E à sua frente erguia-se Joh Fredersen. Seus punhos estavam pressionados contra a parede, à direita e à esquerda do homem, segurando-o apertado, como se ele tivessem sido perfurados, crucificando-o.

"Onde está meu filho?" disse Joh Fredersen. Ele perguntou – e sua voz falhou como se fosse sufocada: "Onde está minha criança?"

A cabeça de Slim inclinou-se contra a parede. De seus lábios cinzentos vieram as palavras sem tom:

"Amanhã teremos muitos em Metropolis que irão perguntar: 'Joh Fredersen, onde está minha criança: '" Os punhos de Joh Fredersen relaxaram. Seu corpo todo se retorceu. Então o homem que tinha sido o Mestre sobre Metropolis viu que outro homem estava na sala. Ele o encarou. Suor pingava em sua face fria, lentas e pesadas gotas. O rosto estava contorcido por uma terrível impotência.

"Onde está meu filho?" perguntou Joh Fredersen, balbuciando. Ele esticou sua mão. A mão disparou através do ar, tateando sem direção. "Você sabe, onde está meu filho?"

Josaphat não respondeu. Sim, a resposta gritava em sua garganta. Mas ele não conseguia formar as palavras. Havia um punho em sua garganta, o estrangulando... Deus Todo Poderoso, homem parado à sua frente seria Joh Fredersen?

Joh Fredersen deu um passo incerto em direção a ele. Ele baixou sua cabeça para olhá-lo mais de perto. Ele acenou com a cabeça novamente.

"Eu conheço você", ele disse sem emoção. "Você é Josaphat e você era meu primeiro secretário. Eu o demiti. Eu o tratei cruelmente. O que eu fiz com você é errado e eu arruinei você... Eu imploro o seu perdão... Eu sinto muito por ter sido sempre tão cruel com você e com quaisquer outros... Perdoe-me... Perdoe-me, Josaphat, por dez horas eu não sei onde meu filho está... Por dez horas, Josaphat, eu enviei todos homens que pude encontrar, e agora sei que foi tudo sem sentido, o dia está nascendo, e estou falando e falando e eu seu que sou um tolo, mas talvez, talvez você saiba onde meu filho está...?"

"Capturado", disse Josaphat, e era como se ele rasgasse a palavra de sua garganta, e temesse sangrar até a morte por causa disso. "Capturado..."

Um sorriso estúpido pairou sobre o rosto de Joh Fredersen.

“Como assim... capturado?”

“A turba o capturou, Joh Fredersen!”

“Capturou?”

“Sim.”

“Meu filho?”

“Sim, Joh Fredersen!”

Um som animalesco, sem sentido e digno de pena saiu da boca de Joh Fredersen. Sua boca ficou aberta, distorcida – suas mãos ergueram-se como uma defesa infantil, para repelir um golpe que já tinha sido dado. Sua voz disse bem alta e lastimosa: “Meu filho...?”

“Eles o aprisionaram”, Josaphat rasgou as palavras para fora, “porque eles procuravam uma vitima em seu desespero, e devido à fúria imensurável, e agonia inconcebível. Quando eles viram a água negra indo em direção a eles nas aberturas do metro subterrâneo, e quando eles perceberam que, como resultado de pararem as máquinas de bombeamento, toda a cidade dos trabalhadores foi inundada, então eles ficaram enlouquecidos com o desespero. Eles disseram que algumas mães, cegas e surdas a todos os protestos, tentaram, como se possível, mergulhar nas aberturas inundadas, e a terrível e absoluta futilidade de qualquer tentativa de salvamento as transformaram em bestas buscando vingança...”

“Vingança... contra quem?”

“Contra a garota que os seduziu...”

“Contra a garota...”

“Sim...”

“Vá em frente...”

“Eles capturaram a garota, em quem colocavam a culpa de todo esse horror... Freder tentou salvá-la, pois ele ama a garota... Eles a levaram cativa e estavam forçando ele a olhar enquanto ele via sua amada morrer... Eles construíram uma fogueira na frente da catedral... Eles estavam dançando em volta da fogueira... Eles estavam gritando: ‘Nós capturamos o filho de Joh Fredersen e sua amada’... e eu sei – Eu sei: Ele nunca conseguirá sair dali vivo...!”

Pelo espaço de alguns segundos pairou um silêncio tão profundo e

perfeito que o brilho dourado do amanhecer, avançando, forte e radiante, teve o efeito de um poderoso rugido. Então Joh Fredersen virou-se, disparando em uma corrida. Ele atirou-se em direção à porta. Tão forçoso e irresistível foi esse movimento que parecia como se a porta não seria capaz de resistir a ele.

Passando pelos pedaços de seres humanos, Joh Fredersen correu – através da escadaria descendo os degraus. Seu curso foi como uma série de saltos ininterruptos. Ele não percebeu a altura. Com as mãos esticadas para frente ele corria, no limite, com seu cabelo se elevando acima como uma chama sobre sua testa. Sua boca estava amplamente aberta, e entre os lábios pairava um grito silencioso: "Freder"

Uma infinidade de escadas... Fendas... Vãos em paredes... Blocos de pedra esmagados... Ferro retorcido... Ruínas...

A rua.

O dia estava fluindo, avermelhado sobre a rua...

Uivos no ar. O brilho de chamas. E fumaça…

Vozes… Gritos – e não eram gritos exultantes… Gritos de medo, de horror, de tensão extrema...

Finalmente a praça da catedral...

Uma fogueira. A turba… homens, mulheres, uma massa imensurável... Mas eles não estavam olhando para a fogueira em que ardia uma criatura de metal e vidro, com o corpo e cabeça de uma mulher.

Todos olhos, estavam virados para cima, para as alturas da catedral, para o telhado que brilhava na luz da manhã.

Joh Fredersen parou, como se um disparo tivesse atingido seus joelhos.

"O que..." ele paralisou. Ele ergueu seus olhos. Ergueu suas mãos lentamente até a altura da cabeça, descansando as mãos no cabelo.

Silenciosamente, como se fosse se ceifado, ele caiu sobre seus joelhos.

Sobre as alturas do teto da catedral, entrelaçados um contra o outro, lutavam Freder e Rotwang, brilhando a luz do sol.

Eles lutavam com o peito pressionado contra peito, joelho contra joelho. Ninguém precisaria de uma visão muito acurada para perceber que

Rotwang era de longe o mais forte. A forma esguia do garoto, em farrapos de seda branca, curvado sobre o aperto estrangulador do grande inventor, afastava-se mais e mais. Em um arco terrível, a forma branca esguia dobrava-se com a cabeça para trás, e joelhos para frente. E a escuridão em que Rotwang se destacava massivo como uma montanha, acima da brancura da seda, o forçava para baixo. Na estreita galeria da torre Freder era amassado como um saco e jogado em um canto, não se movendo mais. Acima dele, endireitando-se, mas ainda inclinado para frente, Rotwang o encarava, para em seguida virar-se...

Ao longo da cumeeira estreita, em direção à ele – não, em direção ao pacote amassado de seda branca, cambaleou Maria. Na luz da manhã, erguendo-se gloriosa e imperiosa, sua voz vibrou como o canto de um triste pássaro: "Freder! Freder!"

Sussurros foram disparados na praça da catedral. Cabeças voltavam-se para cima e mãos apontavam.

"Olhem – Joh Fredersen! Olhem ali – Joh Fredersen!"

A voz de uma mulher gritou:

"Agora você pode ver por você mesmo, não é, Joh Fredersen, como é para alguém ter o seu próprio filho assassinado?"

Josaphat saltou perante o homem que estava de joelhos, não ouvindo nada do que acontecia ao seu redor.

"O que se passa?" ele gritou. "Qual é o problema com todos vocês? Suas crianças foram salvas! Seus filhos estão na 'Casa dos Filhos!' Maria e o filho de Joh Fredersen – eles salvaram suas crianças!"

Joh Fredersen não ouvia nada. Ele não ouviu o grito, que, como uma oração gritada para Deus, subitamente saltou na boca da multidão.

Ele não ouviu o barulho da multidão próxima dele, em torno dele, atirando-se de joelhos. Ele não ouviu o choro das mulheres, a respiração ofegante dos homens, nem as orações, agradecimentos ou graças.

Apenas seus olhos estavam vivos. Seus olhos que pareciam não ter pálpebras, agarrados ao telhado da catedral.

Maria tinha alcançado o pacote branco, que jazia amassado em um canto, entre o pináculo e o telhado. Ela deslizou junto a ele, de joelhos, esticando as mãos para ele, cega com a miséria:

"Freder… Freder…"

Com um grunhido selvagem, com o rosnado de uma fera, Rotwang a agarrou. Ela lutou em meio a gritos. Ele segurou seus lábios, fechando-os. Com uma expressão de incompreensão desesperada ele olhou para a face da garota molhada de lágrimas.

"Hel... Minha Hel... Por que você luta contra mim?" Ele a segurou em seu braço de aço, como uma presa, que, agora nada e ninguém mais poderia afastar dele. Perto do pináculo uma escada levava para cima para a cumeeira da catedral. Com um rosnado bestial de alguém injustamente perseguido ele escalou a escada, arrastando a garota com ele, em seus braços.

Essa era a visão que chegou aos olhos de Freder quando ele os abriu e saiu do estado semi-inconsciente em que se encontrava. Ele ergueu-se e atirou-se para a escada. Ele escalou a escada quase correndo, com a velocidade nascida do de que algo acontecesse à sua amada. Ele alcançou Rotwang, que deixou Maria cair. Ela caiu. Ela caiu, mas ela conseguiu se segurar, puxando-se para cima até a foice de ouro da lua em que descansava a Virgem coroada de estrelas. Ela esticou suas mãos para agarrar Freder. Mas no mesmo momento Rotwang atirou-se sobre o homem que estava abaixo dele, e agarrou-o firmemente, então rolaram abaixo pelo teto da catedral, batendo violentamente contra a grade estreita da galeria.

O grito de medo da multidão subiu das profundezas. Nem Rotwang ou Freder o ouviram. Com uma terrível praga Rotwang ergueu-se. Ele viu acima dele, afiada contra o céu azul, a gárgula na água furtada. Ele sorriu em seu rosto. A longa língua ria ironicamente, zombando dele. Ele endireitou-se atingiu, com o punho cerrado, a gárgula sorridente...

A gárgula quebrou-se...

Com o peso do golpe ele perdeu o equilíbrio e caiu, salvando-se pendurado na ornamentação gótica da catedral.

E, olhando para cima, no azul infinito do céu da manhã, ele viu o semblante de Hel, que ele tinha amado, e era como o semblante do lindo Anjo da Morte, sorrindo para ele, com os lábios erguendo-se.

Grandes asas negras se abriram, fortes o suficiente para carregar um mundo perdido para o céu.

"Hel…" disse o homem. "Minha Hel… Finalmente…"

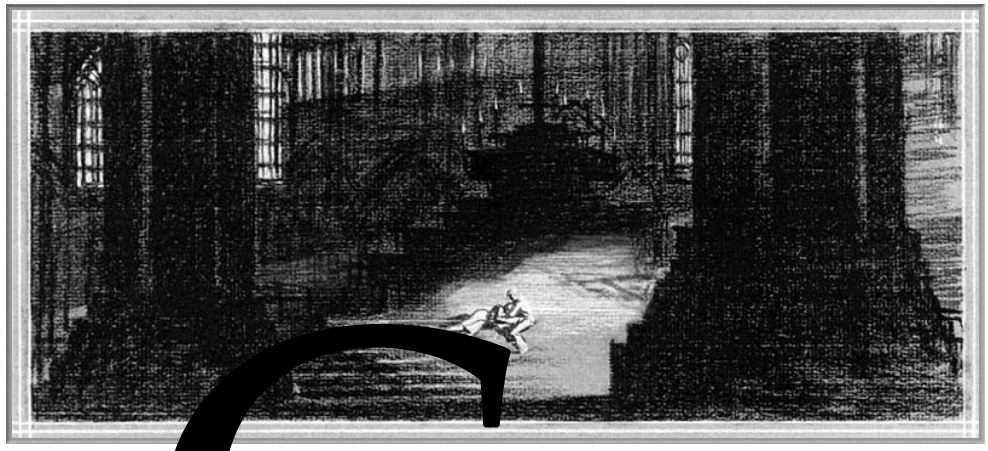
E seus dedos soltaram-se, voluntariamente...

Joh Fredersen não viu a queda, nem ouviu o grito da multidão quando olhou para trás. Ele viu, no entanto uma coisa: a figura branco brilhante de um homem, que erguido e ileso, andava sobre o telhado da

catedral com passos certos de quem não teme nada, carregando a garota em seus braços.

Então Joh Fredersen abaixou-se, tão baixo que sua testa tocou as pedras da praça da catedral. E aqueles próximos o suficiente dele o ouviram o choro que brotava do seu coração, como água de uma rocha.

Quando suas mãos soltaram-se de sua cabeça, todos que estavam à sua volta viram que os cabelos de Joh Fredersen ficaram brancos como a neve.



Capítulo XXIII

"AMADA!" DISSE FREDER, o filho de Joh Fredersen.

Foi o mais suave, o mais cauteloso chamado que a voz humana seria capaz de fazer. Mas Maria respondeu tanto quando ela tinha respondido aos gritos de desespero com os quais o homem que a amava tentara despertá-la de volta a consciência.

Ela jazia agachada sobre os degraus do altar-mor, esticada em sua esbeltez, com a cabeça sobre os braços de Freder, com as mãos nas mãos de Freder, e o fogo gentil vindo das altas janelas da catedral beijando sua face e mãos brancas. Seu coração batia, lentamente, quase imperceptível. Ela não respirava. Ela jazia afundada nas profundezas de uma exaustão da qual nenhum grito, nenhuma súplica, nenhum grito de desespero poderia retirá-la. Ela estava como morta.

Uma mão foi posta sobre o ombro de Freder.

Ele virou sua cabeça. Ele olhou para o rosto de seu pai.

Era esse o seu pai? Era esse Joh Fredersen, o mestre sobre a grande Metropolis? Teria o seu pai esse cabelo branco? E um semblante com olhos tão atormentados?

Haveria aqui, nesse mundo, depois dessa noite de loucura, nada além de horror, morte, destruição e agonia – sem fim?

"O que você quer aqui?" perguntou Freder, o filho de Joh Fredersen. "Você quer levá-la para longe de mim? Você fez planos para separá-la de

mim? Existe algum empreendimento poderoso em perigo, para que nós sejamos sacrificados?"

"Com quem você está falando, Freder?" seu pai perguntou, muito gentilmente.

Freder não respondeu. Seus olhos abriram-se interrogativamente, pois ele ouviu uma voz nunca ouvida antes. Ele ficou em silêncio.

"Se você está falando de Joh Fredersen", continuou com uma voz muito gentil, "então fique informado que, nesta noite, Joh Fredersen morreu sete vezes..."

Os olhos de Freder, queimando com sofrimento, ergueram-se para os olhos que estavam acima dele. Um som piedoso saiu de seus lábios.

"Oh, meu Deus! Pai! Pai… você!"

Joh Fredersen sacudiu sua cabeça.

"Não, não!" disse a voz gentil. "Não, Freder. Houve uma hora em minha vida em que eu me ajoelhei, como você, segurando em meus braços a mulher que eu amava. Mas ela morreu, realmente. Eu estudei a face da morte completamente. Eu a conheço perfeitamente e nunca a esquecerei... A garota está apenas dormindo. Não a acorde pela força."

E com um gesto de inexprimível ternura, sua mão deslizou do ombro de Freder até o cabelo da garota dormindo.

"Querida criança!" ele disse. "Querida criança..."

E das profundezas de seus sonhos a doçura de um sorriso respondeu a ele, perante o qual Joh Fredersen curvou-se, como perante uma aparição que não fosse desse mundo.

Então ele deixou seu filho e garota e atravessou a catedral, feita gloriosa e agradável pelos alegres arco-íris de cores do amanhecer.

Freder observou-o até seu olhar ficar enevoado. E de repente, com um fervor súbito, violento, com fervor, ele ergueu a boca da garota até sua boca e a beijou, como se desejasse morrer disso. Pois, saindo dessa maravilha da luz, girando em arco-íris, o conhecimento que caiu sobre ele de que nesse dia, a invulnerável transformação de escuridão em luz foi consumada, em sua grandeza, em sua bondade, sobre o mundo.

"Volte a si, Maria, amada!" ele disse, solicitando-a com suas carícias, com seu amor. "Venha até mim, amada! Venha até mim!"

A suave resposta da batida de seu coração, de sua respiração, provocou uma gargalhada saindo de sua garganta e os fervores de suas palavras sussurradas morreram em seus lábios.

Joh Fredersen ouviu o som da risada de seu filho. Ele já estava próximo da porta da catedral. Ele parou e olhou para os pilares, para os delicados nichos em que estavam os homens e mulheres santos, sorrindo gentilmente.

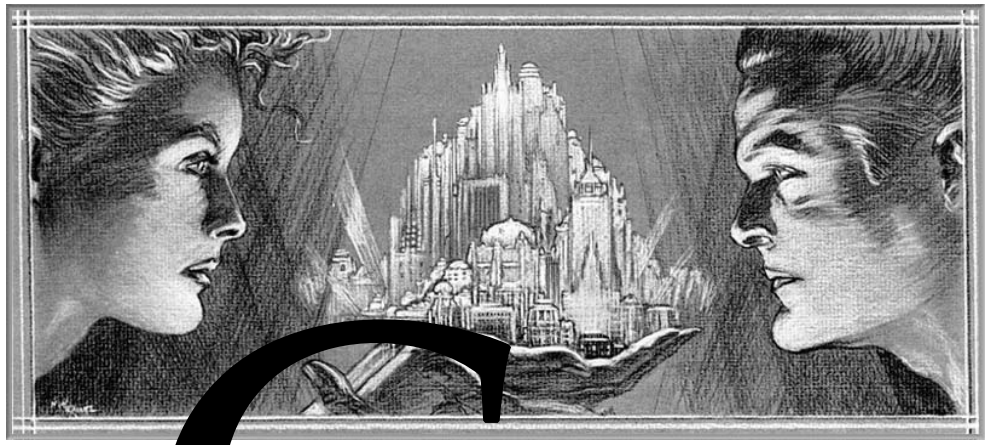
"Você tem sofrido", pensou seu cérebro cheio de sonhos. "Você foi redimido pelo sofrimento. Você alcançou a benção... Valeu a pena o sofrimento? Sim!"

E ele caminhou para fora da catedral em pés como se estivessem mortos, tateando pela poderosa porta, ficando atordoado na luz que o balançou como se estivesse bêbado.

Pois o vinho do sofrimento que ele tinha bebido era muito pesado, intoxicante e muito quente.

Sua alma falou dentro dele enquanto ele caminhava:

"Eu vou voltar para casa e procurar por minha mãe."



Capítulo XXIV

"FREDER…?" DISSE A SUAVE voz de Madonna.

"Sim, amada! Fale comigo! Fale comigo!"

"Onde estamos?"

"Na catedral."

"É dia ou noite?"

"É dia."

"Seu pai não esteve aqui, conosco, logo agora?"

"Sim, minha amada!"

"Ele colocou suas mãos no meu cabelo?""Você sentiu isso?"

"Oh, Freder, enquanto seu pai esteve aqui eu senti como se ouvisse uma fonte correndo por pedras. Uma fonte, carregada de sais, e vermelha com sangue. Mas eu sabia também: quando a fonte fosse forte o suficiente para quebrar através da rocha, então ela seria mais doce que o orvalho e mais clara que a luz."

"Deus te abençoe por sua crença, Maria..."

Ela sorriu. Ela ficou em silêncio.

“Porque você não abre seus olhos, minha amada?” perguntou a boca ansiosa de Freder.

“Eu vejo”, ela respondeu. “Eu vejo, Freder... Uma cidade, sob a luz…”

“Eu devo construí-la?”

“Não, Freder. Não você. Seu pai.”

“Meu pai?”

“Sim…”

“Maria quando você falou com meu pai, antes, este tom amoroso não estava em sua voz...”

“Desde então muito aconteceu, Freder. Desde então, nessa rocha, uma fonte surgiu, cheia de sais e vermelha com sangue. Desde então o cabelo de Joh Fredersen ficou branco como a neve e com um mortal medo por seu filho. Desde então aqueles que eu chamava de meus irmãos pecaram por causa de sofrimento excessivo. Desde então Joh Fredersen sofreu de pecados excessivos. Você não irá permitir que os dois, Freder – seu pai e meus irmãos – paguem por seus pecados, que os expiem, reconciliem-se?”

“Sim, Maria.”

“Você vai ajuda-los então, você será o mediador?”

“Sim, Maria.”

Ela abriu seus olhos e voltou a gentil maravilha de seus olhos azuis em sua direção. Inclinando-se sobre ela, ele viu, com espanto piedoso, como o reino celestial cheios de cores dos santos das lendas, que olhavam para baixo sobre ela das altas e estreitas janelas da catedral, refletia-se em seus olhos de Madonna.

Involuntariamente ele ergueu seus olhos ficando consciente, pela primeira vez, de onde nasceu a garota que ele amava.

“Deus está olhando para nós!” ele sussurrou, recolhendo-a para seu coração, com braços saudosos. “Deus sorri para nós, Maria.”

“Amém”, disse a garota com seu coração.



Capítulo XXV

JOH FREDERSEN CHEGOU à casa de sua mãe.

A Morte passou sobre Metropolis. Destruição do mundo e Dia do Julgamento gritaram a partir das explosões, do bater dos sinos da catedral. Mas Joh Fredersen encontrou sua mãe como sempre a encontrou: na ampla e macia cadeira, perto da janela aberta, com a manta escura sobre os joelhos, com uma grande Bíblia sobre a mesa à sua frente, e em suas lindas mãos velhas, a figura rendada que ela bordava.

Ela virou seus olhos em direção à porta e notou seu filho.

A expressão de severidade em seus olhos tornou-se mais dura e severa.

Ela não disse nada. Mas sobre sua boca fechada algo era dito: "Você segue em um mau caminho, Joh Fredersen..."

E como um juiz ela o julgava.

Joh Fredersen tirou o chapéu de sua cabeça. Então ela viu o cabelo branco sobre sua testa...

"Criança!" ela disse com a voz baixa, esticando a mão em sua direção.

Joh Fredersen caiu de joelhos ao lado da sua mãe. Ele atirou seus braços em torno dela, pressionando sua cabeça em seu colo, que tinha gerado ele. Ele sentiu suas mãos em seu cabelo – sentiu como ela o tocava, como se temendo machuca-lo, como se esse cabelo branco fosse a marca de

uma ferida não curada, muito próxima do coração, e ouviu sua voz querida dizer:

"Criança... Minha criança... Minha pobre criança."

O sussurrar da nogueira além da janela encheu o longo silêncio com saudade e carinho. Então Joh Fredersen começou a falar. Ele falou com a ânsia de banhar-se em água benta, com o fervor de um convertido, confessando, com a redenção de alguém pronto a fazer qualquer penitência, e que seria perdoado. Sua voz era suave e soava como se viesse de muito longe, da margem oposta de um rio muito largo.

Ele falou de Freder; então sua voz falhou inteiramente. Ele ergueu-se de seus joelhos e caminhou pela sala. Quando ele virou-se estava em seus olhos um sorriso solitário e a realização da necessidade da árvore de entregar o seu fruto maduro.

"Pareceu-me", ele disse, olhando para o vazio, "como seu eu tivesse visto o seu rosto pela primeira vez... Quando ele falou comigo nessa manhã... Era um rosto estranho, mãe. Era parecido comigo – mas ainda assim era o seu próprio rosto. Era a face da sua bela mãe falecida, e ao mesmo tempo, moldado pelas características de Maria, como se tivesse nascido pela segunda vez dessa jovem e virginal criatura. Mas ela era, ao mesmo tempo, a face das massas confiantes nela, relacionadas com ela, tão próximas dela como irmãos..."

"Como você chegou a conhecer a face das massas, Joh?" perguntou sua mãe gentil.

Por um longo tempo Joh Fredersen não respondeu.

"Você está certa de perguntar, mãe", ele disse então. "Das alturas da Nova Torre de Babel eu não podia distingui-la. E nessa noite lunática, eu percebi pela primeira vez que ela era tão distorcida em seu próprio horror que ela não parecia mais consigo mesma...

"Quando eu saí pela porta da catedral pela manhã, uma multidão estava parada como um único homem, olhando para mim. Então a face da multidão virou para mim. Eu vi que ela não era velha, não era jovem, era sem sofrimento e sem alegria.

"O que vocês desejam?" eu perguntei. E um respondeu:

"Nós estamos aguardando, Sr. Fredersen..."

"Pelo o quê?" eu perguntei.

“Nós estamos aguardando”, continuou o orador, “por alguém que venha até nós, que irá nos dizer para onde devemos ir...”

“E você deseja ser essa pessoa, Joh?”

“Sim, mãe.”

“E eles vão confiar em você?”

“Eu não sei, mãe. Se nós estivéssemos vivendo mil anos antes, eu acho, talvez, que eu me colocaria na estrada, com um cajado e um manto, e procuraria o caminho para a Terra Santa de minha crença, não retornando mais para casa até que esfriasse meus pés, aquecidos pela peregrinação, e na Jordânia, e, nos lugares de redenção teria orado para o redentor. E, se eu não fosse o homem que sou eu deveria sair e começar uma jornada entre estradas que passassem sobre sombras. Eu deveria, talvez, sentar nas esquinas da miséria e aprender a compreender os gemidos e maldições do inferno em que as vidas daqueles que oram se transformou... Pois, a partir da compreensão vem o amor, e eu desejo amar a humanidade, mãe... Mas eu acredito que agir é melhor do que fazer peregrinações, e que uma boa ação vale mais que a melhor das palavras. Eu acredito, também, que eu devo encontrar uma maneira de fazê-lo, pois tenho dois perante mim que desejam me ajudar...”

“Três, Joh...”

Os olhos do filho buscaram olhar da mãe.

“Quem é o terceiro.”

“Hel...”

“...Hel...?”

“Sim, criança.”

Joh Fredersen ficou em silêncio.

Ela virou as páginas de sua Bíblia, até encontrar o que buscava. Era uma carta. Ela a pegou e disse ainda a segurando com amor:

“Eu recebi essa carta de Hel antes dela morrer. Ela me pediu para entregar à você, quando, ela disse, você encontrasse o caminho de casa até mim e até você mesmo...”

Movendo os lábios sem emitir um som, Joh Fredersen esticou suas mãos para a carta.

O envelope amarelado continha nada além de uma fina folha de pape. Sobre ela estava, na escrita de mão de uma garota:

"Eu estou partindo para encontrar Deus, e não sei quando você lerá essas linhas, Joh. Mas eu sei que você as lerá um dia, e, até você vir, eu devo exaurir a eterna bem-aventurança pedindo a Deus que me perdoe por fazer uso de dois provérbios de Seu Livro Sagrado, de forma a entregar a você meu coração, Joh.

"Um é esse: 'Eu te amei com amor eterno.'{9} O outro: 'Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo!'{10}

"Hel."

Joh Fredersen levou um longo tempo até conseguir recolocar o fino pedaço de papel no envelope. Seu olhar estava fixo através da janela aberta em frente a qual sua mãe estava sentada. Ele viu, desenhando-se através do suave céu azul, grandes nuvens brancas, que eram como navios, carregados de tesouros de um mundo distante.

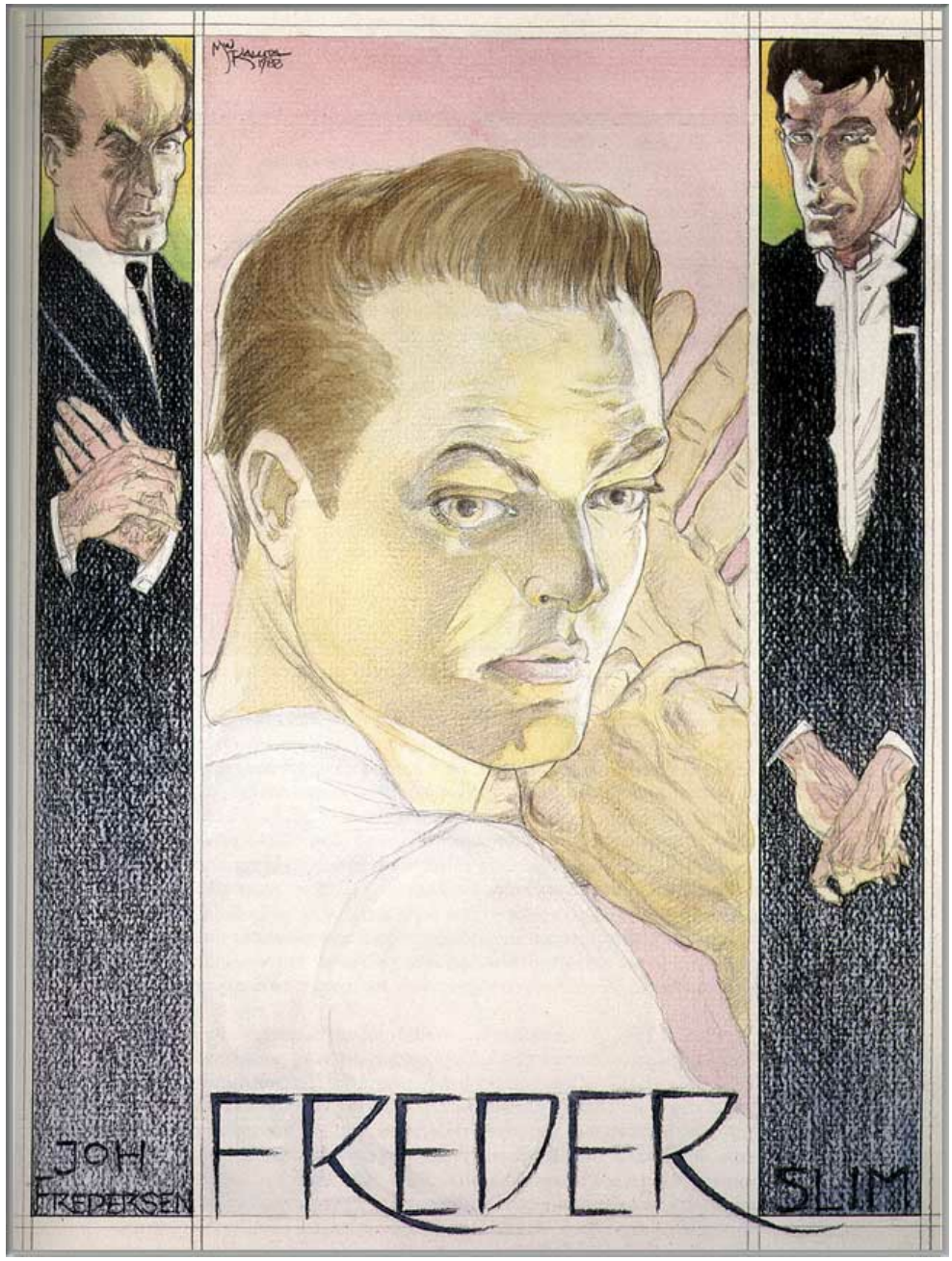
"O que você está pensando, criança?" perguntou a voz de sua mãe, com carinho.

Mas Joh Fredersen não deu a ela uma resposta. Seu coração, totalmente redimido, falou serenamente dentro dele:

"Até o fim do mundo... Até o fim do mundo."



"A Nova Torre de Babel e suas casas companheiras estendem suas alturas sombrias acima do pináculo da catedral... máquinas voadoras enxameiam sobre o telhado da catedral e sobre a cidade, pousando sobre telhados, dos quais, à noite pilares e círculos se iluminam indicando as rotas de voo e os pontos de aterrisagem."


JOH
FREDERSEN
FREDER
SLIM



“O trabalhador No. 11811, o homem que viveu em uma casa prisão, sobre o subterrâneo metro de Metropolis, que não sabia outro caminho que não fosse esse em que levava à máquina e da máquina de volta para seu buraco – esse homem viu, pela primeira vez em sua vida, a maravilha do mundo que era Metropolis: a cidade, de noite brilhando sobre milhões e milhões de luzes.”

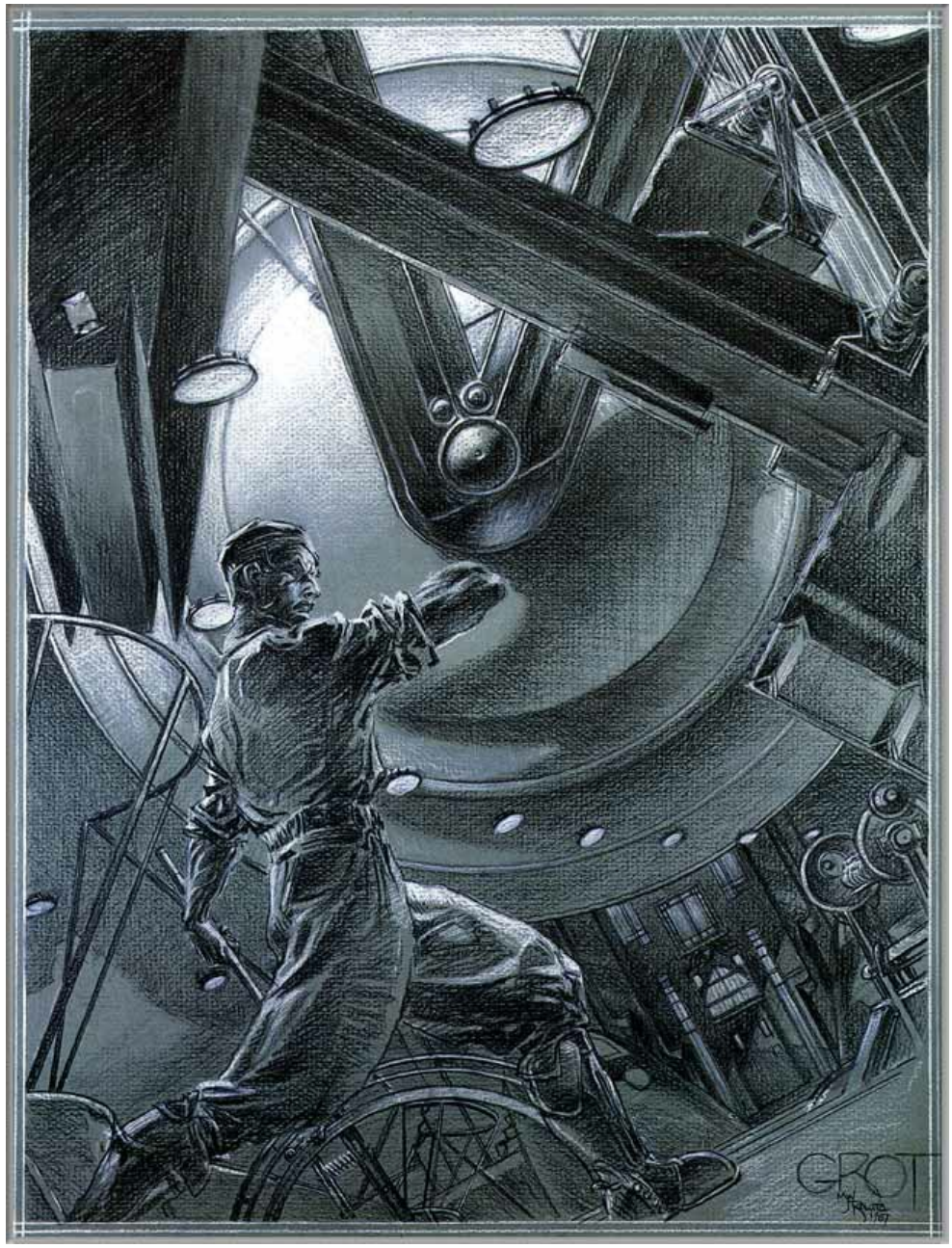


"Eu sou o Três em um – Lúcifer – Belial – Satan! Eu sou a morte eterna! Eu sou o eterno nada! Venha para mim! No meu inferno existem muitas mansões! Eu vou atribuí-los a você! Eu sou o grande rei dos condenados! Eu sou a máquina! Eu sou a torre sobre vocês todos! Eu sou um martelo, um manche, uma fornalha! Eu sou um assassino e o que eu mato não tem uso para mim."

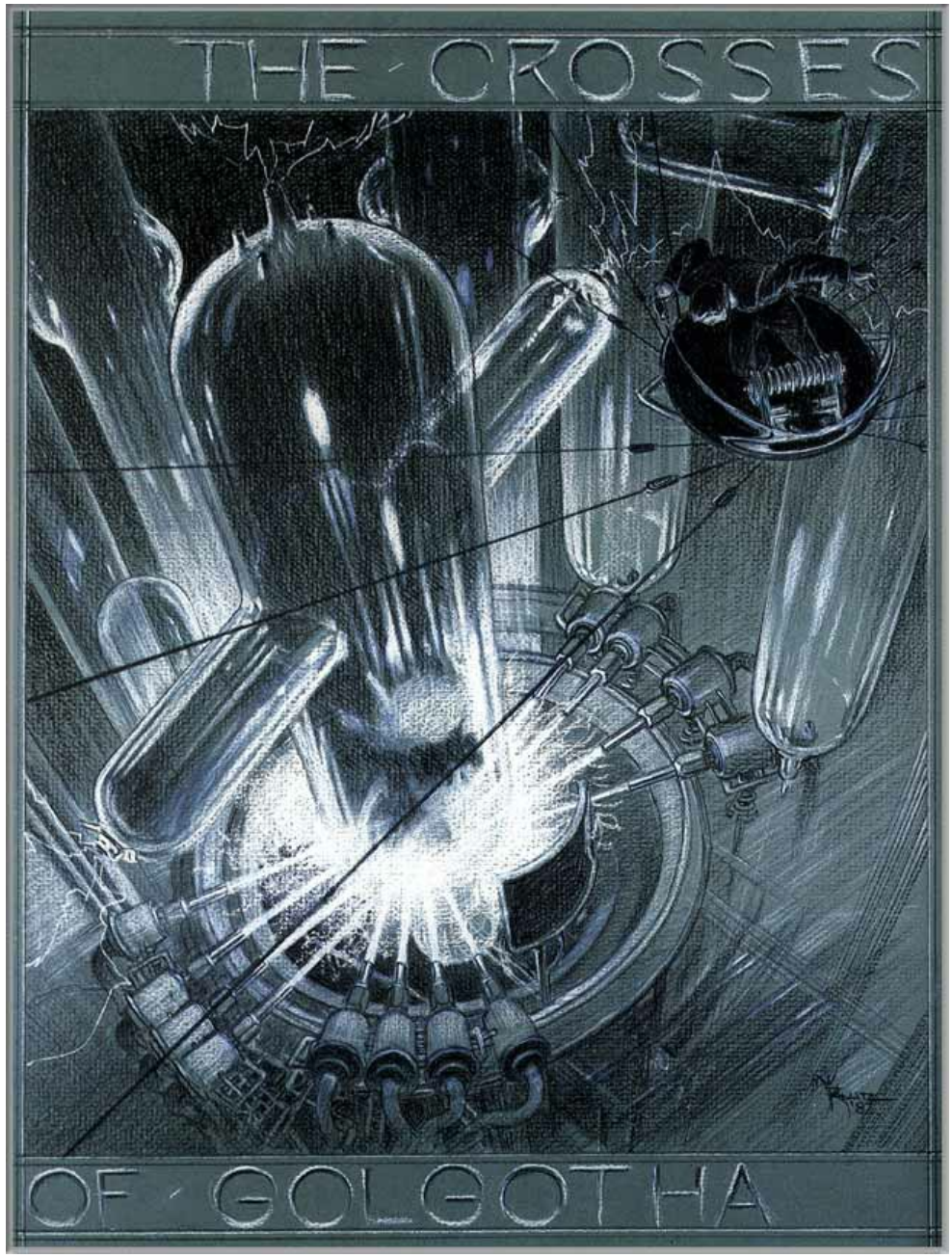




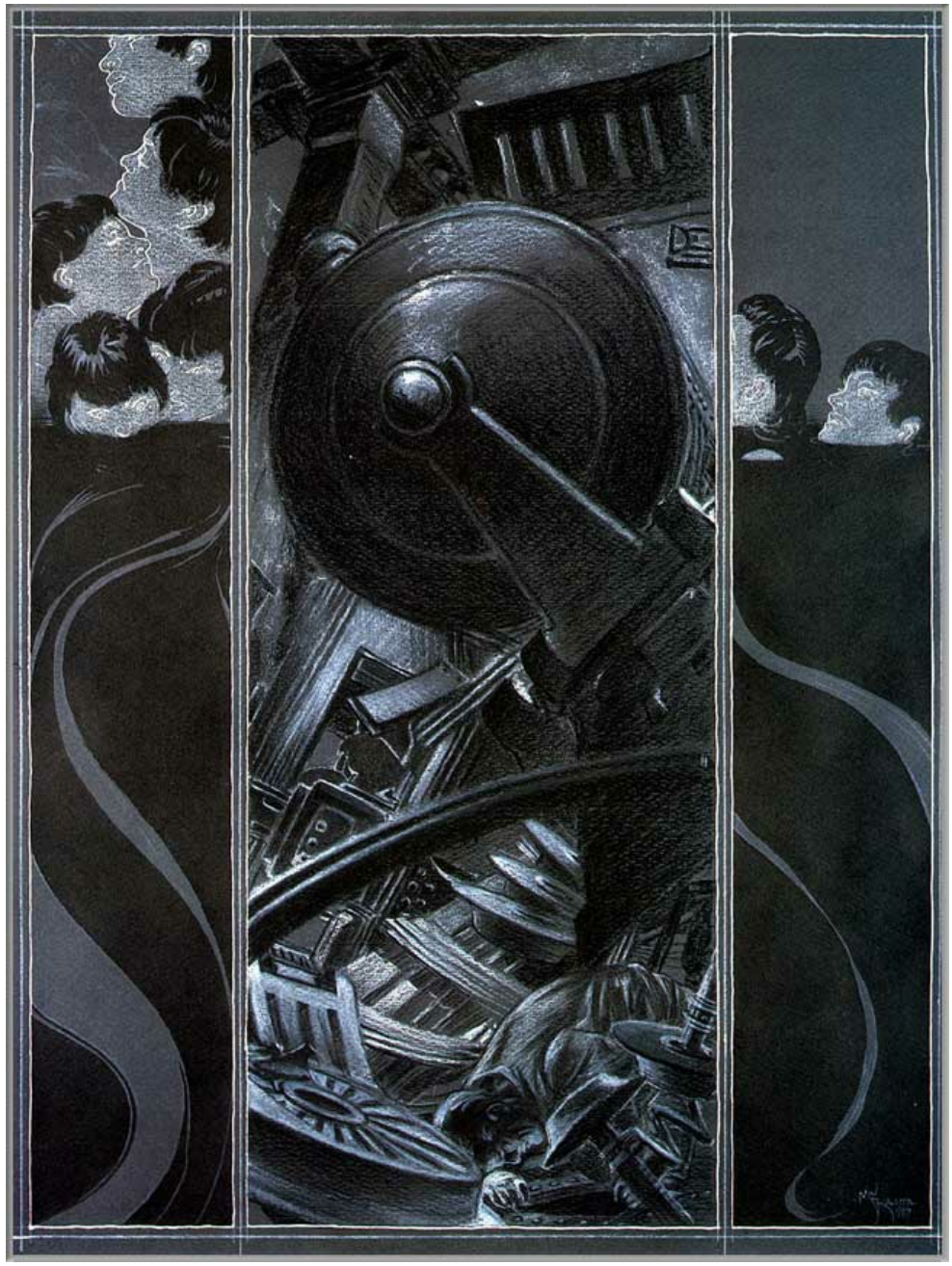
"Era como se o ar estivesse queimando. Nós respiramos fogo. Ao mesmo tempo, irradiava da garota uma frieza – uma insuportável e cortante frieza. O sorriso que pairava entre os lábios entreabertos parecia ser o verso final tácito de uma canção desavergonhada... A presença desta garota era suficiente para anular tudo o que explicitava a fidelidade no coração humano, mesmo ao ponto do absurdo."



"A máquina era um universo em si mesma. Acima dos mistérios de suas articulações delicadas, como o disco solar, como o halo de um ser divino, estava a roda de prata girando, com os raios que pareciam, no turbilhão de sua revolução, como um único disco reluzente."



"O olhar de Freder passou pela sala. Ele viu seu pai parado sobre uma plataforma, entre os braços estendidos das cruzes do Gólgota nas extremidades dos quais longos, brancos, ramos de faíscas brilhavam. Nos fogos infernais o rosto de seu pai era uma máscara de inconfundível frieza. Seus olhos eram de aço azul-brilhante. Entre as grandes, delirantes máquinas-deuses, ele era um deus maior, e senhor de tudo."



“Meu Deus, meu Deus... Eu não consigo abrir a porta! As máquinas estão empilhadas em cima dela como montanhas! Eu preciso explodir as ruínas, Maria!”



"Ela cruzou as tochas como espadas acima de sua cabeça. Ela virou então para a direita e esquerda, brandindo-as para que uma chuva de fagulhas caísse sobre o caminho. Às vezes parecia como se estivesse andando sobre as tochas. Ergueu seus joelhos até o peito, com o riso que trouxe um gemido dos dançarinos da procissão."



"... a fogueira, na sua resplandecência que ardia a criatura de metal e vidro, com a cabeça e o corpo de uma mulher."

Autora



Thea Gabriele von Harbou (27 de Dezembro de 1888 - 1 de Julho de 1954) nasceu em Tauperlitz (Alemanha), mas viveu sua infância em Niederlössnitz, próximo a Dresden, onde completou sua formação colegial e iniciou seus estudos de artes dramáticas.

Descendente da nobreza prussiana, a jovem Thea era leitora ávida de Karl May, colaborava escrevendo para o jornal local com histórias ingênuas. Começou a escrever poemas em 1902 e publicou seu primeiro romance ("Wenn's Morgen wird") em um jornal de Berlin em 1905.

Em 1922, já trabalhando como atriz e integrante de vários grupos de teatro, Thea divorciou-se do diretor de teatro Rudolph Klein-Rogge, para casar-se com o também diretor austríaco Fritz Lang, que conhecera ao trabalharem juntos na adaptação de um livro para o cinema ("Das Indische Grabmal" ("Mistérios da Índia")).

Alternando sua carreira de atriz no teatro e no cinema, com a de escritora e roteirista, Thea passou a escrever todos os roteiros de Lang, de "Das wandernde Bild" ("The Moving Image", 1920) a "Das Testament des Dr. Mabuse" ("The Testament of Dr. Mabuse", 1933). Também escreveu roteiros para outros diretos importantes da época, como F. W. Murnau ("Der brennende Acker" ("Burning Soil") e "Phantom" ("The Phantom"); "Die Austreibung" ("The Expulsion") e "Die Finanzen des Großherzogs" ("The Grand Duke's Finances"), Carl Theodor Dreyer ("Michael" ("Chained") e Arthur von Gerlach ("Zur Chronik von Grieshuus" ("The Chronicles of the Gray House").

Von Harbou ganhou o apelido de "A Condessa do Kitsch" do cinema alemão, misturando sentimentalismo com tendências revolucionárias e anseios populares, procurando agradar não a aristocracia, mas ao alemão comum.

A ideia de Metrópolis nasceu em 1924, como um projeto arrojado para a época, o de escrever um romance como série, a princípio para o jornal, utilizando-se de imagens/fotos/desenhos. Em 1925 tornou-se um livro e em 1927, um filme, nas mãos de seu marido, já na época, um dos ícones do expressionismo alemão.

Metrópolis foi o filme mais caro já realizado até aquela data, em todo o mundo.

Metrópolis crítica a mecanização da vida nos grandes centros urbanos, questionando o sentimento humano perdido com o progresso tecnológico.

Apesar de seu prestigio, Lang necessitou realizar cortes drásticos na sua versão para o mercado internacional, e também recebeu fortes críticas. H.G.Wells, por exemplo, acusou-o, não formalmente, de plagiar sua obra.

Outro livro de Thea, "Die Frau im Mond" também seria filmado por Lang, e lançado como "Woman in the Moon" ("Frau im Mond") em 1929,

mas sem alcançar o mesmo sucesso de público e crítica de Metrópolis. "Frau im Mond" é considerado por muitos estudiosos como o primeiro filme "sério" de Ficção Científica.

Um ano antes de Hitler subir ao poder, Thea tornou-se membro do Partido Nazista, o que teria causado seu divórcio de Lang, que partiria para Paris em 1934 após seu filme, "O testamento do Doutor Mabuse" (Das Testament des Dr. Mabuse) ser declarado ilegal na Alemanha, por fazer críticas a ideologia nazista.

No auge do regime, Thea foi presidenta da associação de roteiristas da Alemanha, e devido a sua credibilidade, recebeu incentivos para escrever e dirigir dois filmes ("Elisabeth und der Narr" e "Hanneles Himmelfahrt"), além de tornar-se o principal nome na produção de cinema para a propaganda nazista.

Com a vitória aliada, Thea foi feita prisioneira pelos ingleses e obrigada a trabalhar na reconstrução das cidades bombardeadas, destruidas pela guerra. Posteriormente recebeu permissão para trabalhar na sincronização de filmes e continuou a escrever roteiros para cinema e alguns poucos livros.

Apesar de ter escrito outros livros bem sucedidos, entre prosa, poesia e ficção, foi Metrópolis que marcou sua carreira como escritora e a imortalizou, graças ao enorme sucesso do filme.

{1} Dânae, personagem da Mitologia Grega: Desapontado por não ter herdeiros masculinos, Acrísio procura um oráculo, o qual disse que mesmo que se escondesse até no fim do mundo, seria morto pelo seu neto, filho de Dânae. A princesa, ainda virgem, foi aprisionada em uma torre de bronze e foi mantida vigiada pelos seus guardas mais valorosos. Apesar de todos os cuidados, Zeus, apaixonado pela jovem e bela princesa, transmutou-se em uma chuva de ouro, penetrou no edifício por um orifício no teto e caiu sobre o colo de Dânae, engravidando-a. Foi assim que foi gerado Perseu. Acrísio ordenou que a mãe e o filho fossem lançados ao mar, dentro de um baú de madeira, assim imaginando que assim ficaria livre da ira de Zeus, pois eles seriam mortos pela água e não por suas mãos. Mas, a pedido de Zeus, Poseidon acalmou os mares, e ambos sobreviveram, sendo levados à ilha de Séfiro, que os levaram ao monarca local, Polidectes. O irmão do soberano, Dites, os acolheu e educou a criança. O rei acabou apaixonando-se por Dânae, mas temendo que o jovem filho se opusesse ordena-lhe que mate a terrível Medusa, esperando que ela o matasse. Apesar do poder de petrificação da Medusa, Perseu consegue matá-la. Na volta, em Lárissa, jogos atléticos estavam sendo realizados, e na plateia está presente o rei Acrísio. Perseu atira um dardo no rei, matando-o e cumprindo a profecia.

{2} Trata-se de uma estrela de Davi – estrela de seis pontas – circunscrita em um círculo, que diz a lenda, dava poderes ao Rei Salomão para controlar demônios, gênios ou falar com animais.

{3} Em outras versões da lenda o selo de Salomão é mostrado como um pentagrama, e não um hexagrama como o usual, portanto a autora não está errada ao descrevê-lo como um pentagrama.

{4} Dies Irae é um hino latino do século treze caracterizado por versos ritmados descrevendo o dia do julgamento, com a última trombeta invocando as almas perante o trono de Deus, de onde seriam salvas ou entregues ao fogo eterno.

{5} Galátas 6:7

{6} Traduzido ‘high tide’, maré alta, como tsunami. Acredito encaixar-se melhor no contexto, utilizando uma palavra mais comum no nosso tempo.

{7} São Vitus é um santo da Sicília, que morreu como um mártir em 303 d.c. executado pelos imperadores romanos Dioclesiano e Maximiniano que governavam em conjunto. É um santo muito cultuado nas terras eslavas, só na Croácia existem mais de 123 igrejas dedicadas a São Vitus. Na Idade Média, na Alemanha era celebrada a festa de Vitus dançando perante sua estátua. A dança tornou-se muito popular e o nome “Dança de São Vitus” acabou associado à doença neurológica conhecida atualmente

como Coreia de Sydenham, que é uma das manifestações mais graves da febre reumática, uma manifestação tardia que causa movimentos espasmódicos incontroláveis em membros, troncos e rosto, causando de simples trejeitos faciais, a dificuldade em se alimentar e se vestir, nos casos mais leves, até a movimentos mais fortes que podem machucar gravemente a vítima. Normalmente os sintomas cessam após quatro a oito meses, de forma gradual.

{8} Uma simples conta, considerando a altura padrão do degrau (18cm) fornece uma altura aproximada para a Nova Torre de Babel: h=hx30x106 logo h=572m.

{9} Jeremias 31:3 – *De longe se me deixou ver o SENHOR dizendo: Com amor eterno eu te amei, por isso com benignidade te atraí.*

{10} Mateus 28:20 – *Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém.*